

Dom Bosco

HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA

ÍNDICE

Apresentação – História da Igreja 5

Dom Bosco – História Eclesiástica: Aprovação 6

NOÇÕES PRELIMINARES 7

PRIMEIRA ÉPOCA

Capítulo I	11
Capítulo II	15
Capítulo III	23
Capítulo IV	28
Capítulo V	31
Capítulo VI	38
Capítulo VII	43
Capítulo VIII	47
Capítulo IX	49
Capítulo X	52
Capítulo XI	56
Capítulo XII	58
Capítulo XIII	61
Capítulo XIV	64
Capítulo XV	68
Capítulo XVI	75
Capítulo XVII	80
Capítulo XVIII	85
Capítulo XIX	88
Capítulo XX	94
Capítulo XXI	99

SEGUNDA ÉPOCA

Capítulo I	104
Capítulo II	110
Capítulo III	117
Capítulo IV	121
Capítulo V	129
Capítulo VI	135

Capítulo VII	138
Capítulo VIII	140
TERCEIRA ÉPOCA	
Capítulo I	145
Capítulo II	150
Capítulo III	152
Capítulo IV	159
Capítulo V	162
Capítulo VI	166
Capítulo VII	170
Capítulo VIII	175
QUARTA ÉPOCA	
Capítulo I	179
Capítulo II	183
Capítulo III	188
Capítulo IV	192
Capítulo V	196
Capítulo VI	203
QUINTA ÉPOCA	
Capítulo I	209
Capítulo II	214
Capítulo III	224
Capítulo IV	229
Capítulo V	236
Capítulo VI	243
Capítulo VII	250
Capítulo VIII	254
SEXTA ÉPOCA	
Capítulo I	258
Capítulo II	261
Capítulo III	263
Capítulo IV	267
Capítulo V	271
Capítulo VI	277
Capítulo VII	283

HISTORIA DA IGREJA

Dom Bosco, santo fundador dos Salesianos, recebeu de Deus um carisma especial no trato com os jovens, aos quais dedicou toda sua vida.

Dentre os muitos escritos de Dom Bosco, que infelizmente não são divulgados, mesmo pela Editora Salesiana, como se esperaria, está a "História Eclesiástica", que na sua linguagem simples, direta e dinâmica, elaborada pelo santo para ser agradável ao leitor jovem, incrivelmente, é ainda hoje, após quase 140 anos, atual no seu objetivo.

Por esta razão foi ela, a «História Eclesiástica de Dom Bosco>>, a nossa escolhida para ilustrar a página HISTÓRIA DA IGREJA do "*Duc in altum!*", mesmo que para isso tenhamos tido que esperar 6 anos, desde a fundação do site, para encontrarmos um exemplar do livro de Dom Bosco.

*Querido pai Dom Bosco,
pedimos vossa intercessão para que
a transcrição da vossa "História Eclesiástica"
possa, ainda hoje, servir de instrumento para instruir e
inflamar os corações jovens, de todas as idades, ao amor à
Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana.
Amém.*

8 de maio de 2008.

DOM BOSCO - HISTÓRIA ECLESIASTICA APROVAÇÃO

De s. Excia. Revma. o Sr. Arcebispo de Turim

Tendo nós lido e atentamente examinado o "Compêndio de História Eclesiástica" escrito pelo muito Reverendo Padre João Bosco, fundador da Congregação de São Francisco de Sales, e tendo-o achado muito oportuno e apto para dar os conhecimentos suficientes de uma coisa tão necessária hoje em dia, como é a História de Jesus Cristo, a todos aqueles que por qualquer motivo não podem dedicar-se a um estudo mais profundo e vasto da mesma, não só o aprovamos, mas também ardorosamente o recomendamos a todas aquelas pessoas que têm zelo por nossa Santa Religião, e particularmente a todos os professores de escola, e a todos os que se dedicam a instruir de modo cristão a mocidade.

Turim, Seminário São José, 1872.
Lourenço Arcebispo

NOÇÕES PRELIMINARES

História Eclesiástica e suas divisões - Igreja Católica - Hierarquia da Igreja: Papa, Cardeais, Bispos, Padres. Párocos - Concílios: gerais, nacionais, provinciais e diocesanos.

Histórias Eclesiásticas e suas divisões - História Eclesiástica é a narração dos fatos que tem relação com a Igreja Católica, fundada por nosso divino Redentor Jesus Cristo, acompanhada das razões que explicam esses mesmos fatos. A história se distingue da crônica; esta registra simplesmente os fatos segundo a ordem cronológica em que sucederam, aquela intercala a relação dos fatos com as observações que melhor os aclaram e explicam, para poder deste modo deduzir utilísimos conhecimentos e ensinamentos práticos. A história se divide em seis idades, determinadas pelas épocas em que aconteceu algum fato extraordinário ou alguma mudança notável nos costumes.

A primeira época data desde a fundação da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, e se estende até a conversão do Imperador Constantino o Grande, acontecida no ano 312 da era cristã.

A segunda época começa com a conversão de Constantino e chega até a aparição do Maometismo no ano 622.

A terceira época vai desde a aparição do Maometismo até o II concílio de Latrão em 1215.

A quarta época inicia-se com a celebração deste Concílio e vai até a reforma de Lutero em 1517.

A quinta época começa com a reforma de Lutero e chega até a morte de Pio VI em 1799.

A sexta época começa com a morte de Pio VI e chega até o Concílio Vaticano I em 1869-70.

Igreja Católica - A Igreja Católica é a congregação dos que professam na íntegra a fé e a doutrina de Jesus Cristo, e respeitam a autoridade do Soberano Pontífice, constituído pelo mesmo Jesus Cristo como Vigário e supremo Chefe visível da Igreja.

Hierarquia da Igreja - Nesta congregação de fiéis existe uma hierarquia eclesiástica, isto é, uma ordem de ministros sagrados estabelecidos para conservar, propagar e governar a mesma Igreja. Esta Hierarquia em parte foi instituída por Nosso Senhor Jesus Cristo e completada pela Igreja, no exercício da faculdade que recebeu das mãos do mesmo. Nosso Senhor Jesus Cristo estabeleceu: 1°. O Papa, que é o Bispo dos Bispos. 2°. Os Bispos, que além do poder de consagrar o Corpo e Sangue do Redentor e perdoar os pecados, tem a faculdade de comunicar a outrem o mesmo poder, consagrando os Sacerdotes. 3°. Os Sacerdotes, que podem consagrar o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo e redimir os pecados, porém não podem transmitir a outrem este poder. 4°. Os Diáconos ou ministros, que devem ajudar os Bispos e os Sacerdotes no desempenho do seu sagrado ministério.

A Igreja estabeleceu: 1°. Dividir em certa maneira, em várias ordens as atribuições dos diáconos, ajuntando os subdiáconos, acólitos, leitores, exorcistas e hostiários. 2°. Que entre os Sacerdotes, alguns tivessem o cuidado de alguma parte da Diocese; isto é, do rebanho confiado aos cuidados do Bispo, dando-lhes o nome e ofício de Párocos, dividindo assim a Diocese em Paróquias. 3°. Que os Bispos tivessem o governo de uma Diocese, e que as Dioceses fossem reunidas em Províncias, presididas por um Arcebispo, com jurisdição sobre os Bispos da mesma Província, chamados sufragâneos. 4°. Que em alguns reinos e impérios houvesse, à frente de várias Províncias, um Bispo Primaz ou Patriarca, do qual depende os mesmos Arcebispos e as Províncias por eles governadas. 5°. Finalmente que os Bispos das cidades mais circunvizinhas de Roma, capital do Catolicismo, e os Sacerdotes e Diáconos adidos às principais Igrejas da Cidade Eterna formassem como o

Senado do Soberano Pontífice, quanto ao privilégio de eleger o Papa, e ajudassem a este na administração da Igreja Universal. A estes foi dado o nome de Cardeais porque todos eles tomam o título de uma Igreja a cujo serviço se acham ligados como portas de um edifício a seus gonzos (em latim cardines).

De modo que a Hierarquia instituída por Jesus Cristo e completada mais tarde pela Igreja, compõe-se:

- 1°. do Papa;
- 2°. dos Cardeais;
- 3°. dos Patriarcas;
- 4°. dos Arcebispos;
- 5°. dos Bispos;
- 6°. dos Sacerdotes (Presbíteros);
- 7°. dos Diáconos;
- 8°. dos Subdiáconos (extinto pelo Papa Paulo VI, através do *Motu Proprio Ministeria Quaedam* de 15 de agosto de 1972);
- 9°. dos Acólitos e Leitores (incluso nos Diáconos)

Concílios - Os Concílios são assembléias de Bispos, convocadas para tratar das questões religiosas e falar sobre as mesmas. Os Concílios podem ser: Ecumênicos ou Gerais, Nacionais e Provinciais.

Concílio Ecumênico é a reunião de todos, ou de uma grande parte dos Bispos da Igreja Católica, aos quais convoca e preside pessoalmente ou por delegação, o mesmo Sumo Pontífice. O Concílio Geral decide em última instância as controvérsias religiosas e ditas leis gerais para toda Igreja; porém, nem as sentenças, nem as leis do Concílios Gerais tem força alguma, antes de serem aprovadas pelo Papa; de modo que, o Concílio Geral legitimamente congregado representa toda a Igreja Universal; e suas sentenças, quando trazem a aprovação do Papa, sendo infalíveis, deverão ser tidas como artigos de fé.

O Concílio Nacional é a reunião dos Bispos de uma nação ou de um reino, convocados pelo Patriarca ou pelo Primaz, ou mesmo por um Bispo da Província, nomeado para este efeito pelo Sumo Pontífice.

O Concílio Provincial é a reunião dos Bispos de uma mesma Província, convocados pelo Metropolitano, isto é, pelo Arcebispo, ou mesmo por outro Bispo co-provinciano, delegado pelo Soberano Pontífice.

Também existem os Concílios Diocesanos, que consistem na reunião de todos os Párocos e demais eclesiásticos eminentes de uma Diocese, convocados por seu Bispo. Advirta-se, entretanto, que toda autoridade destes Concílios em resolver questões religiosas, ou ditar sentenças relacionadas com elas, compete exclusivamente ao Bispo; em quanto que nos Concílios Gerais, Nacionais e Provinciais todos os Bispos congregados têm a faculdade de proferir um juízo deliberativo. Nos Concílios Diocesanos os Párocos são simples conselheiros, nos demais Concílios, os Bispos são juízes.

PRIMEIRA ÉPOCA

Desde a fundação da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, até a conversão de Constantino, o Grande. (ano 312 da era cristã).

CAPÍTULO I

Maria Santíssima e São José - Nascimento do Salvador - Adoração dos Reis Magos - Degolação dos Inocentes - A Sagrada Família no Egito - Disputa com os Doutores -São João Batista - Batismo de Jesus.

Maria Santíssima e São José - Aproximava-se o tempo para os quais os profetas tinham fixado a vinda do Salvador: todo o mundo esperava um mestre que, baixando do Céu, trouxesse à terra uma regra segura para discernir a verdade do erro e reformar assim os costumes depravados dos homens. Depois de 4.000 anos de contínuos suspiros, Deus decretou o cumprimento do mistério da Redenção. Uma Virgem chamada Maria, foi a mulher venturosa que Deus escolheu para ser mãe de seu Divino Filho. São Joaquim e Santa Ana, ambos descendentes da real estirpe de Davi, e da Tribo de Judá, foram os pais de Maria. Sendo já velhos, e faltando-lhes prole, dirigiram ao Céu suas orações, e o Senhor os ouviu, concedendo-lhes uma filha a que chamaram Maria. Aos três anos de idade foi esta apresentada ao Templo, para que, juntamente com as outras virgens, no exercício da piedade e do trabalho se preparasse desde então para ser digna mãe do Salvador do mundo. (*São João Damasceno*)

Tendo chegado à idade de tomar estado, respondendo a uma voz celeste, foi desposada com São José, varão santís-

simo, oriundo de Nazaré, o qual viveu com ela como se fosse uma irmã.

Depois de breve tempo, o Arcanjo Gabriel foi enviado para anunciar a Maria a sublime dignidade de mãe de Deus. Certificada Maria que tudo era obra do Espírito Santo submeteu-se à Vontade do Altíssimo, dizendo ao Anjo: Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.

Nascimento do Salvador - Corria o ano 4.000 da criação do mundo e Herodes, chamado o Grande, reinava na Judéia. Maria Santíssima e São José, obedecendo às ordens do Imperador Romano, César Augusto, se transportaram para Belém, pequena cidade da Judéia para inscreverem seus nomes nos registros do império. Estando as casas da Cidade cheias de forasteiros, tiveram de sair daí e alojar-se em uma gruta que servia de estábulo, onde se achavam dois animais.

Em tão humilde local, à meia-noite de 25 de dezembro, nasceu o Senhor do Céu e da terra. Nesse mesmo instante, um anjo revestido de luz deslumbrante, anunciou a boa nova a uns pastores que velavam guardando seus rebanhos, enquanto que uma multidão de anjos fazia ressoar nos ares aquelas palavras celestiais: "Glória Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade". Os pastores cheios de admiração por tão insólitos portentos, correram pressurosos a Belém e encontraram ali o celestial Menino.

Depois de o haverem adorado e reconhecido como seu verdadeiro Deus e Salvador, cheios de alegria voltaram a seus rebanhos bendizendo ao Altíssimo. Aos oito dias de seu nascimento o Menino foi circuncidado e foi lhe posto o adorável nome de Jesus, que quer dizer Salvador, como o tinha ordenado o anjo antes do seu nascimento.

Adoração dos Reis Magos - Algum tempo depois, alguns sábios do Oriente, guiados por uma estrela prodigiosa, que então apareceu em suas regiões, dirigiram-se à Jerusalém para adorar o recém-nascido Messias. Chegando à Jerusalém perguntaram a Herodes onde havia nascido o rei dos Judeus. A tão estranha pergunta perturbou-se Herodes; reuniu em Concílio os Príncipes e Sacerdotes e os Doutores da Lei e lhes per-

guntou onde havia de nascer o Messias. A Assembléia declarou que devia nascer em Belém de Judá, segundo a profecia de Miquéias, que, falando do nascimento do Messias, disse:

“E tu, ó Belém de Judá, não és a menor entre as principais de Judá, porque de ti nascerá o chefe que governará meu povo de Israel.” Com tais informações saíram de Jerusalém os piedosos Reis e acompanhando o curso da estrela milagrosa chegaram onde se achava o divino Infante, e humildemente prostrados ofereceram-lhe ouro, incenso e mirra. Em seguida, avisados por um Anjo, regressaram por outro caminho a sua pátria.

Degolação dos Inocentes e fuga para o Egito - Herodes ao despedir os Reis recomendou-lhes encarecidamente que passassem por seu palácio e o inteirassem de quanto se referia ao novo rei, com o fim, porém, de fazê-lo perecer, temendo que crescendo o despojasse do seu trono. Mas, tendo esperado inutilmente pela volta dos reis, e presumindo por ventura alguma coisa do acontecido no templo, agitado por mil suspeitas, lavrou um decreto em que ordenava a degolação de todos os meninos que não tendo chegado ainda aos dois anos de idade se achassem em Belém e suas circunvizinhanças. Deus, porém, enviou um anjo que comunicou em sonhos a José as brutais disposições de Herodes, pelo que José fugiu para o Egito com Maria e o Menino. Daí só voltou depois que o anjo anunciou a morte de Herodes. Havendo morrido Herodes, a Sagrada Família regressou a Nazaré, sua pátria, cumprindo-se assim a profecia de Oséias que havia dito em nome de Deus: Desde o Egito eu chamei meu filho. (*Oséias, cap. 2*)

Disputa com os Doutores - José e Maria juntamente com Jesus, viviam tranqüilos em sua pátria, ganhando o pão com o trabalho de suas mãos. Na idade de doze anos, tendo ido Jesus com seus pais a Jerusalém para celebrar a Páscoa, perdeu-se. José e Maria debulhados em pranto, procuraram-no por três dias com incrível ansiedade; finalmente puderam encontrá-lo no templo enquanto disputava com os Doutores da lei aos quais causava grande admiração com suas sábias perguntas e respostas. Vendo-o Maria lhe disse: "Filho porque procedeste assim conosco? Vê como teu pai e eu angustiados te pro-

curávamos". Jesus lhe respondeu: "Porque me procuráveis? Não sabíeis que nas coisas que são de meu pai me convém estar?" É este o último fato que nos narra o Evangelho da infância de Jesus, que depois de regressar a Nazaré, submisso e obediente a Maria e a São José, se ocupou nos humildes trabalhos de simples artesanato, até aos 30 anos de idade.

São João Batista - Quando o anjo anunciou a Maria a sublime dignidade de Mãe de Deus, disse-lhe também que sua prima Isabel, apesar de sua avançada idade, daria luz um filho destinado por Deus para preparar a receberem o Messias. Maria, sabedora, pela revelação de um anjo, das maravilhas que Deus estava obrando na pessoa de sua prima Isabel, foi logo a sua casa visitá-la e esteve com ela três meses.

Seis meses antes do nascimento do Salvador, Isabel deu à luz o filho prometido que recebeu o nome de João ao qual se acrescentou mais tarde o apelido de Batista, porque batizava as multidões. Este menino foi o precursor do Messias. Para fugir aos tumultos do século, retirou-se, ainda muito criança à soledade do deserto onde levou uma vida angélica; seu alimento se compunha de gafanhotos e mel silvestre e não tinha outra vestimenta além da pele de um camelo e um cinturão de couro. Estava João pelos trinta anos de idade quando recebeu ordem do Senhor de ir às margens do Jordão para pregar a penitência e anunciar a chegada do Messias. Todos corriam para ouvir seus sermões e muitos recebiam o batismo.

Batismo de Jesus - Jesus aos 30 anos de idade saiu de Nazaré para chegar às margens do Jordão, e receber também Ele o batismo. São João como nunca o tinha visto, não o conhecia ainda; entretanto iluminado pelo Espírito Santo, correu a seu encontro nas margens do Jordão, gritando para a multidão que o acompanhava: "Eis aqui o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo". Falando em seguida a Jesus, disse-lhe: "Tu queres que eu te batize, entretanto eu sou quem deveria ser batizado por ti". Respondeu-lhe Jesus: "Deixa agora porque assim nos convém observar toda justiça". Chegou São João e o batizou. Terminada a augusta cerimônia, abriram-se de repente os céus, e o Espírito Santo em forma de pomba, desceu sobre a cabeça de Jesus Cristo, fazendo ouvir ao mesmo tempo

uma voz que disse: "Este é meu dileto filho, em quem pus as minhas complacências". Deste modo, Jesus foi proclamado solenemente verdadeiro filho de Deus, enviado para salvar os homens.

CAPITULO II

Vocação dos Apóstolos - Igreja de Jesus Cristo - São Pedro chefe da Igreja - Explicações

Portas do Inferno - Chaves do Paraíso - Primado de São Pedro e de seus sucessores - Infalibilidade dos Sumos Pontífices.

Vocação dos Apóstolos - Na idade de trinta anos começou o Salvador a pregar sua doutrina. Seus estupendos milagres assombravam as turbas que pasmadas o seguiam por toda parte. Pra o êxito de seus fins sacrossantos escolheu Jesus, de entre seus adidos, doze homens aos quais chamou Apóstolos. Eis aqui seus nomes: Pedro e seu irmão André, Tiago - o maior, João - Evangelista, Filipe, Bartolomeu, Matheus, Thomé, Tiago - o menor, Simão - o zeloso, Judas Tadeu e Judas Iscariotes. Este último foi quem mais tarde traiu o seu divino Mestre. Estes Apóstolos eram uns pobres e simples pescadores, e Jesus Cristo lhes confiou o depósito da fé e os enviou a pregar o Evangelho por todo o mundo, afim de que, como observa Santo Ambrósio, a conversão do mundo não fosse atribuída à sabedoria ou ao poder ao poder dos homens, senão unicamente à divina virtude. (*Santo Ambrósio in C. VI, Lucas*)

Igreja de Jesus Cristo - Por Igreja de Jesus Cristo se entende a congregação dos fiéis cristãos espalhados por toda a terra, que vivem debaixo da obediência do Papa, isto é, do Sumo Pontífice de Roma. Chama-se Igreja de Jesus Cristo, porque Ele mesmo a fundou durante sua peregrinação sobre a terra, e porque saiu de seu abrasado Coração e foi consagrada e santi-

ficada com seu Sangue; chama-se também assim porque todos os filhos da Igreja constituem uma só pessoa com Jesus Cristo por meio da fé, da esperança e da caridade.

Jesus Cristo a encheu de seu Espírito Santo a quem enviou para que permanecesse com ela e lhe ensinasse toda a verdade até a consumação dos séculos. Os Apóstolos foram os primeiros mestres e propagadores da Igreja; e a todos eles, em diversas ocasiões, dirigiu Jesus estas palavras: "Não fostes vós quem me escolhestes; mas eu vos escolhi e vos coloquei para que vades e produzais frutos; e que vosso fruto permaneça. Foi-me dado todo o poder no Céu e na terra: assim como meu Pai celeste me enviou, assim também eu vos envio. O que desatardes na terra, será também desatado no Céu. Aos que perdoardes os pecados serão perdoados; e aos que os retiverdes, serão retidos... Quem vos ouve, a mim ouve, quem vos despreza, despreza a mim e a quem me enviou. Quando comparecerdes em presença dos reis e governadores, não vos preocupeis com o que deveis responder. O Consolador, o Espírito Santo que meu Pai enviará em meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas. Ele vos dará ciência e saber a que não poderão resistir nem contradizer todos os vossos adversários. Ide pois, eu sou o que vos envia: pregai o Evangelho a toda criatura ensinando e batizando em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. O que crer e for batizado será salvo, porém o que não crer será condenado... Eu subo a meu Pai celeste, mas não vos deixo sós e permanecerei convosco todos os dias até a consumação dos séculos". Com estas palavras instituiu Jesus Cristo a grande Sociedade religiosa, ou a Igreja cuja administração, como se tem visto, confiou aos Apóstolos aos quais prometeu sua assistência contínua até o fim dos séculos.

São Pedro chefe da Igreja - O Salvador para demonstrar a necessidade de uma autoridade suprema na Igreja, a comparou sucessivamente a um reino e a uma república bem administrados, à fazenda de um grande Senhor, e a uma numerosa família, coisas todas que não podem subsistir sem uma autoridade que governe e dite leis, vele sobre sua observância, reprima aos rebeldes e recompense aos que as observam. O mesmo se dá com a Igreja Católica: chefe absoluto, supremo e

invisível da Igreja é Jesus Cristo, seu fundador: e chefe visível instituído pelo próprio Jesus Cristo é São Pedro. De entre os Apóstolos, disse São Jerônimo, escolheu Jesus a São Pedro para dar-lhe a preeminência sobre todos os outros, afim de que a autoridade divinamente instituída, desvanecesse de antemão todo pretexto de discórdia e de cisma.

Eis aqui como São Pedro foi instituído Chefe Supremo da Igreja:

Estando Jesus Cristo certo dia nos confins de Cesárea de Felipe, depois de ter orado, por algum tempo, perguntou a seus Apóstolos: "Que dizem de mim os homens? Um Apóstolo respondeu dizendo: Alguns dizem que sois o Profeta Elias". Outro replicou: "Disseram-me muito que éreis Jeremias ou João Batista ou algum dos profetas que tinha ressuscitado". O Salvador torna a perguntar: "Porém vós, quem dizeis que eu sou?" Tomando então a palavra Simão Pedro disse: "Vós sois o Filho do Deus vivo que veio a este mundo". Disse-lhe então Jesus: "És bem-aventurado, Simão, filho de João; porque o que disseste não te foi revelado pelos homens senão por meu Pai celeste; eu e de digo que és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. E a ti darei as chaves das portas do Céu e tudo o que ligares na terra será ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será também desligado no Céu". (*Mat. C. 16*)

Explicações - Estes fatos e estas palavras merecem alguma explicação. Pedro permaneceu silencioso enquanto Jesus não deu a conhecer senão o desejo de saber o que diziam os homens acerca de sua pessoa; mas quando convidou os Apóstolos para exporem seu modo de pensar, Pedro, no mesmo instante falou, como se falasse em nome de todos, porque ele já gozava de certa primazia ou superioridade sobre os demais companheiros. Pedro, pois, divinamente inspirado, disse: Vós sois o cristo: que era o mesmo de dizer: Vós sois o Messias prometido por Deus, que veio para salvar os homens. *Filho de Deus vivo*: ele aplica a Deus o epíteto de vivo, para diferenciá-lo das falsas divindades dos idólatras, que sendo fabricadas pelas mãos dos homens, não tem vida. Isto também equivalia a dizer: Vós sois o verdadeiro Filho de Deus, o Filho do Pai Eter-

no, e por isso sois com Ele Criador e Senhor absoluto de todas as coisas. Em seguida Jesus Cristo, com o fim de premiá-lo por sua fé, chamou-o de bem-aventurado, dando-lhe depois os motivos porque desde o dia que o havia seguido, lhe tinha mudado o nome de Simão pelo de Pedro, assim falando: *"Tu és Pedro e sobre esta pedra, edificarei a minha Igreja"*. Do mesmo modo Deus mudou o nome de Abrão para Abraão quando estabeleceu que ele seria o pai de todos os crentes; o de Sarai em Sara quando lhe prometeu o nascimento prodigioso de um filho; e o de Jacó em Israel quando lhe garantiu que de sua estirpe nasceria o Salvador.

Jesus outrossim chamava bem-aventurado a São Pedro, porque tudo o que este tinha dito não lhe tinha sido revelado pelos homens, senão por seu Pai celeste. Aqui transluz a divina assistência à pessoa de São Pedro desde o mesmo instante em acabava de ser eleito o chefe da Igreja; assistência que continuou por toda a sua vida e que continuará nos romanos Pontífices até a consumação dos séculos.

Jesus disse em seguida: *"Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja"*. Com estas palavras quis dizer: Tu, ó Pedro serás na Igreja o que nos edifícios são os alicerces; os alicerces constituem a parte principal, a mais indispensável de uma casa, visto sobre eles descansar todo o edifício; assim também tu, ó Pedro serás o fundamento da minha Igreja, isto é, exercerás nela a autoridade suprema que te outorgo, a Igreja se conserve, e permaneça firme e inabalável. Sobre ti, a quem eu chamei Pedro, como sobre uma rocha e uma pedra firmíssima, por minha virtude eterna, eu levanto o edifício eterno da minha Igreja, que descansando sobre ti, será forte e invencível contra todos os ataques de seus inimigos. assim como não há edifício sem base, assim também não há Igreja sem Pedro. Uma casa sem alicerce não pode ser erguida, e se o é, precipita-se ao primeiro impulso; assim também toda a Igreja que se quiser erigir sem Pedro não poderá erguer-se, e se o fizer cairá ao primeiro sopro. Nos edifícios as partes que não descansam sobre os alicerces desabam e caem, assim também na minha Igreja todo aquele que se separa de Pedro precipita-se no erro e se perde.

Portas do Inferno - As portas do Inferno são constituídas pelo poder de Satanás e representam as perseguições, as heresias, os erros, os esforços e as artimanhas que emprega o demônio para deitar por terra a Igreja. Todas estas potências infernais, juntas ou separadas poderão, sim, declarar guerra aberta à Igreja, obrigá-la a estar sempre sob as armas, e por no caminho da perdição os que não forem suficientemente humildes, mortificados e vigilantes na oração; mas nunca poderão vencê-la, antes com todos os seus esforços não conseguirão mais do que aumentar a glória da Esposa do Redentor.

Chaves do Paraíso - Jesus Cristo disse finalmente: *"Eu te darei as chaves do reino dos céus"*. As chaves são o símbolo do poder. Quando o vendedor de uma casa entrega as chaves ao comprador dá-lhe com elas a posse plena e absoluta da mesma casa; assim também quando se apresentam a um Rei as chaves de uma cidade simboliza-se com isto que a cidade o reconhece como Soberano; assim pois o haver entregue Nosso Senhor a Pedro as chaves do Reino dos Céus significa que ele foi feito dono, príncipe e governador supremo da Igreja. Por isso Nosso Senhor Jesus Cristo continuou dizendo a Pedro: *"Tudo o que atares na terra será atado no Céu; e tudo o que desatares na terra também será desatado no Céu"*.

Estas palavras põem em manifesto a suprema autoridade que foi dada a São Pedro; autoridade que obriga a consciência dos homens com decretos e leis em ordem a seu bem espiritual e eterno; e por meio da qual se absolvem os pecados e as penas que impedem conseguir esse mesmo bem espiritual e eterno. É bom notar aqui que também os outros Apóstolos receberam de Jesus Cristo a faculdade de atar e desatar (Mt. c. 17). Mas esta faculdade não lhes foi conferida senão depois de terem sido ditas a São Pedro as palavras magníficas que precedem, para que compreendessem que sua autoridade devia permanecer subordinada à de São Pedro, que foi feito seu príncipe e seu chefe, o qual também fora encarregado de conservar a unidade da fé e da moral. Por isto os demais Apóstolos e todos os Bispos que lhes sucedem devem depender de Pedro e dos Papas que também lhe sucedem para assim permanecerem perpetuamente unidos a Jesus Cristo, que do Céu assistirá seu

Vigário e toda a Igreja até o fim dos séculos.

Primado de São Pedro e de seus sucessores -

Tendo ressuscitado o Salvador, antes de subir ao Céu, entregou de fato a São Pedro a faculdade que lhe havia prometido. Aparecendo a seus discípulos no lago de Genesaré, depois de ter tomado com eles algum alimento para que melhor se asseguerrassem de sua ressurreição, dirigiu-se a Pedro e disse: "Simão filho de João, me amas tu?" "Senhor, respondeu Pedro, Vós bem sabeis que eu vos amo" Jesus lhe disse: "Apascenta meus cordeiros". O Senhor tornou a perguntar: "Simão filho de João, me amas tu?" "Senhor, respondeu incontinente São Pedro, Vós bem o sabeis que vos amo". Jesus lhe disse: "Apascenta meus cordeiros". Jesus lhe perguntou pela terceira vez: "Simão Pedro, me amas tu mais do que estes?" Pedro, vendo que o interrogava três vezes sobre o mesmo assunto, perturbou-se. Nesse momento lembrou-se das promessas que outra vez lhe tinha feito e a que tinha faltado, temeu por isto que Jesus Cristo não gostasse de seus protestos, como se quisesse predizer-lhe coisas futuras. assim, pois, com a maior humildade, afirmou: "Senhor, Vós sabeis tudo, meu coração vos é manifesto e por isso Vós também sabeis que vos amo." São Pedro naquele momento, estava seguro da sinceridade de seus afetos, mas não o estava igualmente para o futuro. Jesus que bem sabia o desejo que São Pedro tinha de amá-lo, e a fraqueza de seus afetos, consolou-o dizendo: "*Apascenta minhas ovelhas*".

Com estas palavras Jesus Cristo constitui São Pedro príncipe dos Apóstolos, pastor universal da Igreja e de todos os cristãos; porque todos os fiéis cristãos, espalhados por todas as partes do mundo e simbolizados pelos cordeiros, devem estar sujeitos ao chefe da Igreja, como os cordeiros estão a seus pastores; e as ovelhas simbolizadas pelos Bispos e demais ministros sagrados, posto que dão alimento da doutrina celestial aos fiéis cristãos, devem fazê-lo estando sempre em boa harmonia, unidos e submissos ao Supremo Pontífice, Vigário de Jesus Cristo na terra.

Apoiados nestas palavras de Jesus Cristo, os católicos têm acreditado como verdade de fé que São Pedro foi constituído por Jesus Cristo, seu Vigário na terra, e chefe supremo e

visível da Igreja, e que recebeu d'Ele a plenitude da autoridade sobre os demais Apóstolos e sobre todos os fiéis.

É claro, pois, que a autoridade de Pedro deve durar enquanto durar a Igreja, isto é, até o fim dos séculos, pois que é certo que os alicerces devem durar o mesmo tempo que dura o edifício que sobre ele descansa; e por isso, depois de Pedro, sua autoridade passará a seus sucessores, que são os Romanos Pontífices. Esta verdade se acha explicitamente exposta em centenas de documentos da antiguidade cristã, e, entre outros, encontra-se formalmente declarada no Concílio Florentino nas seguintes palavras: "Nós definimos que a anta Sé Apostólica, e o Romano Pontífice é o sucessor do Príncipe dos Apóstolos, o verdadeiro Vigário de Cristo, o chefe supremo de toda Igreja, o mestre e o pai de todos os cristãos: e que a ele, na pessoa do bem-aventurado Pedro, foi dado, por Nosso Senhor Jesus Cristo, pleno poder de apascentar, reger e governar a Igreja universal.

Infalibilidade dos Sumos Pontífices - Querendo São Pedro corresponder a tantas provas de benevolência, e demonstrar ao mesmo tempo sua gratidão ao Divino Salvador, havia declarado várias vezes que estava pronto a dar sua vida por Ele. Não obstante isto, o Divino Mestre o advertiu que não confiasse em suas próprias forças, mas sim no auxílio da divindade. Disse-lhe em seguida que cairia por fraqueza, assegurando-lhe sem embargo que depois se levantaria; encarregou-o de cuidar de seus irmãos e de conservá-los firmes na fé: "Tenho pedido por ti, ó Pedro, disse-lhe Jesus, para que não falte tua fé; e tu, uma vez convertido, confirma teus irmãos". <<*Rogavi pro te, Petre, ut non deficiat fides tua, et tu aliquando conversus confirma fratres tuos.*>> (*Luc. Cap. 22*)

Com estas palavras o divino Salvador prometeu uma particular assistência ao chefe da Igreja, em virtude da qual nunca faltará sua fé, antes ao contrário contribuirá para fortalecer aos demais pastores. Com elas assegurou a São Pedro o dom da infalibilidade, isto é, o preservou do perigo de errar nas coisas que concernem à fé e aos costumes; porque disse a São Pedro que tinha pedido para que nunca faltasse sua fé: assim sendo, quem poderá por em dúvida que a oração de Jesus Cris-

to tenha sido ouvida? E certamente nosso divino Salvador, assegurou a São Pedro que sua prece tinha sido plenamente escutada: por isso como legítima consequência o encarregou de confirmar na fé os demais Apóstolos. Não se pode, pois, por em dúvida a infalibilidade de Pedro e de seus sucessores, sem afirmar que não foi ouvida a oração do Salvador, absurdo que nunca poderá ser afirmado por um católico. Apoiados pois, os católicos de todos os tempos e de todos os lugares, nesta promessa de Jesus Cristo, sempre tem acreditado com muito poucas exceções, que o Romano Pontífice, como sucessor de São Pedro, é infalível nas sentenças que profere em matéria de fé e de moral. Esta verdade foi depois definida na sessão 11^a do Concílio do Vaticano (*Vaticano I*), como um artigo que devia necessariamente ser acreditado para se obter a salvação eterna.

Eis as suas palavras: " Nós definimos, que o Romano Pontífice quando fala ex cathedra, isto é, quando no exercício do cargo de pastor e mestre de todos os cristãos, por sua suprema autoridade apostólica, define alguma doutrina acerca da fé ou dos costumes para norma de toda a Igreja pela divina assistência que lhe foi prometida na pessoa do Bem-aventurado Pedro, goza da mesma infalibilidade, que o divino Redentor quis dar à Igreja nas definições das doutrinas acerca da fé ou dos costumes. Pelo que estas definições do Romano Pontífice são por si mesmas, e não pelo consentimento da Igreja, irreformáveis. Que se alguém ousar contradizer esta nossa definição, do que Deus nos guarde, seja excomungado".

CAPÍTULO III

Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo; os Apóstolos no Cenáculo - Vinda do Espírito Santo - Primeira pregação de São Pedro - Primeiro milagre de São Pedro - Primeiros Cristãos e primeiros diáconos - Perseguição em Jerusalém - Martírio de Santo Estevão e São Tiago Maior; São Pedro livre do cárcere.

Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo; os Apóstolos no Cenáculo - O Salvador empregou os três últimos anos de sua vida mortal na pregação do Evangelho, observando rigorosamente todos os preceitos e conselhos que impunha aos outros, e confirmando sua doutrina com os maiores milagres. Dava vista aos cegos, ouvidos aos surdos, a palavra aos mudos, a saúde aos enfermos, e a vida aos mortos; porém a nação judaica correspondeu a tão assinalados benefícios com a mais negra ingratidão, e com suas ameaças e gritos impeliu Pilatos a condená-lo à morte, e morte de Cruz. Jesus permaneceu cerca de três dias no sepulcro, ao cabo dos quais ressuscitou glorioso e triunfante. Deteve-se ainda quarenta dias com seus Apóstolos para melhor os confirmar na fé e esclarecer-lhes as coisas tocantes ao Reino de Deus. Dando assim cabal cumprimento à obra de redenção do gênero humano, estando no cume do Monte das Oliveiras, subiu aos Céus, em presença dos Apóstolos e de sua querida Mãe. Os discípulos obedecendo às ordens que tinham recebido de seu divino Mestre, voltaram à Jerusalém e aí se retiraram para o Cenáculo: (chama-se assim um salão que servia de refeitório ao dono da casa, mas que por obra dos Apóstolos foi transformado no primeiro templo cristão.) Ali juntamente com Maria Santíssima e outros fiéis, cujo número chegava a aproximadamente 120, perseveravam na oração, esperando a vinda do Espírito Santo, como Jesus Cristo lhes havia prometido.

Naquela santa comunidade São Pedro, pela primeira vez usou daquela suprema autoridade de que o havia investido Jesus quando o constituiu chefe da sua Igreja: dirigindo-se, pois, à multidão ali reunida disse: "Varões irmãos; era necessá-

rio que se cumprisse a Escritura que predisse o Espírito Santo pela boca de Davi acerca de Judas que foi o chefe dos que prenderam Jesus. Mas ele já recebeu recompensa de sua iniquidade: enforcando-se em uma árvore, rebentou pelo meio e se derramaram todas suas entranhas; porém como foi predito que outro devia substituí-lo no Apostolado, é mister que elejamos a um dos que permaneceram conosco durante todo tempo que o Senhor viveu em nossa companhia."

Todos aprovaram unânimes a proposta do príncipe dos Apóstolos, e lhe apresentaram dois varões conhecidos por sua virtude e santidade: chamavam-se um Matias e outro Barnabé. Depois de ter pedido ao Senhor que desse conhecer qual dos dois havia escolhido para seu Apóstolo, deitaram a sorte e esta caiu sobre Matias que foi agregado aos Apóstolos.

Vinda do Espírito Santo - Já haviam passado dez dias da Ascensão do Salvador, e então justamente a nação judaica celebrava a festa de Pentecostes, isto é, o dia quinquagésimo da saída do povo de Israel, do Egito.

Os Apóstolos juntamente com os demais discípulos continuaram no seu retiro perseverando na oração; pelas nove horas da manhã, ouviu-se de repente um estrondo, assim como o sibilo de um vento impetuoso, e ao mesmo tempo apareceram chamas semelhantes a línguas de fogo, que foram pousar visivelmente sobre a cabeça de cada um deles. Desde esse momento todos ficaram cheios dos dons do Espírito Santo e começaram a falar diversas línguas que antes ignoravam, das quais se valeram para publicar as maravilhas neles operadas e ensinar as verdades do Evangelho.

Primeira pregação de São Pedro - Achava-se então Jerusalém cheia de um grande número de judeus que tinham vindo para celebrar a festa de Pentecostes. Muitos dos que tinham ouvido o estrondo daquele vento impetuoso se dirigiam no mesmo instante para o Cenáculo, e ouvindo aos Apóstolos, antes homens rudes e ignorantes, falarem ao mesmo tempo idiomas de tantas nações, não sabiam compreender o que estavam vendo. São Pedro conhecido até então como um pobre pescador, depois de recebido o Espírito Santo, sentiu-se cheio

de tal força e valor, que não hesitou em apresentar-se ao público e pregar a divindade de Jesus Cristo aos mesmos que poucos dias antes a gritos o tinham condenado à morte.

"Irmãos, lhes disse, ouvi com atenção minhas palavras. O que vedes é o cumprimento da profecia de Joel: sucederá nos dias futuros, disse o Senhor, que eu derramarei meu Espírito sobre todos os homens, e profetizarão vossos filhos e vossas filhas, e vossos jovens terão visões, e vossos anciãos terão sonhos. Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Varões de Israel, ouvi! A Jesus Nazareno, varão provado por Deus no meio de vós, com virtudes e prodígios, e sinais que Deus obrou por Ele no meio de vós, como também vós o sabeis: a este que por determinado conselho e presciência de Deus vos foi entregue, matastes crucificando-o pelas mãos dos malvados. Deus porém o ressuscitou porque Davi disse dele: Não deixarás minha alma no sepulcro, nem permitirás que teu Santo veja a corrupção. Davi não falava de si próprio, porque morreu e foi enterrado, e seu sepulcro está no meio de nós até hoje. Sendo pois profeta, e sabendo que com juramento havia Deus jurado que um de sua estirpe se assentaria em seu trono, prevenindo-lhe falou da ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não foi deixado no sepulcro, nem sua carne viu a corrupção. A este Jesus ressuscitou Deus, do que somos testemunhas todos nós. assim exaltado pela destra de Deus e tendo recebido de seu Pai a promessa do Espírito Santo, derramou este sobre nós, assim como vedes e ouvis. Saiba logo toda casa de Israel com maior certeza que Deus fez Senhor e Salvador de todos, a este Jesus, a quem vós crucificastes".

Este admirável discurso, fecundado pela graça de Deus, deu como resultado a conversão de umas três mil pessoas.

Primeiro milagre de São Pedro - Na tarde desse mesmo dia, São Pedro e São João se dirigiam ao templo para fazer oração. Chegando à porta da Casa do Senhor, reparou São Pedro num infeliz coxo de nascimento, que não podendo servir-se de suas pernas, para ali fazia-se levar todos os dias pra pedir esmola. São Pedro compadecido dele, o olhou e disse-lhe: "Não tenho prata nem ouro, mas dou-te o que tenho: Em

nome de Jesus Nazareno levanta-te e anda". O coxo se levantou; no mesmo instante se consolidaram as pernas e cheio de alegria começou a caminhar.

Em um momento correu pela cidade toda a fama de semelhante milagre, e o povo aglomerou-se ao redor de São Pedro para ouvi-lo falar, aproveitou-se da ocasião para pregar pela segunda vez, e o fez com tanta eficácia que mais de cinco mil pessoas, sem contar as mulheres e as crianças, decidiram-se a receber o batismo. Deste modo a Igreja, em breve tempo, pode reunir em seu seio mais de oito mil fiéis, número que foi crescendo desde aquele dia. (Ano 30).

Primeiros Cristãos e primeiros diáconos - Maravilhosa era a vida que levavam os primeiros cristãos. Achavam-se estes de tal sorte unidos entre si, que conforme expressão da Sagrada Escritura, formavam um só coração e uma só alma. Não havia nobres entre eles, porque os ricos vendiam suas propriedades e entregavam o dinheiro aos Apóstolos para que repartissem conforme as necessidades de cada um; escutavam com grande cuidado a Palavra de Deus; eram perseverantes na oração e assistiam com muita frequência à fração do pão, isto é, à participação da Sagrada Eucaristia. assim era com esses homens, há pouco intemperantes, ambiciosos, avarentos e voluptuosos, ao conhecerem as verdades do Evangelho, confortados pela graça divina, se tornavam humildes e mansos de coração, castos, mortificados, desprendidos dos bens terrestres e dispostos a dar a vida pelo nome de Jesus. Aumentando em seguida prodigiosamente o número dos crentes, os Apóstolos já não podiam atender as todas as necessidades que reclamava a sociedade nascente. Por isso determinaram nomear, conforme as instruções que tinham recebido do Divino Mestre, sete diáconos ou ministros auxiliares, escolhendo-os entre os que se sobressaíam em virtude e graça do Espírito Santo. Repartir as esmolas, cuidar das viúvas e dos órfãos, assistir aos ágapes, eram atribuições dos Diáconos, que em certas circunstâncias também podiam administrar o Sacramento do Batismo, e distribuir a Santa Eucaristia; mais tarde se lhes confiou igualmente a pregação da Palavra divina.

Perseguição em Jerusalém - Conquanto os Apóstolo-

los pregassem a religião mais pura e santa que jamais viram os séculos, não obstante, desde o princípio da sua pregação, tiveram de lutar com gravíssimas dificuldades, suscitadas especialmente por parte dos judeus. O povo em massa abraçava a fé e também muitíssimos magnatas; porém os chefes da Sinagoga e os Fariseus, insensíveis aos milagres, à inocência de vida, e à santidade da doutrina dos Apóstolos e seus discípulos, declararam contra eles a mais encarnçada perseguição. Começaram por atacar os Apóstolos; mas vencidos por eles, os denunciaram às autoridades que os mandaram açoitar cruelmente e lhes proibiram a pregação da doutrina de Jesus Cristo. Os Apóstolos responderam com sossego e valor:

"É mister obedecer a Deus antes que aos homens". Contentes porque foram julgados dignos de padecer por seu Mestre, adquiriram novas forças; os mesmos açoites lhes inspiravam novos brios e valor.

Martírio de Santo Estevão e São Tiago Maior; São Pedro livre do cárcere - Santo Estevão, um dos sete diáconos, foi a primeira vítima desta perseguição, sendo ao mesmo tempo o primeiro mártir da fé. Distinguia-se dentre os outros, pelos muitos milagres que fazia entre o povo e por seu extraordinário saber. Os judeus queriam disputar com ele sobre o Evangelho, porém sempre ficavam confundidos porque ninguém podia resistir ao Espírito Santo que falava por sua boca. Por isto se irritaram tanto seus inimigos que o arrastaram fora da cidade e o apedrejaram. Enquanto caía sobre ele uma chuva de pedras, imitando seu Divino Mestre, orava pelos que o apedrejavam dizendo: "O Senhor Jesus, perdoa-lhes este pecado", e assim falando, dormiu no Senhor. Chama-se Protomártir, porque foi o primeiro mártir da Igreja que deu a vida por amor a Jesus Cristo. Pouco depois por ordem de Herodes cortaram a cabeça de São Tiago. Vendo esse rei que perseguindo os cristãos agradava aos judeus, também mandou por em prisão São Pedro, para dar-lhe a morte depois das solenidades da Páscoa; porém um anjo enviado por Deus o livrou milagrosamente na noite que precedia o dia do suplício. assim ficaram burlados os planos de Herodes.

O primeiro perseguidor dos Cristãos sobreviveu pou-

co tempo aos mártires que havia sacrificado. Acometido de agudíssimas dores intestinais, deixou de existir no mesmo momento em que vis adutores proclamavam suas glórias chegando a ponto de o chamarem deus.

CAPITULO IV

São Paulo e sua conversão - Santa Tecla - Cornélio o Centurião abraça a fé - Simão Mago.

São Paulo e sua conversão - Com a morte de Herodes cessou por algum tempo a perseguição de Jerusalém. Por este mesmo tempo realizou-se a conversão de São Paulo e dos mais cruéis perseguidores dos cristãos, conhecido até então pelo nome Saulo.

Era ele natural de Tarso, capital da Cilícia; seus pais eram judeus da tribo de Benjamin. Dotado de engenho preclaro e de um caráter ardente e empreendedor, foi enviado a Jerusalém para seguir seus estudos sob a direção de um célebre doutor da lei chamado Gamaliel. Este era Fariseu, isto é, pertencia àquela seita de judeus que se dedicavam especialmente à observância e ao estudo profundo da lei, enquanto que sua piedade não era mais do que uma simples exterioridade. São Paulo teve parte na morte de Santo Estevão, pois que ele guardava as roupas dos que o apedrejavam; por isto, como observa Santo Agostinho, era de certo modo tão culpável quanto os que apedrejaram. Mas Santo Estevão morrendo rogara por ele, e Deus, que é dono dos corações, e querendo pode transformar um Tigre feroz num mansíssimo cordeiro, ouviu a oração do primeiro mártir e obrou aquele grande milagre da conversão de Saulo. Eis como se realizou: com o fim de perseguir os cristãos com maior autoridade e com maior êxito, Saulo conseguira cartas do grande Sacerdote de Jerusalém, em que era autoriza-

do a se por à frente de certo número de soldados para ir em busca dos cristãos na cidade de Damasco e levá-los a Jerusalém atados com cordas. Cheio de ódio e furor já havia percorrido a maior parte da viagem, quando de repente viu-se rodeado de uma luz mais brilhante que a do Sol e ouviu uma voz que lhe disse: "Saulo, Saulo, porque me persegues"? Saulo ferido por aquelas palavras como por um raio, caiu por terra e com voz trêmula, respondeu: "Quem sois vós, Senhor?" A voz continuou: "Eu sou Jesus a quem tu persegues. É duro para ti recalcitrares contra o aguilhão". "Que quereis que eu faça, Senhor?" Perguntou Saulo. "Levanta-te, acrescentou a voz, entra em Damasco, e ali ser-te-á dito o que hás de fazer". Saulo levantou-se e abrindo os olhos conheceu que estava cego, de modo que teve que fazer-se levar à cidade por seus companheiros. Ali recebeu o Batismo das mãos de um discípulo chamado Ananias. Enquanto se lhe administrava este Sacramento, caíram de seus olhos umas como escamas e tornou a ver como dantes; então cheio de gratidão para com Deus, começou a pregar com grande zelo o Evangelho.

Os que tinham conhecido o furor de Paulo em perseguir os cristãos ficaram admirados à vista daquela mudança tão repentina; porém ele, vencendo todo respeito humano, não prestava ouvido ao que dizia o povo e discutia com os judeus, provando-lhes com a Sagrada Escritura e com os milagres, que Jesus Cristo era o Messias prometido pelos profetas, enviado por Deus para salvar os homens. A Igreja Católica comemora anualmente a 25 de janeiro o portentoso acontecimento da conversão de São Paulo.

Santa Tecla - Entre os primeiros frutos da pregação de São Paulo conta-se a conversão de Santa Tecla, que sofreu grandes e atrozes tormentos por confessar sua fé.

Conquanto por virtude divina, eles não lhe causassem a morte, considera-se entretanto, como a primeira mulher que ganhou a palma do martírio. Nasceu em Icônio, de pais nobres; na idade de 18 anos foi prometida a um jovem rico daquela cidade; porém ouvindo ela os sermões de São Paulo enamorou-se de tal modo da virtude da virgindade, que renunciou de bom grado àquela vantajosa oferta. O jovem que pretendia a sua

mão empregou todos os meios a seu alcance para fazê-la mudar de propósito; mas em vão. Vendo-se enganado transformou seu amor puramente sensual em ódio, e conseguiu fazer padeecer à Santa virgem os mais cruéis tormentos porque ela professava a fé cristã. Foi atirada à fogueira ardente; porém fazendo o sinal da Cruz caiu do céu uma prodigiosa chuva que apagou o fogo. Atiraram-na depois aos touros, às feras e, por virtude divina sempre saiu intacta de todos os tormentos. Depois disto ainda viveu em paz por muitos anos, em sua pátria, até que cheia de méritos subiu ao seu Esposo Celeste na idade de noventa anos.

Cornélio o Centurião abraça a fé - A maior parte dos que até então tinham abraçado a fé eram judeus, ou gentios que já tinham começado a pertencer ao povo judeu submetendo-se à circuncisão. Mas, querendo Deus chamar todas as nações ao conhecimento da verdadeira religião segundo as divinas promessas, começou por derramar suas bênçãos sobre a família de um Centurião romano chamado Cornélio. Morava ele em Cesaréia, cidade marítima do Mediterrâneo; era amado de todos por sua probidade, temia a Deus, fazia abundantes esmolas, e orava frequentemente. Um dia enquanto estava em oração, apareceu-lhe um anjo e lhe disse: "Tuas orações e tuas esmolas subiram até o Trono de Deus. Eis o que deves fazer: manda alguém à cidade de Jope em busca de Simão apelidado Pedro. Ele te ensinará o que deves fazer para salvar-te". Assim que acabou de ouvir estas palavras, Cornélio enviou três de seus servos a Jope. Já estavam eles perto da cidade quando Deus por meio de uma visão fez conhecer a Pedro que tanto os judeus como os gentios eram chamados a seguir o Evangelho; por isto o Príncipe dos Apóstolos partiu sem hesitar no outro dia com eles. Durante esse tempo o piedoso Cornélio reunira em sua casa os amigos e conhecidos para receber o Santo Apóstolo; e apenas o viu, ajoelhou-se humildemente em sua presença. Pedro o levantou, entrou com ele em sua casa e começou a instruir na fé todos os que se achavam ali reunidos. Aí estava falando, quando o Espírito Santo baixou em forma sensível sobre seus ouvintes e lhes comunicou o dom das línguas, do mesmo modo que havia acontecido no Cenáculo de Jerusalém. Por este motivo, Pedro incontinentemente os batizou e foram

estes os primeiros gentios batizados sem ter sido antes circuncidados.

Simão Mago - Acredita-se que o primeiro que começou a difundir erros contra a fé cristã, foi um samaritano chamado Simão, e apelidado de Mago pelos sortilégios que operava para enganar o povo. Fingindo-se sequaz do Evangelho, conseguiu ser batizado; em seguida apresentou-se a São Pedro para comprar com dinheiro o poder de fazer milagres do mesmo modo que ele os fazia. Negou-se Pedro horrorizado e lhe respondeu: "teu dinheiro pereça contigo, porque com ele acreditaste poder comprar os dons do Espírito Santo". Por isso declarou-se inimigo dos cristãos e empregou toda espécie de artes e engano para opor-se aos progressos da fé. Também foi a Roma para semear seus erros entre aquele povo mergulhado ainda na idolatria; mas querendo dar provas de seu poder elevando-se no ar sustentado visivelmente pelos demônios, São Pedro e São Paulo fizeram oração a Deus, e o infeliz Simão caiu vertiginosamente em terra e se fez em pedaços pondo-se em manifesto a impostura.

CAPÍTULO V

Separação dos Apóstolos e seu Símbolo de Fé - Livros do Novo Testamento - Morte de Maria Santíssima - Milagres de São Pedro - Concílio de Jerusalém - Perseguição de Nero - Martírio de São Pedro e São Paulo.

Separação dos Apóstolos e seu Símbolo de Fé - Os Apóstolos começaram a pregar o Evangelho na Judéia, não separando-se muito uns dos outros; porém quando reconheceram que tinha chegado o tempo de levar a luz da verdade a todas as nações, determinaram, separar-se, repartindo-se o mundo, por assim dizer, escolhendo uma parte cada um para exercer o ministério apostólico. antes porém de fazê-lo, reuniram-se e de comum acordo fizeram um compêndio da Religião

cristã, que chegou até nós sob o nome de Símbolo dos Apóstolos e se chama comumente o CREDO. Depois de feito isto, separaram-se para levar o Evangelho a todas as nações. São Pedro ficou cerca de três anos em Jerusalém, e obrigado pela perseguição, trasladou-se para a Antioquia, que era então a capital do Oriente. Nesta cidade cresceu tanto o número dos fiéis, que para distingui-los dos outros começaram a chamá-los cristãos, que quer dizer sequazes de Jesus Cristo. Desde Antioquia São Pedro ia pregar nas cidades e povoações vizinhas e depois de sete anos, isto é, no ano 42 da era cristã, foi a Roma. São Paulo levou a fé à Arábia, Ásia Menor, à Macedônia e à Grécia, e depois foi unir-se a São Pedro na capital do Império Romano. São Tomé pregou em Jerusalém, entre os Partos e nas Índias; São João Evangelista deteve-se especialmente na Ásia Menor; Santo André evangelizou os Citas e obteve a Palma do martírio em Patras cidade da Grécia; São Felipe foi a Ásia Menor; São Bartolomeu à Armênia, onde padeceu um martírio atroz, sendo esfolado vivo; São Matheus trabalhou muito para a conversão dos Etíopes e foi coroar seu apostolado com o martírio na Pérsia. São Tiago, o maior, evangelizou a Judéia e também a Espanha. São Judas Tadeu pregou a fé na Arábia, na Mesopotâmia e na Armênia. assim depois de trinta anos da primeira pregação do Evangelho por São Pedro em Jerusalém, o verdadeiro Deus tinha adoradores em todas as partes do mundo até então conhecido.

Livros do Novo Testamento - Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de haver pregado de viva voz sua doutrina, subiu aos Céus sem deixá-la escrita nem reunida em livro algum ditado por Ele. Por que o fez assim? Para nos ensinar que Ele tinha feito depositários de sua doutrina os Apóstolos, isto é, a Igreja que devia depois explicá-la aos fiéis: ensinando-nos também que o principal instrumento da sua palavra devia ser a viva voz da sua Igreja. Com efeito, nos primeiros tempos, durante o curso de não poucos anos, o santo Evangelho foi conservado, ensinado e professado tão somente por meio da palavra viva dos Apóstolos e dos primeiros crentes. Nosso Senhor Jesus Cristo querendo, por outra parte, que ao menos uma grande parte da sua doutrina fosse confiada à palavra escrita, por inspiração divina moveu alguns dos Apóstolos e primeiros discí-

pulos a por escrito sua vida e doutrina; e os livros por eles escritos formam juntos o que nós chamamos de Novo Testamento. Foram estes escritos: os quatro Evangelhos, escritos por São Matheus, São Marcos, São Lucas e São João; os Atos dos Apóstolos; as quatorze epístolas de São Paulo, duas de São Pedro, uma de São Tiago, uma de São Judas, e finalmente, três epístolas e o Apocalipse de São João. Estes livros sempre têm sido conservados em grande veneração por todos os cristãos, pois que foram inspirados por Deus. Sem embargo, como já foi dito, não se acham neles todos os feitos da vida de Jesus Cristo, nem todas as verdades ensinadas por Ele. As verdades não escritas foram ensinadas e transmitidas pelos Apóstolos e seus sucessores como um sagrado depósito que se chama Tradição divino-apostólica. A Tradição divino-apostólica contém as verdades que não se encontram escritas nos livros sagrados, a interpretação destes mesmos livros: por isso, quando a Igreja define um artigo de fé que não está manifesto na sagrada Escritura, o tira desse depósito chamado Tradição. Daí se tirou o dogma da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria e da infalibilidade Pontifícia.

Morte de Maria Santíssima - O Doutor da Igreja São João Damasceno narra nestes ou semelhantes termos a morte ou assunção de Maria Santíssima desta vida mortal para a glória do Céu, que se acredita tenha-se dado aos 62 anos de sua idade e doze depois da Ascensão do seu divino Filho.

Tendo chegado o tempo em que Deus queria livrar deste desterro a Rainha dos Anjos, os Apóstolos que se achavam dispersos em diversas partes do mundo pregando o Evangelho, por virtude angélica encontraram-se todos reunidos em Jerusalém ao redor do leito de Maria juntamente com São Dionísio, bispo de Atenas e de São Timóteo, bispo de Éfeso. Maria exalou seu último suspiro, não de dor, mas de puro amor de Deus, à semelhança de quem docemente adormece. No mesmo instante ouviu-se naquela habitação uma salmodia celestial, cujos ecos ressoaram por três dias e ainda continuaram enquanto se levava em procissão seu corpo para o horto de Getsêmani para ser enterrado. São Tomé não se achava presente quando se deu a preciosa morte de Maria, e tendo chegado ao

terceiro dia, pediu por favor, já que não podia vê-la viva, que ao menos se lhe permitisse, por uma vez mais venerar seu santo corpo. Com este fim se dirigiu com os outros Apóstolos ao sepulcro: quando chegaram, já tinham cessado os cânticos celestiais; abriram-no, olharam-no, porém não viram ali o corpo de Maria, mas somente os panos em que o tinham envolvido, os quais ainda exalavam perfumado odor. Cheios de admiração não puderam acreditar noutra coisa senão que o Deus Verbo, o Senhor da glória, o mesmo que setinha comprazido de encarnar-se na própria pessoa da Virgem Maria, e tinha-se feito homem conservando intacta a virgindade de sua Mãe, também se tinha comprazido em honrar o seu corpo imaculado depois de sua morte, conservando-o incorrupto e transportando-o para o Céu antes da ressurreição comum e universal. A Santa Igreja celebra todos os anos, no dia 15 de agosto, a Solenidade desta maravilhosa Assunção de Maria.

Milagres de São Pedro - Os meios principais de que se serviam os Apóstolos para confirmar a doutrina que pregavam era a santidade de vida e os milagres. Os que faziam São Pedro eram tantos e tão ruidosos que não só no número como em grandeza excediam aos do próprio Redentor: curava os enfermos de toda a classe, que a ele levavam em tão grande número que quase se tornava impossível aproximar-se dele. Por conseguinte nas praças e nas ruas e em qualquer parte por onde passava levavam-lhe grande número de enfermos, afim de ao menos os tocassem sua sombra, pois era suficiente para curá-los. Entre outros é maravilhoso o milagre que operou em Jope ressuscitando uma Santa matrona anciã, chamada Tabita, comumente conhecida pelo nome de mãe dos pobres. Tendo enviuvado, empregou suas grandes riquezas em socorrer os necessitados. Aflitos estes por terem perdido nela a sua mãe, foram à procura de São Pedro para que viesse ressuscitá-la. Este acudiu logo, e ao chegar à casa da defunta, viu-se rodeado por uma multidão de pobres, mergulhados na mais profunda dor, os quais lhe mostravam os vestidos e os calçados que Tabita lhes tinha dado para se cobrirem. Pedro chorou com eles e, cheio de confiança em Deus, aproximou-se do cadáver e disse em voz alta: "Tabita levanta-te!". No mesmo instante Tabita abriu os olhos e sentou-se. Quando se divulgou a notícia

deste milagre, muitos daqueles cidadãos converteram-se à verdadeira fé.

Concílio de Jerusalém - Desde o tempo dos Apóstolos quando suscitavam-se questões concernentes à religião, apelava-se para o Chefe da Igreja. Este, nos assuntos de maior importância e quando achava conveniente, reunia os demais Apóstolos e também os principais eclesiásticos para que lhe ajudassem a conhecer a vontade do Senhor ou a promulgar e por imediatamente em execução as resoluções que se tomavam.

A Sagrada Escritura recorda três reuniões especiais dos Apóstolos em Jerusalém, celebradas com o fim de tratar de alguns assuntos concernentes ao bem dos fiéis: a primeira vez se reuniram a fim de prepararem-se para receber o Espírito Santo, e eleger a São Matias em lugar do traidor Judas; a segunda para escolher os sete Diáconos; e a terceira, que foi a que se chamou propriamente Concílio, e que serviu de certo modo de modelo aos Concílios que foram celebrados posteriormente pela Igreja, foi convocado para se decidir se já tinha chegado o tempo de suprir as cerimônias da lei mosaica, entre as quais se acham a circuncisão e a abstinência de carne de certos animais. Suscitou-se a questão na cidade de Antioquia, cujo fiéis delegaram a São Paulo e São Barnabé para que fosse consultar a São Pedro, que se achava então em Jerusalém.

São Pedro para definir mais formalmente o ponto, convocou os demais Apóstolos e Eclesiásticos que se achavam em Jerusalém; e tendo se reunido, ele como chefe, pastor supremo e vigário de Jesus Cristo na terra, propôs a questão, falou acerca do que devia estabelecer-se, e depois de um longo e animado discurso pronunciou a sentença à qual todos aderiram começando por São Tiago o Menor. Em seguida foi formulado o decreto que devia ser enviado a todos os fiéis, e que é do teor seguinte: "Aproveu ao Espírito Santo e a nós outros, que não vos se impusesse mais carga do que a necessária, que vos abstenhais do sacrificado aos ídolos, do sangue, do sufocado, da fornicção, das quais coisas abstendo-vos, obraceis bem".

Convém notar aqui que sendo a fornicção um pecado

gravíssimo, proibido pela própria lei natural e pelo sexto preceito do decálogo, parece que não era necessário renovar a proibição: porém, acreditou-se necessário proibi-la novamente de maneira mais explícita e clara porque os gentios que abraçavam a fé, antes de receberem as luzes do Santo Evangelho acreditavam que a fornicção não era pecado: tanto se lhes tinha ofuscado a luz da razão! Depois deste discurso já não teve vigor o preceito da antiga lei (ano 51).

Perseguição de Nero - No reinado dos imperadores romanos dos três primeiros séculos, desencadearam-se cruéis e sangrentas perseguições contra os cristãos, com o fim de impedir os progressos do Evangelho; as principais chegam ao número de dez. Para compreender as causas das perseguições é mister advertir, que no império romano era rigorosamente proibido pregar ou professar novas crenças que não fossem aprovadas pelo Estado: por conseguinte todos os que pregavam ou professavam o Evangelho, nos países submetidos aos Romanos, expunham-se a um evidente perigo de morte. Outra causa destas perseguições era também a freqüente confusão que havia entre cristãos e judeus, pois a estes últimos queriam destruir. Mas o principal pretexto era constituído pelas graves calúnias com que os pagãos, e especialmente os sacerdotes dos ídolos acusavam os cristãos para torná-los odiosos diante das autoridades civis. Por estas razões foi perseguida a fé com encarniçamento logo que começou a ser pregada em Roma. Nero, chamado na História o verdugo do gênero humano, fez incendiar Roma somente pelo prazer de vê-la arder. Este fato, como é de supor-se, excitou contra ele grande indignação, e este para se ver livre de semelhante crime, culpou aos cristãos e os condenou à morte. Em muito concorreu para que aumentasse sempre mais o ódio contra os sequazes de Jesus Cristo, o ter as orações de São Pedro e São Paulo causado a ruína de Simão o Mago, e obtido a conversão de muitos do próprio palácio imperial. Irritado contra eles, o imperador, como leão furioso contra um rebanho de cordeiros, inventou os mais cruéis suplícios para os atormentar, e chegou a tal ponto sua crueldade, que os próprios pagãos, compadecidos dos cristãos, censuravam seus atos. Com efeito, por um excesso de crueldade, até então desconhecida, fez cobrir alguns com peles de feras para arrojá-los

depois a cães esfaimados e a outros os fez envolver em trapos, coberto de piche e enxofre e atados depois a postes os fazia acender durante a noite para servirem de luminárias nos jogos dos circos.

Martírio de São Pedro e São Paulo - Os dois mártires mais insígnies da perseguição de Nero foram os príncipes dos Apóstolos, São Pedro e São Paulo. Conhecendo a violência da perseguição, correram a Roma para administrar os consolos da religião e assistir aos que se achavam em perigo de perder a fé. Acreditando Nero que com a morte dos chefes dos cristãos eles se dispersariam e já não se falaria deles no mundo, mandou buscá-los e encarcerá-los na prisão Mamertina, a mais escura de Roma, que se achava ao pé do Capitólio. Apesar de metidos em algemas não deixaram os Apóstolos de trabalhar para a salvação das almas, por meio dos sermões converteram os dois carcereiros Processo e Martiniano e mais quarenta e cinco companheiros seus.

Estes receberam o batismo com água que, a mandado de São Pedro, brotou milagrosamente num canto da prisão, e que ainda em nossos dias continua brotando; todos eles morreram mártires. Sabedor destas novas, irritou-se ainda mais Nero; ordenou que se desse a morte aos dois Apóstolos, mandando que São Pedro fosse crucificado e São Paulo decapitado. São Pedro, por humildade, pediu que o crucificassem de cabeça para baixo, e ganhou a palma do martírio no ano 67 da era vulgar, na idade de 86 anos. Sepultaram-no no Vaticano, no mesmo lugar onde, depois, Constantino edificou a grande Basílica de São Pedro. No mesmo dia em que São Pedro subiu ao Céu, São Paulo foi levado a três milhas de Roma para um lugar denominado Águas Sálvias, onde lhe cortaram a cabeça. Esta caindo por terra, deu três saltos, e em cada um dos lugares onde tocou, brotaram outras tantas fontes que existem ainda hoje.

CAPÍTULO VI

São Lino Papa - Morte de Nero - Ruína de Jerusalém e dispersão dos Judeus - Trabalhos e martírio de São Lino.

São Lino Papa - Devendo a Igreja de Jesus Cristo durar até a consumação dos séculos e receber em seu seio materno todos os que quisessem se abrigar nele, também devia ter em todos os tempos um chefe visível que visivelmente a governasse, por isso alguém devia substituir São Pedro no governo da Igreja Universal! O primeiro sucessor de São Pedro foi São Lino, de Volterra, cidade da Toscana. Enviado a Roma por seus pais para cultivar os estudos, teve a felicidade de ouvir São Pedro que nesse tempo tinha começado a pregar o Evangelho naquela cidade. instruído na fé por mestre tão distinto, tornou-se muito depressa fervoroso cristão. A virtude, a ciência e o zelo do discípulo influíram para que São Pedro o consagrasse sacerdote e o escolhesse para companheiro nas suas apostólicas peregrinações. Acredita-se que quando São Pedro foi ao Concílio de Jerusalém, sagrou bispo a São Lino e o nomeou seu vigário em Roma, enquanto durava sua ausência. à sua volta confiou-lhe uma importante missão na Gália, que ainda se achava mergulhada na idolatria. Chegando este a Besançon, encontrou próximo às portas da cidade um tribuno chamado Arnósio o qual lhe falou do seguinte modo: "- Quem és tu e donde vens? - Venho de Itália, respondeu Lino. E para onde vais?

Vim aqui para pregar a religião de Jesus Cristo. - Que religião é essa?"Lino começou então a falar-lhe da verdadeira fé; desejando porém o tribuno que sua família também ouvisse o novo missionário, levou-o à sua casa. Ouvindo-o, todos se converteram e a casa de Arnósio se transformou em Igreja. Rebrandando pouco depois a perseguição de Nero, Lino voltou a Roma para ajudar a São Pedro a quem efetivamente acompanhou no cumprimento dos deveres do santo ministério e depois governou a Igreja, durante a prisão dos Príncipes dos Apóstolos. Também acompanhou ao martírio o seu querido mestre, e depois de sua morte, com a cooperação de São Marcelo e

outros fiéis, entre os quais se faz menção de um chamado Apuleio, o sepultou aos pés do monte Vaticano, junto ao circo de Nero, como lugar mais seguro. Isto prova que entre os comensais deste perseguidor havia cristãos ocultos, muito fervorosos e poderosos. Acreditasse que São Pedro receando que a Igreja, naqueles tempos calamitosos, ficasse sem pastor, nomeou aos santos Lino, Cleto, Clemente, e Anacleto para que sucessivamente fizessem suas vezes no pontificado; de acordo com isto São Lino sucedeu a São Pedro no ano 67 da nossa era. Durante seu pontificado deram-se muitos acontecimentos, entre os quais os mais notáveis são a morte de Nero e a destruição de Jerusalém.

Morte de Nero - Este tirano depois de ter posto em jogo toda sorte de crueldades contra os cristãos, caiu no desprezo dos seus súditos, que se rebelaram contra ele e proclamaram outro imperador chamado Galba. Esta nova causou tal espanto a Nero que fora de si arrojou à terra a mesa sobre que comia, quebrou em mil pedaços os vasos de grande valor, e deu com a cabeça contra as paredes da casa. Quando lhe foi levada mais tarde, a notícia de que o Senado o tinha condenado à morte, fugiu de seu palácio durante a noite, começou a correr pela cidade implorando o socorro dos seus amigos; porém estes o rechaçaram, porque os malvados não têm verdadeiros amigos. Buscando ainda algum meio de salvação, cobriu-se de um grande manto, e montado em um cavalo passou despercebido entre seus inimigos, ao mesmo tempo em que por todas as partes ouvia-se o grito de "morte a Nero!". Chegando à casa de campo de seu criado chamado Fauno, tratou de esconder-se; porém vendo que ali estava rodeado de soldados, não sabendo o que fazer para não morrer em público, suicidou-se atravessando a garganta com um punhal. Assim morreu esse monstro, cruel entre os mais cruéis tiranos, e autor da primeira das dez grandes perseguições suscitadas pela política romana contra os cristãos (ano 71 da nossa era).

Ruína de Jerusalém e dispersão dos Judeus - A destruição de Jerusalém é um dos acontecimentos mais terríveis que se registram nas páginas da história. Os profetas tinham predito, com muitos séculos de antecipação, que os Ju-

deus, por sua obstinação por desprezar o Evangelho, e como castigo do deicídio que tinham cometido na pessoa do Salvador, seriam expulsos dos seus países e viveriam dispersos por todo o mundo, sem rei, sem templos e sem sacerdotes, Jesus em termos ainda mais claros, também tinha vaticinado que os judeus seriam sitiados em Jerusalém e reduzidos a uma penúria inaudita; que se destruiria sua cidade, se incendiaria seu templo, e que se dispersaria seu povo; e acrescentou ainda que todas essas coisas se cumpririam antes que morresse aquela geração a que ele falava.

Deus, infinitamente, misericordioso, quis avisar mais uma vez aquele povo por meio da pregação, das admoestações dos Apóstolos, e de muitos sinais espantosos que nos narram vários historiadores entre eles alguns judeus. José Flavio, por exemplo, judeu douto, que teve grande parte naqueles desastres, conta, entre outras coisas, que no dia de Pentecostes se fez ouvir uma voz no templo, que sem se saber de onde saía, fazia ressoar estas palavras: "saíamos daqui, saíamos daqui". Um homem chamado Anano que tinha ido da roça a Jerusalém para assistir à festa dos Tabernáculos, ainda antes de que se falasse da guerra, começou a gritar de improviso pelos ângulos da cidade: "Ai do Templo, ai de Jerusalém! voz do oriente, voz do ocidente, voz dos quatro ventos; ai do Templo, ai de Jerusalém!" Foi preso, encarcerado, e açoitado quase até a morte; porém nem assim deixou de gritar pela cidade em voz alta as mesmas palavras durante três anos, até que um dia correndo sobre os muros, enquanto gritava: "Ai de mim mesmo!" foi ferido por uma pedra e morreu.

Certa vez, pelas nove da noite resplandeceu ao redor do templo e do altar uma luz tão viva, que pelo espaço de meia hora pareceu estar em pleno dia; outra vez uma porta do templo, de bronze tão pesada que para move-la eram precisos vinte homens, achou-se aberta por si, e sem que ninguém a tocasse. Alguns dias depois, em todas as povoações circunvizinhas viram-se no ar, ao redor de Jerusalém, exércitos em ordem de batalha, que cercavam e davam sinais de querer tomá-la de assalto. Apareceu também um cometa que dardejava chamas com raios, e uma estrela em forma de espada que permaneceu

um ano no mesmo lugar, tendo sempre a ponta voltada para a cidade. Estes sinais pressagiaram que deviam cair sobre Jerusalém graves e iminentes desastres. Com efeito, os romanos sob o mando sucessivo de Vespasiano e de Tito foram, sem saber, os instrumentos de que se valeu a ira de Deus para cumprir seus designios. A Nero, como já foi dito, sucedeu um imperador chamado Galba e a este, outro chamado Vitélio; ambos foram despojados do trono por seus próprios vícios e sua tirania, e se proclamou em seu lugar a um grande general chamado Vespasiano, Este amava a justiça, quanto podia amá-la um imperador idólatra, e era querido por todos por sua afabilidade e valor. O próprio Nero já o havia enviado para combater os judeus; porém quando o elegeram imperador, ele deixou seu filho sob os muros de Jerusalém para que continuasse a guerra, enquanto voltava à Roma.

Ainda viviam muitos dos que se achavam presentes à morte do Salvador, quando os exércitos romanos foram sitiar Jerusalém. Como o sítio começasse naqueles mesmos dias em que se achavam ali reunidos um grande número de judeus que tinham acudido de toda a Palestina e dos países limítrofes para celebrar as festas da Páscoa, aconteceu que achando-se aquela desgraçada cidade cheia de gente, de pronto comessem a faltar alimentos, chegando a tal extremo a fome que seus habitantes arrancavam-se uns aos outros das mãos as coisas mais imundas para não morrer. Houve mães que naquele estado de desespero, (coisa horrível!) chegaram a alimentar-se de seus próprios filhos. Tomada de assalto a cidade, foram mortos um milhão e cem mil judeus, e outros tantos foram reduzidos à escravidão. Estes como não fossem vendidos, por não haver compradores para tão grande número de escravos, foram em parte doados e outros mortos porque não havia quem os quisesse nem de graça. Destruídas em grande parte as casas e queimado o templo, todo o povo que se pode salvar da morte ou da escravidão dispersou-se pelas demais cidades; contudo a total dispersão dos judeus não se realizou até princípios do segundo século. O Papa São Lino pode ver os infelizes judeus escravizados por Tito, chegarem a Roma aos montões, par serem condenados a penosíssimos trabalhos, entre outros o de erigir um arco do triunfo a seu vencedor. Ainda vê-se presen-

temente o candelabro com sete braços, tirado do templo de Jerusalém e o magnífico anfiteatro chamado de Flávio Tito, cujas ruínas admiráveis ainda existem em Roma, e é conhecido sob o nome de Coliseu.

São Lino valeu-se deste terrível acontecimento para confirmar na fé os judeus, que se tinham convertido e para atrair a ela os menos obstinados no erro.

Trabalhos e martírio de São Lino - São Lino durante dez anos de seu pontificado, além do que trabalho na pregação e propagação do Evangelho, aplicou-se com zelo em combater os erros de Menandro, Corinto e seus sectários, declarando que não pertencia à Igreja de Jesus Cristo aquele que seguisse seus erros monstruosos.

Ainda que tenham sido aqueles tempos de muito fervor, havia alguns que iam à Igreja vestidos como para ir ao teatro; São Lino em vista disto, renovou o preceito de São Paulo, e estabeleceu que todos deviam ir à Igreja com modéstia, e as mulheres com a cabeça coberta. O zelo e doutrina deste Pontífice enchiam todos de admiração; o seu nome só, fazia emudecer os demônios, e com o sinal da Cruz curava frequentemente obstinadas enfermidades. Um homem que havia ocupado o consulado tinha uma filha perturbada pelo espírito maligno e outros males; recorreu ao nosso santo, e este a curou com o Sinal da Cruz; porém como os sacerdotes dos ídolos diziam que este milagre injuriava aos deuses, obrigaram ao tímido Saturnino, assim chamava-se o pai da menina, a condenar à morte o santo Pontífice. Este depois de ficar algum tempo no cárcere, foi decapitado a 23 de setembro do ano 80.

CAPITULO VII

São Cleto, Segunda Perseguição - São Clemente e o Cisma de Corinto - Terceira Perseguição - Desterro e martírio de São Clemente.

São Cleto, Segunda Perseguição - Os cristãos gozavam de alguma tranqüilidade no reinado de Tito e de Vespasiano, posto que ainda não tivessem sido revogados os sangrentos decretos de Nero pelos quais todo aquele que tinha alguma autoridade podia perseguir, a seu capricho, os fiéis de Jesus Cristo.

Domiciano, a quem a história apelida de segundo Nero, ordenou que vigorassem novamente, e com maior rigor as leis de perseguição. No seu reinado São Cleto governou a Igreja doze anos. Este Pontífice nasceu em Roma, e ali o instruiu São Pedro na fé; trabalhou muito durante o pontificado deste e o de São Lino. Entre as obras que se lhe atribuem, acha-se a divisão da cidade de Roma em 25 quartéis ou secções; em cada uma das secções estabeleceu um sacerdote ou na sua falta um diácono, para que cuidasse das necessidades espirituais e temporais dos fiéis. Achava-se ocupado em propagar o Evangelho dentro e fora da cidade de Roma, quando Domiciano ordenou que se buscasse o chefe dos cristãos e que se lhe desse a morte. A impaciência do tirano em dar-lhe a morte poupou-lhe muitos e grandes suplícios; martirizaram-no no ano de 93. Autores dignos de fé dizem que São Cleto foi o primeiro que usou a fórmula: <<Saúde e benção apostólica>>, com que os Papas soem começar suas cartas.

São Clemente e o Cisma de Corinto - O quarto Pontífice é São Clemente; este era filho de um Senador romano chamado Faustino. Foi eleito para governar a Igreja depois do martírio de São Cleto. Entre as belas instituições deste Pontífice conta-se a dos notários ou escreventes, que se encarregavam de escrever com o maior cuidado a ordem dos sofrimentos dos mártires, e de todas as coisas que eles diziam ou faziam em presença dos juizes ou dos imperadores: esses escritos chamavam-se "Atas dos mártires". Causou-lhe muitos trabalhos e sofrimentos o cisma de Corinto, onde as discórdias intestinas

tinham chegado a tal ponto que muitos dos fiéis, negando-se a acatar a autoridade da igreja, pretendiam eleger e consagrar sacerdotes à sua vontade. Crescendo o mal, pensou-se em apelar para a Igreja de Roma, mãe e mestra de todas as outras Igrejas, por uma extensa carta dirigida ao Sumo Pontífice. São Clemente depois de ter lido, respondeu aos Coríntios outra que constitui um importante documento da antiguidade cristã, e que como tal convém seja conhecida em seus pontos principais: "À Igreja de Deus que está em Roma, à de Corinto e aos chefes que são chamados e santificados pela vontade de Deus em Nosso Senhor Jesus Cristo. Que a graça do Senhor onipotente se aumente sempre em vós." Fala-lhes em seguida da paciência, da doçura e dos benefícios de Deus criador, e continua da maneira seguinte: "Se considerarmos quanto Deus está próximo de nós, e como nenhum pensamento pode ficar-lhe oculto, devemos certamente tratar de não fazer o que é contrário à sua Divina Vontade, e sujeitarmo-nos ao que Ele colocou sobre nós: devemos refrear nossa língua e dominá-la com o amor do silêncio." Segue recomendando-lhes que fujam do ócio e da moleza porque somente quem trabalha tem direito à vida, e continua assim: "Portanto devemos fazer com zelo todo o bem que pudermos, porque Deus Criador se compraz em nossas obras. Cada um permaneça na ordem e no grau em que Deus por sua bondade o colocou. O fraco respeite o mais forte, o rico socorra o pobre, e o pobre bendiga a Deus pelo modo com que o provê. O sábio faça conhecer a sua sabedoria não por palavras, porém por boas obras. O humilde não fale com jactância de si mesmo, nem faça alarde de suas ações. Quem for casto não se orgulhe, pois o dom da castidade não provém dele. Os grandes não podem existir sem os pequenos, nem os pequenos sem os grandes. No corpo humano a cabeça nada pode sem os pés, nem os pés sem a cabeça. O corpo não pode passar sem o serviço dos mais pequenos membros". Expõe em seguida as virtudes e as obrigações próprias de todo o cristão para conservar mutuamente a caridade, e passa a fazer-lhes esta doce admoestação. "Porque há entre vós divisões e rixas? Acaso não temos todos igualmente o mesmo Deus, o mesmo Jesus Cristo, o mesmo Espírito de graça derramado sobre nós, a mesma vocação em Jesus Cristo? Porque pois sendo seus

membros fazemos guerra ao nosso próprio corpo? Somos tão insensatos que esquecemos que uns somos membros dos outros? Vossa divisão, ó fiéis! Tem desanimado alguns, pervertido muitos e nos tem mergulhado a todos na aflição. Cesse depressa este escândalo, prostremo-nos aos pés do Senhor; supliquemo-lhe com abundantes lágrimas, que nos perdoe e restabeleça a caridade fraterna."

Os Coríntios tinham mandado à Roma um fervoroso cristão chamado Fortunato, para que expusesse à Santa Sé a triste divisão daquela cidade. São Clemente encarregou o mesmo mensageiro e mais quatro pessoas que levavam a carta, recomendando-lhes que voltassem logo. Concluía a carta dizendo: "Mandai-nos o quanto antes, em paz com alegria Claudia, Efebo, Valério e Vitão, que vos enviamos com Fortunato para que nos tragam quanto antes a notícia da tão desejada, e por nós tão suspirada, paz e concórdia; deste modo nós também, mais prontamente gozaremos de vossa tranqüilidade." A carta impressionou tanto o ânimo dos Coríntios, que arrependendo-se de suas faltas, reconciliaram-se com seus pastores, pediram perdão e veneraram todas as palavras do Vigário de Jesus Cristo que se achava em Roma.

Terceira Perseguição - o imperador Trajano, embora elogiado por alguns historiadores, como príncipe sábio e clemente, foi o autor da terceira perseguição. Estamos certos disto por sua resposta a Plínio, o moço, governador da Bitínia. Escrevera-lhe este uma carta, consultando-o qual a conduta que deveria ter para com os cristãos, Toda a sua culpa, lhe dizia, consiste em cantar hinos em honra de Cristo; são eles numerososíssimos e os há de idade e condição, nas cidades e nos campos, de forma que os templos de nossos deuses têm ficado quase desertos. Por outra parte sua conduta é pura e inocente; porém sua pertinácia em não querem acatar as ordens do imperador no que diz respeito à religião, é bastante para fazê-los dignos do maior castigo.

Tal é testemunho que dava um perseguidor dos cristãos do seu número e de sua santidade, Trajano lhe respondeu que não era necessário pena de morte, segundo a lei, toda vez que fossem acusados ou conhecidos; resposta absurda, porque

se os cristãos eram culpados, porque não se devia persegui-los? E se eram inocentes, porque deviam ser castigados com pena de morte?

Desterro e martírio de São Clemente - Entre os mártires que padeceram o martírio no reinado de Trajano, conta-se o Pontífice São Clemente. Como pertencia ele a família nobre, o imperador quis ter para com ele algumas condescendências; aduziu razões, promessas e ameaças para induzi-lo a abandonar a fé, porém tudo foi em vão. Irritado o imperador o condenou às minas de Quersoneso Táurico, chamado hoje Criméia.

Depois de uma viagem longa e penosíssima, chegou o santo Pontífice ao lugar de seu desterro, e foi obrigado a trabalhar com uma turma de malfeitores. Muito o consolou a nova de que no meio dos condenados àqueles trabalhos achavam-se cerca de dois mil cristãos, somente culpados de publicamente terem professado sua fé, os quais desejavam ter entre si um ministro sagrado da Religião.

O Pontífice ocupou-se logo de ajudá-los e de prodigalizar-lhe os auxílios da religião, e mitigou não pouco os seus sofrimentos com o seguinte milagre: como não havia água naqueles lugares, deviam transportá-la com grande trabalho de mais de uma milha de distância. À vista disto, São Clemente rogou a Deus por eles e no mesmo instante, como nos tempos de Moisés, brotou ali mesmo uma fonte perene de água cristalina, que satisfaz as necessidades dos cristãos e dos pagãos. Semelhante milagre operado em presença de tão grande multidão, comoveu aqueles infelizes desterrados, e um grande número de infieis abraçou a fé. O imperador, inteirado deste fato, escreveu ao governador do Quersoneso, ordenando-lhe que reprimisse e fizesse voltar à idolatria os recém-convertidos; porém eles preferiram perder a vida antes de abandonar sua fé. Ao mesmo Pontífice, que era seu chefe, ataram uma barra de ferro ao pescoço e o atiraram ao Mar Negro. assim concluiu gloriosamente sua vida o quarto Pontífice, depois de ter governado a Igreja durante nove anos (anos 100). Conta lenda antiga, que as águas do mar, depois da morte de São Clemente, se retiraram três milhas para dentro, deixando ver aos fiéis na

praia um pequeno templo de mármore que encerrava o corpo do santo mártir. Confirma esta tradição uma pintura antiqüíssima descoberta há anos em Roma, no subterrâneo da Igreja de São Clemente. (V. s. Efrem Siro).

CAPÍTULO VIII

Santo Anacleto - São Simeão de Jerusalém - Santo Inácio de Antioquia.

Santo Anacleto - No pontificado de Santo Anacleto sucessor de São Clemente, continuavam os estragos da perseguição. O imperador, muito ligado à idolatria, ocupava-se ele próprio, de vez em quando a interrogar os cristãos, com o fim de confundi-los, e os ameaçava com os mais horríveis tormentos e com a morte mais dolorosa para fazê-los prevaricar. Em tão difíceis circunstâncias São Anacleto empregou os maiores esforços já para que permanecessem firmes na fé os condenados ao martírio, já para refutar as heresias e preparar missionários para enviar em propaganda do Evangelho. Entre as coisas que fez, conta-se a de ter escolhido um lugar particular no Vaticano, perto do túmulo de São Pedro, que destinou para sepultura dos Papas, fez além disso edificar uma capela sobre o túmulo dos Príncipe dos Apóstolos com esta inscrição: *In memoriam Beati Petri construxit*. Esta pequena Igreja, ampliada mais tarde, é o famoso templo de São Pedro no Vaticano. Santo Anacleto depois de doze anos de pontificado, terminou seus dias com o martírio. Cortaram-lhe a cabeça por ter ficado firme na fé, no ano 112.

São Simeão de Jerusalém - Poucos anos depois de Santo Anacleto concluíra também sua carreira mortal São Simeão, bispo de Jerusalém. Durante vários dias fizeram-lhe pa-

decer horríveis tormentos; porém sendo vão todos esforços que faziam, Trajano o condenou a ser crucificado, tendo 120 anos de idade. Assim a última das testemunhas de vista de nosso Redentor padeceu um mesmo gênero de morte. (ano 114).

Santo Inácio de Antioquia - Santo Inácio, bispo de Antioquia era, havia 40 anos, a admiração da grei, que com grandes cuidados conservava na fé no meio das mais sangrentas perseguições. Trajano que se achava então no Oriente, quis discutir com ele sobre a Religião, porém ficando confundido, ordenou que o prendessem e o conduzissem à Roma afim de servir no anfiteatro de Flávio, de espetáculo público ao povo, e ser depois pasto das feras. Ouviu Inácio sua sentença com transporte de alegria, porque ardia de desejo de morrer por Jesus; porém temendo que os fiéis de Roma, por meio de suas orações, obtivessem de Deus a graça que as feras não o devorassem, escreveu-lhes uma carta muito comovedora, pedindo-lhes que não se opusessem a que ele fosse esmagado quanto antes entre os dentes das feras, como o trigo na roda do moinho, para que pudesse assim ser digno de reunir-se o mais depressa, qual alvo pão, a Jesus Cristo por todos os séculos.

Esta carta que contém palavra as mais honrosas para a Igreja de Roma assim principia: "Inácio, chamado também Teóforo, à Igreja que conseguiu misericórdia na magnificência do Pai Altíssimo, e de Jesus seu Filho unigênito; à Igreja querida e iluminada pela vontade d'Aquele que quer todas as coisas segundo a caridade de Jesus Cristo nosso Deus; a qual também preside no lugar das regiões dos Romanos; digna de Deus, digna por decoro, digna de ser chamada bem-aventurada, digna de louvor, digna de obter tudo o que deseja, castamente digna, que preside à ordem universal da caridade, adornada com o nome de Cristo e do Pai que eu também saúdo em nome de Jesus Cristo Filho do Pai; aos que, segundo a carne e o espírito, estão unidos em todos os seus mandamentos, cheios da graça de Deus indivisivelmente, e limpos de toda cor estranha, desejo abundantíssima e incontaminada saúde em Jesus Cristo nosso Deus." Além desta escreveu outras seis cartas cheias de máximas de fé e de caridade; que formam um dos mais preciosos documentos da antiguidade cristã. Chegando à Roma foi con-

duzido para o anfiteatro e atirado às feras, que o dilaceraram logo, não deixando dele mais do que alguns ossos. Estes restos de seu corpo precioso foram levados para Antioquia e depois devolvidos para Roma onde hoje se veneram na Igreja de São clemente. Seu martírio teve lugar no ano 107. Depois de conhecido isto quem se atreverá a elogiar a Trajano, como filósofo justo e clemente? E quem não o colocará antes no catálogo destes tiranos cruéis, violadores dos mais sagrados direitos da justiça?

CAPÍTULO IX

Santo Alexandre 1º em presença de Aureliano - Interrogatório de Santo Alexandre - Martírio de Santo Alexandre e seus companheiros.

Santo Alexandre 1º em presença de Aureliano - A Santo Anacleto sucedeu o Papa São Evaristo, natural de Belém, que ocupou o trono pontifício cerca de nove anos, sendo martirizado no ano de 121. A este sucedeu Santo Alexandre que, ainda muito jovem, pregava com tal eficácia que chegou a converter o prefeito de Roma, chamado Hermetes, sua família e 1250 criados seus. Chegada a notícia aos ouvidos do imperador, este irritou-se muitíssimo com ele, e desde a cidade de Selêucia, onde se achava então, mandou a Roma o conde Aureliano para que condenasse à morte todos os cristãos que descobrisse. Os primeiros encarcerados foram o prefeito e o Pontífice. Fizeram-lhes minuciosíssimos, longos e violentos interrogatórios; experimentou-se o cárcere, a fome, a sede, o ferro e o fogo, porém em vão; antes a pregação e os milagres que em todas as partes fazia o santo Pontífice contribuíam para trazer novas almas à fé.

Interrogatório de Santo Alexandre - "Eu quisera, lhe disse Aureliano, que me fizesses conhecer os mistérios de tua religião, e o prêmio pelo qual deixas tirar a vida com tanta indiferença.

Alexandre respondeu: "O que queres saber é coisa santa, e Jesus nos proíbe falar das verdades da fé aos que desejam saber não para acreditar nelas, porém para escarnecê-las. Não é conveniente, dizia o Salvador, dar as coisas santas aos cães e atirar as pedras preciosas aos porcos."

Como sou eu um cão? Replicou Aureliano encolerizado.

Tua sorte é inferior à dos brutos, respondeu Alexandre; pois estes, sendo irracionais, não podem venerar as verdades da fé que eles não conhecem, ao passo que o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, se recusa conhecê-las ou as despreza, ofende ao Criador, e pagará sua culpa não só com as penas desta vida, mas também com as chamas eternas do inferno.

Responde ao que te pergunto: se assim não o fizeres condeno-te aos tormentos.

Aquele que quer instruir-se na Religião de Jesus cristo deve fazê-lo com humildade e não com ameaças.

Responde ao que te pergunto, e lembra-te que te achas em presença de um Juiz cujo poder é temido em todo o mundo.

Aquele que se jacta de seu poder, está perto de perdê-lo.

Infeliz! Tuas palavras e tua audácia serão castigadas com atrozes tormentos.

Nada fazes de novo fazendo-me atormentar. Porque, qual homem inocente que pode sair com vida de tuas mãos? Junto de ti, unicamente vivem tranquilos os que renegam a Nosso Senhor Jesus Cristo; eu que espero morrer e padecer por Ele, certamente serei atormentado e morto, como o foram o glorioso Hermete e o intrépido Quirino, e todos aqueles que passaram com valor por meio de tormentos para chegar por eles à vida eterna.

Qual a razão que te impele à extravagância de deixar-te matar antes que obedecer às minhas ordens?

Já to disse e repito: não é lícito dar aos cães as coisas santas.

Voltas a me chamar de cão? Basta já de palavras; passemos aos tormentos.

Não temo os tormentos que passam, porém sim aqueles que tu não temes, isto é, os tormentos do inferno que não se acabarão jamais.

Compreendeu então Aureliano que falava inutilmente; por isso ordenou que despissem Alexandre e que o estendessem sobre o ecúleo (instrumento de tortura). Açoitaram-no com varas e o dilaceraram com unhas de ferro.

Enquanto suas carnes caíam em pedaços, punham tochas acesas debaixo de suas chagas; pareciam no entanto que aqueles agudos e penosos sofrimentos não serviam senão para aumentar as ânsias que o santo Pontífice tinha de padecer.

Porque não te queixas? Perguntou-lhe admirado Aureliano. Qual a razão do teu silêncio?

Quando o cristão reza, fala com Deus, e quando pensa n'Ele esquece tudo que aqui em baixo se padece.

Responde a tudo que te pergunto e farei suspender teus tormentos.

Estulto! Faze o que queres; não temo tua crueldade.

Considera ao menos tua idade, ainda não tem 30 anos, e já queres privar-te da vida?

Tem antes mais compaixão de tua alma; pois se eu perco o corpo, salvo a alma, porém se tu perdes a alma, com ela tudo perderás par sempre.

Martírio de Santo Alexandre e seus companheiros - Depois de ameaças, interrogatórios e tormentos inúteis, Aureliano ordenou se acendesse uma fogueira. Quando as chamas chagaram à sua maior intensidade, mandou que atassem juntos Alexandre e Evêncio, e os atirassem nas chamas. Quis também o imperador que um sacerdote chamado Teódulo se achasse presente ao suplício de seus companheiros para

atemorizá-lo. Alexandre vendo-o triste, gritou em alta voz: "irmão Teódulo, vem aqui tu também, porque o quarto companheiro, isto é, aquele anjo que apareceu aos três meninos judeus no forno da Babilônia, se acha também conosco." Então Teódulo se atirou à fogueira. Deus operou então o mesmo milagre que fizera no tempo de Nabucodonosor, pois o fogo perdeu seu poder e não fez dano algum àqueles campeões de fé. Eles vendo-se tão prodigiosamente defendidos, puseram-se a cantar: "Ó Senhor, tu nos hás provado com fogo, e tendo-nos purificado de nossos pecados com tua misericórdia, já não encontraste em nós nenhuma iniquidade".

Furiosamente encolerizado, Aureliano ordenou que tirassem da fogueira Evêncio e Teódulo e que se lhes cortasse logo a cabeça e a Alexandre fez introduzir tantas pontas de ferro no corpo que em pouco tempo exalou o último suspiro. Este martírio teve lugar a 3 de maio de 132.

CAPÍTULO X

Quarta perseguição - São Policarpo em Roma - Santa Felicidade e seus filhos - Heresia de Montano.

Quarta perseguição - Esta perseguição se atribui em grande parte às calúnias que se espalharam contra os cristãos. Cometeram-se nela tais violências que muitas vezes os próprios verdugos se horrorizavam da atrocidade dos tormentos com que os martirizavam, e com grande repugnância cumpriam o bárbaro ofício que se lhes confiava. Governava então a Igreja Pio I que, depois de ter empregado os nove anos do seu pontificado em combater as heresias, em animar os mártires e promover as necessidades da cristandade, fez-se credor da palma do martírio. Cortaram-lhe a cabeça no ano 167. Conta-se entre os mais célebres mártires desta perseguição um juvenzinho

chamado Germânico que animava os outros com o seu exemplo. Antes de expô-lo às feras tentou o juiz seduzi-lo; porém o magnânimo menino disse que preferia antes perder mil vidas, que conservar uma à custa de sua inocência; e dirigindo-se para um leão que se arrojava contra ele, terminou sua vida na boca daquele furioso animal apressurando-se a sair deste mundo para chegar o quanto antes ao Céu.

São Policarpo em Roma - Chegando ao conhecimento de São Policarpo, discípulo de São João Evangelista e bispo de Smirna, a notícia do grande número de hereges que tinham ido à Roma, dirigiu-se ele também para esta cidade no pontificado de São Aniceto, sucessor de São Pio I com o fim de dissipar seus erros. Sua ida à Roma foi muito oportuna, porque tendo sido ele um dos que conversaram com os Apóstolos, gozava sobre todos de uma grande autoridade, e como disse Santo Irineu, muitos dos que se tinham deixado seduzir pelos erros de Valentim e de Marcião voltaram para a Igreja de Jesus Cristo, mediante a eficácia de sua palavra. Persuadido o herege Marcião de que alcançaria uma grande vitória podendo contar o santo bispo como um de seus sectários, tratou de ganhá-lo; e com este fim se lhe apresentou um dia e lhe disse com audácia: "Cognoscis nos?" Conhece-me, sabes quem eu sou? "Sim, respondeu-lhe incontinentemente Policarpo, conheço-te muito bem, e sei quem és Marcião, primogênito de Satanás".

Um dos principais pontos a que se dirigia o zelo de Policarpo, era o de segregar os católicos dos hereges para que permanecesse pura a fé dos primeiros. Eusébio de Cesárea acrescenta que São Policarpo foi a Roma também para conferenciar com o Sumo Pontífice sobre algumas coisas concernentes ao bem da Igreja, conferências que terminaram com caridade de ambas as partes. Também foi à Cidade Eterna para determinar com o Papa, se devia se celebrar o dia da Páscoa no primeiro domingo, depois da lua cheia de março, como se tinha celebrado desde o tempo dos Apóstolos, ou antes do mesmo dia da lua de março, como se fazia em algumas Igrejas da Ásia. Aniceto, ainda que desejasse uniformidade em toda Igreja, julgou oportuno não desgostar aos bispos da Ásia, e tolerou que naqueles países se celebrasse a Páscoa no dito Plenilúnio. Essa

tolerância tinha por fim contentar aos judeus recém-convertidos à fé. (Euseb. liv. 4.º). Aniceto deu prova de grande veneração à santidade e doutrina de São Policarpo, pois permitiu-lhe que celebrasse a Santa Missa vestido de pontifical e administrasse do mesmo modo a comunhão aos fiéis.

Durante sua estada em Roma, soube Policarpo que a perseguição tinha tornado a recrudescer em sua diocese; por isso apressou-se em voltar ao seu rebanho. Pouco tempo depois de ter chegado, foi preso pelos perseguidores e levado ao cárcere. Às palavras do juiz que o exortava a que renegasse Jesus Cristo e o amaldiçoasse, respondeu: "Há 86 que me consagrei a sue divino serviço e nunca recebi dele injúria alguma. Como queres tu que maldiga meu Rei e Salvador?" Depois de muitos sofrimentos foi condenado às chamas em que consumou seu heróico sacrifício.

Santa Felicidade e seus filhos - Santa Felicidade verdadeiro modelo das mães cristãs, pertencia a uma das principais famílias de Roma. Enviuvando resolveu dedicar-se unicamente à sua santificação e a seus filhos. Acusada como cristã foi conduzida perante o prefeito público, que lançou mão de toda sorte de indústrias para fazê-la prevaricar. "O Espírito de Deus, respondia a santa, me faz superior a todo engano e sedução, e enquanto viva não poderás vencer-me, porque se tu me tiras a vida, morrendo eu será muito mais gloriosa a minha vitória. No dia seguinte o prefeito fez conduzir Felicidade e seus filhos a seu tribunal, e disse à mãe: "Se a ti não importa a vida, compadece-te ao menos de teus filhos"; porém ela respondeu-lhe: "A compaixão que tu pedes seria atroz crueldade". Voltando-se logo a seus filhos e mostrando-lhes o céu, disse-lhes: "Vede lá em cima, lá vos espera Jesus Cristo com seus santos, que vos têm aberto o caminho. Mostrai-vos agradecidos a tão magnânimo remunerador, e combatei com um valor digno do prêmio que se vos promete".

O prefeito a fez esbofetear, chamou em seguida seus sete filhos, que, depois de confessar Jesus Cristo com firmeza heróica, morreram um depois do outro em horríveis tormentos. A mãe assistiu com intrepidez a seu martírio, animando-os a perseverar na fé. Por último cortaram-lhe também a cabeça e

misturou assim seu sangue com o de seus filhos na terra, para ir reunir-se com eles na glória do Céu. Pouco depois o Papa Aniceto também sofreu o martírio. Cortaram-lhe a cabeça no ano de 175.

Heresia de Montano - Montano começou a propagar sua heresia no pontificado de Santo Aniceto. Nascido na Frigia e educado na religião cristã foi tomado do espírito da vaidade, e desejou ardentemente ser Bispo; porém como se lhe negasse esta dignidade por sua má conduta, rebelou-se contra a Igreja e começou a pregar mil torpezas.

Suas extravagâncias chegaram a tal ponto que se vendeu ao demônio, o qual o possuía realmente. Acompanhava-o duas mulheres dissolutas e endemoniadas como ele; uma se chamava Prisca e outra Maximila.

Convocou-se na Ásia uma reunião de Bispos e Sacerdotes que depois de um maduro exame, condenou como herege Montano e seus sectários. Então o astuto Montano dirigiu-se a Roma com suas falsas profetizas e conseguiu seduzir vários cristãos incautos; foi tão audaz que se apresentou ao próprio Aniceto para se fazer agregar ao Clero Romano. Conhecendo o Pontífice a sua hipocrisia, excomungou-o como já o tinham feito os Bispos da Ásia. Depois disto Montano e suas profetizas, cedendo ao espírito maligno, se estrangularam por suas próprias mãos.

CAPÍTULO XI

Legião fulminante - São Fotino - Heresia de Marcos e a confissão dos pecados.

Legião fulminante - A São Aniceto sucedeu São Sotero que se distinguiu muito pelos benefícios que fez aos romanos e a todos os fiéis da cristandade. Durante seu pontificado, fez Deus um milagre que foi causa de que o imperador Marco Aurélio olhasse com melhores vistas aos cristãos. Achava-se este príncipe em guerra com uns povos bárbaros, quando estes o cercaram entre as áridas montanhas da Boêmia; seu exército estava rodeado de todas as partes e a falta de água punha seus soldados em iminente perigo de morrer de sede. Afortunadamente achavam-se naquele exército muito cristãos, que sabendo que o Evangelho diz, que se deve recorrer a Deus em todas as necessidades da vida, puseram-se a rezar na presença do inimigo. Este, vendo-os como em um estado de imobilidade enquanto rezavam, pensou que chegara o momento oportuno para atacar; porém no mesmo instante cobriu-se o Céu de nuvens e caiu uma chuva abundantíssima ali onde estavam os romanos, ao mesmo tempo que uma espantosa chuva de pedras acompanhada de freqüentes raios caiu sobre os bárbaros e os dispersou deixando um grande número de mortos e a vitória aos romanos. Estes já estavam a ponto de render-se pela grande sede que sofriam; mas sentindo chover, levantaram seus olhos para o céu a fim de dar graças a Deus, e conjuntamente com a água receberam novas forças e valor. Narram este acontecimento todos os escritores cristãos e gentios daquele tempo. (*V Capitolino, Decio, Tertuliano*). O imperador reconheceu que este favor foi devido às orações dos cristãos, e para conservar sua memória fez esculpir o fato em baixo relevo em uma coluna de mármore que se levantou em Roma, e que ainda existe e se conhece com o nome de Coluna Antonina. Também escreveu uma carta ao senado, participando-lhe o acontecimento e proibiu ao mesmo tempo que se perseguissem os cristãos; porém depressa esqueceu o imperador o favor que recebera.

São Fotino - Alguns anos mais tarde se aticou novamente a perseguição, e muitos cristãos receberam a coroa do

martírio. Entre estes distingue-se São Fotino, Bispo de Lion. Este fora enviado pelo Papa às Galias juntamente com outros eclesiásticos, para pregar o Evangelho. Havia já quarenta anos que ocupava aquela sede, quando seu zelo e os progressos que fazia a palavra de Deus, atraíam para ele a inveja e o ódio dos idólatras. Ainda que enfermo e sem forças arrastaram-no ao tribunal do prefeito e depois de ter sustentado com heróica firmeza um penoso interrogatório, conseguiu a palma do martírio aos 90 anos de idade.

Heresia de Marcos e a confissão dos pecados -

Entre os mais famosos sectários de Valentim, já citados mais atrás, distingue-se o herege Marcos, homem muito astuto e prático na arte de enganar. Jatava-se de possuir o poder de Deus, e também ao de conceder aos outros o poder de fazer milagres, e conhecer o futuro. Levando uma vida devota em aparência, ganhou a estima de muitos que se deixaram arrastar a cometer os maiores excessos de impiedade e libertinagem. Alguns dos enganados tendo mais tarde conhecido o mal em que haviam caído, renunciaram a Marcos e voltaram para a Igreja Católica. "Marcos, disse São Irineu, adotou certas artes para acender as paixões e fascinar... algumas mulheres, que voltando mais tarde para Igreja de Deus o confessaram..., de modo que, certa pessoa da Ásia também caiu nesta desgraça... porque sua mulher... tendo sido pervertida por este mágico... depois tendo se convertido, não cessou de confessar entre lágrimas e gemidos durante o resto de sua vida, o pecado cometido". (Santo Irineu, lib. 1, c. 13). Este é um dos fatos da Igreja primitiva, que nos dá a conhecer como já existia então a prática da confissão sacramental e a crença de que esta tinha sido instituída por Nosso Senhor Jesus Cristo, em virtude da capacidade que tinha dado aos Apóstolos de perdoar os pecados. (*São João, 20*). Dão-nos outra prova desta santa prática as multidões de fiéis que, a contar do tempo dos Apóstolos, iam desde Éfeso ajoelhar-se aos pés dos sagrados ministros, confessando e declarando seus feitos. (*Atos dos Apóstolos, 19*).

CAPITULO XII

Santo Eleutério e os mártires de Lion - São Irineu em Roma - Fim de Marcião e de outros hereges - Conversão dos Bretões ao cristianismo.

Santo Eleutério e os mártires de Lion - Depois do martírio de São Sotero foi eleito para governar a Igreja São Eleutério de Nicópolis, cidade da Grécia. No princípio de seu pontificado, os cristãos de Lion que se achavam presos e carregados de cadeias por confessar sua fé, escreveram-lhe uma carta, e para que fosse mais aceita ao pontífice, enviaram-na por Santo Irineu, discípulo de Policarpo a quem este tinha enviado às Galias para que ajudasse São Fotino na pregação do Evangelho. O fim da carta era pedir ao Papa que se dignasse interpor seus bons ofícios para restituir a paz à Igreja, que então se achava dividida por Montano e seus sectários, dando assim conhecer que os cristãos de Lion reconheciam a eficácia da autoridade do Romano Pontífice sobre toda a Igreja. Nela também se recomendava São Irineu como um sacerdote adornado de preclaras virtudes pois assim dizia: "desejamos que tu, ó Padre Eleutério, sempre e em todas as coisas te portes bem no Senhor. Temos exortado o nosso colega e irmão Irineu para que te levasse esta carta, e te rogamos que nos permitas que to recomendemos como zelador da lei de Cristo. Se nós opinássemos que o grau aumenta a santidade, to recomendaríamos como sacerdote da Igreja, pois que ocupa esse cargo". (*Euseb. H. Ecl.*, 5. c. 4).

São Irineu em Roma - A estada de Irineu em Roma não ficou sem resultado. Pouco tempo antes de sua chegada, o pontífice tinha deposto a dois sacerdotes da Igreja romana, chamados Blasto e Florino, por terem caído na heresia de Simão Mágico, que ensinava que Deus é autor do mal. Santo Irineu teve ocasião de falar com eles e empregou todos os meios que estavam ao seu alcance para trazê-los a melhores sentimentos. Escreveu mais tarde uma carta em forma de livro, na qual refutando seus erros, demonstrava que Deus, fonte de toda a santidade, não pode absolutamente ser autor do mal, conforme aquelas palavras da Escritura: "Não sois um Deus que ama a iniquidade." (*Salmo*, 5).

À vista das recomendações e dos louvores que o clero e o povo de Lion faziam da santidade e zelo de Santo Irineu, o Sumo Pontífice o consagrou Bispo daquela cidade.

Ali se ocupou com a maior solicitude, em difundir o Evangelho por palavra e por escrito. Um de seus escritos, intitulado "*Contra as heresias*" chegou até nós.

O Santo Bispo afirma nele a necessidade que temos de estar unidos com a Igreja Romana, se quisermos ser católicos; e diz ainda, que para saber a verdade, conviria recorrer às igrejas fundadas e governadas pelos Apóstolos; porém sendo muito árdua esta tarefa de consultá-las uma por uma, é suficiente recorrer por todas à Igreja maior, mais antiga, e mais conhecida no mundo, isto é, à igreja fundada em Roma pelos gloriosos Apóstolos São Pedro e São Paulo, pois conserva a tradição recebida de seus fundadores e tem chegado até nós por uma sucessão não interrompida. Com isso confundimos a todos que abraçam o erro por amor próprio, por vanglória, por cegueira ou por qualquer outra causa: é pois necessário que toda a Igreja, isto é, os fiéis de todos os lugares, se dirijam a esta igreja, pois que por motivo de sua principal preeminência, nela sempre conservou-se a tradição que deriva dos Apóstolos.

Fim de Marcião e de outros hereges - Marcião, como todos os outros chefes de heresias, era de uma conduta inexplicável. Tão pronto se arrependia de suas torpezas como se manchava com elas difundindo seus erros; por isso São Eleutério o expulsou definitivamente da comunidade dos fiéis. Passado algum tempo, fingiu novamente voltar ao seio da Igreja, e fez uma exomologese pública, isto é, uma confissão de seus crimes; porém em lugar de apresentar ao pontífice almas convertidas, julgou mais conveniente levar-lhe a soma de 25 mil francos, como um castigo e resgate de seus pecados, acreditando seduzi-lo e atraí-lo a seu partido; mas o santo pontífice, verdadeiro discípulo de São Pedro, recusou o dinheiro, e o rechaçou dizendo-lhe: "Eu quero almas e não riquezas", e não levantou-lhe a excomunhão. A morte não tardou muito a arrebatá-lo deste mundo a Marcião obrigando-o a apresentar-se perante o tribunal de Deus. A mesma excomunhão caiu também sobre Valentim e Cerdão que terminaram miseravelmente seus

dias. Ainda estão em Roma os sectários de Montano, que na confiança de poder enganar o povo com excessos de penitência exterior, tinham introduzido a prática das três quaresmas, juntando-lhes fins supersticiosos. Santo Eleutério, para ter de sobre-aviso os fiéis, confirmou a condenação que tinha pronunciado Santo Anacleto contra eles e definiu que todos os alimentos, em si, eram lícitos, porque todos foram criados por Deus em benefício do homem. Esse decreto em forma de carta, se dirigia especialmente aos fiéis da Galia que mandaram a Roma Santo Irineu para consultar sobre as citadas sobreditas dúvidas. (*Barc. sec. 2*).

Conversão dos Bretões ao cristianismo - Durante o pontificado de Santo Eleutério, no reinado de Cômodo, a Igreja de Jesus Cristo gozou de suficiente paz. Este imperador, ainda que inimigo dos cristãos, ocupou-se de outros assuntos relativos a seus estados, sem imiscuir-se na religião; por isso a fé cristã pode dilatar-se e levar seu influxo benéfico até os mais longínquos países.

A ilha da Grã-Bretanha (que como veremos, chamou-se depois Inglaterra), recebeu neste tempo o Evangelho. Acredita-se que os primeiros germens do cristianismo foram levados à aqueles habitantes por José de Arimatéia que para ali fora com o fim de pregar com alguns companheiros; porém as superstições pagãs e as longas guerras os sufocaram de tal modo que quase não deixaram fruto algum. Existiu porém, neste tempo um rei daquela nação chamado Lúcio, que tinha sido deixado ali pelos romanos como príncipe tributário, e que resolveu-se fazer-se cristão, admirado da santidade de alguns cristãos que foram àqueles países, e recordando o que seus antecessores haviam dito, ou quiçá deixado escrito sobre a religião católica.

Neste objetivo mandou ao Papa Santo Eleutério dois embaixadores com uma carta, em que pedia-lhe mandasse alguns missionários, para que pregassem o Santo Evangelho a seu povo. O Sumo Pontífice recebeu com bondade os embaixadores, e correspondeu aos desejos do rei enviando-lhe como apóstolos os sacerdotes Fugácio e Damião.

Lúcio os recebeu com transportes de alegria; instruíram-no estes na fé conjuntamente com a rainha, a família real e muitos do povo, e deram-lhes o batismo, estabelecendo assim o cristianismo naquela ilha. (V. *Gildas e o veneravel Beda, hist. C. 1*)

Não sobreviveu muito Santo Eleutério à conversão dos Bretões. Consumido pela idade, e pelos sofrimentos anexos a seu ministério, foi gozar da verdadeira felicidade no ano 193 depois de um pontificado de mais de quinze anos.

CAPITULO XIII

São Vitor e Tertuliano - Os dois Teódotos - Septimio Severo e quinta perseguição - Martírio de São Vitor, Irineu, Felicidade e Perpétua - São Zeferino e o herege Natal.

São Vitor e Tertuliano - São Vitor I, Africano, sucedeu a São Eleutério no ano de 193. Em princípios de seu pontificado foi a Roma Tertuliano, homem de grande engenho, conhecido já pelos seus escritos cheios de profunda doutrina, benemérito da religião cristã por tê-la defendido vigorosamente contra os idólatras e os hereges, e por ter cientificamente exposto algumas de suas doutrinas. Porém quer porque São Vitor não lhe desse o bispado de Cartago, que segundo parece ele desejava, quer porque o mesmo romano pontífice condenasse, a heresia de Montano, para o qual ele já começava a inclinar-se, o certo é que saiu de Roma irritado, e voltando à sua pátria declarou-se abertamente contra a Igreja. Tremamos pela queda de Tertuliano, e nos persuadamos de que não é a ciência que faz os santos, porém sua humildade e submissão aos nossos legítimos superiores, especialmente ao vigário de Jesus Cristo. Achando-se Tertuliano despedido destas duas virtudes, caiu em heresia e morreu, quanto é possível conjecturar,

sem dar sinais de arrependimento.

Os dois Teódotos - Dois hereges, ambos chamados Teódoto, deram muito trabalho ao novo pontífice. Um deles se apelidava Teódoto. Nascera em Bizâncio, cidade que mais tarde chamou-se Constantinopla. Ainda que dedicado aos misteres de seu ofício, comerciante de peles, era, contudo, muito instruído nas Sagradas Escrituras. Tendo sido acusado como cristão na perseguição de Marco Aurélio, ofereceu-se denodadamente a sofrer o martírio; porém infelizmente não sentiu-se com ânimo bastante para sustentar com fatos o que afirmava com palavras, e negando sua fé, perdeu a coroa com que foram cingidos seus companheiros. Para fugir ao opróbrio em que tinha caído, foi a Roma, pensando que viveria ali desconhecido; porém o badão de sua ignomínia nunca abandono o culpado; reconhecido pelos romanos, todos fugiam e ninguém queria participar com ele nas coisas sagradas. Irritadíssimo por isto Teódoto, começou a pregar claramente o erro, ensinando que Jesus Cristo não era Deus, o que equivalia a negar o Evangelho e a todas as verdades. Uniu-se a este outro herege igualmente chamado Teódoto, ourives de profissão. Como é de supor-se, ó leitor, dois operários, peleiro um, e outro ourives, deviam ter poucos sectários! Porém não foi assim, porque a novidade, quando afaga as paixões, sempre atrai aos incautos e aos ignorantes; por isso foram muitos os sectários dos dois Teódotos, que se chamaram depois Teodocianos, devido ao nome de seus autores. São Vitor dirigiu suas solitudes contra eles; condenou sua heresia, excomungou seus autores, e declarou que já não pertenciam à Igreja de Jesus Cristo todos os que seguissem os erros desses dois desgraçados.

Desta maneira a Igreja Católica triunfava da heresia e dava a conhecer ao mundo a verdade daquelas palavras que dirigiu Jesus Cristo a São Pedro, nele a todos seus sucessores: Roguei por ti, ó Pedro, para que não desfaleças na fé! (*V. Eusébio, lib. 5*).

Septímio Severo e a quinta perseguição - A perseguição de Septímio Severo, que é a quinta contra os cristãos, começou no ano de 202. Atribui-se sua origem ao terem os cristãos se recusado a tomar parte em certa festa dos deuses, pelo

que os pagãos os acusaram ao imperador, dizendo-lhe que eram eles seus maiores inimigos. Este, demasiado crédulo em os escutar, ordenou que todos os cristãos deviam jurar pelo nome do imperador e oferecer-lhe honras divinas. Negando os cristãos a obedecer-lhe, foi declarada aberta a perseguição. Tertuliano afirma que as cruzes, o ferro e o fogo, a água fervendo, as espadas e as feras se achavam todos os dias em exercício contra os cristãos para fazê-los apostatar ou dar-lhes a morte, caso permanecessem firmes na fé.

Martírio de São Vitor, Irineu, Felicidade e Perpétua - No meio de tantos males, São Vitor trabalhou sem descanso, até que abatido pelas fadigas e pela idade depois de um pontificado de mais de dez anos, ganhou a palma do martírio no ano de 203 a 28 de julho.

A perseguição estendeu-se também nas Galias principalmente em Lion, onde São Irineu selou com seu sangue seu trabalhoso ministério. Sabendo o Imperador que a cidade permanecia firme na fé por obra de seu zeloso pastor, ordenou que fosse cercada de soldados e que se matassem os cidadãos. A matança foi geral, e uma inscrição antiga que ainda existe em Lion, nos diz que o número dos mártires subiu aos dezenove mil, sem contar as mulheres e as crianças. Não foi menos violenta a perseguição em Cartago, onde Santa Perpétua e Santa Felicidade, acompanhadas de um grande número de mártires, foram morrer com tanta alegria que só pode ser inspirada por aquele Deus por cujo amor davam sua vida.

São Zeferino e o herege Natal - São Zeferino, sucessor de São Vitor, teve o consolo de se conciliar com a Igreja o herege Natal. Este já tinha confessado valorosamente sua fé em presença dos juízes; porém posto em liberdade, deixou-se seduzir por uma soma considerável de dinheiro que lhe ofereceram os Teodocianos, dos quais se havia feito chefe. Porém Jesus Cristo para não permitir que já tinha confessado sua fé, apareceu-lhe repetidas vezes em sonho, repreendendo-o do seu enorme crime. Não fazendo Natal muito caso destas aparições, uma noite foi bruscamente açoitado por mão invisível. Este prodigioso castigo trocou-se para ele em medicina saudável, pois que na manhã seguinte se vestiu com um saco, cobriu

a cabeça de cinza e foi ajoelhar-se aos pés do Papa, e derramando lágrimas confessou todos os seus pecados. Em seguida, abraçando os joelhos de quantos que se achavam presentes, clérigos e leigos, mostrou-lhes os sinais dos açoites com que tinha castigado e as cicatrizes das chagas recebidas por confessar o nome de Jesus, e pediu com grande humildade a clemência da Igreja e a misericórdia divina. Semelhante prodígio, que, que se tivesse tido lugar em Sodoma, disse Eusébio de Cesaréia, teria levado a fazer penitência todos os habitantes daquela infeliz cidade, comoveu todos os circunstantes. O Pontífice recebeu com carinho a Natal, absolveu-o da excomunhão e o admitiu novamente à comunhão dos fiéis.

Este fato nos demonstra claramente, como desde os primeiros tempos da Igreja se acreditou que aquele que apostatava caindo na heresia, se arrependia-se de sua falta e desejava entrar novamente para Igreja devia ir a Roma para reconciliar-se com o Chefe supremo da religião e receber a absolvição do delito. O Papa São Zeferino morreu pela fé no ano 220 depois de quase dezoito anos de glorioso pontificado.

CAPÍTULO XIV

Igreja de Santa Maria em além do Tevere - Cemitérios e túmulos - Catacumbas e Criptas - Martírio do Papa São Calixto.

Igreja de Santa Maria em além do Tevere - Três coisas especialmente fazem glorioso o pontificado de São Calixto, sucessor de São Zeferino: a basílica de Santa Maria, o cemitério chamado de São Calixto e seu martírio. Começemos pela basílica Transtiberina.

Conta uma antiga tradição, que em uma parte de Roma no dia do nascimento do Salvador, brotou prodigiosamente uma fonte de azeite, que continuou saindo todo aquele dia. Os

cristãos que conservavam viva a lembrança daquele prodígio, costumavam reunir-se ali para fazer suas práticas de piedade; porém alguns homens maus em seguida levantaram naquele lugar uma casa de dissolução. Abriram também algumas tavernas, e para chamar o povo exerciam ali toda sorte de especulações. Os pagãos faziam isto com tanto maior ousadia, por quanto os fiéis eram ainda o alvo dos insultos de todos. Porém tendo morrido a imperador Heliogábalo, por felicidade sucedeu-lhe outro chamado Alexandre Severo que não os perseguiu, antes porém em princípio de seu reinado os favoreceu de diferentes modos. Amava sua religião; ate mandou colocar uma imagem de Jesus Cristo em seu palácio, e alguns pensam que reconheceu e professou ocultamente a fé.

Os cristãos, depois de terem pedido repetidas vezes àqueles taberneiros que não continuassem molestando-os, contando com o favor do imperador, apresentaram-lhe mais queixa: o mesmo fizeram os pagãos. Ambos os partidos pretendiam que o imperador decidisse a quem deles devia entregar aquele lugar: os cristãos na defesa de sua religião, e os taberneiros em proveito de seus interesses.

O imperador ouviu com atenção uns e outros e depois perguntou: "Que Deus é que ali se quer adorar?" Responderam-lhe: "é o Deus dos cristãos." O imperador tomou: "é melhor que esse lugar seja destinado ao culto de qualquer Deus, do que ficar em mãos de taberneiros." Por causa destas palavras os taberneiros retiraram-se e deixaram livres os cristãos. Esta nova consolou muito a São Calixto, que para demonstrar sua gratidão para com Deus por tão grande benefício, animou os fiéis a levantar naquele mesmo lugar uma Igreja que foi a primeira que se construiu publicamente em Roma em honra da Bem-aventurada Virgem Maria: e para conservar a memória do milagre do azeite, quis que se dedicasse ao nascimento de Jesus para honrar assim o nome de Jesus, o qual, a semelhança do azeite, comunica suas graças e benção aos nossos corações. Esta Igreja se considerou em seguida como uma das primeiras basílicas de Roma, próximo do altar mór ainda se vê um pequeno furo revestido de mármore, que mostra o lugar do prodígio. (*V. Baronio ano 224 Boll. 14 de Outubro.*)

Cemitérios e Túmulos - A memória dos mortos sempre foi considerada sagrada por todos os povos antigos e modernos, quer bárbaros quer civilizados. Esse afã em respeitar e fazer respeitar as cinzas dos defuntos nasce da convicção que todos temos de que depois da morte aguarda à alma uma eternidade feliz ou desgraçada, conforme seu mérito, tendo também o corpo de ressuscitar um dia, para voltar a reunir-se à alma para juntos gozarem ou padecerem eternamente.

Antigamente havia uma lei, entre os Romanos, que proibia sepultar os cadáveres dentro da cidade; por isso os sepultavam no campo e mata, às vezes depois de terem sido queimados ou reduzidos a cinza. Os cristãos, que sempre abominaram este desumano costume de queimar com fogo os corpos de seus semelhantes, especialmente se eram seus irmãos pelo batismo, prepararam lugares nos arredores da cidade, que se chamaram *cemitérios*, *túmulos*, *catacumbas* e *criptas* onde sepultavam os cadáveres dos fiéis.

A palavra *cemitério* deriva-se do grego e significa *dormitório*: com este nome os cristãos dão a conhecer de uma maneira muito sensível sua fé na ressurreição universal de todos os corpos, no fim do mundo, para ir gozar de uma nova vida. Por isso eles não consideravam os cadáveres sepultados em tais lugares como mortos para sempre, porém tão somente como dormindo, devendo despertar um dia, ao som da trombeta dos anjos. Quão doce, quão consoladora e sublime é esta palavra cemitério, nome que damos ao lugar onde se sepultam os que morrem na paz de Jesus Cristo! Só esta palavra basta para mostrar a diferença que há entre a Igreja do Salvador, na qual tudo é vida e esperança de vida, e o paganismo e o protestantismo nos quais tudo é morte. Com a palavra *túmulo*, tão frequentemente usada na antiguidade, costumavam-se indicar os lugares onde se colocavam os corpos dos mártires, para os quais se faziam escavações particulares.

Catacumbas e Criptas - *Catacumba* também é uma palavra grega que entre nós quer dizer *perto dos subterrâneos*, porque os sepulcros dos cristãos em alguns lugares, e especialmente em Roma, foram estabelecidos em caminhos feitos de baixo da terra com o fim de receberem os corpos dos fiéis.

Como frequentemente se faziam estas escavações próximas de certos lugares donde se extraía uma qualidade de areia, chamada porcelana, que servia para a composição do cimento, às vezes as catacumbas e os cemitérios chamavam-se também *arenários*. As catacumbas, porém ainda que estivessem por baixo ou por cima das escavações, contudo eram coisas mui diversas. A catacumba chamada de São Calixto, tomou o nome deste Papa pelas muitas obras que nela fez executar.

Sobre uma lápide de mármore colocada na entrada deste cemitério lê-se o seguinte: *"este é o cemitério do inclito pontífice São Calixto Papa e mártir. Todo aquele que confesado e arrependido de seus pecados entrar nele obterá inteira remissão de seus pecados; e isto pelos méritos dos cento e setenta mil gloriosos mártires, e quarenta e seis Pontífices cujos corpos aqui em paz descansam. Eles, sofrendo grandes tribulações neste mundo, fizeram-se herdeiros da glória do Senhor, em cujo nome aceitaram a morte."* (Boll. do dia 14 Outubro.)

Nestes subterrâneos encontram-se aposentos aos quais se dá o nome de *Criptas*, outra palavra grega que significa *escondidas*. Esses eram os oratórios dos primeiros cristãos, quando, por causa das perseguições, não podiam-se reunir publicamente, e eram obrigados a esconder-se. Em certos dias e horas marcadas reuniam-se ali para assistir a santa Missa, ouvir a palavra de Deus, receber o sacramento da penitência, receber a sagrada Eucaristia e fazer as demais práticas religiosas. O santo sacrifício oferecia-se geralmente sobre o túmulo de um mártir que fazia pouco tempo tinha morrido pela fé.

Martírio de São Calixto - Durante o pontificado de São Calixto a Igreja não teve de sofrer nenhuma perseguição geral, porque imperador Alexandre Severo se mostrava benévolo para com os cristãos. Segundo parece venerava a Jesus Cristo, como digno de honras divinas, e conservava sua imagem em um pequeno templo que tinha em seu palácio, e teria feito edificar um templo público ao Deus dos cristãos, se os pagãos não lhe tivessem feito observar que assim fazendo, ficariam desertos os templos dos deuses. Não obstante achando-se ele fora de Roma, pereceram muitos cristãos, entre os quais se

conta São Calixto vítima de uma insurreição popular. Posto em prisão, como chefe dos cristãos, foi açoitado com varas, quase até receber a morte; atiraram-no depois por uma janela e com uma pedra ao pescoço afundaram-no em um poço. Este martírio teve lugar pelo ano de 227. Próximo da basílica de Santa Maria em além do Tevere, acha-se ainda o poço em que atiraram o nosso santo (*V. Artaud em S Cal.*)

CAPITULO XV

São Urbano e Santa Cecilia - Seu martírio.

São Urbano e Santa Cecilia - A São Calixto sucedeu São Urbano que pertencia a uma rica e nobre família romana. Desde simples sacerdote tinha trabalhado com zelo pela fé durante o pontificado de seus três antecessores. Acusaram-no várias vezes como cristão; levaram-no ao cárcere e perante os juízes; porém sempre venceu todos os sofrimentos, confessando intrepidamente a Jesus Cristo. Sua eleição para o pontificado teve lugar no ano 227. Enquanto se achava empenhado em ordenar a disciplina da Igreja, voltou a tomar vulto a perseguição de Alexandre Severo. Urbano prevendo o grave perigo que corria se continuasse cumprindo publicamente o sagrado ministério, escondeu-se nas catacumbas onde viveu ignorado dos perseguidores, porém conhecido dos Cristãos, que podiam recorrer a ele em todas as suas necessidades. Entre os que instruiu na fé achava-se uma dama romana, chamada Cecilia, que desde o momento em que recebeu o Batismo, concebeu tal amor à virtude, que fez voto a Deus de sua virgindade. Para guardar dignamente esta virtude, recomendava-se com frequência ao seu Anjo da Guarda que muitas vezes aparecia-lhe visivelmente. Na idade de vinte anos, seus pais quiseram obri-

gá-la a casar-se com um jovem muito rico chamado Valeriano; porém chegando o dia das bodas, Cecilia chamou ao jovem a quem tinha sido prometida e disse-lhe:

Valeriano; eu tenho um anjo que zela por meu corpo, porque está consagrado a Deus; ai de ti se te atreves a profaná-lo!

Valeriano que desejava ver o anjo, respondeu-lhe:

Só acredito no que me dizes, se eu vir o anjo de que me falas.

Para ver este anjo tens de purificar-te, e acreditar que há um só Deus vivo e verdadeiro.

O que devo fazer para purificar-me?

Há um homem que sabe purificar os outros fazê-los capazes de ver os anjos. Vai à via Apia a três milhas desta cidade, ali encontraras uma reunião de pobres, pergunta-lhes onde vive o velho Urbano; ele te purificará por meio de uma água misteriosa, e depois verás o anjo.

Valeriano foi no mesmo instante procurar São Urbano e lhe expôs tudo o que Cecilia lhe dissera. O Pontífice o recebeu com bondade, e deu graças a Deus com as seguintes palavras: "ó Senhor Jesus, verdadeiro Pastor e Redentor das almas! Abençoi vossa serva Cecilia que, qual abelha industriosa trabalha para vos servir, pois que seu prometido de leão furioso transformou-se em manso cordeiro. Agora dignai-vos,

Senhor, completar vossa obra e fazer que seu coração se abra à graça, e Vos conheça a vós sumo Criador, renuncie ao demônio, às pompas e aos ídolos."

Enquanto o Papa assim falava, apareceu São Paulo Apóstolo sob o aspecto de um venerando ancião, e disse a Valeriano: "lê o livro que te entrego e se tiveres fé serás purificado e verás o anjo de que te falou Cecilia." Valeriano abriu o livro tremendo e leu estas palavras: "Há um só Deus Pai de todas as coisas, Senhor de tudo, que a todos nós governa."

Acreditas no que leste? Perguntou-lhe São Paulo.

Sim, e o creio firmemente. Dizendo estas palavras, desapareceu o ancião. Então Urbano animou Valeriano, instruiu-o nos mistérios da Religião, administrou-lhe em seguida o batismo, e depois de ter passado com ele a noite em oração, disse-lhe que voltasse para ver Cecilia. Foi Valeriano e a encontrou rezando, tendo a seu lado o anjo do Senhor em forma humana. Trazia em suas mãos duas coroas entrelaçadas com rosas e assucenas, pôs uma delas sobre a cabeça de Cecilia e a outra sobre de Valeriano, dizendo-lhes:

Trabalhai, jovens, para conservar estas coroas com pureza de coração e santidade de vida. Trouxe-as do jardim do Paraíso: estas flores jamais murcharão. Agora, Valeriano, venho da parte de Jesus para te conceder tudo o que pedires.

Anjo de Deus! Exclamou Valeriano, não te peço mais do que a conversão de meu irmão Tibúrcio.

Ser-te-a concedido o que pedes, respondeu-lhe o anjo; da mesma maneira que Cecilia te converteu a fé, tu converterás teu irmão Tibúrcio e ambos alcançareis a palma do martírio; e assim dizendo, desapareceu.

Valeriano contou a seu irmão Tibúrcio as maravilhas que tinha visto, e depois o conduziu

ao Papa Urbano que o instruiu na fé e administrou-lhe batismo.

Martírio de Santa Cecilia e de seus companheiros - Quando chegaram aos ouvidos de Almáquio, prefeito de Roma, as novas da conversão e do zelo de Valeriano e Tibúrcio, chamou-os a sua presença e fez-lhes um sem número de perguntas; porém, confundido com suas sábias respostas e não sabendo que partido tomar, disse-lhe um de seus assessores para tira-lo das dificuldades. "Condenai-os ambos à morte e ficai com seus bens." Seguindo este conselho, Almáquio os mandou levar ao templo de Júpiter, para serem ali decapitados se não oferecessem incenso a uma divindade. Maximo, secretário do prefeito, acompanhava-os ao lugar do suplício com uma escolta de soldados; contemplando, porém, aqueles nobres jovens indo à morte como se fossem para um grande fes-

tim, sentiu-se também ele com desejos de abraçar a fé. Com o fim, pois, de que o instruissem na Religião, levou-os à sua casa, onde a graça de Deus o venceu de tal modo que ele, sua família e outros acreditaram em Jesus Cristo. Tendo ido ali durante a noite o Papa Urbano com outros sacerdotes e Santa Cecilia, e encontrando-os suficientemente instruídos, lhes administrou logo o batismo. Poucos minutos depois chegou o verdugo, que com transporte de furor cortou a cabeça aos dois irmãos Valeriano e Tiburcio, cujas almas voaram a habitar eternamente o Céu. Nesse mesmo dia recebia Máximo a coroa do martírio.

o prefeito, não encontrando dinheiro algum na casa de Tiburcio e Valeriano, voltou seu furor contra Urbano e Cecilia; e não podendo encontrar Urbano, enviou seus esbirros à casa de Cecilia.

Esta, porém, que se tinha transformado em apóstola de Jesus Cristo, falou-lhes de tal modo, que os converteu a fé: em seguida mandou chamar Urbano que lhes administrou os sacramentos do batismo e da confirmação. Quase chega a quatrocentos o número das pessoas que se batizaram nessa ocasião, entre soldados e outra gente. Ao chegar ao conhecimento de Almáquio a conversão dos seus próprios emissários, mandou que conduzissem Cecilia ao seu tribunal, e começou por convidá-la a que não se obstinasse, a Santa, porém, respondeu-lhe:

Eu me considero ditosa em confessar Jesus Cristo em qualquer lugar e a despeito de todos os perigos: não tenho medo de poder algum contrário as leis do meu Deus.

Ignoras acaso que nossos invictos imperadores e nossas leis castigam com a morte aos que se declaram cristãos, ao passo que premiam com muita liberalidade aos que renegam sua Religião?

Vós e vossos imperadores cometeis um erro indizível; e a lei que proclamais não prova mais do que uma só coisa, é e que vós sois cruéis e nós inocentes, porque se o nome do cristão fosse um crime, nós mesmos faríamos o que pudéssemos para negá-lo.

Vamos, donzela miserável, não sabes que nossos invictos príncipes puseram em minhas mãos o poder de vida e morte? Como te atreves a falar me com tanta arrogância?

Falei-te com firmeza e não com arrogância; além disso disseste que teus príncipes deram-te o poder da vida e morte; isto é falso. Tu não tens mais do que o poder de dar a morte; podes tirar a vida aos vivos, porém não a podes dar aos mortos.

Acaba; deixa teu atrevimento; sacrifica aos deuses e salva tua vida. Ali tens no pretório as estatuas que debes incensar.

Como é isto, prefeito? Até falta-te o sentido da vista? Eu não vejo aqui mais do que pedras, bronzes e algum outro metal; estes por certo são divindades. Apalpa essas estátuas se e que as vês, e sentirás que são corpos, porém não espíritos, que não merecem mais honra do que a de serem atiradas ao fogo. Quanta a mim, creio que somente Jesus Cristo é o que pode livrar minha alma do fogo eterno.

Almáquio para evitar tumultos no povo que amava muito Cecília por suas obras de caridade, mandou que se the desse a morte ocultamente em sua casa. Os verdugos atiram-na dentro de uma estufa, que era uma espécie de aposento para tomar banhos a vapor, e aqueceram-na bastante para faze-la morrer sufocada; Cecília, porém, não só saiu ilesa se não que Deus a confortou com sua prodigiosa presença como ja o tinha feito com os três meninos no fomo de Babilônia. Ao saber isto, Almáquio ordenou que imediatamente lhe cortassem a cabeça; porém, como não pudesse o verdugo nem ao terceiro golpe separá-la do tronco ficou ali Cecília três dias agonizando e nadando em seu proprio sangue. Os pobres que tinham gozado de seus beneficios, com muitos outros cristãos, sem se importarem com o perigo a que se expunham iam valorosamente visitá-la, e ela os exortava a que fossem constantes na fé. São Urbano também correu pressuroso a assisti-la durante aqueles prolongados sofrimentos, e ela vendo junto a si o Vigário de o Jesus Cristo exclamou: "Beatíssimo Padre, dou graças a Deus, que em sua grande misericórdia dignou-se ouvir minha oração.

Eu lhe tinha pedido que me desse ainda três dias de vida para que pudesse ser consolada com vossa presença e recomendar-vos ao mesmo tempo algumas coisas. Peço-vos, pois, que cuideis de meus pobrezinhos, dai-lhes tudo que encontrardes em minha casa; esta transformai em Igreja para que possa servir para sempre aos fiéis, que ali se queiram reunir para cantar as glórias do Senhor." Dizendo estas palavras, sua alma voou ao céu a 22 de Novembro do ano 232, poucos meses antes da morte de São Urbano. A casa de Cecília converteu-se realmente em capela, onde se vê ainda a estufa dentro da qual se queria sufocar esta santa virgem.

Martírio de São Urbano e de seus companheiros -

Depois do martírio de Santa Cecília, São Urbano voltou as catacumbas; mas tendo sido descoberto pelos perseguidores, foi conduzido também ao tribunal de Almáquio, juntamente com três diáconos e dois sacerdotes. Sendo vãos todos os esforços que aquele fez para convencê-los a incensar Júpiter, ordenou que os metessem em um escuro calabouço. Tiraram-nos daí quatro vezes para os levar ante o tribunal do prefeito, onde foram interrogados e atormentados. O carcereiro Anolino, comovido pela firmeza de Urbano em suportar os tormentos, converteu-se, recebeu o batismo das mãos de São Urbano e pouco depois cortaram-lhe a cabeça.

Cansado, Almáquio disse a Carpásio seu emissário: "Conduzam estes pela última vez ao templo de Júpiter e se não oferecerem incenso, corte-se-lhes logo a cabeça." O mesmo quis acompanhá-los com uma multidão de soldados. Os santos confessores, para manifestar a alegria que inundava seus corações, puseram-se a cantar: "Ó Senhor! Temos sido inundados de consolação confessando publicamente vossa santa lei; nossos corações estão cheios de alegria qual não estariam gozando de todas as riquezas do mundo."

Assim que Urbano viu a estátua de Júpiter, apoderou-se dele uma dor profunda, pelas abominações que diante dela se cometiam, e disse em voz alta: "Destrua-te o poder de nosso Deus"; e ao pronunciar estas palavras, caiu por terra a estátua, como ferida por um raio, e se reduziu a pó. Ao mesmo tempo caíram mortos os sacerdotes, que em número de vinte e dois,

ministravam o fogo para o sacrifício.

Ao ver esse espetáculo, fugiram os soldados, e o próprio Almáquio espantado foi esconder-se em sua casa. Depois de algum tempo, ao considerar o fato, não sabia dar-se-lhe a razão de como sua ciência, com seu poder, com suas ameaças e suplícios não tinha podido induzir Urbano a que oferecesse incenso aos deuses. Para isso mandou-os trazer pela última vez ante seu tribunal e lhes disse:

Ate quando abusarei de minha paciência, seguindo essa arte mágica? Acreditais talvez que ela sirva para vos livrar de minhas mãos?

Eles responderam-lhe: Sabemos que nosso Deus é poderoso. Se Ele quiser, pode livrar-nos de ti como livrou os meninos hebreus das mãos de Nabucodonosor e do fogo ardente. E se nos acha dignos d'Ele, e não quer nos livrar, garantimos-te que para nós será uma glória o dar a vida pelo nosso Criador; porém nunca obedeceremos as tuas ordens injustas.

Tendo perdido Almáquio toda esperança de os poder persuadir, mandou que os estendessem por' terra e os açoitassem por muito tempo. Foi tão cruel este castigo que um dos diáconos morreu entre os tormentos. São Urbano os animava e exortava a que não se assustassem com as penas passageiras, pois ver-se-iam livres das penas do inferno que nunca acabam e ganhariam a glória eterna do céu. Vendo Almáquio que os açoites não produziam efeito algum, ordenou que os esfolassem com afiados garfos de ferros, de modo que suas carnes caíam em pedaços. Entretanto os verdugos tiraram com tal furor do tribunal a dias depois Almáquio mandou levar Urbano e seu clero ao templo de Diana, para que fossem ali decapitados. Conhecendo que finalmente iam terminar seus sofrimentos, disse a seus companheiros:

Coragem, meus filhos, o Senhor nos chama dizendo-nos: "Vinde a mim todos os que estais atribulados e oprimidos, que eu vos aliviarei." Até agora nós o temos visto somente como num espelho, porém já estamos próximos de vê-lo face a face.

Ao chegar ao lugar do suplício, estando impacientes para sofrer o martírio, disseram todos a uma voz aos seus verdugos: "Fazei logo o que quiserdes." O santo Pontífice deu-lhes a bênção apostólica, e depois de terem feito todos o sinal da cruz, ofereceram a Deus suas vidas rogando desta maneira: "ó Senhor dignai-vos receber-nos segundo vossas promessas, para que possamos viver por Vós, e com vosso adjuntório possamos chegar à posse daquela glória que em vosso reino se goza por todos os séculos." Dizendo estas palavras, ajoelharam-se e lhes foi cortada a cabeça. Este fato teve lugar a 25 de Maio do ano 233.

CAPITULO XVI

Sexta perseguição - São Ponciano, São Antero e Santa Barbara - Morte de Maximino - Sétima perseguição e São Fabiano - Fim da sétima perseguição - São Gregório Taumaturgo - São Paulo, primeiro eremita.

Sexta perseguição - A tolerância de Alexandre para com os cristãos, foi um motivo para que Maximino, seu assassino e sucessor, os odiasse com mais encarniçamento. Com o fim de ter um pretexto para persegui-los, lhes atribuiu a derrota de seus exércitos, a peste, a carestia, os terremotos e outras coisas que naqueles tempos desolavam o império romano, como se esses males fossem o efeito da cólera dos deuses pela tolerância que se tinha para com os fiéis de Cristo.

Porém o fato que mais excitou a indignação do imperador, foi o santo valor de um de seus soldados. Quando Maximino foi proclamado imperador fez, conforme se costumava então alguns presentes a seus soldados. Todos os homens que compunham o exército, deviam aparecer perante ele, para re-

ceber aqueles dons, com uma coroa de louro na cabeça; mas um dos soldados, suspeitando que essa prática, naquelas circunstâncias, importava um sinal de idolatria, levou a coroa na mãos. Perguntando-lhe um oficial a razão daquela singularidade, respondeu-lhe: "Sou cristão e minha religião me proíbe levar na cabeça vossa coroa se fazendo, assim pudesse, eu parecer Idólatra." Tiraram-lhe no mesmo instante o uniforme militar e levaram-no preso. Alguns fiéis pensavam que se podia levar tal coroa como sinal de festa cívica sem incorrer em culpa alguma. Nesta ocasião Tertuliano escreveu um livro intitulado: *Da coroa do soldado*; nele demonstra que naquele caso tal cerimônia era um ato de idolatria, e como tal ilícito, pois é fora de dúvida que muitas vezes, a moralidade das ações depende da interpretação exterior que lhes dão os homens.

São Ponciano, São Antéro e Santa Barbara - Maximino decretou no mesmo instante uma perseguição contra todos os cristãos. Quando porém soube que estes constituíam uma grande parte de seus súditos, limitou-se a proibir que se abraçasse a religião que eles professavam, e ao mesmo tempo deu ordens para que se desse morte particularmente aos Bispos, pois que eles eram os autores dos progressos do cristianismo. A vítima principal do furor de Maximino foi São Ponciano. Desterraram-no para a pequena ilha de Tavolara na Sardenha, e depois de dois anos de cadeia e sofrimentos, condenaram-no a morrer a pauladas. Sua morte teve lugar no ano 238. Sucedeu-lhe Santo Antero, ao qual cortaram a cabeça depois de um mês de pontificado.

Santa Barbara foi primeiramente provada com cruéis tormentos da parte de seu desnaturado pai e mais tarde condenada a morte na cidade de Nicomedia.

A perseguição teria sido muito mais longa se Deus não tivesse tirado do mundo seu autor. Achava-se ele sitiando a cidade da Áquila que tinha rebelado e lhe havia fechado as portas. Tendo-o levado o assalto várias vezes, porém em vão, atribuíam a seus soldados os seus infelizes insucessos, e deixando-se levar pelo seu furor, entregava-se a atos brutais contra os mesmos. Alguns deles, cansados de tanto maus tratos, atiraram-se sobre ele e o assassinaram em sua tenda.

Sétima perseguição e São Fabiano - A sétima perseguição suscitada pelo imperador Décio, foi uma das mais sanguinolentas. Êmulo de seus predecessores, Décio publicou um edito que foi executado com o maior rigor. Os açoites, os garfos de ferro, o fogo, as feras, a pez fervente, as tenazes incandescentes, tudo foi posto em obra para atormentar os confessores da fé.

É tão grande o número dos que padeceram o martírio nesta perseguição, que seria impossível numerá-los. Distinguiam-se especialmente São Poliuto na Armênia, Santo Alexandre bispo da Capadócia, o magnanimo São. Piônio, sacerdote da Igreja de Smirna, Santa Águeda de Catânia, Santa Vitória de Toscana e São Fabiano. Este Pontífice trabalhou muito pela fé, até que finalmente o denunciaram como chefe dos cristãos. Depois de longos e graves padecimentos, cortaram-lhe a cabeça a 20 de Janeiro do ano 253; governou a Igreja cerca de 13 anos.

São Cipriano, tendo recebido do clero de Roma a relação da morte de São Fabiano, ao responder-lhe, expressou nestes termos: *"Já havia corrido entre nós a notícia de que o Pontífice Fabiano tinha morrido; e, enquanto vagava incerta esta nova, recebi uma carta que me dá todas as minúcias de sua gloriosa morte. Muito me regozije em meu coração por ter ele coroado tão gloriosamente as fadigas de seu apostólico ministério. Vós também deveis por esse motivo vos alegrar muito comigo. Desse modo a memória gloriosa do vosso bispo, será de glória para vós, e para nós um bellissimo exemplo de constância na fé e na virtude."* (s. Cip., Ep. 4).

A perseguição de Décio cessou tão somente com sua morte. Enquanto combatia contra os bárbaros do Danubio, tendo por segura a vitória, enterrou-se inconsideradamente em um pântano para ter melhor a sua vista os inimigos; porém oprimido pelo furor dos combatentes, pereceu miseravelmente afogado naquele pântano. Ano 253.

São Gregório Taumaturgo - Enquanto os mártires, sacrificando sua vida no meio de tormentos atrocíssimos, davam testemunho da verdade de sua fé, outras maravilhas eram

operadas por outros heróis do cristianismo pela prática da virtude e por grandes prodígios. Entre estes sobressai São Gregório, chamado Taumaturgo, isto é, fazedor de milagres. Era sua pátria Neo-Cesareia, no Ponto, e descendia de família nobre. Na morte de seus pais desprezou os cargos honrosos que se lhe ofereciam, distribuiu sua fortuna aos pobres e, não confiando senão na Providência, retirou-se para a solidão afim de aí terminar seus dias num retiro. Mas suas preclaras virtudes atraíram-lhe as admirações do publico, que queria proclamá-lo bispo, porém ele, espantado em presença só da idéia de tão alta dignidade, mudou de moradia e andou errante de deserto em deserto. Encontraram-no sem embargo e, apesar da sua repugnância foi eleito bispo de sua pátria (Ano 250).

É impossível narrar aqui tudo o que fez o santo Bispo em prol do rebanho que lhe foi confiado.

Os Santos Padres compararam-no a Moisés e aos profetas pelo dom de profecia e de milagres, e aos apóstolos pela virtude, zelo e trabalhos, e especialmente pela multidão de prodígios operados por ele. Com uma oração livrou seu povo de uma mortandade que horripelmente o dizimava; com uma ordem dada mudou para outro lugar um monte que estorvava a ereção de uma Igreja, e servindo-se do mesmo recurso secou um pântano que era causa de uma discórdia fraterna. Um rio inundava e devastava os campos causando grandíssimos estragos; corre o Santo para lugar do desastre, finca na margem do rio o bastão em que se apóia, o qual logo transforma-se numa árvore verde e frondosa que serve de limite ao rio.

Estando próximo a morte, perguntou quantos infieis ainda existiam em Neo-Cesareia, e como se lhe respondesse que ainda havia dezessete, disse: "Graças sejam dadas a Deus; pois esse era justamente o número de fieis quando fui eleito bispo." Morreu no ano 268.

São Paulo, primeiro eremita - Os estragos que a perseguição causou entre os cristãos foram, causa de que muitos deles seguissem o conselho do Salvador e fugissem das povoações onde a perseguição tomava maior incremento, para ir buscar um asilo nas vastas solidões que se estendem naquela

parte do Alto Egito, chamada Tebaida, na Palestina e na Síria.

O primeiro eremita, isto é, primeiro que foi , conhecido entre aqueles solitários, foi São Paulo. Este nasceu perto de Tebas no ano 229. Ali vivia levando uma vida cristã. Sua juventude, suas riquezas e seu nascimento não foram capazes de seduzi-lo, pois só amava a virtude; porém sua humildade que lhe fazia temer expor-se aos tormentos, induziu-o primeiramente a esconder-se numa casa de campo, e depois a retirar-se para as partes mais remotas do deserto (Ano 250). Deus que o guiava, fez-lhe encontrar uma rocha em que a natureza tinha formado uma espécie de aposento, belamente iluminado por uma abertura na parte superior. Do alto da montanha brotava uma fonte de água cristalina, que alimentava um claro regato que tornava mais amena aquela solidão. Nutria-se o Santo com os frutos de uma palmeira que sombreava a entrada da gruta, até que o Senhor, servindo-se de um corvo, fez chegar a suas mãos meio pão cotidiano, alimento mais próprio para sua avançada idade. Ali viveu Paulo noventa e dois anos, sem outra companhia do que a das feras e quase desconhecido dos homens. Pouco tempo antes de sua morte, Deus lhe fez conhecer o grande Abade Santo Antão, que havia levado, igualmente, durante muitos anos uma vida solitária em outra parte daquele deserto. Sua morte teve lugar aos 113 anos de idade e no ano 342 de nossa era.

CAPITULO XVII

Origenes - Sede romana vacante Lapsos - Sacrificados - Turificados - Idólatras - Libeláticos - Mártires - Confessores Imigrado - Professores

Origenes - O célebre Origenes nasceu em Alexandria do Egito. Leonidas seu pai, cristão muito fervoroso, o educou com solicitude no santo temor de Deus, e desde a mais tenra idade o iniciou no estudo das divinas Escrituras. Tinha talvez dezessete anos quando seu pai, no imperio de Sétimo Severo, foi preso pela fé. Sabendo-o Origenes, queria a todo o custo ir ao martírio com ele, e era tal seu ardor, que sua mãe para impedir viu-se obrigada a esconder suas roupas, pondo-o assim na necessidade de desistir de seu propósito. Escreveu, não obstante, a seu pai uma carta formosíssima exortando-o a dar de bom grado sua vida pela fé, sem se deixar intimidar nem afligir-se por coisa alguma. Morto Leonidas, foram confiscados seus bens conforme costume, deixando sua família na miséria. Então Origenes, jovem como era, começou a dar lições de gramática e de literatura, para sustentar sua mãe e seus irmãos. Mais tarde o bispo de Alexandria ofereceu um campo vasto ao seu grande engenho, confiando-lhe a cadeira de Catequista naquela famosa escola do cristianismo, contando ele apenas dezoito anos.

Desejoso de compreender quanto melhor pudesse a doutrina de Jesus Cristo, fez uma viagem, a Roma, no ano 221, para observar atentamente os ensinamentos e costumes daquela Igreja, que ele chamava principal e mestra das outras Igrejas. De volta a sua pátria, continuou a dar lições e fez tais progressos nas ciências, que, conforme narra, a história, parece-nos um portento. Não se compreende, por exemplo, como pudesse um só homem ditar, durante várias horas consecutivas de dia e de noite, para sete copistas ao mesmo tempo, coisas diversas e da mais alta e sublime teologia; nem como pudesse compor tantos livros de erudição bíblica e eclesiástica, enquanto conferenciava ao mesmo tempo com uma turba de doutos e literatos, que recorriam a ele pedindo luzes e conselhos. Sua fama se tinha estendido tanto, que ninguém ia a Alexandria, cristão ou pagão,

sem que fosse visitá-lo. Os bispos o convidavam, e posto que não estivesse investido do caráter sacerdotal, faziam-no pregar; finalmente o bispo de Jerusalém o ordenou sacerdote. Maméia, mãe de Alexandre Severo, que se pensa ter recebido o batismo, serviu-se muito de seus conselhos e de suas luzes. O imperador Filipe e sua esposa Severa tiveram relações com Orígenes, que dirigiu a cada um deles uma carta cheia de conselhos sublimes e de sentimentos de piedade.

Fim de Orígenes - Não obstante estar no fim da vida, teve de padecer graves tribulações, motivadas por certas doutrinas errôneas, que lhe escaparam talvez inadvertidamente ao ditar suas obras.

Tais são: os Comentários sobre as Santas Escrituras, os livros contra o filósofo Celso, e muito especialmente o que tem por título *Periárcon*, isto é, dos Princípios. Por outra parte quase não se pode por em dúvida que os hereges tivessem falsificado aqui e acolá alguns pontos dos seus escritos, e que a falsificação teve lugar ainda em vida de Orígenes, pois que ele mesmo se queixava disto. O certo é que ele entendia viver e morrer como católico, e que por isso dirigiu uma carta ao Papa São Fabiano, a qual não chegou até nós; porém sabemos conforme o testemunho de São Jerônimo (Ep. 74) que ainda a pode ler, que nela dava a conhecer seu arrependimento pelos erros em que tinha caído. Quanto aos dogmas da Unidade e Trindade de Deus, da Encarnação de nosso divino Salvador, do sacrifício da santa Missa, do sacramento da Confissão, da invocação dos Santos, e da hierarquia da Igreja. Orígenes foi um testemunho de muita importância para a doutrina cristã no terceiro século. Este insigne doutor sofreu muito na perseguição de Décio em que foi carregado de cadeias, encerrado em um cárcere, e sujeito a graves tormentos. Mas mesmo no cárcere não cessava de escrever cartas a seus discípulos, recomendando-lhes que perseverassem na fé. Morreu na cidade de Tiro aos 69 anos de idade no ano 253.

Alguns bispos, ainda em vida de Orígenes; iniciaram contra ele uma perseguição, por que se deixara ordenar pelo bispo de Jerusalém sem ter conseguido antes licença do seu próprio bispo, que era o de Alexandria; e também porque tinha

compreendido e praticado mal as palavras de Jesus Cristo relativamente à castidade perfeita (Sao Mat., cap. 19.). São Jerônimo, conquanto combata acerbamente os erros de Orígenes, fala muito sobre suas virtudes, e deixa entrever grande esperança em relação a sua eterna salvação.

Sede romana vacante - O assanhamento contra os cristãos durante a perseguição de Décio, foi a dolorosa causa de não se poder eleger o novo Papa senão dezesseis meses depois da morte de São Fabiano; e isso porque o imperador preferia, conforme diz São Cipriano, ter antes um competidor no império, do que ter em Roma um sacerdote de Deus. Isto nos demonstra como já conhecia Décio quão grande era a autoridade que tinha o bispo de Roma sobre toda a Igreja. Esse espaço de tempo chamou-se Sede vacante, porque não havia nenhum Papa. Quase se pode dizer que é o tempo mais longo da história eclesiástica, durante o qual faltou Pontífice à Santa Sé. Representava então o Chefe visível da Igreja o clero romano, que, como observa São Cipriano, tomou temporariamente as rédeas do governo; e com efeito os diversos países da cristandade, em suas graves necessidades espirituais, continuaram a recorrer a Igreja de Roma, ainda em tempo de Sede vacante.

Os inauditos tormentos que se puseram em prática durante esta perseguição fizeram prevaricar muitos fiéis, e São Cipriano nos diz os motivos dessas deploráveis defeições. Muitos fiéis eram demasiado apegados aos bens da terra e as riquezas lhes ataram de tal modo os pés, que quando chegou o tempo de correr valorosamente para o martírio, acharam-se enlaçados e caíram miseravelmente negando a Jesus Cristo.

Lapsos - Aos que prevaricavam davam-se vários nomes. Chamavam-se *lapsos* em geral os que de qualquer maneira tivessem negado a fé, porque do estado de filhos de Deus, a que tinham sido elevados pelo batismo, tinham caído miseravelmente para ser escravos de satanás, perdendo todo o direito a felicidade do céu.

Sacrificados - Os lapsos costumavam chamar-se *sacrificados*, quando tinham sacrificado aos ídolos, ou comido alguma coisa oferecida aos mesmos; pois que naquele infortu-

nado tempo de prevaricação somente o comer essas coisas era considerado pelos gentios como sinal de ter negada a fé.

Turificados - Chamavam-se os que para fugir os tormentos, consentiam em queimar incenso aos ídolos ainda que sem fazer ato algum de idolatria.

Idólatras - Eram os que por meio de sacrifícios ou de palavra declaravam ter renegado a fé católica para adorar os deuses.

Libeláticos - Compreendiam-se debaixo deste nome aqueles que tinham em seu poder uma carta dos magistrados; bastando-lhes mostrá-la para que fossem postos em liberdade. Os libeláticos se dividiam em duas classes: uns eram os que, entregando certa quantia de dinheiro, conseguiam uma carta em que se declarava que tinham sacrificado aos ídolos, ainda que não fosse verdade; e os outros eram os que pagavam para obter um certificado em que nada se dizia do que tinham feito ou dito e somente se notificava aos soldados e juízes que não os incomodassem. A conduta dos libeláticos da primeira classe foi altamente reprovada pela Igreja, pois ainda que fosse verdade que eles nada dissessem ou fizessem contrário a fé, contudo fazia crer aos pagãos que a haviam negado. Tinham feito escrever além disso naquela carta uma mentira injuriosa a Nosso Senhor Jesus Cristo, que disse: "Aquele que se envergonhar de confessar-me diante dos homens, me envergonharei eu de confessá-lo diante de meu Pai celeste". (Luc., 9-26). Mas os da segunda categoria não foram condenados pela Igreja, porque não faziam mais do que comprar com dinheiro o privilégio de não se lhes molestar.

Mártires - assim como aos que abandonaram a fé davam-se vários nomes que indicavam sua fraqueza e culpa, também aos que com animo varonil padeciam por Jesus Cristo davam-se títulos gloriosos, conforme o modo e o tempo em que confessavam a fé, e suportavam os trabalhos das perseguições. Chamavam-se *mártires* os que constantemente toleravam os suplícios pela fé ainda que não morressem nos tormentos. Por isto costuma-se chamar mártir a São Joao Evangelista, porque, para confessar sua fé, foi arrojado, em Roma, numa caldeira de

azeite fervendo, da qual saiu milagrosamente intato. Morreu muitos anos depois na paz do Senhor. Do mesmo modo chama-se mártir a Santa Técia pelos muitos e atrozes suplícios que padeceu por Jesus, ainda que não morresse neles; pois terminou sua vida pacificamente. Também merece o nome de mártir aquele que padece pela fé, ainda que não morra no suplício; porque a palavra mártir significa testemunha e os mártires, confessando fé entre os sofrimentos do cárcere, das cadeias e dos suplícios, dão público testemunho da verdade da religião católica.

Confessores - Chamavam-se assim os que confessavam em presença dos juizes seu caráter de cristãos, com perigo próximo de serem atormentados e mandados à morte, ainda que às vezes não sofressem mais do que o cárcere.

Extores - *Extores* é uma palavra latina que significa *imigrado*, nome que se dava aos que temendo não suportar os tormentos abandonavam suas riquezas, sua pátria, seus pais e amigos e iam estabelecer-se em países estrangeiros. Estes davam testemunho de sua fé antes com fatos do que com palavras, seguindo o conselho de Jesus Cristo que disse: "Quando fordes perseguidos numa cidade, fugi para outra".

Assim o fizeram São Paulo, primeiro eremita, São Atanasio bispo de Alexandria e outros.

Professores - Eram estes os que levados pelo amor de Deus animados pelo desejo de morrer pela fé, ofereciam-se espontaneamente aos verdugos e arrostavam todo genero de tormentos. Entre estes tão somente são dignos de admiração e glória os que chegavam a este excesso de heroísmo, guiados por uma graça especial do Espírito Santo; porém os que o fizeram levados unicamente por certo entusiasmo, ou por tal ímpeto da natureza, tornaram-se culpados; pelo que a Igreja mais os reprovou como audazes, de que os louvou como fervorosos.

CAPITULO XVIII

Cisma de Novaciano - Primeiro anti-Papa - Interrogatório de São Cornélio - Prisão e martírio de São Cornélio.

Cisma de Novaciano - O autor do primeiro *cisma* ou, o que significa a mesma coisa primeiro *rompimento* da unidade da Igreja Católica, foi Novaciano. Um tal Novato de Cartago, tinha semeado a discórdia naquela Igreja, enquanto São Cipriano se achava desterrado pelas perseguições. Cioso de gloria, Novato dirigiu-se a Roma para espalhar seus erros; ali se encontrou com Novaciano que desejava ser Papa em lugar de São Cornélio. Novaciano durante sua mocidade, sendo ainda idólatra, tinha sido possesso pelo demonio; porém livre já dele pelos exorcismos, determinou abraçar a fé.

Enquanto era catecumeno e se fazia instruir no Evangelho, enfermou e se lhe administrou o Batismo estando na cama. Tendo melhorado, não recebeu sacramento da Confirmação, nem as demais cerimônias do Batismo, que tinham sido postergadas porque parecia muito inconstante na Religião. Conseguiu não obstante, fazer-se ordenar sacerdote, contra o costume de então de não ordenar aos que tinham sido batizados na cama por motivo de grave enfermidade.

Sobrevindo a perseguição, Novaciano ficou encerrado em sua casa. Os diáconos o convidavam para que saísse assistir a seus irmãos que perigavam, porém ele deixando-se arrastar pela cólera, separou-se deles dizendo que já não queria ser sacerdote. Novato, que não desejava mais do que encontrar um homem turbulento, juntou-se com ele e começou a ensinar o contrário do que até então tinha ensinado. Em Cartago tinha sustentado que se deviaa absolver aos apóstatas e agora em Roma se doia da demasiada facilidade com que se lhes permitia fazer penitência.

Primeiro anti-Papa - Cornélio foi eleito Papa a despeito das dificuldades de Novato e de seus amigos. Novaciano vendo burladas suas esperanças, protestou que não tinha ambicionado o pontificado; porém suas obras, prontamente, desmentiram sua asserção. Quando viu Cornélio na posse da Santa

Sé, associou-se a Novato com o fim de excitar tumultos.

Querendo ser Papa a todo custo, reuniu em Roma alguns bispos, e tendo conseguido encerrá-los em sua casa, a altas horas da noite, com ameaças os obrigou a consagrá-lo, como se a Sede Romana se achasse vaga. Deste modo se efetuou a ordenação de Noviciano, primeiro anti-Papa e primeiro chefe do cisma, na Igreja Católica.

Ao cisma juntou a heresia, afirmando que a Igreja não podia dar a paz nem absolver aos que tinham caído em tempo de perseguição, ainda que fizessem penitência de seu pecado e suplicassem à Igreja que lhes perdoasse em nome de Jesus Cristo. Condenava também as segundas núpcias, motivo pelo qual seus discípulos foram chamados *cátaros*, isto é, *puros* ou *puritanos*, porque vestiam-se de branco, afetando observar a virtude da continência, a qual por outra parte ultrajavam escandalosamente.

Novaciano para ligar mais seus setários no cisma, ao administrar-lhes a santa Eucaristia, tomava-os pelas duas mãos e os fazia jurar nestes termos: "Jura-me pelo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo não abandonar-me jamais para voltar a Cornélio"; e tão somente aos desgraçados que respondiam: "Não voltarei a Cornélio", dava sacrilegamente a santa hóstia e lhes permitia enguli-la.

Interrogatório de São Cornélio - A perseguição, que ainda continuava fazendo estragos, e as turbulências suscitadas por Noviciano, obrigaram ao Pontífice Cornélio a retirar-se de Roma e refugiar-se em Civitavecchia; onde eram tantas as cartas que diariamente escrevia, e a afluência de gente que de todas as partes a ele acudia, que parecia ter-se trasladado Roma para ali. Foi este o motivo pelo qual o imperador mandou voltar Cornélio a capital afim de pedir-lhe contas das desordens que, seguindo dizia ele, diariamente suscitava. Mandou que comparecesse a sua presença durante a noite e o interrogava da maneira seguinte:

Padece-te, ó Cornélio, que fazes o que deves? Qual a razão que te leva a não respeitar nossos deuses, e a não temer minhas ameaças, escrevendo, ao contrário cartas aos inimigos

da república, em prejuízo da mesma?

Cornélio lhe respondeu com calma: - As cartas que tenho escrito, e as respostas que recebi, em nada afetam os interesses da república; tão somente falam de Jesus Cristo meu Deus. Posso garantir-te que tudo o que tenho dito e feito não tem outro fim se não a salvação das almas.

O imperador mandou que se tirasse o Papa de sua presença e que se açoitasse seu rosto com um manojó de cordas, em cujas extremidades se haviam atado bolinhas de chumbo: *ut os ejus plumbatis coederetur. (Acta mart. s. Com.).*

Prisão e martírio de São Cornélio - Logo mandou o imperador que conduzissem Cornélio ao cárcere, onde a divina Providência dispôs que convertesse a fé o seu carcereiro chamado Cereal. Movido este pela santidade que o Vigário de Jesus Cristo manifestava em suas palavras e em suas obras pediu-lhe que fosse a sua casa para visitar sua mulher Salústia, que havia quinze anos jazia paralítica no leito. Consentiu Cornélio e foi a sua casa, acompanhado de seus sacerdotes e um leitor; e levantando os olhos para o céu, rezou da seguinte maneira: "Senhor Deus, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, vós que em vossa grande misericórdia tendes baixado do céu à terra para nos salvar a todos miseráveis pecadores, restitui sua primeira saúde a esta serva enferma, e tende misericórdia dela como tivestes do cego de nascimento de que nos fala o Evangelho, para dar a conhecer vossa glória e exaltar vosso santo nome". Em seguida tomando-a pela mão lhe disse: "Em nome de Jesus Nazareno levanta-te e caminha"; e assim como o cego de nascimento obteve a vista às palavras do Salvador, assim também Salústia, perfeitamente curada, se levantou exclamando em alta voz: "Verdadeiramente Jesus Cristo é Deus e Filho de Deus". E iluminada pela graça do Senhor, disse a São Cornélio: "Peço-te por amor a Jesus Cristo que nos administres o batismo"; e dizendo isto, foi buscar água e a deu ao Pontífice para que a batizasse, dando então os primeiros passos depois de quinze anos de paralítica. Muitos soldados e os mesmos carcereiros, testemunhas deste milagre, pediram que se lhes administrasse o batismo. Assim o fez Cornélio depois

de te-los iniciado suficientemente. e para agradecer dignamente ao Senhor, ofereceu por eles o *sacrificium laudis*, isto é, o santo sacrifício da Missa, e todos eles participaram do corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Tendo noticia o Imperador de tudo que tinha acontecido em casa de Cereal, encheu-se de indignação, e ordenou que se levassem todos aqueles cristãos à via Apia, para que fizessem um sacrifício a Marte sob pena de morte ao que se negasse fazê-lo.

Durante o caminho, encontrou São Cornélio o Arcediago Estevão e lhe recomendou que distribuísse aos pobres o pouco dinheiro que ainda ficava à disposição da Igreja. Ao chegar ao lugar designado, os guardas vendo que eram inúteis todos os seus esforços, cumpriram as ordens recebidas. Ao santo Pontífice cortaram a cabeça a 14 de setembro do ano 255, depois de ter governado a santa Sé cerca de dois anos. Cereal, Salústia e mais outros vinte, foram martirizados na mesma ocasião.

CAPITULO XIX

São Xisto II e os Sabelianos - Oitava perseguição; São Xisto e São Lourenço - Martírio de São Cipriano - O jovenzinho Cirilo - Morte de Valeriano. - Aureliano e a nona perseguição - Heresia de Manes.

São Xisto II e os Sabelianos - A São Cornélio sucedeu São Lúcio que ocupou a santa Sé somente dezesseis meses, pois caiu sobre ele a espada da perseguição. À sua morte foi eleito São Estevão que também sofreu o martírio depois de três anos de pontificado. Sucedeu-lhe no trono de São Pedro Xisto II, ateniense, que permaneceu nele um ano somente. o que mais ocupou seu zelo foi a heresia dos Sabelianos, chamada assim por Sabélio, que foi seu autor.

Nasceu este em Tolemaida e começou a espalhar seus

erros no ano 250. Entre outras extravagâncias dizia que não havia distinção real entre as três pessoas da Santíssima Trindade, e que o Pai era a mesma pessoa que o Filho e o Espírito Santo.

São Dionísio, bispo de Alexandria, foi primeiro a declarar-se contra os novos erros. A princípio os combateu energeticamente com palavras, porém mais tarde pos por escrito a doutrina dos Sabelianos e sua refutação, e a enviou ao mesmo Sumo Pontífice em forma de carta. São Dionísio escreveu também outra carta a São Xisto para consultá-lo sobre algumas questões difíceis. "Apresentou-me um caso, disse-lhe, sobre qual não me atrevo a pronunciar um juízo definitivo, pois tenho medo de enganar-me. *Consilium quaero, tuamque vehementer exposco sententiam*. Peço conselho e com vivas instâncias solicito que deis vossa sentença a respeito".

O Pontífice examinou o caso e conheceu que as razões expostas davam lugar a verdadeiras dúvidas sobre a validade do batismo administrado por certos hereges, atendendo ao modo pelo qual o administravam; por isso respondeu que se devia renovar esse Sacramento debaixo de condição, não porque o tivesse administrado um herege, porém porque parecia terem-se omitido coisas essenciais. (V. Bor.).

É esta a regra que ainda segue a Igreja católica, quando recebe em seu grêmio aos que foram batizados quando professavam a heresia. Posto que ela considere válido o batismo administrado como o instituiu Jesus Cristo, contudo, quando há dúvidas razoáveis de que esse procedimento não tem sido observado, então temendo a Igreja que esse batismo tenha sido invalidamente administrado o faz administrar novamente debaixo de condição.

Oitava perseguição; São Xisto e São Lourenço - A oitava perseguição nasceu da estulta promessa que fizeram a Valeriano os sacerdotes dos ídolos, em que lhe asseguravam uma grande vitória sempre que aniquilasse o cristianismo.

Entre os mártires mais ilustres desta perseguição conta-se São Xisto II Papa, e São Lourenço. Aquele denodado Pontífice, depois de ter sido preso e insultado, e ter sofrido fome e

sede, e depois de ter mostrado grande firmeza em presença dos juízes e do próprio imperador, foi finalmente condenado à morte. Enquanto o conduziam para o suplício, seu diácono São Lourenço o acompanhava soluçando: "Para onde ides, Santo Padre, lhe dizia, sem o vosso ministro ... ?" Ele lhe respondeu: "Tem coragem; daqui a três dias me seguirás. A mim que sou velho, convém uma luta menos dura, porém a ti que és jovem, esta se preparando um combate mais atroz. Reparte entretanto com os pobres as riquezas que te foram confiadas". Coroeu seus trabalhos sendo decapitado no ano 264.

O que predissera o Papa em relação a seu diácono verificou-se pontualmente. Tendo ordenado o prefeito de Roma a São Lourenço que lhe entregasse naquele instante os tesouros da Igreja, o santo diácono respondeu-lhe que estes já não estavam em seu poder, pois tinham sido distribuídos entre os pobres. Indignado o tirano ao receber esta resposta, fez-lhe padecer horríveis tormentos, e para acabar com ele, fê-lo deitar sobre uma grelha incandescente o valoroso mártir parecia insensível a dor, pois passado algum tempo disse ao tirano: "Se queres, faz-me virar do outro lado pois já estou bastante assado deste"; e depois que o voltaram acrescentou: "Já estão minhas carnes bastante cozidas; se gostas, podes comer delas" e ficou nesta firmeza até o último suspiro. Seu martírio causou tal impressão que vários senadores romanos consideravam-se muito honrados em levar o cadáver sobre seus ombros até o cemitério de Ciríaco no Campo Verano. Ali foi sepultado, e nesse mesmo lugar Constantino lhe erigiu mais tarde uma basílica que ainda existe.

Martírio de São Cipriano - São Cipriano também foi um dos mártires da oitava perseguição. Nascido em Cartago de pais ricos, porém pagãos, por divina disposição encontrou um amigo que lhe fez conhecer as verdades da fé. Reconheceu-as Cipriano e recebeu o batismo; vendeu logo todos os seus bens, distribuiu seu valor aos pobres, e retirou-se do mundo. Conhecida sua santidade e engenho, apesar de sua resistência, foi elevado com aplauso geral à cadeira episcopal de sua pátria. É impossível dizer tudo o que fez para propagar o Evangelho, refutar de viva voz, com escritos e com milagres aos hereges, e

animar ao martírio. Acusado como cristão e chefe dos cristãos, foi condenado a morte. Ao saber da notícia exclamou: "Graças a Deus, que se dignou livrar-me do cárcere do meu corpo". Chegando ao lugar do suplício, despiu-se com tanta serenidade de seu manto e hábitos eplscopais, que o verdugo vacilava em cumprir seu sagrado ofício. O mártir o animou ordenando que lhe pagassem vinte e cinco moedas e ele mesmo ajudou a vender os próprios olhos. Cortaram-lhe a cabeça a 14 de Setembro do ano 258, exatamente no dia, em que um ano antes tinha predito que seria mártirizado.

O juvenzinho Cirilo - O juvenzinho Cirilo também glorificou publicamente em Cesareia da Capadócia o nome de Jesus Cristo. Ainda que expulso da casa paterna e privado de tudo, permaneceu firme na fé; o juiz o chamou a seu tribunal e tratou de convencê-lo com lisonjas oferecendo-se como mediador entre ele e seus pais. "Eu experimento um verdadeiro prazer, respondeu o menino com valor, em sofrer desprezos e desdém, expulso de minha casa, sei que me espera outra infinitamente melhor; e a morte que tu encaras como o mais terrível dos males, é para mim a porta que me conduzirá à glória". o juiz para assustá-lo fingiu fazê-lo atormentar; porém longe de subir-lhe as cores ao rosto, ele mesmo dirigiu-se para o fogo no qual o queriam atirar. Quando o tiraram daí e tornaram a levá-lo a presença do juiz, lhe disse: "Tirano, tu me injuriaste tirando-me a morte. Ferro e fogo, eis todos os dons que te peço", Os que se achavam presentes choravam ao ouvi-lo assim falar; porém ele lhes disse: "Em vez de chorar deveríeis alegrar-vos comigo e participar do meu triunfo. Vós ignorais que reino se me há preparado; e que felicidade me espera": e ficou firme nestas admiráveis disposições até a morte.

Morte de Valeriano - A promessa dos sacerdotes idólatras a Valeriano, de que alcançaria uma assinalada vitória contra os Persas, não se viu realizada; antes, sofreu ele uma derrota em que caiu nas mãos de Sapor, rei daquela nação, o feroz persa fê-lo carregar de cadeias, depondo-lhe as vestimentas imperiais, e quando montava a cavalo, obrigava-o a prostrar-se diante dele, e pisava-lhe o pescoço para que servisse de estribo. Finalmente ordenou que o esfolassem vivo: e que seu corpo

esfolado e sua pele tingida de vermelho se conservasse como opróbrio desse perseguidor dos cristãos. Deus quis manifestar assim sua justiça. A maldição divina caiu também sobre toda a descendência de Valeriano, pois seu filho, aclamado imperador após sua morte, foi morto pelo exército de Ilíria. Sucedeu-lhe Galiena que também foi assassinado; e o filho de Galieno e seu irmão foram precipitados do alto do Capitólio. assim extinguiu-se completamente a estirpe daquele tirano.

Aureliano e a nona perseguição – Atribue-se a Aureliano a nona das grandes perseguições suscitadas contra a fé de Jesus Cristo. Este imperador, a princípio se mostrou favorável aos cristãos, e nos dá provas disso o seguinte fato: Paulo de Samosata, que tinha sido deposto de sua sede em Antioquia, recusava-se a entregar a seu sucessor o palácio episcopal. Depois de inúteis instâncias, os católicos apresentaram suas queixas a Aureliano, que tendo examinado a questão, deu a respeito desta memorável sentença: "Entregue-se a casa episcopal ao designado para ocupa-la pelos prelados itaianos de religião cristã, e pelo pontífice romano", isto é, o bispo de Roma e seu clero, Esta sentença nos dá a conhecer duas coisas de suma importância: a saber, que a veneração dos fiéis para com o Pontífice romano, como chefe supremo, era tão notória naqueles tempos que nem os próprios gentios a desconheciam; pois Aureliano viu que para fazer justiça aos cristãos de Antioquia, em coisas concernentes a seus interesses religiosos, era o caminho mais curto remiti-las ao juízo do Papa, prometendo fazer executar sua sentença, e também nos demonstra o erro em que se achavam os que pretendiam que a Igreja não possuía nos primeiros tempos bens de raízes.

Instigado este imperador pelos pagãos, achava-se a ponto de firmar um terrível decreto contra os cristãos, porém aterrorizado por um raio caído a seus pés, suspendeu por momentos semelhante edito, ainda que o firmou pouco depois. Passado algum tempo, foi Aureliano assassinado por seu secretário, e assim concluiu a perseguição. Ano 275.

Heresia de Manes - A heresia dos maniqueus é assim chamada por causa do seu autor, Manes. Nascido escravo na Persia, resgatou-o uma viúva cuidadosa, que não tendo filhos, o

adotou e nomeou herdeiro de suas grandes riquezas. Entre as demais coisas que herdou, encontrou Manes um livro de que tirou as extravagâncias mais infames. Acreditando com isto ter-se tornado um homem divino, chamava-se paraclito, isto é, luz do gênero humano; ensinava que existem dois deuses, um bom e autor do bem, e outro mau e autor do mal.

Proscrevia a esmola, os Sacramentos, o culto das santas imagens e negava a Encarnação de Jesus Cristo. Tendo a cabeça cheia de ridicularias, pretendeu também fazer milagres, e se ofereceu para curar o filho de seu rei perigosamente enfermo; porém o menino morreu e o impostor foi preso. Tendo conseguido iludir a vigilância de seus carcereiros, fugiu do cárcere, retirou-se do reino e para dar crédito a seus erros foi disputar com o bispo de Cesárea, e mais tarde com São Trifônio; porém ambos o confundiram e o cobriram de vergonha. O povo, irritado por suas blasfêmias, ameaçou apedrejá-lo; então ele fugiu e voltou a Pérsia, onde caiu em mãos do rei, que ordenou que o esfolassem vivo. Seu corpo foi atirado às feras, e sua pele foi colocada em uma porta da cidade. (277). Mas desgraçadamente não morreu com ele o sistema de suas absurdas doutrinas; e a seita dos maniqueus se propagou de tal modo, que dez séculos mais tarde, ainda causou grandíssimos trabalhos à Igreja.

CAPÍTULO XX

*São Caio e a décima perseguição - São Marcelino e a legião tebana -
Martírio da mesma*

*Era dos mártires - Decreto de Diocleciano - Fim desgraçado desse
príncipe.*

São Caio e a décima perseguição - A São Xisto II sucedeu São Dionísio que governou a Igreja onze anos e três meses. A este sucedeu São Félix, que ocupou cerca de três anos a sede de São Pedro. Em sua morte subiu ao trono pontifício Santo Eutiquiano, que o ocupou durante oito anos e dez meses; ambos morreram mártires. Depois do martírio de Santo Eustaquiano, elegeram Papa a São Caio, sobrinho do Imperador Diocleciano. Nasceu em Solona cidade marítima do Adriático, de pais nobres e ricos; foi enviado a Roma para cursar seus estudos. Tendo tido ali ocasião de conhecer o Evangelho se fez cristão e mais tarde abraçou o estado eclesiástico. Trabalhou muito nos pontificados de São Félix e de Santo Eutiquiano, e quando este último ganhou a palma do martírio, o elegeram para lhe suceder, no ano 283. Durante o segundo ano de seu pontificado (284) rebentou a perseguição de Diocleciano, que foi a mais sanguinolenta de todas as que a precederam. São Caio, como, sobrinho do imperador, não deixou de o repreender vivamente; porém em vão, porque o imperador, para captar as simpatias dos pagãos, renovou o decreto imperial, no qual declarava que a idolatria era a única religião do império. Acrescentava-se nesse decreto que não podia se fazer compra nem venda, sem primeiro oferecer incenso aos ídolos. Para este fim foram colocadas pequenas estatuas, representando ídolos, em todas as esquinas dos palácios, das ruas, das praças, perto dos poços, das fontes e dos negócios de comestíveis, e nada podia se comprar sem sacrificar antes àquele pequeno ídolo.

Caio, durante o curso dos quatro primeiros anos de seu pontificado, pode permanecer com suficiente segurança em casa de Gabínio, seu irmão; porém quando tomou incrementos a perseguição, ele também teve de esconder-se nas

grutas e nas catacumbas, para poder cumprir os ofícios de seu sagrado ministério. Saia dali com muita frequencia para socorrer os que perigavam na fé. Ainda que Diocleciano desejasse acabar com os cristãos, repugnava-lhe contudo condenar Caio, pois, sendo seu parente, dele cuidara durante sua infância. Via além disso em Caio um homem de grandes virtudes e como tal sempre o tinha amado e venerado; mas, tão grande era o ódio que concentrava contra a religião cristã que finalmente decidiu-se a pronunciar também contra ele a sentença de morte. Para salvar ao menos as aparências e não passar por verdugo de sua família, mandou que se executasse a sentença oculta-mente e de noite. assim foi martirizado São Caio, depois de mais de doze anos de pontificado, no ano 296.

São Marcelino e a legião tebana - Tendo morrido São Caio, sepultou seu precioso cadáver um sacerdote chamado Marcelino, o mesmo que lhe sucedeu no pontificado. Em princípios de seu pontificado foram a Roma os soldados da legião tebana sob o comando de São Maurício. Chama-se assim essa legião, porque os soldados que a compunham costumavam se convocar e reunir em Tebas, célebre cidade do Egito. Devendo dar-se começo a uma guerra perigosa contra os Bagáudos, povos da Galia, Maximiano, que tinha sido criado por Diocleciano seu colega no império, chamou do oriente essa legião, que se distinguia no exército romano por seu valor e fidelidade. Ao ir a Italia aqueles soldados passaram por Jerusalém, onde muitos deles que eram catecumenos receberam o batismo administrado por São Lambda, bispo daquela cidade. (*V. Bar. An. 297*).

Chegando a Roma se apresentaram ao Papa, e pediram que administrasse a confirmação aos que ainda não a tinham recebido. O santo pontífice depois de certificado que se achavam suficientemente instruídos, administrou-lhes esse Sacramento e, ao concluir a sagrada cerimônia, lhes falou do seguinte modo: "Meus filhos, ide, e para onde fordes, dai-vos a conhecer por verdadeiros soldados de Jesus Cristo, prontos a morrerem em qualquer tempo, antes que manchar a pureza dessa fé que há pouco acabais de receber". (*Bar. lugar citado*).

Martírio da legião tebana - Saindo de Roma, atra-

vessaram a Itália, e passando os Alpes Apeninos, ali onde se levanta agora o grande São Bernardo, foram unir-se com Maximiano, que com o resto do exército os estava esperando nas planícies de Valés, perto de uma cidade chamada então Otoduro e hoje Martigny. Vendo Maximiano que naquela região havia muitos cristãos, quis que todos os seus soldados o ajudassem a persegui-los e a dar-lhes a morte, e entretanto participassem dos sacrifícios que por sua ordem se ofereciam as divindades do império. Três coisas exigia pois incontinentemente Maximiano: que todo o exército fizesse um sacrifício aos deuses; que jurasse fidelidade ao Imperador, invocando seus ídolos e finalmente que todos prometessem ir em busca dos cristãos para os condenar a morte como inimigos dos deuses do império. Os soldados idólatras obedeceram sem demora, porém assim não se deu relativamente aos valentes tebanos. Quando chegou aos ouvidos de Maurício, seu chefe esta resolução, resolveu juntamente com todos os seus soldados, resistir a estas ordens injustas. Ele com sua legião se achava a umas dez milhas do lugar onde estava Maximiano Augusto, em lugar chamado Agau-no, hoje São Mauricio, perto do grande São Bernardo. Informado Maximiano de sua resistência, ordenou que a legião tebana fosse a primeira a executar sua ordem, ameaçando com os efeitos de sua cólera aos que desobedecessem. Todos os tebanos responderam a uma voz: *Christiana religione impedimur*; a religião cristã no-lo proíbe. Enraivecido o imperador por tão desdenhosa resposta, mandou que fosse dizimada a legião isto é, que de dez se sorteasse um para lhe dar a morte. A legião foi dizimada, mas os que ficaram vivos não perderam a coragem; por isso Maximiano mandou-a dizimar pela segunda vez. E aqueles heróis, longe de se oporem, submeteram-se com alegria a tão cruel carnificina; e até os que sobreviviam invejavam a sorte de seus companheiros mortos pela fé. Como todos, porém, permanecessem firmes nela o imperador ordenou luma matança geral; em cumprimento de suas ordens o exército rodeou a legião que se compunha de uns 6666 soldados e os passou pelas armas. Este fato deu-se aos 22 de Setembro do ano 297. São Avito, bispo de Viena em França, fazendo o panegírico dessa legião de soldados, disse que nenhum deles se condenou porque todos morreram por Jesus Cristo.

Era dos mártires - Havia já dezoito anos que Diocleciano governava o império, e ainda que durante esse espaço de tempo, sempre tivessem sido perseguidos os cristãos, contudo a perseguição se achava muito longe de ter chegado àquele espantoso estado de crueldade que alcançou durante os últimos anos do reinado de Diocleciano. Ao findar o ano 302 achava-se este em Nicomedia com Galério, que já tinha sido criado Cesar do império do Oriente. Animado este por um ódio implacável contra a religião de Cristo, dizia ao imperador: "Já é tempo de acabarmos com esses miseráveis cristãos; é gente obstinada, e enquanto houver um deles sobre a terra, existirá uma semente de desventura para o império". Diocleciano de idade já avançada, posto que detestasse os cristãos, tivera não obstante de admirar muitas vezes a sua fidelidade e virtude heróica. Representavam-lhe as belas qualidades de seu irmão São Gabinio, de seus sobrinhos São Caio Papa, Cláudio, Máximo e outros muitos companheiros seus que ele mesmo tinha condenado a morte. Recordava além disso as virtudes de Cromácio, prefeito de Roma, de Sebastião, general de seus exércitos, e de outros muitos heróis mortos pela fé. Ainda era recente o fato da legião tebana, mártirizada por seu colega Maximiano. Tão pouco ignorava ele imperador que sua consorte Serena, Valéria sua filha e outros da corte, muito queridos dele, eram cristãos. Por todas essas razões, respondia a Galério, que não era prudente voltar a perturbar a paz do império e derramar rios de sangue. Por outra parte, acrescentava, com os suplícios não conseguiremos nada, porque os cristãos nada mais desejam do que morrer. Galério consultou a opinião dos ministros do Estado, que, para não lhe desagradarem, votaram pela perseguição. Hesitando ainda o imperador, quis que se consultasse o oráculo de Apolo. Este respondeu: "Os justos espalhados sobre a terra me impedem de falar". Perguntou-se aos sacerdotes dos ídolos quem eram os justos, e estes disseram que com esse nome se designavam os cristãos.

Novo decreto contra os cristãos - Em vista disto, Diocleciano firmou o fatal decreto de extermínio universal de todos os cristãos, com a data de 23 de Fevereiro de 303. Entre outras iniquidades, ordenou o seguinte: "Sejam arrasadas as igrejas dos cristãos, queimados os seus livros; qualquer de nos-

sos súditos reconhecido como cristão, seja despojado imediatamente de suas riquezas, de suas dignidades e seja condenado a morte. Também poderá ser ele citado e apresentado perante os tribunais, mas ele não poderá citar nem chamar a juízo; nem terá direito de pedir que se lhe restitua o roubado, nem de pedir satisfação por injúrias ou por ultraje. Os escravos que obtiveram liberdade, se forem cristãos, voltarão a ser cativos".

Em força deste edito infernal, os cristãos, estavam fora da lei; isto é, já não podiam gozar do apoio da autoridade civil; de modo que qualquer pessoa podia impunemente insultá-los, desprezá-los, despojá-los, roubá-los, sem que eles de modo algum pudessem defender-se. Um decreto especial mandava que se atirassem as chamas todos os seus livros, e havia pena de morte para aquele em cuja casa ou pessoa se encontrasse um livro da religião cristã.

Um terceiro decreto, dirigido especialmente contra os bispos e sacerdotes, dizia que estes deviam ser procurados com preferência para serem condenados a morte. Maximiano confirmou no Ocidente tudo o que o seu colega estabelecera na parte oriental do império.

Efeitos dessa perseguição - Essa perseguição não conseguiu o resultado que esperavam os idólatras, e o que alcançaram com ela unicamente, foi dar a conhecer mais e mais a divindade de nossa santa religião, pois que os cristãos de todo o império preferiram sofrer todos os tormentas e derramar seu sangue, antes que renunciar a sua fé. O Céu se povoou de santos mártires, a Igreja resplandeceu pela virtude heróica de seus filhos, e os que por temor dos sofrimentos apostataram, ao terminar a perseguição, fazendo sincera penitência, voltaram ao seio de sua mãe, a Igreja; de modo que os esforços de Satanás para destruir a religião de Jesus Cristo não serviram senão para tornar mais brilhante o seu triunfo. Nesses supremos momentos o Papa Marcelino se rodeou de varões peritos em pregar com zelo e integridade as verdades do Evangelho, e com eles trabalhou heroicamente até que lhe cortaram a cabeça, a 26 de Abril do ano 304.

Fim de Diocleciano - Tendo firmado Diocleciano, o

sanguinolento decreto transcrito anteriormente, começaram a cair sobre ele várias desgraças. Galério que o tinha instigado a perseguir os cristãos, rebelou-se, ameaçando-o com a morte se não abdicasse. Diocleciano fatigado pela idade e pelos trabalhos, cedendo as ameaçadoras instancias de seu filho adotivo, renunciou ao trono e se retirou para Solona, sua pátria. Mas a mão de Deus que pesava sobre ele, o acompanhou por todas as partes; perdeu quase completamente a uso da razão, e restaram-lhe tão somente as luzes suficientes para sentir todo o peso de seu envelhecimento. Apoderou-se dele um humor acre, que o foi consumindo pouco a pouco; languído, triste, continuamente agitado, já não tomava quase alimento; tornava-se-lhe impossível descansar de dia e dormir de noite. Frequentemente se encontrava chorando como uma criança. Oprimido pelos seus sofrimentos e pelos açoites da vingança divina, entregou-se aos mais violentos arrebatamentos, e cego por sua cólera, se golpeava, ou se atirava ao chão, dando horrorosos gritos. Finalmente não podendo mais carregar uma vida tao miserável, terminou-a com um último crime, deixando-se morrer de fome. Ano 313.

CAPITULO XXI

*São Marcelo - Morte de Galério - Princípios de paz no Oriente -
Disciplina eclesiástica desta Primeira Época - Século primeiro -
Século segundo - Século terceiro.*

São Marcelo - Foi eleito este Papa para suceder a São Marcelino, e governou com muito zelo a Igreja, durante cinco anos. Sagrou vários bispos, entre os quais figura São Emígdio, a quem enviou a pregar em Ascoli, Piceno, e foi o primeiro bispo daquela cidade, onde coroou seu apostolado com o martírio. Maxêncio, filho de Maximiano, que estava de acordo com Galério para perseguir os cristãos, logo que soube que Marcelo

era seu chefe, o mandou prender, e o ameaçou com a morte se não renunciasse a sua dignidade e não sacrificasse aos ídolos. Recusando-se com grande constância a obedecer foi Marcelo condenado a servir nas cavalaria imperiais; porém o homem de Deus, ainda no desempenho de tão baixo ofício, não deixava de prover a manutenção da fé. Depois de nove meses de cárcere, foram de noite seus clérigos, e tirando-o daquele lugar, o conduziram a uma casa dos cristãos onde havia um oratório secreto. Achava-se este oratório em Roma, no lugar onde se levanta hoje a formosa Igreja de São Marcelo. Ao saber disto, Maxêneo transformou a Igreja em estrebaria e tendo feito levar ali vários animais, condenou o Papa a servi-los. Ali, consumido pelos trabalhos e sofrimentos, morreu pela fé no ano 309.

Morte de Galério - Galério morava glorioso na cidade de Sardes, quando, pouco depois do martírio de São Marcelo, cobriu todo seu corpo uma dolorosa chaga, aplicaram-lhe remédios, porém o mal se resolveu numa vergonhosa gangrena. Chamaram-se médicos, e puseram-se em prática todos os recursos da medicina, mas sem chegar a resultado algum. Enfurecido com isto, condenava a morte os próprios médicos. Ninguém podia se aproximar dele pelo cheiro desagradável que exalavam seus membros; finalmente um médico cristão teve bastante coragem para falar-lhe nestes termos: "Recorda-te, ó príncipe, de tudo quanto fizeste contra os cristãos, e procura o remédio para teus males no que foi sua causa". Vencido pelo excesso de suas doenças, aquele príncipe soberbo confessou como verdadeiro o Deus dos cristãos, reconheceu a santidade de sua religião, que tinha até então sido odiada pelos imperadores romanos; e em seguida fez publicar um decreto que já não se devia perseguir os cristãos. Como porém não fazia isto por se achar arrependido do mal que tinha feito, mas apenas pela atrocidade de suas dores, a mão do Senhor continuou pesando sobre ele e depois de um ano de horrorosa enfermidade, morreu miseravelmente, caindo-lhe as carnes aos pedaços. (V. Bar. ano 311).

Princípios de paz no Oriente - Ainda que Galério o tivesse promulgado contra a vontade, aquele famoso decreto não deixou de produzir bons resultados. Ao ser promulgado

nas províncias do Oriente, foi como a primeira lei das autoridades romanas, que proibia perseguir os cristãos. E impossível significar com quanta alegria foi recebido pelos fiéis, que puderam assim professar publicamente sua religião. Os desterrados voltaram a sua pátria, os presos saíram dos cárceres, os que tinham sido despojados de seus bens, foram reintegrados em todos ou em parte, restituíram-se os cargos aos empregados, e deixaram-se todos em plena liberdade de levantar igrejas e participar dos ritos públicos da religião.

Mas na Itália e especialmente em Roma onde governava Maxêncio, continuou a perseguição até que aprovou a divina Providência dar paz a sua Igreja e fazê-la resplandecer e triunfar por meio de Constantino o Grande. É este o primeiro imperador romano que publicamente se declarou cristão e que com suas leis civis promoveu o estabelecimento e a autoridade de nossa santa religião. Este acontecimento glorioso abre a Segunda Época da história eclesiástica.

Disciplina da Primeira Época - Século primeiro. -

No Concílio de Jerusalém aboliu-se a circuncisão e as demais cerimônias da lei mosaica. Os fiéis de Jesus Cristo começaram a chamar-se cristãos na cidade de Antioquia. Atribui-se a São Pedro a instituição da tonsura clerical; porém esta ainda não se usava nos três primeiros séculos, pois sendo perseguidos os eclesiásticos, ela os teria descoberto. Esta instituição não se pode generalizar até os tempos de Constantino.

A observância do domingo, em vez do sábado, e das festas do Natal, da Epifania, da Páscoa, da Ascensão, e de Pentecostes; o jejum da Quaresma, e das quatro temporadas, o uso da água benta, o sinal da cruz, os *ágapes* ou banquetes comuns de caridade, tudo isto foi atribuído a São Pedro.

São Lino renovou o preceito de São Paulo, ordenando que as mulheres entrassem na igreja com a cabeça coberta. Diz-se que o Papa São Cleto instituiu a fórmula *Saúde e benção apostólica*, o *Pax obis* e o *Dominus vobiscum*, na santa Missa. São Clemente dividiu a cidade de Roma em sete seções ou paróquias, e em cada uma delas estabeleceu um notário ou escrivão encarregado de recolher as atas dos mártires. Também

atribue-lhe o Canon da Missa, isto é, as regras que a Igreja romana observa nas orações e cerimônias do Santo Sacrifício, bem como a benção dos frutos da terra.

Século segundo - o Papa São Vitor estabeleceu que somente se administrasse o Batismo nas solenidades da Páscoa e de Pentecostes, e com água expressamente benta. Ordenou também várias orações e o jejum das sextas-feiras em honra da paixão do Salvador.

São Urbano, Papa, declarou que só os bispos são ministros ordinários do sacramento da confirmação, e que os bens eclesiásticos são de propriedade da Igreja por direito divino.

O Papa São Ponciano estabeleceu que se cantassem os salmos na Igreja e que se rezasse o Confiteor no princípio da Missa.

O Papa São Fabiano designou um diácono em cada uma das sete paróquias de Roma para o cuidado dos pobres, e instituiu outros tantos subdiáconos para recolher as atas dos mártires redigidas pelos notários de que já se fez menção, os quais assistiam aos interrogatórios e a morte dos campeões da fé.

Século terceiro - O Papa São Calixto estabeleceu três dias de jejum durante cada uma das quatro estações do ano, chamadas *quatro têmporas*.

O Papa São Lúcio introduziu o costume de vestir a dalmática e a tunicela durante os ofícios divino Declarou excomungados os que usurpavam ou dilapidavam os bens da Igreja; decreto que confirmaram outros Pontífices e o Concílio de Trento.

O Papa São Estevão decretou que se benzessem, antes de usá-los, os sagrados hábitos e proibiu aos leigos o uso deles.

São Felix estabeleceu que, em quanto fosse possível, se celebrasse o santo sacrificio da Missa sobre os sepulcros e as relíquias dos mártires. Conserva-se ainda este costume; pois põe-se sempre alguma relíquia dentro da pedra sagrada sobre a

qual se celebra o santo sacrifício.

O Papa São Eutiquiano ordenou que se fizesse o *Ofer-tório* na Missa; e a benção do trigo, dos legumes e dos comestíveis. Também decretou que os cadáveres dos mártires se enfeitassem o melhor que fosse possível com um vestido chamado *colóbio*, ou dalmática de cor encarnada.

SEGUNDA ÉPOCA

Desde a conversão de Constantino no ano 312, até a origem do maometismo no ano 622. (abrange um período de 310 anos.)

CAPITULO I

Constantino, o Grande - Aparição da Cruz - O Lábaro - Entrada em Roma - São Melquíades O palácio e basílica de Latrão - Cisma dos donatistas - Carta de Constantino - Concílio de Latrão - Morte de São Melquíades.

Constantino, o Grande - Era filho de Constantino Cloro e de Santa Helena. Após a morte de seu pai, que dominava a Grã-Bretanha e as Gálias na qualidade de Cesar, foi proclamado imperador por seus soldados.

Conquanto não se achasse ainda instruído na fé, amava os cristãos, e dando-lhe estas provas de sua fidelidade em várias ocasiões, ordenou que cessasse a perseguição na Grã-Bretanha e nas Gálias onde ele governava, e que dali em diante os cristãos fossem tratados como os demais cidadãos. Conseguiu este imperador grandes vitórias entre as quais ocupa o primeiro lugar a que obteve contra Maxêncio, filho de Maximiano e seu sucessor no trono. Pelos vícios da avareza e da crápula se tinha tornado Maxêncio desagradável a todos os bons, de modo que de todas as partes chamavam a Constantino para livrá-los daquele tirano. Constantino não titubeou em tomar as armas para combater contra o inimigo da humanidade e da

religião. Foram formidáveis os preparativos de guerra que se fizeram de ambas as partes. Maxêncio, segundo dizem os historiadores, tinha cento e sessenta mil homens a pé e dezoito mil a cavalo, ao passo que Constantino não tinha mais do que quarenta mil. A desigualdade da força atemorizou algum tanto a Constantino: mas Deus serviu-se disso para apartá-lo do culto dos deuses impotentes, tirá-lo daquele perigo e trazê-lo ao conhecimento do verdadeiro Deus.

Aparição da Cruz - Seu inimigo empregava as artes da magia para invocar em seu auxílio as potências infernais; mas ele, ao contrário, dirigiu-se ao verdadeiro Deus que, embora confusamente conhecia como o Criador do céu e da terra, suplicando-lhe que se declarasse em seu favor. Ouviu-o Deus e operou um assinalado prodígio, que a história não declara com suficiente precisão em que local se realizou. Alguns autores dizem que foi nos arredores de Turim, e esta opinião se acha confirmada por uma pintura muito formosa que esta em Roma no palácio do Vaticano, na galeria chamada dos mapas geográficos. Eis como nos referem o fato os historiadores contemporâneos, entre os quais Eusébio de Cesaréia, amigo de Constantino.

Marchava Constantino com seu exército depois do meio dia, quando de súbito viu descer do céu, do lado do sol, uma cruz luminosa que trazia esta inscrição: *In hoc signo vinces*. - Com este sinal vencerás. - Ele e seu exército foram testemunhas daquele milagroso fenômeno que deixou a todos admirados. Constantino não compreendia o que significava aquela cruz, e por isso Deus dignou-se manifestá-lo com uma revelação.

Apareceu-lhe durante a noite Jesus Cristo trazendo na mão uma cruz igual a que tinha visto no dia precedente e ordenou-lhe que fizesse um estandarte semelhante, o qual lhe serviria de segura defesa contra seus inimigos em tempo de guerra. Constantino executou logo o que lhe tinha sido ordenado e deu ao estandarte o nome de lábaro.

O Lábaro - Segundo Eusébio, consistia o lábaro em uma longa lança revestida de ouro, atravessada em certa altura

por um pedaço de madeira, formando todo ele uma cruz. Da parte superior, mais acima dos braços pendia uma coroa resplandecente de ouro e ricas jóias e no centro ressaltava o monograma de Cristo, formado pelas duas letras gregas iniciais dessa palavra. De cada braço da cruz pendia um pano de púrpura, bordado a ouro e pedras preciosas, e na parte superior, debaixo da coroa e do monograma, achava-se em ouro o busto de Constantino e seus dois filhos. Este troféu da cruz foi o estandarte imperial. Deste modo os Romanos, que até então tinham usado um estandarte particular chamado *Labarum*, coberto de imagens de falsas divindades, tomaram por bandeira a cruz de Jesus Cristo. Constantino substituindo nele as imagens do paganismo pelo nome de Jesus Cristo apartou seus soldados de um culto ímpio, e os levou, sem esforços, a adorar o verdadeiro Deus. Este precioso estandarte foi confiado a um corpo de cinqüenta guardas, escolhidos entre os soldados mais religiosos e valentes, que deviam rodeá-lo, defendê-lo e carregá-lo alternadamente sobre seus ombros.

Entrada de Constantino em Roma - Contando com a proteção do Céu, dirigiu-se Constantino animosamente a frente de seu exército para o lugar onde estavam acampadas as tropas de Maxêncio. Seus soldados, ainda que inferiores em número, achavam-se impacientes para combater, pois contavam desde já com a vitória. Já tinha havido um encontro em Suza, porém deu-se outra batalha mais importante na vasta planície que se estende entre Rivoli e Turim deixando ali dono do campo o piedoso imperador. Com muito pouco trabalho apoderou-se de Milão, Brescia e outras cidades, que se entregaram a sua clemência, de modo que sem graves contratempos pode chegar até as portas de Roma. Maxêncio enviou então contra ele seu exército, que se achava do outro lado do Tevere, e fez construir sobre este rio uma ponte levadiça de madeira, dividida em duas partes, que facilmente se podiam unir e segurar por meio de grossas cordas, para que tirando-as se dividissem e Constantino e seu exército caíssem no rio e se afogassem, caso tentassem passar para o outro lado. Querendo além disso que os deuses lhe fossem propícios, lhes oferecia em sacrifício mulheres e crianças, e enquanto corria ainda o sangue das vítimas, o bárbaro príncipe procurava nas entranhas

daqueles infelizes o presságio de seu destino. Ao contrário Constantino preparou seus soldados com a oração e, pondo sua confiança em Deus, iniciou o assalto cheio de valor.

Combateu-se com denodo de parte a parte; porém no fim se declarou a vitória em favor de Constantino. Ao ver Maxeño mortos e dispersos os seus melhores oficiais, tratou de salvar-se fugindo; porém ao passar a ponte que ele mesmo fizera para prejudicar o seu inimigo, pelo ímpeto e multidão dos fugitivos romperam-se as amarras, e caindo com seu cavalo no Tevere se afogou. No outro dia foi encontrado seu cadáver no lodo. Os romanos, vendo-se já livres daquele tirano, receberam com alegria ao vencedor. Constantino ao entrar na cidade, deu graças a Deus pela vitória que tinha obtido, e mandou que a cruz, penhor da proteção do céu, atravessasse a cidade e fosse arvorada no Capitólio para anunciar ao mundo o triunfo do Deus crucificado. Com a cruz adornou também o seu diadema, e proibiu que daí em diante servisse de suplício aos malfeitores. Ano 312.

São Melquíades - O Pontífice São Melquíades teve a gloriosa sorte de receber em Roma o grande Constantino. Dizemos gloriosa, porque foi este, sem dúvida alguma, um acontecimento da maior importância, pois os imperadores romanos, tendo conhecido desde esse tempo a santidade do cristianismo começaram a protegê-lo e a professá-lo publicamente. Senhor de Roma, Constantino chamou do desterro os cristãos, pôs em liberdade os presos e restituiu seus bens aos que deles tinham sido despojados. O romano pontífice, perseguido até então, foi daí em diante objeto de reverência para o imperador cristão que, venerando nele o Deus a quem se reconhecia devedor de suas vitórias e do império, quis provê-lo de tudo o que era necessário para seu decoro.

O palácio e a basílica de Latrão - O palácio de Latrão foi a primeira habitação que Constantino deu aos sumos Pontífices. Este edifício é muito célebre nos fatos da Santa Sé, e se conserva ainda com grande esplendor. Deve o nome de *Latrão* a Pláucio Laterano, cônsul de Roma nos tempos de Nero, que o mandou edificar sobre o monte Celio. Esteve em poder dos imperadores até Constantino que fixara sua morada

nele; porém, querendo este religioso monarca oferecer aos Papas uma morada digna do Vigário de Jesus Cristo deu a São Melquíades uma parte daquele grande edifício. Mais tarde fez inteira doação dele aos Papas, e mandou edificar a seu lado a grande basílica de São Salvador de Latrão, chamada mais tarde São João, a qual costuma-se chamar mãe e cabeça das igrejas de Roma e de todo o mundo: *Ecclesiarum urbis et orbis mater et caput*.

Cisma dos donatistas - No palácio de Latrão celebraram-se muitos concílios, sendo o primeiro o que se reuniu no pontificado de São Melquíades, contra os donatistas, assim chamados do nome de Donato, um dos seus principais fatores. Nasceu esta seita no ano 311, em tempo de Ceciliano, bispo de Cartago. Distinguia-se este por ciência e virtude; porém o acusaram de ter sido sagrado bispo de modo irregular e nulo; já porque Felix, bispo de Aptunga, que o tinha sagrado, era considerado traidor, ou réu de ter entregue os livros sagrados aos perseguidores, já porque no ato de sua sagração não se achava presente a número de bispos, que segundo sua opinião, se requeria. Depois de muitas contendas, os adversários de Ceciliano elegeram outro bispo, chamado Majorino, porém todos os bons católicos se negaram a comungar com o novo bispo intruso, e ficaram fiéis e submissos ao legítimo bispo Ceciliano. Dai nasceu o cisma, isto é, a separação; achavam-se de um lado os católicos com Ceciliano seu chefe, e do outro lado as cismáticos tendo por cabeça Donato com o bispo intruso, Majorino. A desordem chegou a tal ponto, que os Donatistas resolveram apelar para Constantino que se achava então nas Gálias. Este, para formar idéia clara do assunto, pediu ao governador da África uma relação detalhada do assunto, e reuniu em seguida três bispos para conhecer o estado das coisas. Mas quando viu que se tratava de religião, respondeu que essa não era de sua competência, e que como secular não podia dar seu juízo em relação aos ministros daquele Deus, por quem dentro em pouco devia ser julgado. Concluiu dizendo que tantos os acusadores como os acusados escolhessem cada um dez bispos e fossem a Roma com Ceciliano e Majorino, que ali se discutiria tudo com o Papa São Melquíades; em juízo solene se examinaria e julgaria definitivamente a questão.

Carta de Constantino a São Melquíades - Enquanto em cumprimento das ordens de Constantino, os convidados da África se preparavam para ir a Roma, o imperador escreveu uma carta a São Melquíades concebida nestes termos: "por sucessivas cartas que me tem enviado de África meu proconsul Anolino, chegou a meu conhecimento que Ceciliano, bispo de Cartago, é acusado, por seus colegas, de muitos delitos. Pelo que creio conveniente que Ceciliano vá a Roma com dez bispos dos que o acusaram e outros dez que ele julgue necessários para esclarecer e defender sua causa. Além disso, para que possais estar plenamente informado do assunto em questão vos envio cópia das cartas que Anolino me mandou da África contra os colegas de Ceciliano; e as envio com a minha firma para tirar todo o perigo de que possam ser adulteradas. Quando as tiverdes lido com atenção e com o tino que vos distinguem, certamente sabereis como e com que modificações se deverá resolver esta questão. Quanto a mim, vos asseguro que professo tanta estima e respeito para com a Igreja católica, que desejaria que nunca surgissem divisões entre vós, nem aparecessem princípios de discórdias. A suma majestade do Soberano Senhor a vós e a vossos honrados ministros conserve por muitos anos. (Euseb. 1. 10, 15).

Ao receber esta carta, São Melquíades se esmerou em preparar todo o necessário para reunir o concílio; e para que tudo se discutisse profundamente e se sentenciasse por juízes competentes além dos três bispos que mandou Constantino das Gálias, chamou a Roma outros quinze bispos da Itália.

Concílio de Latrão - Este imponente concílio, que foi o primeiro que se efetuou na basílica de Latrão, começou suas sessões a 2 de Outubro do ano 314. Depois de longa discussão, confessou Donato que tinha renovado a sagrada ordenação a alguns que tinham caído em tempo de perseguição, coisas em todo tempo condenadas pela Igreja; porque é dogma da fé que o valor destes sacramentos não depende da bondade daquele que os confere, e que o caráter que eles imprimem não se tira jamais. Ao chegar a causa de Ceciliano, diz Optato de Mileto, interrogaram-se as testemunhas que Donato havia trazido, e estas confessaram que nada tinham de dizer contra Ce-

iliano. São Melquíades depois de ter ouvido todas as opiniões, levantou-se e pronunciou a seguinte sentença: "Constando claramente que Ceciliano não é culpado de pecado algum, nem mesmo segundo a opinião dos que Donato trouxe para acusá-lo, e que este tão pouco pode convencê-lo de culpa alguma, julgo que deve ser reconduzido a sua diocese e reintegrado em todos os seus direitos."

Morte de São Melquíades - São Melquíades não sobreviveu senão três meses a celebração do Concílio de Latrão. O mártirológio romano falando dele diz: "Teve muito que padecer durante a perseguição de Maximiano e depois da volta da paz à sua Igreja dormiu tranquilamente no Senhor."

CAPÍTULO II

São Brás, bispo de Sebaste - Basílica de São Pedro no Vaticano - Ario e sua doutrina - Concílio de Nicéia. - Os arianos e São Atanásio - Morte de Ario - Invenção da Cruz - Morte de Constantino.

São Brás, bispo de Sebaste - Após a morte de São Melquíades foi eleito São Silvestre romano de nascimento, para ocupar o lugar de São Pedro, como pastor da Igreja universal. Coube-lhe a sorte de tomar o governo da Igreja enquanto era protegida por Constantino; porém também teve a dor de ver perseguidos os cristãos pelo imperador Licínio que reinava no Oriente. Este tinha prometido a Constantino não os perseguir; porém faltou a sua palavra. A perseguição fez-se sentir especialmente em Sebaste, cidade cuja sede episcopal achava-se ocupada por São Brás, varão esclarecido por suas virtudes e milagres. Achava-se próximo ao martírio, quando se apresentou uma mãe aflita que pôs a seus pés o filho único, próximo a morte, sufocado por ter-se-lhe atravessado na garganta uma

espinha de peixe. Brás enternecido fez breve oração, e o menino ficou logo livre de todo tormento e perigo. Deste milagre se originou a devoção que os fiéis tem a São Brás contra males da garganta, como também a benção que estes invocam no dia de sua festa.

Vendo o governador da cidade que o santo de nenhum modo queria sacrificar aos ídolos, ordenou que fosse atirado ao mar. Brás fez o sinal da cruz e começou a caminhar por sobre as águas sem submergir; sentou-se logo sobre elas e convidou aos infiéis que fizessem o mesmo, se acreditavam que seus deuses tinham algum poder. Temerários houve que tentaram fazê-lo; porém submergiram no mesmo instante. Depois destes claros sinais de constância e santidade Brás voltou a terra onde o governador, fê-lo decapitar no ano 315.

Basilica de São Pedro no Vaticano - Constantino com o fim de dar maior esplendor ao cristianismo, erigiu muitas igrejas, entre as quais sobressaem a de São João de Latrão a de São Paulo fora dos muros de Roma, e a Basilica de São Pedro no Vaticano chamada assim porque foi edificada aos pés da colina desse nome. Ainda que sempre tida em grande veneração as relíquias do Príncipe dos Apóstolos, ali guardadas em um oratório secreto, não obstante durante os três primeiros séculos não se lhes pode tributar a honra que mereciam erigindo-se-lhes uma Igreja pública; porém apenas cessaram as perseguições, o túmulo de São Pedro foi o santuário do mundo cristão. Por isto o próprio imperador, para dar um testemunho público de honra ao primeiro vigário de Jesus Cristo, projetou erigir-lhe uma Igreja, conhecida sob o nome de Basilica Constantiniana. De comum acordo com São Silvestre, estabeleceu que esta encerrasse em seu interior o pequeno templo edificado por São Anacleto sobre essas relíquias o dia em que se deu princípio àquela santa obra, despiu-se Constantino do diadema imperial e das demais insígnias reais, e depois de ter-se prostrado em terra, e feito uma humilde oração, tomou uma enxada e cavou no lugar onde deviam assentar os alicerces da nova Basilica, e encheu doze canastras com a terra que se tinha extraído, as quais levou sobre seus ombros em honra dos doze Apóstolos. Desenterrou-se então o corpo de São Pedro e, na

presença dos fiéis e do clero, foi colocado por São Silvestre em uma grande caixa de prata fechada numa outra de bronze dourado que se achava fixa no chão. A urna que guardava o sagrado depósito tinha cinco pés de altura, cinco de largura e cinco de comprimento. No centro da tampa que a cobria, pos-se uma cruz de ouro de cento e cinquenta libras de peso que trazia gravados os nomes de Santa Helena e de seu filho Constantino. Terminado este majestoso edifício e preparada a cripta ou aposento subterrâneo, adornado de ouro e pedras preciosas, e rodeado de grande quantidade de lâmpadas, colocou-se nele o corpo de São Pedro, fechado na dita urna. São Silvestre convidou para esta solenidade muitos bispos e fiéis, e para excitá-los abriu os tesouros da Igreja e concedeu muitas indulgências. Foi extraordinário o concurso, e aquela função serviu de exemplo para a consagração das igrejas cristãs de então e dos séculos vindouros. Este acontecimento deu-se aos 18 de novembro do ano 324. A urna de São Pedro fechada desta maneira, segundo parece, não se tornou a abrir. O sepulcro deste grande Apóstolo sempre foi sobremaneira venerado por todos os cristãos

Ario e sua doutrina - Nosso divino Salvador nos deixou dito no Evangelho, que sua Igreja sempre seria perseguida, e que o inferno poria em campo todas as suas más artes para destruí-la, nunca, porém, poderia prevalecer contra ela. Os três primeiros séculos foram tempos de perseguições, de sangue e de estragos; mas a fé de Jesus Cristo passou gloriosa e triunfante por entre esses desastres. À perseguição seguiu-se o triunfo e a paz, mas assim que pode respirar a Igreja, ao cessarem as perseguições, acometeram-na ferozmente a heresia e o cisma, especialmente por meio de um sacerdote de Alexandria chamado Ario. Era Ario homem ambicioso que se achava disposto a cometer qualquer crime para satisfazer sua vaidade. Teve o atrevimento de pregar contra a divindade de Jesus Cristo afirmando que o Filho de Deus não é igual ao Pai, mas sim criatura sua. Esta doutrina foi desprezada no mesmo instante com o horror que merecia, ouvindo-se reprovar em todas as partes essas impiedades e blasfêmias. Bispos e doutores se levantaram contra Ario com a voz e com escritos; encontrou não obstante partidários enganados por sua hipocrisia, e con-

seguiu perturbar a Igreja em todas as partes

Concílio de Nicéia - Conhecendo o imperador os progressos da nova heresia, concordou com o Papa São Silvestre, em opor-se a ela, convocando um Concílio Ecumênico, isto é, uma reunião geral dos bispos. Nesse ínterim ordenou a todos os governadores de províncias que os providessem de todo o necessário para a viagem. o Pontífice consentiu de bom grado e resolveu que o Concílio se reunisse em Nicéia, cidade principal de Bitínia, chamada hoje Isnik, na Anatólia. Abriu-se o Concílio no ano 325 e achavam-se presentes 318 bispos. O Papa, não podendo ir pessoalmente, mandou para o representar a Ósio, bispo de Córdoba, e dois sacerdotes romanos chamados Vito e Vicente. Eram, pois, eles os legados do Papa, que deviam presidir em seu nome ao Concílio. foi uma reunião imponente, nunca vista e impossível de se descrever, parte dos prelados que a compunham distinguia-se já por doutrina, santidade e milagres, e muitos deles traziam as cicatrizes dos tormentos que tinham sofrido na última perseguição. No dia em que devia inaugurar o Concílio, reuniram-se todos os bispos em uma grande sala. Constantino, como sinal de respeito aos que se achavam presentes, quis entrar por último, e não quis tomar assento até que o tivessem feito os demais. Tomou parte no Concílio, não como juiz, senão como protetor dos bispos e para impedir que os hereges causassem turbulências.

Ario, que também tinha sido admitido atreveu-se a sustentar jactanciosamente sua blasfêmia em presença do concílio. Horrorizaram-se os Padres, e com argumentos tirados dos Livros Sagrados e da Tradição provaram e definiram que Jesus Cristo é igual ao Pai e verdadeiro Deus, e que tem a mesma substância e a mesma natureza que o Pai. Para exprimir este dogma, empregaram a palavra "consustancial". Ósio como presidente do concílio e legado do Vigário de Jesus Cristo, compôs uma profissão de fé conhecida sob o nome de "Símbolo de Nicéia". Os bispos pronunciaram anátema contra Ario, e o imperador apoiou o juízo dogmático da Igreja com a força do braço secular, desterrando o hereges e seus partidários. Tal foi a conclusão desta célebre reunião, cuja memória sempre será venerada pelos católicos, por ter constituído o primeiro Concí-

lio Geral da Igreja.

Os arianos e São Atanásio - Os arianos que tinham sido condenados no Concílio de Nicéia, para não serem desterrados, fingiram aceitar a decisão dos Padres, ao passo que trabalhavam secretamente contra os católicos. São Atanásio bispo de Alexandria foi seu mais formidável adversário e a coluna que Deus pôs para que servisse de dique contra aqueles ímpios blasfemos de seu Filho. Nasceu em Alexandria no Egito, e ainda muito jovem, apenas diácono, tomou parte no Concílio de Nicéia onde deu visíveis sinais de santidade, zelo e profunda doutrina. Morto o bispo São Alexandre, foi eleito com aplauso universal para ocupar seu posto.

Tendo ele reprimido a impiedade de Ario, de tal modo concitou contra si o ódio de todos os arianos, que desde então nunca mais deixaram de lhe armar insídias. E como vissem que saíam baldados todos os esforços, dirigiram contra ele a arma costumada dos malvados, a calúnia. Em conciliábulo reunido em Tiro, os arianos apresentaram a Santo Atanásio, que se achava presente, a mão de um morto, dizendo-lhe: "Eis aqui o que te condena. Conheces esta mão? É a mão daquele santo varão chamado Arsênio, a quem tu mandaste dar a morte." Atanásio ficou algum tempo em silêncio, e dirigindo-se em seguida à assembléia, disse: "Recorda algum de vós as feições de Arsênio?" Muitos responderam afirmativamente. Então Atanásio fez um sinal a Arsênio, que tinha feito ir ali para provar a sua inocência, e mandou-lhe que, deixando o manto em que estava envolto, se adiantasse e mostrasse que estava vivo, e que possuía ambas as mãos. Em vista disto, aqueles ímpios caluniadores se cobriram de vergonha, longe, porém, de se apaziguarem ante justificação tão evidente, se enfureceram ainda mais e, acrescentando calúnia a calúnia, obrigaram ao imperador a tirar Atanásio de sua sede e à mão armada por outro em seu lugar. O santo prelado viu-se obrigado a salvar sua vida passando muitos anos em penoso desterro. Pode, é verdade, voltar de vez em quando a Alexandria, porém teve de retirar-se novamente dali pela perseguição dos arianos: e para não cair em suas mãos viu-se forçado a ficar escondido cinco anos em uma cisterna enxuta, e outros quatro meses no sepul-

cro de seu pai. Contudo não deixou por isto de refutar e combater por meio de cartas, livros e todos os meios a seu alcance, a esses inimigos de Jesus Cristo; até que, voltando à sua sede, concluiu em paz sua vida no ano 373, tendo sido bispo durante 46 anos.

Morte de Ario - Ario, depois de ter causado males gravíssimos à Igreja, desejando abrir-lhe chagas mais profundas ainda, fingiu emendar-se: para isso se apresentou ao imperador, e com juramento lhe assegurou que acreditava em tudo o que ensinava a Igreja Católica. Receando Constantino algum engano disse-lhe: "*se mentes, Deus vingará teu perjúrio, entretanto podes voltar a ocupar teu cargo!*". E deu ordens para que pudesse voltar ao exercício de seu ministério em Constantinopla. Os hereges seus sectários, estavam sobremaneira contentes de poder levar Ario a tomar posse daquela Igreja, donde tinha sido expulso; e para que a reintegração fosse mais solene estabeleceram que se realizaria no domingo seguinte.

Um povo imenso acompanhava o obstinado herege que sentado em um carro elegantemente adornado, tratava de aumentar sua pompa espalhando-se em fastidiosos e arrogantes discursos; porém ali o esperava a divina vingança. Tendo chegado no meio de tanta glória, perto da Igreja onde devia dar-se a reintegração, apodera-se dele um repentino terror, empalidece e treme agitado por violentos remorsos. Acometido ao mesmo tempo de horríveis dores de ventre e laceração de intestinos, morreu desesperado em uma pública sentina, tendo caído com muito sangue uma parte de suas entranhas. Ano 336.

Invenção da santa Cruz - o imperador Constantino, reconhecendo-se devedor à Cruz de suas vitórias, desejava ardentemente dar mostras especiais de veneração àquela sobre qual dera sua vida o Salvador. Ardendo o coração de sua mãe santa Helena no mesmo desejo, posse de acordo com seu filho e com o romano Pontífice, e foi a Palestina em busca desse tesouro, apesar da avançada idade de oitenta anos. Era muito difícil encontrá-la, porque os pagãos tinham amontoado muita terra no lugar onde se achava o sepulcro e formado ali uma grande praça, erguendo no centro um templo a Venus; porém nada pode impedir que a piedosa princesa visse realizados seus

desejos. Sabendo pelos anciãos de Jerusalém, que se chegasse a encontrar o sepulcro, encontrar-se-ia também a Cruz, fez logo derrubar o templo pagão e dar começo às escavações. Depois de muito trabalho, descobriu-se afinal a gruta do santo sepulcro, e a muito curta distância dele se acharam três cruzes, e em lugar separado encontrou-se também o letreiro que tinha sido posto na cruz do Salvador, com os cravos que tinham perfurado suas mãos e seus pés. Mas, como se podia conhecer qual a verdadeira cruz? Helena, a conselho de Macário bispo de Jerusalém, mandou levar as três cruzes à casa de uma mulher que desde longo tempo se achava atacada por uma incurável enfermidade. Aproximaram sucessivamente as três cruzes, e ao mesmo tempo rogava-se ao Divino Salvador que fizesse conhecer qual delas tinha sido banhada com seu sangue. Estava presente a imperatriz, e toda a cidade esperava com ansiedade o sucesso. As duas primeiras cruzes não causaram nenhum efeito na enferma, porém assim que se aplicou a terceira, sentiu-se perfeitamente curada e se levantou no mesmo instante. O historiador Sozomenos afirma que também sendo aplicada a um cadáver o ressuscitou logo, o que se acha confirmado por São Paulino. Cheia de alegria a santa mulher, desprende uma parte da verdadeira cruz para a enviar a seu filho, e encerrando o resto em uma caixa de prata, colocou-a nas mãos do bispo Macário para que a depositasse na Igreja que Constantino tinha ordenado se levantasse no Santo Sepulcro. Helena não viveu muitos anos depois de sua viagem a Jerusalém e cheia de merecimentos perante Deus e os homens, morreu pouco tempo depois, sendo honrada pela Igreja como santa. A Igreja católica celebra todos os anos este prodigioso descobrimento no dia 3 de maio.

Morte de Constantino - Quanto mais miserável foi a morte dos perseguidores da Igreja, tanto mais consoladora foi a morte desse protetor da fé. Vendo Constantino os oficiais que choravam em derredor de seu leito de morte, disse-lhes: Eu vejo com olhos diferentes dos vossos a verdadeira felicidade; e, longe de afligir-me, folgo muito porque chegou para mim o momento de gozar dela. Deu-lhes as ordens necessárias para que se conservasse a paz no império, fez-lhes jurar nunca emprenderiam coisa alguma contra a Igreja, e com a paz dos

justos morreu com 64 anos de Idade, 31 de reinado no ano 337 de nossa era. Antes de morrer dividira o império entre seus filhos Constâncio e Constante. Sua morte foi chorada por todos, e embora seja verdade, que se lhe imputam alguns delitos que cometeu levado pela cólera ou engano por falsas relações, o certo é que fez penitência deles e reparou seus escândalos vivendo virtuosa e exemplarmente.

CAPITULO III

Concílio de Rimini - Santo Antão, monge - Vida monástica - Juliana apóstata - Persegue os cristãos - Sua morte.

Concílio de Rimini - Constâncio filho e sucessor de Constantino no Oriente, favoreceu desgraçadamente o arianismo, e para fazê-lo triunfar, reuniu um concílio em Rimini: porém todos os bispos, a uma voz, pronunciaram anátema contra os arianos. Não satisfazendo isto ao imperador, mandou um oficial seu ao concílio, o qual com promessas e ameaças induziu a maior parte dos bispos a subscrever uma fórmula de fé, na qual não se achava a palavra *consustancial*. Conquanto essa fórmula não fosse herética, não exprimia, entretanto, com suficiência, a fé de Nicéia. Os arianos se jactaram muito com isso, como se com essa fórmula se tivesse adotado sua heresia, porém os bispos que a tinham firmado quando conheceram o sentido perverso que lhe davam os hereges se opuseram a ela, e professaram seu apego à fé de Nicéia. O Papa Libério unido aos bispos de todo o mundo, levantou a voz contra este escândalo, não servindo desta maneira nem a violência, nem a astúcia para obscurecer a fé católica. Ano 359.

Santo Antão, monge - O primeiro e o mais célebre entre os solitários foi, como já se disse, São Paulo, porém a

este não se considera como fundador da vida monástica, porque não teve muitos discípulos, nem deu uma regra fixa para este gênero de vida cristã; por isso geralmente se venera Santo Antônio o Egípcio como fundador do monaquismo. Observe-se que se chamavam *monges* ou *solitários* os religiosos que viviam separados um dos outros, e habitavam em celas ou cabanas e as vezes em cavernas, distantes umas das outras, reunindo-se somente em certas ocasiões para orar juntos, assistir aos divinos ofícios, e receber instruções e avisos, ao passo que chamavam-se *cenobitas* os religiosos que viviam juntos, e dormiam debaixo do mesmo teto. Só com o correr dos tempos, *monge* e *cenobita* tiveram o mesmo significado.

Nasceu Antônio no ano 252, de pais virtuosos e nobres, e passou sua primeira juventude na piedade mais exemplar. Na idade de dezoito anos, entrando certo dia na Igreja em momento em que se lia este texto do Evangelho: "*Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, depois vem e segue-me e terás um tesouro no céu*", tomando estas palavras como ditas para si, deliberou segui-las fielmente, e dando tudo o que possuía aos pobres, abandonou seus pais e amigos, e retirou-se as solidões da Tebáida. Ali deu principio a um método de vida o mais austero que se possa imaginar: servia-lhe de cama uma esteira ou a terra nua; alimentava-se uma vez por dia depois do sol posto, e sua comida consistia em escasso pão e água, servindo-lhe de vestimenta, um cilício e um manto de couro. Depois de muitos anos de vida muito austera, Deus lhe concedeu o dom de milagres, e isto lhe atraiu tal séquito de discípulos, que com grande assombro do mundo, povoaram imensos desertos que pareciam inabitáveis, formando-se várias comunidades em algumas das quais se achavam até mil e mais monges. Estes valentes cristãos animados por tal mestre, formavam um espetáculo não menos maravilhoso do que o dos mártires. Cheio de méritos e esclarecido pelos seus milagres, passou Antônio a melhor vida no ano 357 aos 105 de idade. Sua vida foi escrita por Santo Atanásio.

Vida monástica - A vida solitária ou monástica tinha por objeto observar a pobreza, a obediência, a castidade em seu grau mais perfeito, e fazer morrer totalmente o homem às

coisas do corpo para fazê-lo viver só para as do céu. Para consegui-lo empregava-se quatro meios: o trabalho, o jejum, a solidão e a oração. O trabalho era muito penoso, e por isso ocasião contínua de áspera mortificação, consiste geralmente em fazer esteiras e cestos de junco, ou de palma, os quais vendiam dando quase todo seu fruto aos pobres. Não comiam senão uma vez no dia e o faziam ao do sol, e isso durante todo o ano excepto os dias de domingo e o tempo pascal. Seu alimento regularmente, compunha-se de ervas sem tempero algum, exceto o sal, e o azeite às vezes; uma ou outra vez também comiam tâmaras ou figos secos. Vida tão austera em vez de debilitar suas forças, as aumentava de tal modo que muitos deles chegavam a uma avançada e florida velhice. Todos sabemos que São Paulo morreu aos 113 anos, São Antão viveu 105; São Macário de Nitra igualmente seu discípulo chegou aos 100 anos. Estes e outros exemplos de vigorosa velhice demonstram que a vida sóbria e temperante é fonte de saúde e conserva vigorosamente as faculdades mentais. Muitos deles reuniam-se duas vezes ao dia para rezarem em comum, recitando cada vez doze salmos, ao que seguia-se a leitura da História Sagrada; o resto do dia rezavam de per si, encerrados em uma cela. Outros, que viam muito separados, não acudiam a reunião senão aos domingos e dias festivos; os demais dias oravam a sós. Todos prestavam a seus superiores uma obediência ilimitada e perfeita, vendo Deus na pessoa deles; por isso reinava entre eles a mais admirável união, concórdia e caridade.

Juliano Apóstata - Enfurecido Satanás pela queda da idolatria no império romano, tratou de voltar a ressuscitá-la por meio do imperador Juliano, chamado comumente apóstata porque abandonou a religião cristã em que se tinha educado, e pôs em campo todos os meios a seu alcance para destruí-la. Era Juliano filho de um irmão do grande Constantino, e na morte de Constâncio como herdara ele todo o império, fez tudo o que pode para restabelecer o culto dos ídolos. Tendo predito Jesus Cristo que não ficaria pedra sobre pedra do templo de Jerusalem, e tendo os fatos, como vimos, correspondido plenamente as suas palavras, propôs-se Juliano a desmenti-lo reedificando aquele templo célebre; porém a única coisa que conseguiu foi tirar a última pedra sem poder sequer lançar os ali-

cercas. Logo que começou o edifício não se tinham ainda asentado as primeiras pedras, quando sobreveio um espantoso terremoto que as vomitou do seio da terra, e as lançou contra os operários, especialmente judeus. Muitos deles que tinham corrido para ali com frenético entusiasmo para ver se conseguiam reedificar seu antigo templo, morreram sepultados entre as ruínas, deixando outros gravemente feridos. Tornou-se a tentar mais de uma vez a temerária empresa, e não se abandonou até que turbilhões de vento espalharam a areia, o cal e os demais materiais. Mas o mais prodigioso e terrível a um tempo é que saíam dentre aquelas ruínas glóbulos de fogo que serpenteando com a rapidez do relâmpago, deitavam por terra os trabalhadores e os arrastavam consumindo muitos até os ossos e carbonizando outros, até chegavam a alcançar a alguns judeus que estavam muito longe e os sufocavam ou consumiam. Em vista de tão extraordinário milagre, não se atrevendo já ninguém aproximar-se daquele lugar, desistiu-se da empresa. Ano 363.

Perseguição de Juliano - Exasperado Juliano pelo mau êxito da reedificação do templo de Jerusalém, condensou todo o seu ódio contra os cristãos, aos quais teria querido aniquilar se possível lhe fosse. Com este fim ajudava os hereges e os cismáticos, dando-lhes toda sorte de liberdades ao passo que despojava o clero de todos os seus bens e privilégios, dizendo em tom de zombaria, que não fazia mais do que fazê-los praticar a pobreza evangélica. Obrigava-os a pagar crescida soma para reparar os templos dos ídolos e não confiava cargos públicos aos cristãos nem permitia que eles se defendessem perante os tribunais. "Vossa religião, dizia-lhes, proíbe os pleitos e as pendências. Proibiu finalmente aos cristãos que exercessem o ofício de mestres de escola ou de professores nas academias, dizendo que era inútil o estudo das ciências e das letras aos que tão somente devem crer sem raciocinar.

Morte de Juliano - Este gênero de perseguição teria sido muito mais funesto para a Igreja do que a crueldade de Nero e de Diocleciano, se Deus não tivesse derrubado por terra os planos de Juliano com uma morte prematura. Tinha esse ido combater contra o rei da Pérsia com propósito de exterminar

os cristãos assim que alcançasse a vitória; porém a mão poderosa do Senhor desbaratou os atrevidos planos do apostata, e quando ele contava já com a vitória, uma fecha, cuja procedência se ignorava, atravessou-lhe o coração. Ao fazer força para tira-la cortaram-se-lhe os dedos, e caiu desmaiado sobre seu cavalo.. Tiraram-no dentre a multidão para curar a ferida; porém tornando-se-lhe cada vez mais agudas as dores, dava gritos de desespero. Caindo em um paroxismo de raiva arrancava com a mão o sangue de sua ferida e atirando-o para o céu exclamava: "Venceste, Galileu... venceste, Galileu", referindo-se com essas palavras a Jesus Cristo contra quem sempre tinha combatido. Obstinado na impiedade morreu no ano 365, aos 31 anos de idade. Com ele caiu para sempre a idolatria no império romano. Jesus Cristo conseguiu novo triunfo e a Igreja Católica nova e muito esplendida vitória.

CAPITULO IV

Santo Hilário - Santo Eusébio - Santo Ambrósio - Segundo Concílio Ecumênico e os Macedonianos - São Gregório Nazianzeno - São Basílio Magno - São Dámaso - São Jerônimo.

Santo Hilário. - Contra os esforços que a heresia e a perseguição faziam em prejuízo da fé, suscitou Deus uma série de homens célebres pela santidade e doutrina, chamados comumente *Doutores* ou Mestres da Igreja. Estes pelo heroísmo de suas virtudes, pela profundidade de sua ciência e por zelo incansável, foram a salva-guarda do Evangelho em várias partes do mundo. Um destes bispos e doutores insígnies foi Santo Hilário de Poitiers, que com justiça se pode chama-lo apóstolo das Gálias, suscitado contra os arianos. Nascido de pais nobres, estes o instruíram em todos os ramos da literatura e das ciências e tanto aproveitou que ainda jovem, passava por um dos oradores mais eloquentes. Apenas conheceu a religião cris-

tã, recebeu o batismo e começou a praticá-la com o exercício das mais sublimes virtudes. A extraordinária ciência e santidade que o adornavam foram motivo para que o nomeassem bispo de sua pátria; ele se opôs quanto pode, e somente aceitou o honroso cargo quando conheceu ser essa a vontade de Deus. A nova dignidade não produziu nele senão maior entusiasmo pela glória de Deus. Não poupou esforços ou fadigas para dar-se todo a todos e ganhá-los todos a Jesus Cristo. Sua casa foi a casa dos pobres; para eles era tudo o que possuía. Pregava com tamanho fervor a palavra de Deus, que os gentios e até os próprios arianos, em grande número naquelas regiões, corriam estupefatos a ele para que os instruisse nas verdades católicas. o imperador Constâncio, grande protetor dos arianos, oprimia de mil modos os católicos, despojava-os de seus bens e os desterrava. Hilário, que se opôs, qual forte muralha, a esse perseguidor, chamou sobre si suas iras; por isso foi tirado de sua sede e desterrado para as mais longínquas regiões do Oriente. Hilário aproveitou essa ocasião para escrever vários livros em defesa do Evangelho. o mais importante e o que traz o título de *Tratado da Trindade*, composto expressamente para refutar os arianos. Nele se estabelece como regra infalível a doutrina de São Pedro, e falando dele assim se exprime: "Oh! Feliz fundamento da Igreja e pedra digna de que sobre ela a Igreja seja edificada, para que quebre as portas do inferno e todos os vínculos da morte! ó bem-aventurado porteiro do paraíso, cuja sentença aqui na terra se transforma em juízo autorizado no céu; de modo que as coisas atadas ou desatadas sobre a terra recebem plena confirmação também no céu!". Achou-se também Santo Hilário no conciliábulo de Selêucia, que se reuniu no ano 359, convocado, por alguns bispos orientais infeccionados de arianismo. No meio de tantos inimigos da verdade, ele continuou em seu propósito de provar a divindade de Jesus Cristo refutando ponto por ponto a seus adversários; porém indignado por suas blasfêmias, abandonou aquele antro de Satanás e se apresentou ao imperador Constâncio, em Constantinopla, para lhe fazer patente o perigo em que se achava a fé ortodoxa, porém como o imperador era ariano e favorecia o conciliábulo de Calcedonia, pediu Hilário permissão para disputar publicamente sobre a fé com seus adversários.

Os arianos receando ser confundidos publicamente pelo Santo, se recusaram a conferenciar com ele, dizendo que não queriam tratar com um perturbador da paz; e para sair do apuros, convenceram ao imperador que o fizesse voltar ao bispado de Poitiers. Sua entrada nas Gálias foi um verdadeiro triunfo, de todas as partes acorriam para festejá-lo, e o Senhor quis fazer mais ilustre sua volta, obrando milagres, como o de ressuscitar a um menino morto sem receber o batismo. Apenas gozou um momento de paz, se dedicou com o maior zelo a reparar a Igreja dos males que lhe tinham causado seus inimigos. também reuniu alguns Concílios, e tendo conseguido trazer para o caminho da verdade os bispos seduzidos pelos hereges, pode com sua cooperação desarraigar a heresia dos arianos, de quase toda a Gália. escreveu muitos outros livros cheios de erudição, livros que São Jerônimo encarece e declara isento de todo erro. Morreu no ano 269.

Santo Eusébio - Santo Eusébio, bispo de Vercelli, foi o primeiro que reuniu no Ocidente os eclesiásticos da cidade, para viverem juntos na qualidade de religiosos, dando assim origem à instituição dos cônegos. Foi uma das principais salvaguardas da fé católica contra os arianos. Em um Concílio celebrado em Milão disputou com eles com tanta solidez de argumentação, que confundidos não sabendo que partido tomar, dirigiram-se ao imperador e conseguiram fazê-lo desterrar. O santo soube aproveitar o tempo de seu desterro para fortalecer os católicos do Oriente e Ocidente. Depois de ter sofrido fome, sede, açoites e outros ultrajes, tendo morrido o imperador Constâncio, permitiu-se-lhe voltar à sua diocese. A volta do magnanimo prelado, toda a Itália despiu-se das vestes de luto, *lúgubres vestes mutavit*, conforme a expressão de São Jerônimo, porque a volta de Santo Eusébio era o triunfo da verdade católica. Quis Deus dar-lhe o prêmio que mereciam tantos padecimentos e fadigas, permitindo que depois de governar em paz sua diocese por alguns anos, recebesse a coroa do martírio das mãos de alguns arianos, que lhe deram a morte apedrejando-o. Subiu ao céu no ano 370.

Santo Ambrósio - Sem dúvida foi um dos bispos mais insígnies em doutrina e santidade, que floresceram na Igre-

ja naqueles tempos. Achava-se presidindo em nome do imperador os negócios civis da Ligúria e da Emilia, porém como surdissem discórdias em Milão motivadas pela eleição do bispo, enviou-o o imperador para ali afim de apaziguar os ânimos. "Ide, disse-lhe aquele monarca, e regulai as coisas não como severo governador, mas com a caridade de bispo." Ao chegar àquela cidade, entrou entre os amotinados e se esforçava em serenar os ânimos, quando um tenro menino que descansava nos braços da mãe, despreza a língua e grita: "Ambrósio nosso bispo; Ambrósio nosso bispo." E tomando aquela voz como sinal da divina vontade, todos exclamaram: "Ambrósio é nosso bispo." E assim, apesar de sua grande repugnância, com aplauso universal foi criado bispo de Milão no ano 374.

Escreveu muitos livros, sermões e cartas em defesa da religião e em favor da virgindade, da qual fez os maiores elogios, fundando em sua diocese vários conventos de virgens. Para conhecer qual a verdadeira crença entre todas as que se chamam cristãs, dava Santo Ambrósio esta regra: "Onde esta Pedro (vivendo em seu sucessor), ai esta a Igreja de Jesus Cristo: *Ubi Petrus, ibi Ecclesia*." significando com isto que são verdadeiros cristãos somente os que estão unidos com o sumo Pontífice. Este insígne Doutor descansou em paz no ano 397.

Segundo Concílio Ecumênico e os Macedonianos

- O segundo Concílio Ecumênico é o primeiro Constantinopolitano, chamado assim porque foi o primeiro Concílio Ecumênico celebrado em Constantinopla. Motivou este Concílio a hereisia de Macedonio, que, à força de enredos, se tinha elevado a sé daquela capital. Os arianos atacavam a divindade do Verbo; Macedonio, a do Espírito Santo. Era então imperador Teodósio o Grande, e regia a Igreja São Dámaso. Este douto Pontífice vendo ameaçada a fé, convocou, de acordo com o piedoso monarca, um Concílio em Constantinopla, para que se combatessem os erros ali onde tinham nascido. O Concílio se reuniu no mês de maio do ano 384, e concorreram a ele 150 bispos orientais. Foram condenados os erros de Macedonio e se confirmou o *Símbolo de Niceia*, ao qual se acrescentaram estas palavras que dizem respeito a divindade do Espírito Santo: *Creio no Espírito Santo, Senhor e vivificador... o qual juntamente com*

a Pai e com o Filho e adorado e glorificado, o qual falou pelos profetas. Teodósio recebeu as decisões do Concílio como se fossem saídas da boca do próprio Deus e promulgou uma lei para que não fossem desprezadas. Ainda que não constasse esta reunião senão de bispos orientais, bastou, sem dúvida, a aprovação do Papa para dar-lhe toda autoridade de um Concílio Ecumênico, de maneira que seus decretos constituem uma regra infalível de fé.

São Basílio Magno - São Basílio Magno nasceu no ano 319 em Cesaréia da Capadócia, de pais ilustres, nos quais a piedade pode se dizer foi hereditária. Seu pai também chamado Basílio (santo), sua mãe santa Emélia, e especialmente sua avó santa Macrina se encarregaram de educá-lo na ciência e na piedade. Jovem ainda, mandaram-no jovem ainda, mandaram-no seus pais completar os estudos em Atenas, onde se ligou em estreita amizade com Gregório Nazianzeno. Como esta amizade era fundada na virtude, durou toda a vida. Enquanto estudava, impôs-se a obrigação de evitar rigorosamente todos os vícios que causam a perdição da mocidade, especialmente a desonestidade. Por isso fugia de toda classe de companheiros, excetuando a S. Gregório com o qual convivia, nem conhecia outros caminhos, além dos que levavam à Igreja e à escola.

Ordenado sacerdote, chamaram-no ao Ponto para combater os arianos, dos quais converteu grande número. Neste tempo já se tinha divulgado sua fama por todo o Oriente, e falecendo Eusébio, bispo de Cesaréia, foi elevado à sé episcopal daquela cidade. Durante uma carestia que afligiu a sua diocese, socorreu com tanta caridade aos necessitados, que daí em diante sempre foi considerado pelo povo como pai amorosíssimo. Somente ao imperador Valente, que era ariano, não agradou o zelo de Basílio, e até estava para desterrá-lo, se o céu não tivesse vindo em seu auxílio. Ao querer o imperador assinar a sentença, quebraram-se sucessivamente três penas e a cadeira na qual se sentava. Persistindo, entretanto, em seu ímpio propósito, apoderou-se de sua mão um grande tremor, e adoeceram gravemente, ao mesmo tempo, sua mulher e seu filho. Ferido por estes prodigiosos sinais, reconheceu sua impiedade e sé reconciliou com O santo bispo, ficando curada ao

mesmo tempo a mulher e melhorando O filho. O pobre imperador, na perturbação, chamou os hereges para batizá-lo, e o infeliz menino morreu instantaneamente.

Este maravilhoso santo, doutor e luminar da Igreja, foi gozar a paz dos justos no ano 379, com 51 anos de idade. Foi admirável por sua abstinência e continência; passava noites inteiras em oração. Escreveu com grande erudição, e ninguém, entre os Padres gregos, conforme o testemunho de São Gregório Nazianzeno, explicou com maior verdade e clareza os livros da Sagrada Escritura.

São Gregório Nazianzeno. - O amigo fiel de S. Basílio, Gregório Nazianzeno, ou de Nazianzo, cidade da Capadócia, por sua profunda, ciência, foi chamado o Teólogo. Santa Nona e S. Gregório seus pais, esmeraram-se para que, juntamente com as letras, adquirisse o temor de Deus. Para confirmá-lo no amor da castidade, mandou-lhe Deus uma visão... “Um dia, diz ele narrando o fato, vi, enquanto dormia, duas virgens da mesma idade e de igual beleza, vestidas como convém a meninas cristãs. Um vestido branco ajustado à cintura baixava-lhes até os pés. Tinham os olhos baixos e o rosto coberto com um véu. Pelos seus lábios cerrados via-se quanto apreciavam o silêncio. Abraçaram-me como a um menino, e perguntando-lhes eu quem eram, responderam-me serem a castidade e a temperança, companheiras de Jesus Cristo e amigas dos que se consagram a Deus por meio da continência. Inflamado de amor por essa virtude,’ continua o santo, eu não podia por assim dizer, deter meus pés sobre a terra, porque desejava gozar da companhia daqueles espíritos puríssimos, que estão no céu: por isso não me agradavam já os banquetes, nem os formosos vestidos, nem as conversações pouco honestas, que são como a podridão de uma carne ulcerada e corrompida.”

Depois de ter estudado quinze anos em Atenas, deixou esta cidade para voltar à sua pátria, com o propósito de abandonar o mundo e retirar-se a um deserto. Mas o bispo de Nazianzo, prevendo que, por suas virtudes e profunda ciência, chegaria a ser um luminar da santa Igreja, O consagrou sacerdote apesar da sua resistência. Tendo-se depois ocupado com gran-

de zelo em pregar contra os arianos, trouxe muitos deles à fé. Manifestando-se sempre cada vez mais nele, por meio dessas pregações, a santidade e a ciência, foi criado bispo, ainda que tivesse fugido sempre dessa dignidade. Chamado à sé episcopal de Constantinopla, empregou sua palavra e escritos em combater a heresia dos Macedonianos, e conseguiu reconduzir toda a cidade à fé católica. Isto provocou a inveja de muitos; então êle, por amor à paz, renunciou ao bispado e se retirou para sua terra natal. Ali, em companhia de alguns solitários, levou uma vida angélica.

As mortificações, os jejuns, as vigílias, as orações, o silêncio e a solidão ocupavam todos os momentos de sua vida. Escreveu sobre muitos assuntos em prosa e em verso, com admirável piedade e com tal elegância, que deixou muito aquém todos os seus contemporâneos. Finalmente, na idade se 60 anos, cheio de méritos, foi gozar a glória celeste. Ano 390.

São Dámaso - São Dámaso, espanhol, pontífice insígne por doutrina, prudência e virtude, tinha sucedido ao Papa Libério no ano 366. Deve-se a ele a convocação de segundo Concílio Ecumênico. Edificou várias igrejas; entre elas a de São Lourenço em Roma; mandou que no fim dos salmos se acrescentasse o *Gloria Patri*; escreveu muitas obras em prosa e verso, e chamou a Roma São Jerônimo para que lhe servisse de secretário nas cartas latinas. Por ordem de São Dámaso, o grande doutor traduziu do hebraico para o latim os livros sagrados do *Antigo Testamento*, e corrigiu a tradução latina que já existia dos livros do *Novo Testamento*, fazendo-a mais conforme e fiel com o texto grego.

São Dámaso que o tinha estimulado com palavras e exemplos a fazer estas obras maravilhosas em favor da Igreja, morreu octogenário no ano 384, depois de dezoito anos de glorioso pontificado.

São Jerônimo - São Jerônimo nasceu na cidade de Estridon, na Dalmácia. Estudou em Roma, e depois de ter estado nas Gálias, foi a Constantinopla pôr-se sob a direção de São Gregório Nazianzeno; dali passou ao deserto de Cálcida na Síria, onde levou uma vida muito austera, inteiramente dedica-

do ao estudo e à oração. Muito versado no grego, no latim e no hebreu, foi suscitado por Deus para interpretar e explicar as divinas Escrituras, e por isto o venera a Igreja de um modo especial, dando-lhe o título de *Doutor Máximo*. Sua tradução foi adotada pela Igreja, e é a mesma que, aprovada pelo Concílio de Trento, corre ainda em mãos dos Cristãos sob o nome de Vulgata. Quanto aos salmos, se usou sempre e ainda se continua usando a tradução latina do tempo dos Apostólos. Os hereges, tendo conhecido a profundidade de seu engenho, não pouparam meios para ganhá-lo; ele, porém, para certificar-se de não cair em erro, consultava com frequência a Santa Sé e com este fim escreveu diferentes cartas a São Dámaso. Entre estas é particularmente memorável aquela em que o santo doutor, cansado já pelo tédio que lhe causavam as diferentes facções que dividiam a igreja da Antioquia, dizia: "Querendo me certificar de estar com Jesus Cristo, me uno a comunhão de Vossa Santidade, isto é, a cadeira de São Pedro; Eu sei que a Igreja está edificada sobre este fundamento; todo aquele que come do cordeiro fora desta casa é profano; todos os que não se refugiaram na arca de Noé, pereceram no dilúvio. Combato qualquer outra doutrina, porque quem não recolhe convosco, espalha, isto é, quem não está com Jesus Cristo está com o anti-Cristo. (Ep. 14 ad Dam.).

Empregou toda a vida em compor livros para instruir os fiéis e combater os hereges; de sorte que, de todas as partes recorriam ,a ele nas questões mais difíceis. Escrevia com tal veemência contra os hereges que suas sentenças pareciam raios. Para evitar as insídias de seus inimigos e para preparar-se melhor para a morte, saiu de Roma e foi a Belém onde Santa Paula, dama romana, havia construído dois conventos; um para homens e outro para mulheres.

Ali consumido pela penitência e trabalhos, descansou no Senhor na idade de oitenta e nove anos. Ano 420.

CAPÍTULO V

Donatistas e Santo Agostinho - Pelágio e seus erros - Morte de Santo Agostinho - Nestório e o terceiro Concílio Ecumênico - Fim de Nestório - Êutiques e o quarto Concílio Ecumênico.

Donatistas e Santo Agostinho - Os Donatistas que tinham sido condenados solenemente no Concílio de Latrão, no pontificado de São Melquíades, sossegaram por algum tempo; porém pouco depois voltaram mais furiosos que antes. Apoderaram-se a mão armada das igrejas, saquearam e destruíram os altares e os demais objetos sagrados, e sua impiedade chegou até batizarem de novo, e à força a os que já tinham sido batizados, tratando cruelmente os que não queriam consentir nisso. A Providência, porém, suscitou, na pessoa de santo Agostinho, um bispo esclarecido por sua santidade e doutrina, que devia vencê-los juntamente com outros hereges.

Nasceu em Tagaste cidade da África no ano 354, e durante a juventude levou uma vida desregrada. Deus, porém, que o chamava para grandes coisas, ouviu as orações de sua mãe Santa Monica, e o atraiu a si de um modo extraordinário. Tendo ido a Milão, chamado pelo imperador para dar lições públicas de eloquência, ia com freqüência, por mera curiosidade, Ouvir Santo Ambrósio, que tinha fama de grande orador. Enquanto a graça divina ia abrindo caminho em seu coração um fato maravilhoso o resolveu a fazer-se definitivamente cristão. Passeava um dia em um jardim, quando ouviu uma voz que vinha do céu e que dizia: "Agostinho, Agostinho, toma e lê" Admirado por estas palavras dirige-se maquinalmente para uma mesa, toma o primeiro livro que lhe cai à mão, abre-o e encontra aquelas palavras de São Paulo, que dizem: "Nem os impudicos, nem os gulosos alcançarão o Reino dos Céus." Desde esse momento mudou-se o coração de Agostinho, e convencido da vaidade das grandezas humanas, resolveu fazer-se cristão. Na idade de trinta anos recebeu em Milão o batismo das mãos de santo Ambrósio. Quando voltou a África se dedicou a oração e ao estudo, e progrediu tanto na ciência e na virtude, que foi ordenado sacerdote e depois bispo de Hipona. Trabalhou sem descanso para fazer voltar os donatistas para o seio

da Igreja, e conseguiu converter grande número deles. Mas os que permaneceram no erro, mais enfurecidos que nunca, armaram insídias contra ele, e teria sido vítima de sua perfídia, se o não tivesse salvo uma especial proteção do céu. Os bispos católicos, aflitos por esses males, propuseram aos hereges uma conferência pública. Por isso todos os bispos da África, donatistas ou católicos, receberam a ordem de ir a Cartago. Para abreviar as discussões e deixar livre o campo a todos para que expusessem suas razões, escolheram sete bispos de ambas as partes, para que conferenciassem entre si em nome de todos. Santo Agostinho foi um dos eleitos para defender a causa dos católicos. Depois de estar inteirado da questão, apoiado na autoridade dos livros santos, provou à evidência que o bispo legítimo de Cartago era Ceciliano, que era válida sua ordenação e feita conforme todas as leis da Igreja, que por conseguinte não havia motivo algum para romper a unidade da Igreja, e que não restava outro recurso aos donatistas, para entrar no caminho da salvação, que o de voltar para o seio da Igreja Católica. Os bispos cismáticos nada tiveram a opor, e os povos que tinham confundido até então o erro com a verdade, voltaram em grande parte, depois desta reunião, ao seio da Igreja. Ano 411.

Pelágio e seus erros - Já se tinham extinto quase completamente os donatistas, quando apareceu a heresia de Pelágio. Nascido na Grã-Bretanha de pais obscuros, abraçou hipocritamente a vida monástica na qualidade de leigo. Indo a Roma pode grangear a estima de algumas pessoas honradas. Seu erro principal consistia em negar o pecado original e a necessidade da graça para fazer obras dignas de recompensa. Esta novidade foi incontinentemente vigorosamente refutada por Santo Agostinho, a cujas instâncias se convocou um Concílio em Cartago, no qual se condenou a Pelágio, e seus sectários. Os bispos desse Concílio escreveram ao romano Pontífice Inocêncio I pedindo-lhe que se dignasse confirmar a sentença que eles tinham dado com a autoridade da Sé Apostólica o Papa lhes respondeu benignamente, elogiando-os porque tinham seguido a prática observada sempre e em todas as partes, isto é, não considerar por definida coisa alguma, ainda que se tratasse das províncias mais longínquas, antes de ter sido enviada

a Santa Sé... Concluía confirmando com um decreto a sentença que estes tinham dado, excomungando os bispos pelagianos. Ano 417.

Os pelagianos, obstinando-se no erro foram condenados por outro Concílio, cujas atas igualmente se enviaram ao Papa para que as confirmasse, o qual assim o fez. Depois deste decreto, Santo Agostinho dava a causa por terminada e dizia: "Relativamente a isto, já enviamos dois concílios a Sé Apostólica: esta respondeu; está pois concluída a causa; queira Deus que também se acabe o erro". Não se cumpriu o desejo de Santo Agostinho. Pelágio e seus partidários tiraram a máscara e apelaram para um Concílio Geral; porém Santo Agostinho continuava afirmando, que para condenar um erro não era de absoluta necessidade um Concílio Ecumênico, pois bastava a sentença dos concílios particulares, confirmado pelo Sumo Pontífice. Por isso exprobrava energicamente aos

pelagianos, que, por não terem conseguido infeccionar a Igreja com a pestilência de sua heresia, queriam ao menos perturbá-la, obrigando a que se reunissem os bispos em Concílio Geral. Deste modo foram rechaçados os hereges; Pelágio, porém, obstinado sempre em seu erro, andou errante por vários países, até que sem se saber onde, nem como, desapareceu no ano 420.

Morte de Santo Agostinho - Santo Agostinho não foi somente martelo dos donatistas e dos pelagianos, senão também dos hereges maniqueus. Esforçavam-se estes, naquele tempo, em corromper a Igreja. O Santo Doutor enquanto viveu, combateu-os vigorosamente com sua palavra e com escritos. Finalmente depois de ter consumido sua vida no cumprimento de seu sagrado ministério, na austeridade e nas penitências, chegou ao termo de seus dias em um tempo em que o mundo se achava muito agitado pelos transtornos políticos e religiosos.

Os Vândalos, depois de terem invadido e entregue a sangue e fogo a maior parte da África, sitiaram estreitamente a mesma cidade de Hipona. Reflexionando Santo Agostinho nos males que aguardavam as almas que lhe foram confiadas, se

caísse a cidade em mãos dos bárbaros, pediu a Deus que a livrasse daquele sitio, ou que desse ao menos a seus cidadãos forças suficientes para suportar com paciência cristã tão grande flagelo e suas tristes conseqüências, aceitando sua própria vida em expiação de seus pecados e dos do povo. Deus o ouviu e dali a pouco apoderou-se dele grave enfermidade. Este grande varão, ao aproximar-se de seus últimos momentos, sentia profundo pesar pelos anos que tinha vivido ofendendo a Deus. "Tenho-Vos conhecido demasiado tarde, Ó meu Deus, exclamava, demasiado tarde comecei a amar-vos, ó bondade suma de meu Deus." Mandou copiar. e colocar diante de si, na parede, os salmos penitenciais, e os lia muitas vezes na sua cama banhado em lágrimas; e para poder rezar e chorar seus pecados com maior liberdade durante os últimos dez dias pediu aos bispos, sacerdotes e aos demais amigos que se achavam presentes, que o deixassem só em seu quarto, e que ninguém entrasse nele senão para levar-lhe o alimento ou os médicos para visitá-lo. No último dia não podendo já ler nem rezar, chamou a seus amigos para que rezassem em voz alta ao redor de seu leito; repetia Agostinho as orações, e quando cessaram os lábios de rezar, sua alma já se achava no seio do Criador, gozando daquela felicidade, para cuja conquista havia empregado a maior parte da vida. Morreu aos 28 de agosto de 430 na idade de setenta e seis anos, tendo empregado quarenta no serviço da Igreja, primeiro como sacerdote e depois como Bispo. Com razão se chama luminar fulgentíssimo da Igreja, modelo dos teólogos, mestre de caridade, especial defensor da graça e martelo dos hereges.

Seu apego à Igreja Católica igualava a sua vasta ciência. "Eu não acreditaria nem no Evangelho, escrevia, se a isso não me persuadissem a autoridade da Igreja Católica." Deplorando em outra parte, a desgraça dos que viviam fora do selo da Igreja Católica, exclamava: "Aquele que se separa da Igreja Católica, ainda supondo que seja boa a sua vida, nunca possuirá a vida eterna; antes cairá sobre ele a cólera de Deus, unicamente pelo crime de se achar separado da unidade de Jesus Cristo. A bondade e a probidade que não respeitam a Igreja é refinada hipocrisia."

Terceiro Concílio Ecumênico - Nestório - O terceiro Concílio geral é o de Éfeso chamado assim porque reuniu-se na cidade desse nome chama-se também Concílio de Maria, porque nele se definiu que Maria é verdadeira Mãe de Deus e porque se reuniram os Padres em uma Igreja que a ela estava dedicada. Convocou-se este Concílio para condenar as impiedades e blasfêmias de Nestório, bispo de Constantinopla, que de pastor se transformou em lobo rapace, pregando e afirmando que se acham em Jesus Cristo duas pessoas, isto é, dois filhos, o Filho de Deus ou seja o Verbo, e o filho do homem, ou Cristo. Deste primeiro erro nascia outro, segundo o qual não se devia, nem absolutamente se podia chamar a Maria mãe de Deus senão mãe do Cristo que, na sua opinião não passava de um simples homem; não era pois *Deípara* senão *Christípara*. Estas blasfêmias causaram tal horror entre os cristãos, que ouvindo-as pela primeira vez na Catedral de Constantinopla fugiram da Igreja. Sabedor disto São Cirilo, patriarca de Alexandria, escreveu uma carta cheia de caridade a Nestório esmerando-se em persuadí-lo a que desistisse de erro tão ímpio; porém o soberbo Nestório respondeu-lhe com insolências. Então São Cirilo, seguindo o antigo costume das igrejas, como ele mesmo diz, denunciou a São Celestino I os erros de Nestório, pedindo-lhe que, valendo-se de sua autoridade, providenciasse com algum remédio contra aqueles males. O Papa examinou a questão, e achando falsa e contrária à fé da Igreja a doutrina de Nestório, primeiramente o admoestou e depois ameaçou com a excomunhão se não se retratasse. De nada serviram as súplicas nem as ameaças. O manso Pontífice quis tentar a última prova para convencer ao obstinado Nestório, convocou um Concílio Geral em Éfeso ao qual não podendo presidir em pessoa, delegou entre outros representantes, a São Cirilo.

Abriu-se o Concílio a 22 de junho do ano 431 achando-se presentes cerca de 200 bispos. Condenaram os erros de Nestório e com grande alegria dos fiéis, se definiu que em Jesus Cristo há uma só pessoa que é a divina, e que a Santíssima Virgem é verdadeiramente a Mãe de Deus, o que proporcionou grande alegria a todos os fiéis. Para propagar e conservar a memória desta definição, compuseram os Padres do Concílio a segunda parte da *Ave Maria*, oferecendo deste modo um meio

fácil e simples de honrar e professar a divina Maternidade de Maria.

Fim de Nestório - Nestório não querendo emendar-se, nem cessar de levantar discórdias, foi excomungado, e logo desterrado para o Egito pelo Imperador Teodósio. Ali se apoderou dele horrível enfermidade que reduziu seu corpo a podridão, e a sua língua, que tinha blasfemado da Mãe de Deus, apodreceu, e vivendo ainda ele foi consumida pelos bichos. Objeto de maldição e espanto, morreu no ano 440.

Êutiques e o quarto Concílio ecumênico. - Apareceu neste tempo uma nova heresia suscitada pelo monge Êutiques, superior de um convento perto de Constantinopla. Erguera êle a voz para combater a heresia de Nestório, porém, levado por um zelo mais entusiástico que iluminado, caiu no êrro contrário. Nestório tinha ensinado que em Jesus Cristo há duas naturezas e duas pessoas, e ainda que Êutiques admitisse O contrário, que em Jesus Cristo há uma só pessoa, pretendia também que não houvesse nele mais do que uma só natureza. Fez-lhe notar êsse erro São Fláviano, bispo de Constantinopla; ele, porém, em vez de reconhecer o êrro e submeter-se, obstinou-se mais no mesmo e começou a propagar sua heresia, e tanto fez que, em um conciliábulo, reunido por sua iniciativa, conhecido comumente sob o nome de *latrocínio de Éfeso*, tratou tão bárbaramente a São Fláviano, que êste depois de três dias morreu. Quando chegaram estes fatos ao conhecimento do Papa S.Leão I, convocou, de acôrdo e com a cooperação do imperador Marciano e da piedosa imperatriz Pulquéria, um concílio na cidade de Calcedônia, hoje Scútari, nas margens do Bósforo.

Foi este o quarto concílio geral; abriu-se em princípio de outubro do ano 451, e nele tomaram parte 600 bispos. Foi presidido pelo Papa S. Leão por meio dos seus legados. Para render a devida homenagem ao venerando congresso e ao Pontífice que o tinha convocado, também assistiram a êle o imperador e a imperatriz. Começou-se lendo uma carta de S. Leão, na qual êste condenava a heresia de Êutiques; a carta foi aprovada por todos, e os bispos exclamaram: “Assim o cremos todos. Pedro falou pela boca de Leão: seja excomungado o que

assim não crê”.

Desta maneira foi condenado Êutiques, e deposto certo Dióscoro que professava os mesmos erros. Também foi definido que há em Jesus Cristo duas naturezas, uma divina e outra humana, distintas entre si, e unidas em uma mesma pessoa. Fizeram mais outros 26 cânones, ou decretos, relativos à disciplina eclesiástica. Foi também assás admirável neste concílio a grande veneração que todos os bispos manifestaram para com o Sumo Pontífice, designando-o como “*Arcebispo universal, patriarca, intérprete da voz do bem-aventurado Pedro*”.

Ao encerrar-se o concílio, enviaram os bispos uma deputação a São Leão, pedindo-lhe que confirmasse, com sua apostólica autoridade, tudo o que eles tinham decretado. O Pontífice confirmou o que tinha sido definido relativamente à fé, mas rejeitou, como novo e contrário aos decretos do concílio de Nicéia e aos privilégios das Igrejas de Alexandria e de Antioquia, o cânon 28, no qual se conferia ao bispo de Constantinopla o primeiro grau depois do de Roma e uma alta jurisdição sôbre as três dioceses do Ponto, da Ásia e da Trácia.

CAPÍTULO VI

São Leão e Atila. - São Máximo de Turim. - São Gelásio Papa.

São Leão e Atila. — Leão I, de quem acabamos de falar, nascido em Toscana, foi eleito Papa em tempos muito tristes para a Igreja e, sua grande ciência, sabedoria e santidade, foi cognominado o Grande. Depois de ter combatido os hereges com a palavra e com os escritos, pediram-lhe que se pusesse à frente de uma embaixada a Átila, rei dos Hunos. Este terrível conquistador, chamado o flagelo de Deus, por causa das destruições que fazia por todas as partes onde passava, tinha descido das Gálias e invadido a Itália com um formidável

exército.

Tinha-se já apoderado das cidades de Aquiléia, Pavia e Milão e marchava sobre Roma para saqueá-la, sem que se pudesse impedir-lhe o passo, pois o imperador e seus generais tremiam só ao pensar em tão poderoso inimigo. S. Leão pois, confiado na proteção do céu, saiu, vestido de hábitos pontificais ao encontro de Átila perto de Mântua, onde o rio Múncio deságua no Pó. O altivo guerreiro, ainda que bárbaro e idólatra, recebeu-o cortesmente; e depois de tê-lo ouvido, aceitando sem mais as condições propostas, tornou a passar os Alpes, deixando a Itália em paz. Admiraram-se os soldados de Átila vendo em seu general aqueles insólitos atos de obséquio: "Como é possível, diziam, que nosso chefe se humilhasse tanto diante de um homem só, quando o não tem aterrorizado formidáveis exércitos?" Ele porém respondeu-lhes que enquanto falava com o romano Pontífice, viu sobre ele uma personagem vestida com hábito sacerdotal, que empunhava uma espada desembainhada, ameaçando ferí-lo se não obedecesse a Leão.

Este Pontífice, depois de ter escrito e trabalhado muito em benefício da Igreja, cheio de méritos perante Deus e os homens, foi receber a recompensa no ano 401, após 21 anos de glorioso pontificado.

São Máximo de Turim - São Máximo bispo de Turim, é muito conhecido na história pela santidade de sua vida, por seus escritos e sobretudo por seus sermões, que constituem ainda agora um dos ornamentos do breviário romano. Combateu. Com ardor os erros de Nestório e de Eutiques, e era tido em tão alta estima, que no Concílio romano, celebrado sob o Papa Hilário, sucessor de São Leão, ocupava o primeiro assento depois do Pontífice. Trabalhou muito para não permitir que a heresia invadisse o Piemonte, e para desarraigar a superstição dos pagãos, que ainda existiam em Turim, e lugares vizinhos. Era tão caritativo para com os pobres que, se algum estrangeiro perguntasse pela casa do bispo, respondiam-lhe que podia entrar com confiança na casa que visse rodeada de mendigos, pois essa seria certamente a casa do bispo. Sustentava e promovia uma terníssima devoção para com a Mãe de Deus e falava dela com muito zelo em seus sermões, afirmava

que esta fora achada digna de ser morada do Filho de Deus antes por sua graça *original* do que por suas virtudes. Conta-se este santo entre os mais doutos escritores da Igreja. Descansou no Senhor no ano 474 mais ou menos.

São Gelásio Papa - São Gelásio, romano, eleito para no ano 492, é muito conhecido por suas instituições em prol da Igreja. Reuniu em Roma um Concílio ao qual assistiram muitos bispos; nele se declarou quais os livros autênticos do Antigo e do Novo Testamento e quais os apócrifos; recomendou a honra em que se devem ter os quatro concílios ecumênicos de Nicéia, Constantinopla e de Calcedônia; compôs um catálogo das obras dos santos padres e dos escritores eclesiásticos; mandou publicar um livro chamado *Sacramentale*, no qual se acha a ordem de quase todas as missas que temos no missal romano e a fórmula para dar as bênçãos (missal anterior ao Concílio Vaticano).

Aboliu as festas lupercais que se celebravam em Roma, no mês de fevereiro, em honra do deus Pan, e em lugar delas mandou celebrar a festa da Purificação, como já se fazia em muitos países; por último confirmou o antigo costume de conferir as ordenações aos eclesiásticos nas quatro temporadas. Ainda que se achasse elevado à primeira dignidade do mundo, levava, entretanto uma vida pobre, praticando rigorosa austeridade; dava de comer a todos os pobres que conhecia e ele mesmo os servia na mesa. O tempo que lhe deixavam livre suas ocupações, empregava-o na oração ou em piedosos colóquios com os mais dignos servos do Senhor. Morreu santamente no ano 496.

CAPITULO VII

São Bento e o monte Cassino - Feitos memoráveis deste santo - Os três capítulos de Nestório e o quinto Concílio Ecumênico.

São Bento e o monte Cassino - A vida monástica iniciada por São Paulo primeiro eremita e alentada, propagada e vinculada a determinadas regras por Santo Antão na Tebáida, aplicada ao clero por São Eusébio de Vercelli e espalhada na África por Santo Agostinho, recebeu por obra de São Bento na Itália e em toda a Europa ocidental, um regulamento fixo e uma difusão assombrosa. Este astro luminoso da Igreja nasceu em Núrcia no ducado de Spoleto. Enviado a Roma para seguir seus estudos encheu-se de tal espanto vendo a corrupção de seus companheiros, que na idade de quinze anos decidiu-se a abandonar o mundo e a retirar-se em uma profunda caverna a quarenta milhas da cidade. Deus, porém, que o destinava para maiores coisas, permitiu que o encontrassem muitos de seus companheiros e discípulos que atraídos por sua virtudes e milagres, iam em grande número visitá-lo. As famílias romanas se consideravam ditosas em confiar-lhe a educação de seus filhos, e lhe consagravam tanto afeto que já não queriam separar-se dele; por isso teve de edificar doze mosteiros para os receber. (Ano 528). O mais célebre entre estes é o do Monte Cassino, no reino de Nápoles, centro da ordem de São Bento. Quando se estabeleceu ali o Santo, ainda existia sobre o monte um templo dedicado a Apolo, deus adorado pelos habitantes daqueles arredores. São Bento quebrou o ídolo e o altar e converteu aquele povo à verdadeira fé. Ano 529.

Feitos memoráveis deste Santo - Fez Deus brilhar a santidade de seu servo com o dom de profecia e de milagres. Não podendo os invejosos sofrer suas correções e ocultar os remorsos que despertava a vista de sua santa vida, deliberaram matá-lo secretamente. Para este fim, ao sentar-se certo dia na mesa, ofereceram-lhe de beber em um copo que continha vinho envenenado; mas como o santo abade costumava fazer o sinal da cruz, antes de tomar alimento, mal acabou de fazer este sinal augusto, quebrou-se o copo com estrépito, como se tivesse sido ferido por uma pedra. Pondo-se então de pé disse-lhes com semblante sereno e tranqüilo: "Perdoe Deus o vosso peca-

do", e saiu. Em outra ocasião, achando-se em presença de numeroso povo, somente com o sinal da cruz, ressuscitou a um morto que ficara esmagado debaixo das ruínas de uma montanha. A Tóttila, rei dos Godos, que tinha ouvido contar os prodígios que fazia Bento, vieram desejos de presenciar algum milagre, e com este fim mandou-lhe dizer que desejava visitá-lo; porém em vez de ir ele em pessoa, enviou um de seus capitães vestido com as insígnias reais e acompanhado de seus oficiais. Apenas o avistou o santo disse-lhe: "Depõe, meu filho, o hábito que vestes, pois não te pertence". Quando soube isto, Tóttila foi ele mesmo ao santo, e assim que o viu, prostrou-se por terra e ali. Ficou até que Bento foi levantá-lo; este lhe predisse as vitórias que devia ganhar e a ano preciso de sua morte. O santo, seis dias antes de sua morte, predita a seus discípulos, quis que lhe, preparassem a sepultura. No último dia de sua enfermidade pediu que o levassem. À Igreja para receber a Eucaristia; e pouco depois, reclinando sua cabeça em um de seus discípulos, levantando as mãos ao céu, entregou tranquilamente sua alma ao Senhor no ano 543.

São Bento deixou uma regra admirável que abraçaram mais tarde quase todos os cenobitas do ocidente. Multiplicaram-se de tal modo os monges beneditinos, que alguns séculos depois não havia cidade ou vila da Europa em que não se tivesse levantado. algum mosteiro. Tão grande é o bem que estes fazem à Igreja, que só Deus o pode calcular.

Quinto Concílio Ecumênico e os três Capítulos -

O quinto Concílio Ecumênico é o segundo Constantinopolitano, assim chamado por ser o segundo celebrado em Constantinopla. Convocou-se para examinar os três livros, comumente chamados *Os três capítulos* com os quais pretendiam os Nestorianos justificar seus erros. O primeiro destes escritos se referia à pessoa e aos escritos de Teodoro de Mopsuéstia, do qual Nestório tinha tirado sua doutrina; o segundo continha: escritos de Teodoreto bispo de Cirne, onde havia alguma coisa contra São Cirilo; e o terceiro consistia numa carta de Ibas, bispo de Edessa, escrita a um herege da Pérsia chamado Mari, igualmente infecta de nestorianismo. As três obracinhas, posto que condenáveis, não o tinham sido no Concílio de Calcedônia

em consideração a seus autores, dois dos quais, (Teodoro e Ibas presentes no Concílio), tinham feito profissão de fé sinceramente católica. Pois bem, esta atenção era considerada pelos Nestorianos como uma aprovação dos ditos capítulos e conseqüentemente também dos erros que neles se professavam.

Neste estado de coisas pareceu conveniente reprovar expressamente estas três obras para tirar todo pretexto aos ditos hereges. Celebrou-se um Concílio no ano 553, ao qual, por outra parte, não puderam intervir os bispos do Ocidente pela prepotência exercida contra eles pelo imperador Justiniano; por isso se apresentaram só 165 bispos, e estes quase em sua totalidade orientais. Foram examinados neste Concílio os três capítulos e condenados como contrários à fé: condenaram também de novo as doutrinas de Nestório e de Êutiques e alguns outros erros que se achavam nas obras de Orígenes. Conquanto este Concílio, por si não possa ser chamado ecumênico, tendo obtido, contudo, a aprovação e confirmação do Papa Virgílio, foi recebido e venerado como tal pela Igreja. Isto claramente confirma como desde a mais remota antiguidade se fazia consistir o valor dos Concílios, principalmente na autoridade do Papa. Também é bom notar aqui que este Concílio nos oferece uma brilhante prova do direito que em todo tempo tem exercido a Igreja, de condenar os maus escritos, de dar seu parecer sobre o sentido dos livros e exigir que seus filhos respeitem suas sentenças como o têm feito neste Concílio.

CAPÍTULO VIII

São Gregório o Grande - Missões na Inglaterra - Feitos memoráveis de São Gregório e sua morte - Disciplina e estado da Igreja nesta época.

São Gregório o Grande - São Gregório I, chamado o Grande por sua extraordinária santidade, eloqüência e sabedoria, nasceu em Roma de pais nobres e ricos. Por seu admirável talento ocupou os principais cargos do Estado: conhecendo

porém que as ocupações mundanas lhe roubavam os afetos do coração, renunciou a todas as suas dignidades, vendeu a todos os bens, distribuiu o total entre os pobres e outras obras de caridade abraçando a vida monástica. Era tão grande sua humildade, que foi necessário obrigá-lo, para se ordenar sacerdote. Tendo falecido em uma peste o Papa Pelágio II, os Romanos unânimes elegeram a Gregório para suceder-lhe. Espantado este ao ouvir tal notícia, fugiu e foi esconder-se em um bosque; mas uma coluna de fogo descobriu ao povo romano, e por último se viu obrigado a aceitar a dignidade pontifícia. Ano 590.

Missões na Inglaterra - Um dos primeiros pensamentos do novo pontífice foi o restabelecimento do cristianismo na ilha da Grã-Bretanha, chamada hoje com o nome de Inglaterra, pelos Anglos que se apoderaram dela em união com os Saxões pelo ano de 450. Como estes eram idólatras, aboliram completamente a religião e restabeleceram a idolatria. São Gregório enviou quarenta religiosos sob as ordens de seu discípulo Santo Agostinho, para pregarem a fé. Apenas os santos missionários começaram a pregação, converteu-se à fé grande número de idólatras. O rei de Kent (Cantuária), os magnatas de sua côrte e quase todos seus súditos em breve abraçaram a fé. Querendo o pontífice dar forma estável àquela cristandade, criou ali uma hierarquia de doze bispos, nomeando arcebispo ao mesmo Santo Agostinho. A santidade dos missionários e os milagres que por todas as partes os acompanhavam multiplicaram de tal modo as conversões, que perto da cidade de Cantuária receberam o batismo no espaço de um só dia cerca de dez mil pessoas. Tomando-se, por conseguinte, sensível cada vez mais a falta de sagrados ministros que conhecessem bem o idioma e os costumes do país, quis o Papa que fosse enviados a Roma jovens ingleses, com o fim de se instruírem nas ciências sagradas e na piedade, e pudessem voltar a seu país sagrados sacerdotes. assim no espaço de 80 anos foi convertida esta grande ilha a Jesus Cristo merecendo São Gregório o nome de apóstolo da Inglaterra. Igual solícitude empregou em benefício da Espanha e da Itália, esta última se achava então ocupada pelos Longobardos, em sua maior parte arianos ou idólatras.

Outros fatos memoráveis de São Gregório - Exce-

de a toda ponderação o que este pontífice disse, escreveu, e fez em benefício da Igreja. Pode-se dizer obra dele o antifonário e o breviário que se usa hoje. Em uma epidemia que afligiu Roma, muitos morriam no ato de espirrar ou bocejar; São Gregório estabeleceu que se usasse a palavra *Ave* (Deus te salve) para os primeiros e que aos segundos se fizessem cruzeiros, sobre a boca; estes sinais exteriores feitos com fé serviram de eficaz remédio para curar aos que eram molestados por aquela enfermidade. Instituiu as Ladainhas dos Santos, a procissão do dia de São Marcos e ordenou que não se dissesse a *Aleluia* desde Septuagésima até a Páscoa. Foram realizados por suas mãos vários milagres e, entre eles, o seguinte que tem relação com o SS. Sacramento: Achava-se o santo celebrando, quando na ocasião de dar a comunhão a uma matrona que duvidava da verdade deste sacramento tomou a santa hóstia visivelmente a forma de carne. Finalmente depois de ter ocupado quase quatorze anos a Santa Sé, morreu no ano 604, aos 64 anos de idade.

Disciplina desta Segunda Época - Já no século quarto São Paulo; o eremita, costumava contar suas orações com três pedrinhas, assim como nós fazemos com as contas do Rosário. Observava-se grande rigor para com os pecadores que voltavam à penitência. Estes eram divididos em quatro classes, a saber: *Gementes*, *Ouvintes*, *Prostrados* e *Consistentes*. Os *Gementes* vestiam um saco e choravam seus pecados no átrio da Igreja, durante as sagradas funções, encomendando-se as orações dos que entravam; os *ouvintes* eram admitidos na Igreja perto da porta, e saíam com os catecúmenos depois de terem ouvido o sermão e o evangelho; os *Prostrados* ficavam ajoelhados e se lhes permitia receber várias bênçãos dos sacerdotes porém deviam sair ao ofertório; os *Consistentes* já podiam ouvir a Missa, mas não comungar.

Passava-se o tempo da penitência guardando rigoroso jejum; frequentemente consistia este em pão e água; rezavam sem cessar, ou dormiam sobre a terra nua. O pecador também devia submeter-se por muitos anos a esta disciplina antes que fosse admitido à sagrada comunhão; tamanho era o horror que se tinha ao pecado!

No quinto século São Zósimo, Papa, estabeleceu que se concedesse também às paróquias a faculdade de benzer o círio pascoal que não se podia acender então a não ser nas grandes Basílicas. São Felix II ordenou que somente os bispos pudessem sagrar as Igrejas novas. São Mamerto, bispo de Viena, na França, introduziu em suas dioceses as procissões, chamadas das Rogações, nos três dias que precedem a festa da Ascensão, durante os quais também se costumava jejuar; mais tarde São Leão III prescreveu esta prática para toda a Igreja.

No sexto século, São Gregório decretou que se começasse o jejum quaresmal pondo as sagradas cinzas sobre a cabeça dos fiéis. Os meninos que se julgavam aptos para os ofícios da Igreja, eram educados geralmente em colégios especiais ou nos mosteiros, vestidos com o hábito clerical. O Papa Sabiniano propagou na Igreja o uso dos sinos, já introduzido por São Paulino de Nola.

Todos os eclesiásticos e todas as Igrejas gozavam de imunidade; não estavam ligados ao juízo dos seculares, e dependiam tão somente do foro eclesiástico. Este direito que deriva do mesmo Jesus Cristo, tinha sido reconhecido por Constantino e pelos imperadores cristãos que lhe sucederam.

Estado da Igreja - O Estado da Igreja durante esta Segunda Época foi assaz glorioso. Os Papas dos três primeiros séculos coroaram seus trabalhos com o martírio; assim também seguiram seu exemplo uma multidão de cristãos que deram seu sangue pela fé. Quase todos os mesmos pontífices desta segunda época se contam no número dos santos já por trabalhos que tiveram de vencer e também pelas leis com que explicaram e defenderam a doutrina da Igreja. A par dos pontífices defenderam a fé contra os hereges muitos santos doutores, escritores eclesiásticos, monges, penitentes, virgens e confessores, os quais com sua ciência e santidade formaram uma das épocas mais luminosas da Igreja. Os Francos, que pareciam os mais apegados à superstição, também receberam o batismo, seguindo o exemplo de seu rei Clovis. Os Longobardos que se tinham estabelecido novamente no Piemonte e na Lombardia e deixavam entrever grande apego ao Arianismo e à idolatria, finalmente todos abraçaram a fé católica, levados a

fazê-lo especialmente pela conversão de Agilulfo duque de Turim e mais tarde rei dos Longobardos. Este príncipe excitado por sua esposa Teodolinda, mulher piedosa e muito religiosa, rechassou a heresia e abraçou a verdadeira fé, pondo em prática todos os meios a seu alcance para fazê-la florescer. Com o fim de garantir a paz em seus estados, expulsou deles os arianos e os pagãos que se tinham mostrado turbulentos; e de acordo com São Columbano, fundou o célebre mosteiro de Bóbio. Tendo devoção especial para com São João Batista, escolheu-o como padroeiro de seus estados e consagrou-lhe a catedral de Turim no mesmo lugar onde se levanta a basílica metropolitana. Agilulfo morreu no ano 615.

TERCEIRA ÉPOCA

Desde o estabelecimento do maometismo no ano de 622, até a celebração do IV Concílio de Latrão no ano 1215. (abrange um período de 593 anos.)

CAPITULO I

Maomé e sua religião - Milagre da Santa Cruz São Isidoro de Sevilha - Os Monotelistas e o Papa São Martinho I - Sexto Concílio E-cumênico.

Maomé e sua religião - Nasceu este famoso impostor em Meca, cidade da Arábia, de família pobre, de pai gentio e mãe judia. Errando em busca de fortuna, encontrou-se com uma viúva negociante em Damasco, que o nomeou seu procurador e mais tarde casou-se com ele. Como era epilético, soube aproveitar-se desta enfermidade para provar a religião que tinha inventado e afirmava que suas quedas eram outros tantos êxtases, durante os quais falava com o arcanjo Gabriel. A religião que pregava era uma mistura de paganismo, judaísmo e cristianismo. Ainda que admita um só Deus, não reconhece a Jesus Cristo como filho de Deus, mas como seu profeta. Como dissesse com jactância que era superior ao divino Salvador, instavam com ele para que fizesse milagres como Jesus fazia; porém ele respondia que não tinha sido suscitado por Deus para fazer milagres, mas para restabelecer a verdadeira religião mediante a força. Ditou suas crenças em árabe e com elas compilou um livro que chamou Alcorão, isto é, livro por excelência; narrou nele o seguinte milagre, ridículo em sumo grau. Disse que tendo caído um pedaço da lua em sua manga, ele soube fazê-la voltar a seu lugar; por isso os maometanos tomaram por insígnia a meia lua. Sendo conhecido por homem per-

turbador, seus concidadãos trataram de dar-lhe morte; sabendo disto o astuto Maomé fugiu e retirou-se para Medina com muitos aventureiros que o ajudaram a apoderar-se da cidade. Esta fuga de Maomé se chamou Egira, isto é, perseguição; e desde então começou a era muçulmana, correspondente ao ano 622 de nossa era. O Alcorão está cheio de contradições, repetições e absurdos. Não sabendo Maomé escrever, ajudaram-no em sua obra um judeu e um monge apóstata da Pérsia chamado Sérgio. Como o maometismo favorecesse a libertinagem teve prontamente muitos sequazes; e como pouco depois se visse seu autor à frente de um formidável exército de bandidos, pode com suas palavras e ainda mais com suas armas introduzi-lo em quase todo o Oriente. Maomé depois de ter reinado nove anos tiranicamente, morreu na cidade de Medina no ano 632.

Milagre da Santa Cruz - Tendo Santa Helena encontrado o Santo madeiro da cruz fez depositar uma parte dele na igreja da Anastásia, isto é, na Ressurreição, levantada no monte Calvário. Ali ficou cerca de trezentos anos, até que Cósroes, rei da Pérsia, indo a Jerusalém, despojou a cidade de todos os ornamentos preciosos. Quando, porém, o imperador Heráclito venceu os Persas obrigou-os entre outras coisas a que restituíssem essa preciosa relíquia que fora roubada quatorze anos antes. Cheio de alegria o imperador, por ter voltado a recuperar tão valioso tesouro, ordenou uma grande festa na qual quis ele mesmo revestido com as insígnias reais levar a Santa Cruz ao Calvário; mas ao chegar ao pé do monte, foi detido por força invisível que crescia à medida que fazia esforços para caminhar para diante. Todos os que se achavam presentes admiravam com assombro o fato, quando o bispo de Jerusalém falou ao rei do modo seguinte: "Atendei bem, ó príncipe! Que com vossas reais vestimentas talvez mui pouco imiteis a pobreza e humildade de Cristo quando carregava com essa mesma cruz".

Ouvindo isto se despojou o imperador das insígnias de sua dignidade e humildemente vestido, com a cabeça descoberta e pés descalços, voltou a por sobre seus ombros a sagrada carga, que sem a menor dificuldade levou então até o cume do Calvário e depositou no lugar mesmo onde a tinham levantado quando crucificaram o Salvador. Este fato aconteceu no

ano 629, a 14 de setembro.

Costumava-se celebrar nesse mesmo dia uma festa em honra da Santa Cruz, talvez por ter sido esse o dia em que tão augusto sinal apareceu a Constantino. Em memória do novo milagre tornou-se esta festa muito mais solene e chamou-se *Exaltação da Santa Cruz*.

São Isidoro de Sevilha - Entre os gloriosos heróis, que com sua doutrina e santidade sustentaram a fé na Espanha é digno de menção São Isidoro, bispo e doutor da Santa Igreja. Nascera ele em Cartago de família ilustre por sua nobreza e piedade; com efeito, pelo sangue era unido aos monarcas de Espanha ao passo que dois de seus irmãos, Leandro, bispo de Sevilha e Fulgêncio, bispo de Cartagena e sua irmã Florentina, mereceram a honra dos altares. Educado por seus santos irmãos em mui breve tempo foi um modelo das mais altas virtudes; tornou-se célebre também por seus conhecimentos nas letras latinas, gregas e hebraicas.

Como os Godos, senhores da Espanha, se achavam contaminados pelo arianismo, aplicou-se o santo com tal ardor em combater essa heresia que pouco faltou para que lhe não dessem a morte.

Falecido Leandro, seu irmão, apesar das oposições feitas, foi eleito para seu sucessor. São Gregório Magno, além de confirmar a sua eleição honrou-o ainda com o pálio, nomeando-o Vigário Apostólico de toda a Espanha. Exerceu o seu apostólico ministério levando uma vida mais angélica que humana. Era humilde, paciente e misericordioso com todos; Solícito em revigorar a disciplina eclesiástica e incansável em pregar. Promoveu as instituições monásticas, dando-lhes excelentes regras; construiu muitos mosteiros, edificando vários colégios, onde ele mesmo ensinava, reunindo assim muitos discípulos, que imitaram suas heróicas virtudes.

Entre estes se contam São Ildefonso, bispo de Toledo e São Bráulio, de Saragoza, ambos luminares da igreja espanhola.

Presidiu ainda o IV Concílio de Toledo, o mais célebre

da Espanha; convocou outro em Sevilha, onde foram condenados os acéfalos, que ameaçavam infestar aquelas regiões. Depois de quarenta anos de episcopado, em que quase extinguiu o arianismo, e depois de ter predito publicamente a sua morte e a invasão dos Sarracenos, na Espanha, foi para o céu, aos oitenta anos de idade, no ano 636.

Ganhou tal fama de santidade e doutrina que dezesseis anos após sua morte mereceu ser proclamado pelos 50 bispos do Concílio que se reunira então em Toledo, doutor egrégio e novo lustre da Santa Igreja.

Compara-se a São Gregório o Grande por suas virtudes, iguala-se a Santo Agostinho e São Jerônimo por seus escritos e diz-se que foi enviado do céu para instruir a Espanha, em lugar de São Tiago apóstolo que foi o primeiro pregador do Evangelho naquelas regiões. Femando I, rei de Castela, edificou um magnífico templo em sua honra e fez depositar nele seu corpo, glorificado por milagres e venerado com grande devoção.

Os Monotelitas e o Papa São Martinho - A heresia de Montano foi um dos erros de Êutiques, isto é, daqueles que sustentavam que em Jesus Cristo há uma só vontade e uma só operação, ao passo que a Igreja Católica sempre ensinou que em Jesus Cristo há uma só pessoa e duas naturezas, a divina e a humana, tendo cada uma sua vontade e sua operação própria; de sorte que há em Jesus Cristo duas vontades e duas operações, isto é, a vontade e a operação divina, a vontade e a operação humana. Chefes dos monotelitas foram Sérgio e Píro, patriarcas ambos, o primeiro de Constantinopla e o segundo de Alexandria. Estes hereges empregaram toda a sorte de meios para arrastar o Papa Honório I a seu erro, pois os favorecia o imperador Constante. Para este fim escreveu Sérgio uma carta ao Papa em que lhe dizia que, em vista da efervescência de opiniões, seria coisa muito prudente proibir que se afirmasse, haver em Jesus Cristo uma só vontade e operação ou duas, e que se impusesse silêncio a respeito. Respondeu-lhe o Papa com duas cartas em que expunha claramente a doutrina católica; porém, não tendo advertido o laço que lhe havia armado Sérgio, aprovou como prudente o silêncio aconselhado

por este. Não há dúvidas que o Papa teria condenado expressamente estes hereges, se antes de sua morte tivesse podido ver os progressos de seus erros e a maldade com que se interpretaram as cartas que ele tinha escrito. Isto o fizeram seus sucessores, e São Martinho I, especialmente, que desejando por um dique à difusão destes erros, os condenou definitivamente, dando nisto prova de grande valor, porque irritado o imperador, mandou a Roma um capitão para matar o Papa ou levá-lo preso a Constantinopla. O ímpio capitão, chegando a Roma, manda a um seu escudeiro que entre na Igreja de Santa Maria maior e mate ao pontífice, enquanto se achava celebrando o Santo Sacrifício. Obedece o sicário; porém ao por os pés nos umbrais do templo, perdeu repentinamente a visão. Não obstante isto, apoderaram-se do Papa, arrastaram-no vergonhosamente para Constantinopla, e este concluiu seus dias desterrado no Quersoneso, no ano 655, mártir da fé de Jesus Cristo. Pouco tempo depois, Constante recebeu o castigo que merecia, sendo assassinado por um seu criado enquanto o servia num banho. Sucedeu-lhe seu filho Constantino chamado *Pugonato*, bom príncipe e sinceramente católico.

Sexto Concílio Ecumênico - Desejando o novo imperador reparar de algum modo os graves males ocasionados por seu pai à religião, escreveu uma carta ao Papa santo Agatão, pedindo-lhe que, no uso de sua autoridade, se dignasse convocar um Concílio em Constantinopla. O Papa, que não desejava outra coisa, reuniu no ano 680, o sexto Concílio Ecumênico, terceiro Constantinopolitano. A abertura teve lugar a 7 de novembro desse mesmo ano a ele concorreram mais de 160 bispos, presididos pelos legados do Papa. Depois de um maduro exame foram condenados os erros dos Monotelitas, e se definiu, como tinha ensinado constantemente a Igreja, que se devia crer como verdade de fé, que há em Jesus Cristo duas vontades e duas operações, a vontade e a operação divina e a vontade e a operação humana. Escreveram logo ao Papa o que se tinha feito no Concílio, pedindo-lhe sua aprovação e confirmação. É bom saber que este Concílio de que se servem os adversários dos Papas para combater a infalibilidade Pontifícia, nos oferece ao contrário uma prova luminosa do acatamento à autoridade e superioridade do romano Pontífice nos

Concílios. Com efeito, nessa ocasião, chamava-se a Agatão, *santíssimo arcebispo da Apostólica e suprema Sé de Roma*. Suas cartas foram recebidas e acatadas pelos padres do Concílio, como ditadas pelo Espírito Santo por boca do bem-aventurado Pedro. O que mais se pode exigir? Até a mesma definição de fé foi por eles feita inteiramente conforme às cartas de Santo Agatão e com suas mesmas palavras, afirmando que eles não tinham feito mais do que seguir a doutrina do Papa que era a mesma dos Apóstolos. Na carta sinodal que lhe dirigiram depois de se ter encerrado o Concílio, para que desse sua aprovação, falam-lhe nestes termos: "A ti como primeira sede da Igreja universal, fundada sobre a pedra firme da fé, remetemos o que se há de fazer... pedimos à tua paternal santidade, confirme nossa definição de fé com teus veneráveis rescritos."

CAPÍTULO II

Os Iconoclastas - Sétimo Concílio Ecumênico - São João Damasceno.

Os Iconoclastas -, Logo que a Igreja acabava de condenar uma heresia, o demônio suscitava outra em menoscabo da fé. Aos monotelitas sucederam os Iconoclastas, isto é, quebradores das sagradas imagens. Diziam estes, como ainda hoje dizem os protestantes, que de nenhum modo se devem venerar as sagradas imagens, e conforme isto, não só as desprezavam, como também as quebravam quando podiam fazê-lo. Esta heresia deu ocasião a muitos males, porque foi protegida pelos imperadores Leão Isáurico, Constantino Coprônimo e Leão IV. Estes, para propagá-la mais, tornaram a usar contra os cristãos inauditas crueldades. Mas Deus vingou o ultraje feito a seus santos, ferindo, com morte infelicíssima os autores desta per-

seguição.

Sétimo Concílio Ecumênico - Ao subir ao trono a piedosa imperatriz Irene, animada pelo desejo de restabelecer o culto católico, pediu ao Papa Adriano I que convocasse um concílio. O Pontífice consentiu e no ano 786 realizou-se a abertura do Concílio em Constantinopla, donde foi trasladado no ano seguinte para Nicéia por causa de uma sublevação das guardas imperiais infectas de heresia. Este é o sétimo concílio ecumênico, chamado segundo de Nicéia porque, como o primeiro, foi celebrado na cidade deste nome. Foi condenada nele a impiedade dos Iconoclastas por 350 bispos presididos pelos legados do Papa, os quais declararam, que era uma prática lícita e piedosa honrar as imagens de Jesus Cristo, da Virgem e dos Santos e que era coisa muito útil colocá-las também nas ruas públicas. assim, pois, podem os protestantes ver condenados pela Igreja seus erros, setecentos anos antes que eles nascessem para dar nova vida a esta velha heresia.

São João Damasceno - São João Damasceno, ou da cidade de Damasco, foi o campeão que Deus opôs aos Iconoclastas. Nascido de família nobre, foi instruído nas ciências sagradas e profanas. Jovem ainda renunciou à avultada herança paterna, e abraçou a vida monástica. Do deserto em que se achava, combateu aos Iconoclastas, demonstrando com argumentos tirados da Sagrada Escritura e da Tradição que as santas imagens sempre foram honradas pela Igreja; e que os cristãos não tributam culto de adoração às relíquias ou imagens, mas sim que as veneram somente não tendo o propósito, fazendo assim, de adorar o objeto material ou as criaturas, mas sim a quem é Senhor e Criador delas. O imperador Leão irritou-se muito com estes escritos, e não podendo ter São João em suas mãos, caluniou-o vilmente perante o príncipe muçulmano, de quem era súdito e em cuja corte ocupava o emprego de secretário.

Para fazê-lo aparecer réu de traição, fez chegar a este príncipe uma carta falsa, na qual apresentava o santo como culpado, e acusava-o de tramar uma conjuração. O príncipe em seu primeiro arrebatamento de furor, fez-lhe cortar a mão direita; porém na noite seguinte por um milagre da Bem-

aventurada Virgem Maria, tornou a unir-se ao braço, de maneira que se desenganou o maometano, e somente deixou ao imperador a vergonha de uma atrocidade sem fruto. Então este desafogou sua cólera matando a muitos cristãos que a Igreja honra como mártires. São João Damasceno terminou em paz sua vida pelo ano de 780. Considera-se como o modelo dos teólogos; e sua maneira de tratar as questões, que se chama método escolástico, foi seguida mais tarde no ensino da teologia.

CAPÍTULO III

*Carlos Magno - Domínio temporal dos Papas Os mártires de Bagdá
- São Leão VI - Perseguição na Espanha - Heresia de Godescalco -
Cisma de Fócio - Oitavo Concílio Ecumênico.*

Carlos Magno - Entre os reis escolhidos pela Providência para beneficiar de um modo especial a humanidade e a Religião deve-se certamente contar Carlos Magno, filho de Pepino, rei de França. Tendo os Longobardos devastado a Itália, despojaram de seu patrimônio aos pontífices, fazendo-lhes vis insultos. Pelos fins do século oitavo, governando a Igreja São Leão III, chegaram as coisas a tal ponto, que dois miseráveis tiveram o atrevimento de atirar-se sobre o Papa, e fazer-lhe graves feridas. Carlos Magno tendo-se feito protetor da Igreja, dirigiu-se para a Itália à frente de poderoso exército; passou o monte Cenis, derrotou, a poucas milhas de Susa, ao rei Desidério, que queria impedir-lhe o passo, restabeleceu a observância das leis por onde passava, e chegou finalmente a Roma. Carlos Magno ignorava por certo a recepção esplêndida que aquela cidade estava-lhe preparando. Adiantaram-se para recebê-lo o Papa, os príncipes, os barões romanos e franceses e uma multidão imensa de povo. Era dia de Natal, e o Papa, enquanto celebrava a Missa, disse em voz alta: "A Carlos piíssimo, augus-

to, coroado por Deus, grande e pacífico imperador, vida e vitória!" Todos os presentes repetiram por três vezes em voz alta as mesmas palavras. Fora de si Carlos Magno por aquelas inesperadas aclamações, não sabia o que dizer nem fazer. Então o Pontífice o consagrou Rei e pôs-lhe na cabeça a coroa imperial. Ano 800.

Carlos Magno sobreviveu 14 anos àquele dia memorável, empregando-os todos em benefício de seus povos e da Religião. Cumulado de glória, e passavam eles as noites inteiras confessando aos que deviam combater no dia seguinte.

Domínio temporal dos Papas - Entre as grandes obras de Carlos Magno deve-se enumerar a de ter restituído ao Romano Pontífice o domínio temporal que quase em sua totalidade tinha sido invadido por Desidério, rei dos Longobardos. Entende-se por domínio temporal dos Papas o poder civil que o acatamento voluntário dos povos deu aos Sumos Pontífices sobre considerável parte da Itália, compreendendo também a cidade de Roma. Nos primeiros tempos do cristianismo os fiéis que possuíam alguma coisa a levavam aos pés dos Apóstolos para se servirem dela segundo suas necessidades, dando uma parte aos pobres, e provendo o sustento dos ministros sagrados. A Igreja, porém não deve tratar somente do sustento material dos ministros sagrados, senão também do bem moral de todos os cristãos espalhados em todas as partes do mundo. Daí nasce a necessidade de que a Igreja possua um lugar, em que possa com plena liberdade ensinar a verdade e exercer seu ministério com independência de outro poder civil qualquer. Jesus Cristo foi crucificado porque anunciava com inteira liberdade o Evangelho; os Apóstolos que o pregaram com igual franqueza foram martirizados, e todos os Papas que precederam a Constantino morreram para defender sua fé; e isto por quê? Porque lhes faltava, um lugar a propósito, donde pudessem proclamar a verdade sem depender da vontade de outros.

Constantino o Grande convenceu-se logo, apenas conheceu o cristianismo, de que os Romanos Pontífices deviam ser livres no exercício de seu apostólico ministério: por isso subministrou-lhes meios materiais para viver, e deu ao Papa o palácio de Latrão e vastíssimas possessões. Considerasse este

como o primeiro domínio dos Papas. Em seguida este imperador trasladou seu trono para Constantinopla; desde então começou a ser Roma não já a capital de todo o império romano, senão a capital de um território que pouco a pouco foi propriedade do Papa e da Igreja. Ligaram-se a Roma as cidades de Ancona, Umana, Pésaro, Fano e Rimini, que por serem cinco se chamaram Pentápolis. Quando o imperador Leão Isáurico se declarou, como já se disse, contra as sagradas imagens, pretendia que o Sumo Pontífice Gregório II as fizesse em pedaços na mesma cidade de Roma, e dispersasse as relíquias dos mártires, negando assim a intercessão dos santos perante Deus em proveito nosso, Gregório negou-se com firmeza a obedecer; então Leão enviou perfidamente a Roma alguns sicários para que lhe dessem morte aleivosa e despojassem as igrejas; porém o povo romano defendeu a pessoa do Papa, e rechaçou com as armas os soldados imperiais. Depois deste fato o senado e o povo se declararam independentes de um tirano herege e perseguidor, e se puseram da parte dos Papas para que os socorresse e fizesse justiça. Em princípios do século VIII o domínio temporal dos Papas já se achava pacificamente constituído por acatamento voluntário dos povos, e por aprovação tácita senão expressa, dos soberanos. Roma com seus territórios forma um estado suficientemente grande para a Igreja e para que os Papas gozem de independência em sua casa: porém bastante pequeno ao mesmo tempo para que estes não possam chegar a ser grandes potentados como os da terra. Por conseguinte os reis de França, Pepino e Carlos Martelo, não deram aos Papas todos os seus domínios temporais, mas somente algumas cidades, e Carlos Magno defendeu, reconheceu e confirmou solenemente tais doações.

Reconheçamos pois que o domínio temporal é necessário aos Papas, para que possam exercer livremente o seu augusto ministério, e sobretudo proclamar a verdade a todos os homens, ainda que sejam capitais inimigos do Evangelho; para que possam também obrigar a todos, inclusive príncipes e soberanos, a honrar as leis de Deus e da Igreja: por último para que se achem em atitude de oferecer a todos os homens do mundo um meio seguro, para melhor dizer, o meio mais acertado para acudir ao Pai universal dos homens, e de ir, quando

melhor lhes aprouver, visitar e reverenciar ao Vigário de Jesus Cristo. Assim, pois, este governo civil da Santa Sé, não pertence absolutamente a nenhum outro soberano, nem ainda aos habitantes dos Estados Romanos, senão que realmente é propriedade dos católicos do mundo inteiro, que, quais filhos afetuosos, sempre concorreram e ainda tem obrigação de concorrer, para conservar a manter a liberdade e independência de seu Pai espiritual, do Chefe visível do cristianismo.

Os mártires de Bagdá - Tendo-se declarado naquele tempo uma guerra sanguinolenta entre Teófilo, imperador de Constantinopla, e o Califa, foram presos muitos cristãos e conduzidos à Bagdá cidade que se ergue hoje onde se achava a antiga Babilônia. Tentou-se primeiramente fazê-los prevaricar; porém tendo permanecido firmes na fé foram atados e postos em escuros calabouços. Todo o seu alimento consistia em escasso pão e água, e dormiam sobre a terra nua, cobertos de miseráveis andrajos. Alguns sedutores exortava-os a abandonar a Jesus Cristo para seguir a Maomé; mas aqueles generosos confessores respondiam em alta voz a suas exortações: "Seja anatematizado Maomé e sua doutrina." Enfurecidos por isto os Muçulmanos, os encarceraram amarrando-lhes as mãos por detrás das costas e os levaram assim às margens do no Tigre, onde em número de 42 coroaram com o martírio sete anos de penosíssimo cárcere. Ano 845.

São Leão IV - Contam-se entre as calamidades daqueles tempos as correrias dos Sarracenos, que, vindos do Oriente para os países ocidentais, infestavam também a Itália causando gravíssimos males por todo o lugar, onde passavam. Aflito o Papa Leão IV, porque muitos fiéis, despojados de seus bens, se viam obrigados a errar nos bosques, pos em campo toda sorte de esforços para ajudá-los; e para assegurar a cidade de Roma contra a ferocidade daqueles inimigos fez construir uma série de casas entre *Castelo Sant' Angelo* e o Vaticano murou-as e as incorporou ao resto da Cidade da qual as separava o Tevere. Esta nova parte foi chamada cidade Leonina ou *Leópolis* em honra do Pontífice que a edificara. São Leão IV também fundou e restabeleceu muitos mosteiros decorou e dotou grande número de Igrejas e foi muito pródigo em esmolas públicas e pri-

vadas Sua santidade foi assinalada com prodígios: extinguiu com efeito, com o sinal da cruz, um terrível incêndio que se tinha ateado em Roma, e com breve oração matou uma horrível serpente, que com suas picadas venenosas causava a morte a muitos cidadãos. Morreu no ano 855 depois de oito anos de pontificado e se conta no número dos Santos.

Perseguição na Espanha - Foi causa desta terrível perseguição um desventurado cristão que se tinha feito judeu. Este fez acreditar aos muçulmanos que acabavam de se estabelecer na Espanha, que seu estado correria grave perigo se não obrigassem os cristãos a se fazerem judeus ou muçulmanos. Renovaram-se então os espetáculos de heroísmo dos primeiros séculos da Igreja. Homens, mulheres, crianças, eclesiásticos e leigos ilustraram a fé, fazendo os mais heróicos sacrifícios. Entre os mártires desta perseguição é célebre São Perfeito. Perguntando-lhe um dia o que pensava de Jesus Cristo e de Maomé, respondeu: "Jesus Cristo é Deus bendito sobre todas as coisas; Maomé é um daqueles sedutores que, segundo predisse o Evangelho, serão precipitados com seus sequazes nos abismos eternos." Mal acabou de pronunciar estas palavras; os infiéis arrojaram-se ferozmente sobre ele e o decapitaram. Muitas mulheres tiveram tamanha coragem que se ofereceram espontaneamente aos verdugos, não as intimidando nem o fogo nem o ferro, que para elas havia sido preparado.

Mitigou-se um tanto esta perseguição pelo terrível golpe de vingança divina sobre Aderramen II, seu ator. Achava-se este sobre um terraço recreando-se com o espetáculo da multidão de mártires que queria oferecessem sacrifícios, quando de súbito lhe sobreveio um acidente que o deixou sem vida. Não obstante isto, Maomé seu filho continuou a perseguição que durou 60 anos, isto é, desde o ano 822 até o ano 882. Somente na cidade Caradigna foram degolados em um só dia mais de duzentos monges, cujo sepulcro se tornou glorioso por um fato extraordinário que ainda hoje se renova. O pavimento debaixo do qual se guardam as suas relíquias, vê-se todos os anos transpirar sangue vivo no aniversário do dia em que conseguiram a coroa do martírio.

Heresia de Godescalco - Entre os males que afligi-

ram a Igreja no século nono, conta-se a heresia de Godescalco. Estimulado por sua vanglória, fez-se, monge beneditino na cidade de Orbais, diocese de Soissons, esperando nesciamente conseguir honras e riquezas na profissão religiosa. Excitado, porém, pelo desejo de mais ampla liberdade, saiu do convento e andou errante pela Itália, ensinando que Deus predestinou inevitavelmente uns para a glória e outros para o inferno; que Deus não quer que todos se salvem, e outros erros deste jaez.

Notingo, bispo de Verona, foi um dos primeiros a denunciar seus seguidores sendo logo condenados em diferentes concílios por muitos insignes prelados. Seu bispo metropolitano, Incmaro de Reims, fez tudo o que pode para trazê-lo a melhores sentimentos: porém trabalhou em vão; por isto foi degredado, desterrado e mais tarde preso, mas não deixou o herege de sustentar suas impiedade até a morte. Seus erros foram depois de muitos séculos reproduzidos por Lutero e Calvino.

Cisma de Fócio - Mal se tinham apaziguado no Ocidente as turbulências suscitadas por Godescalco e outros hereges, apareceu o fatal cisma grego; que foi causa de que a maior parte dos cristãos da igreja oriental comesse a se separar da unidade da Igreja Católica, da qual desgraçadamente ainda permanecem separados, não tendo sido suficientes para atraí-los os carinhosos esforços dos Romanos Pontífices. Fócio, seu autor, recebera da natureza, junto com raro talento, uma índole vaidosa e ardente; esta e os laços de parentesco que o uniam ao imperador do Oriente influíram para que se abrisse caminho para os cargos de primeiro escudeiro e primeiro secretário imperial. Sua nova dignidade, suas abundantes riquezas e sua vasta erudição fizeram-lhe crer que ninguém era mais digno do que ele para ocupar o patriarcado de Constantinopla. Ocupava então aquela sé Santo Inácio, homem de grande virtude e elevado saber. Este não cessava de censurar o escandaloso procedimento do imperador Bardas, a quem recusara dar a santa comunhão em uma solenidade. Soube Fócio aproveitar-se dos vícios e da cólera do soberano contra Inácio, ao qual, com efeito, por meio de fraude e de prepotência, conseguiu retirar daquela sé, e desterrar. Despojouse logo Fócio dos hábitos seculares fez-se monge no mesmo dia, no outro dia

fizeram-no leitor, ao terceiro dia subdiácono, ao quarto diácono, ao quinto sacerdote, ao sexto bispo e patriarca de Constantinopla. Ano 858.

Mas sabendo muito bem que sua eleição não seria válida, se não a confirmasse o Papa, escreveu ao Pontífice Nicolau I uma carta, em que por meio de mentiras tratava de caluniar a Santo Inácio e de justificar-se a si próprio para ganhar o favor do Pontífice. Mas este, conhecedor de seus manejos deixou em sua sé santo Inácio que fora tratado barbaramente, e declarou que Fócio era um intruso, absolutamente indigno de ocupar o patriarcado de Constantinopla em lugar de Inácio. Estava preparando a condenação daquele cismático quando Deus o chamou a Si para recompensá-lo de suas fadigas.

Oitavo Concílio Ecumênico - Adriano II pos em campo o que seu antecessor tinha idealizado, com o fim de sufocar o cisma nos seus princípios, e convocou um concílio em Constantinopla, que é o oitavo ecumênico. Fócio foi citado para se apresentar; porém não o permitiu sua consciência culpável; por isso foi preciso levá-lo ali a força. Quando lhe foi perguntado porque se atribuía o caráter de chefe da Igreja universal, (pois esta era sua principal pretensão) não respondeu, ou limitou-se a dar algumas respostas insolentes. Em vista disso os Padres do Concílio e os legados do Papa o excomungaram, e foi desterrado por ordem do imperador, ao passo que se restitui a Santo Inácio sua primeira dignidade. Ano 870.

Todavia, quando morreu santo Inácio, Fócio conseguiu, à força de enganos, introduzir-se de novo na sé donde tinha sido expulso. Desde a transladação da capital do Império de Roma para Constantinopla, os bispos desta cidade pouco a pouco chegaram a ter autoridade sobre a Trácia, a Ásia e o Ponto, e até pretenderam o título de Patriarca ecumênico, isto é, universal. Os Papas se opuseram a tais pretensões, pois era querer igualar-se ao Romano Pontífice. A vaidade porém dominou a muitos daqueles patriarcas e o orgulho dos imperadores do Oriente não deixou esquecer esse título que o mesmo Fócio, em sua ambição, quis tomar. Este durou pouco tempo, porque encerrado finalmente em um mosteiro, morreu nele impenitente no ano 891.

CAPÍTULO IV

*Século décimo - Progressos da fé - São Bruno São Romualdo - Here-
sia de Estevão e de Lisóio.*

Século décimo - O décimo século da Igreja foi assinalado por muitos deploráveis acontecimentos, devidos à prepotência exercida em Roma pelo conde Adalberto e por suas filhas Marósia e Teodora. Estas duas ambiciosas mulheres introduziram no Pontificado, por meio da força, os de seu partido, sem Consideração alguma a sua virtude e doutrina. Por isso, muitas vezes, fizeram-se eleições nas quais, homens de pouca ciência e de não muito bons costumes eram preferidos a outros que por doutrina e santidade eram os únicos que mereciam ser eleitos. Deve-se por outra parte notar, que muitas coisas que se referem aos papas desta época, tem sido exageradas por historiadores posteriores e pouco inclinados à Igreja. Um cuidadoso estudo da história deste século pôs em claro que a calúnia e a maldade levaram vários escritores a falar mal de alguns Papas, que autores imparciais acharam dignos dos maiores elogios. Igualmente deve-se fazer sobressair a especial assistência que prestou Deus a sua Igreja, posto que neste século, não houvesse heresia ou cisma, contra o qual fosse necessário convocar um concílio universal.

Progressos da fé - Neste mesmo século muitas nações abraçaram o Evangelho. Os Polacos com o seu duque Micislau converteram-se ao cristianismo; o mesmo fizeram os Húngaros, que depois de terem saqueado horivelmente as igrejas cristãs, foram convertidos por São Estevão seu rei, que por isto é chamado o apóstolo da Hungria. Este monarca era muito devoto da Mãe do Salvador, sob cujo patrocínio pôs sua pessoa e seu reino, exemplo que seguiram mais tarde Luiz XIII, rei de França; Carlos Manoel II, duque de Sabóia, e a república de Genova. Também abraçam a fé de Cristo os Dinamarqueses os Turcos, os Normandos com seu feroz chefe Rolon à frente, e os Russos; no mesmo tempo suscitava Deus nos países já cristãos, homens esclarecidos por sua santidade, para conservar e aumentar neles a fé.

São Bruno - Pelo fim do século nono e no princípio

do décimo os Sarracenos e os Longobardos tinham assolado os mosteiros da Itália e da Espanha, ao passo que na França a guerra civil e os Normandos saqueavam os mosteiros e dispersavam os religiosos que os habitavam. Via-se por isso um grande número de monges expulsos de seus claustros andar errando de um a outro país e de uma a outra cidade em busca de asilo e entregues à maior miséria. São Bruno tratou de prover a estas necessidades públicas.

Nascido na Borgonha de família nobre, para evitar os perigos do mundo, entrou na ordem beneditina e fez maravilhosos progressos nas ciências e na virtude. Era superior da abadia de Aniano, quando o duque de Aquitânia, Guilherme o Piedoso, o convidou a que fosse aos seus estados procurar um lugar adaptado para uma fundação religiosa. Bruno escolheu um deserto perto da cidade de Cluny, donde proveio o nome da nova abadia. Quando Bruno a fundou, foi seguido somente por doze companheiros, porém pouco a pouco a estes se uniram outros, que sob suas ordens foram fundar outros conventos e abadias. assim formou-se a famosa congregação de Cluny, donde saíram tantos homens esclarecidos por doutrina, santidade e milagres. Morreu Bruno no ano 927 com o consolo de ver florescer a observância entre seus religiosos. Alguns martirólogos o chamam bem-aventurado; outros lhe dão o título de santo. (*V. Moroni art. Cluny e Cong. Cluniac.*)

São Romualdo - Nasceu este santo em Ravena no ano 956, e desde jovem sentiu-se prodigiosamente levado a abandonar o mundo e a fazer-se religioso no mosteiro de Santo Apolinário, próximo da sua cidade natal. Sua vida era mortificação contínua; trabalhava sem descanso durante o dia, e passava as noites inteiras em oração. Cingia seu corpo um áspero cilício. Possuía o dom da profecia, conhecia o interior dos corações e dava a conhecer a muitos as culpas que tinham cometido em segredo, com o que conseguiu converter a muitos obstinados pecadores. Desejando ganhar a palma do martírio, pôs-se em marcha para a Hungria a fim de levar ali a luz do evangelho; porém não o quis Deus, enviando-lhe uma enfermidade que lhe reaparecia sempre que queria pôr-se novamente em marcha. Retornou à Toscana, a um vale dos Apeninos onde lançou

os alicerces do célebre mosteiro dos Camaldulenses, assim chamado porque então eram conhecidas aquelas terras por *Campos de Maldo*, nome do seu dono. Consumido pelos trabalhos e austeridades, tendo predito muito antes a hora de sua morte, voou ao céu São Romualdo no ano 1027 para receber a eterna recompensa. Seu corpo se conservava ainda incorrupto quatrocentos e vinte anos depois de sua morte.

Heresia de Estevão e de Lisóio - Nos princípios do século onze, tentou Satanás dar nova vida à heresia dos maniqueus, os quais, como já dissemos, ensinavam que há dois deuses, um bom e outro mau. Começou-se a manifestar o funesto erro em Orleans, cidade de França, e eram seus mais célebres propagadores Estevão e Lisóio. Como eram tidos estes no conceito de homens doutos e virtuosos, puderam em mui pouco tempo difundir tão monstruosa heresia. Para dar alguma idéia de suas torpezas, é suficiente recordar o que eles faziam em suas reuniões. Reuniam-se de noite em determinado lugar; quando se achavam todos presentes, tomava cada um deles uma luz na mão e recitavam juntos ladainhas em que invocavam os demônios, até que aparecia um, dentre eles, sob as formas de um pequeno animal. Então entregavam-se a toda sorte de excessos: tomavam um menino de oito dias, o atiravam no meio de uma grande fogueira em sacrifício aos demônios, e ajuntavam depois as cinzas que deviam servir de viático para os enfermos. Foram acusados ao rei de França que mandou se apresentassem perante um concílio convocado em Orleans; ali se reuniram muitos bispos que unanimemente condenaram tais hereges e seus erros. Estevão e Lisóio porém, obstinando-se no erro, foram excomungados e queimados vivos por ordem do rei. Sendo ameaçados com o fogo, zombaram dele dizendo que não lhes causaria dano algum, mas quando viram que os demônios, em que confiavam, tinham perdido suas forças, e que as chamas realmente os queimavam, começaram a gritar que tinham sido enganados. Então acudiu gente, mas era demasiado tarde, porque a força do fogo reduzira a cinzas até seus ossos.

CAPÍTULO V

São Leão IX - Berengário e sua retratação - São Pedro Damiano - São Gregório VII - Morte e milagres de São Gregório VII.

São Leão IX - São Leão, chamado antes Bruno, nasceu no ano 1002, de real família alsaciana. Fez tais progressos nas ciências, que na idade de vinte e quatro anos foi consagrado bispo de Toul. Para não perder um só momento de tempo, distribuía-o entre a oração, a leitura de bons livros, o estudo, a visita aos hospitais e a instrução aos pobres, método que seguiu toda sua vida. Tendo falecido o Papa Damaso II, foi eleito para substituí-lo sob o nome de Leão IX. Teve muito que trabalhar para combater a heresia de Berengário que negava a presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia. São Leão, depois de tê-la condenado, foi em pessoa a Verceli para assistir a um concílio que esta cidade convocara. Condenou-se nele o herege e seus escritos, condenou-se também e foi lançado ao fogo um livro de João Scoto Erígenes, isto é, Holandês por estar cheio de erros contrários à fé. Depois de ter apaziguado estas turbulências, recebeu Leão uma carta do Patriarca de Constantinopla, chamado Miguel Cerulário, que acusava a Igreja romana porque celebrava a missa com pão ázimo, isto é, sem fermento: jejuava aos sábados, deixava o *Alleluia* desde a Septuagésima até a Páscoa. Respondeu-lhe São Leão com muita caridade, observando-lhe que eram estas coisas de mera disciplina e que por isto não davam motivo algum razoável para causar cisma na Igreja. O soberbo patriarca só buscava pretextos para subtrair-se à autoridade do romano pontífice; por isso, fechando os olhos à luz da verdade, renovou o cisma de Fócio que, consumado alguns séculos depois separou a igreja grega da igreja latina, isto é, da Igreja Católica (1034). Este foi o último ano de São Leão. O Santo Pontífice, vendo aproximar-se seu fim, quis que o levassem à basílica vaticana à beira do túmulo, onde pronunciou um discurso comovedor. Em seguida, depois de ter recebido o viático e os demais confortos da religião morreu, aos 52 anos de idade.

Berengário e sua retratação - Berengário de quem já falamos, era arcediogo da igreja de Angers, e foi o primeiro que se atreveu a negar formal e publicamente a presença real

de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia. Confundido muitas vezes nas discussões, declarando que se retratava de seus erros, em seguida tornava a recair neles. Depois de uma série de retratações e recaídas, entrou finalmente em si mesmo, converteu-se de veras e passou os últimos anos de sua vida fazendo penitência. Apesar disto, quando estava em ponto de morte, temia os juízos divinos e exclamava chorando: "Confio que o Senhor não se negará a receber-me em sua glória em vista da penitência que me inspirou; porém temo a sua justiça por causa daqueles a quem eu perverti com meus escândalos." Ano 1088.

São Pedro Damião - Enquanto Berengário escandalizava a Igreja, edificava-a um grande santo; era Pedro Damião, natural de Ravena, o qual desde menino já havia deixado entrever maravilhosa inclinação para o estado eclesiástico. Achando certo dia uma moeda de preta, apesar de que tivesse dela grande necessidade e lhe faltasse o necessário sustento, quis levá-la logo a um sacerdote, pedindo-lhe para celebrar uma missa por alma de seu pai. Deus recompensou a generosa ação inspirando a um irmão seu para se encarregar dele.

Mandou-o estudar em Parma onde muito depressa foi um dos mais hábeis preceptores. Este ministério proporcionava-lhe ocasião de ser pródigo para com os pobres, a quem recebia com alegria em sua casa e servia com suas próprias mãos, pois via a Jesus Cristo debaixo de seus andrajos. O mundo, porém, não era para ele; por isso decidiu-se a ir para uma ermida nas faldas dos Apeninos na Umbria onde viveu uma vida verdadeiramente angélica. Jejuava todos os dias a pão e água; às vezes passava três dias sem tomar alimento; caminhava descalço, açoitava-se até ao sangue, golpeava com frequência o peito, orava com os braços abertos, dormia pouco e deitado sobre uma esteira estendida no chão. Com seu pesar foi nomeado abade de um mosteiro, que administrou santamente; fundou vários outros, procurando insinuar em todos os corações três máximas fundamentais: *Caridade recíproca, solidão e humildade*. Tivera desejado passar toda sua vida em tranquila solidão; porém o Papa Estevão IX obrigou-o a aceitar a dignidade de cardeal e de bispo de Ostia. Neste cargo que

ocupou sob o pontificado de sete Papas, resolveu os assuntos mais intrincados da Igreja com o maior êxito, conseguiu com seu infatigável zelo, vantagens consideráveis para toda a Igreja e para a da Itália especialmente. Empregou especial solicitude em combater valorosamente os simoníacos e os libertinos daqueles tempos e em promover a disciplina do clero. Ao voltar de uma legação sobreveio-lhe em Faenza violenta febre que o levou ao sepulcro. Ano 1072.

São Pedro Damiano deixou muitos escritos utilíssimos pelo que é contado entre os doutores da Igreja.

São Gregório VII - Depois da morte de São Pedro Damiano, subiu à cadeira de São Pedro um dos maiores Papas que têm governado a Igreja: foi São Gregório VII, chamado antes Hildebrando. Desde seus primeiros anos profetizou sua futura grandeza, pois ainda menino e sem nenhum conhecimento, estando certo dia a brincar com serragens em uma carpintaria, formulou estas palavras de David: *Dominarás de um a outro mar*.

Vestiu o hábito dos monges beneditinos em Cluny; passou mais tarde para o mosteiro de São Paulo perto de Roma, onde sua doutrina, santidade, perspicácia e firmeza o tornaram merecedor da dignidade cardinalícia, e foi, em toda a extensão da palavra, um poderoso sustentáculo da Santa Sé sob o pontificado de seus cinco antecessores. Trataram muitas vezes de elevá-lo à cadeira Papal, porém ele sempre se recusou humildemente, até que, a seu pesar, no ano 1073 viu-se obrigado a aceitá-la. Dominou realmente de um a outro mar e, como o sol, espalhou seus raios benéficos em proveito de toda a Igreja. Trabalhou com denodo para extirpar o vício da simonia, confundir os hereges, reformar a disciplina eclesiástica e defender os direitos da Santa Sé apostólica. Empregou grande zelo contra Henrique IV, rei dissoluto e cruel da Alemanha, que desperdiçava as rendas da Igreja em festas e donativos aos soldados que tinha alistado contra a religião, encarcerava e matava os sacerdotes e bispos que se opunham às suas crueldades e sacrilégios. São Gregório conservou firme e imóvel contra ele a imunidade eclesiástica o excomungou e depôs, desligando todos os seus súditos da obrigação do juramento.

Depois disto os sectários de Henrique e os cúmplices de suas maldades foram castigados de modo visível pela divina Justiça. O mesmo Henrique, abandonado por todos, foi despojado do império por seu filho, e concluiu seus dias morrendo repentinamente.

Morte e milagres de São Gregório VII - Este incomparável Pontífice, depois de ter renovado a face do mundo por meio de sua ciência e piedade, para evitar as tramas do ímpio Henrique, retirou-se de Roma e foi a Salerno, onde caiu gravemente enfermo. Antes de expiar prometeu que, quando mediante os méritos de Jesus Cristo chegasse ao céu, a todos recomendaria vivamente ao Senhor. Pronunciou estas palavras: "*Amei a Justiça e odiei a iniquidade; por isso morro no desterro*". Descansou no Senhor a 25 de Maio do ano 1085, depois de doze anos de glorioso pontificado.

Deus confirmou sua santidade com muitos milagres, entre os quais se nota o seguinte: Enquanto se achava o santo disputando com um homem que lhe negava ser réu de simonia, mandou-lhe que firmasse sua palavra rezando *Gloria Patri*; porém começando- o por três vezes nunca pode pronunciar as palavras *et Spiritui Sancto*, porque era culpado dos delitos que se lhe imputavam. Outra ocasião enquanto celebrava a santa Missa, viu-se baixar do céu uma pomba que, indo pousar no ombro direito de Gregório, cobriu-lhe a cabeça com suas asas. Com o sinal da Santa Cruz apagou um incêndio que se tinha ateado em Roma. Seu corpo cinquenta anos depois de sua morte, foi encontrado ainda inteiro com os ornamentos pontificais.

CAPÍTULO VI

São Bruno - Libertação dos Santos Lugares - Santo Anselmo bispo e doutor - São Isidro, o lavrador.

São Bruno - Nasceu São Bruno em Colônia de família ilustre, e fez tais progressos na ciência e na virtude, que ainda muito jovem, tornou-se credor de cargos muito elevados. Que-rendo, porém, abandonar o mundo e entregar-se inteiramente a Deus, partiu com seis companheiros e subiu com eles a altís-sima e mui escabrosa montanha de Grenoble, chamada *Cartu-xa*. No meio daqueles montes rodeados de precipícios, e de penhascos espantosos, fundou a ordem dos Cartuxos, assim chamada pelo lugar onde teve princípio. A nova ordem se di-fundi rapidamente por toda a Europa. O Papa Urbano II que-ria nomear a Bruno arcebispo de Reggio; ele porém não quis nunca aceitar essa dignidade. Permitiu-lhe então o Pontífice que se retirasse para a Calábria com alguns companheiros, onde fundou outro mosteiro chamado a Torre. Morreu no ano 1101.

Libertação dos Santos Lugares - Os Santos Luga-res, que por suma desgraça e ludíbrio da cristandade, se acha-vam desde mais de cinco séculos em poder dos maometanos, foram libertados por meio das *Cruzadas*, isto é, exércitos reu-nidos pelos príncipes da Europa. O iniciador desta grande obra foi um simples sacerdote da diocese de Amiens, chamado Pe-dro, e apelidado o eremita por sua vida solitária. Fazendo uma peregrinação a Jerusalém, comoveu-se vivamente ao ver mes-quitass e estábulos em redor da Igreja do Santo Sepulcro, e ao contemplar todos os lugares santificados pelo nascimento, vida, milagres, pregação, morte, sepultura, ressurreição e as-censão do Salvador, em poder dos infiéis e de mil modos pro-fanados. Ao chegar a Roma apresentou-se a Urbano II, e pintou tão ao vivo o triste estado daqueles lugares, que o Pontífice se propôs lançar mão de todos os meios para libertá-los de seme-lhante profanação. Pedro, alentado assim pela aprovação do Papa, em breve tempo animou as potências européias a que se armassem para levar a cabo aquela santa e grande empresa. Os

que se alistavam tomavam por divisa uma cruz de lã encarnada que faziam colocar sobre o ombro direito, donde o nome de *cruzados*. Ao chegar o exército cristão perto de Jerusalém, sitiou a cidade e assaltou os inimigos com tal ímpeto e com tanto valor, que depois de cinco semanas de combate, se apoderou da cidade, expulsando de lá os inimigos e fez desaparecer todas as imundícies que desonravam aqueles santos lugares. Os fieis em agradecimento ao divino favor tomaram vestidos de penitentes, e com os pés descalços foram visitar os lugares consagrados pelos padecimentos do Salvador. Fizeram logo uma festa esplêndida sagrando ao valente e piedoso capitão Godofredo de Bouillon, duque de Lorena, como rei e soberano do reino de Jerusalém. Em sinal de reverência a Jesus, Godofredo jamais quis levar a coroa naquela cidade. Em seguida, para honrar o culto divino, fundou ali um cabido de cônegos, fez um mosteiro no vale de Josafá e levantou muitas Igrejas às quais ofereceu preciosos dons. (1099).

Com o fim de por dique aos infiéis que molestavam os cristãos, muito capitães se consagraram ao serviço do Senhor, formando e instituindo para tal fim a *ordem dos Hospitaleiros de São João*. Seu ofício consistia em assistir aos enfermos, servindo-lhes com suas próprias mãos, como criados, e combater valorosamente pela causa da Religião. Esta ordem chamou-se mais tarde *Cavaleiros de Malta* porque tinham fixado moradas nessa ilha desde o ano 1530.

Santo Anselmo, bispo e doutor - Nasceu Santo Anselmo em Aosta de pais nobres no ano 1033. Desde pequeno deixou vislumbrar grande ardor para o estudo e para a virtude. Aos quinze anos espantado já com os perigos que encontrava no século, queria fazer-se monge; porém seu ardor juvenil e alguns falsos companheiros, lhe fizeram retardar a execução de seu santo propósito seguindo por algum tempo as máximas do mundo. Mas iluminado pela graça divina, abandonou as vaidades mundanas, vendeu todos seus bens, e retirou-se para a abadia de Bec em França sob a observância das regras de São Bento. Ajudado ali e instruído pelo célebre Lanfranco, fez tais progressos na virtude, na filosofia e na teologia, que depois de três anos foi eleito prior. Este novo cargo serviu-lhe de es-

tímulo para andar com maior ardor no caminho da perfeição. Empregava o dia nos exercícios monásticos e em instruir os outros e de noite, depois de muito breve descanso, ocupava-se na meditação das verdades eternas e em responder aos que por carta lhe pediam conselhos. À imitação do Salvador, entretinha-se com predileção em instruir as crianças. Tinha como regra que na educação dos pequeninos não se deve empregar demasiado rigor, nem se deve levar ao cumprimento do dever à força de castigos, porque dizia, acontece com eles o que se dá com as tenras plantas que, cercadas com demasiada estreiteza, ficam sufocadas e não produzem frutos.

Sua ciência profunda unida à eminente santidade, grangeou-lhe as simpatias e o carinho dos reis, dos bispos e do pontífice São Gregório VII, que, oprimido pelos poderosos do Século, recomendavase a suas orações juntamente com sua Igreja. Morto Lanfranco, que fora nomeado arcebispo de Cantuária, sucedeu-lhe Anselmo. O rei Guilherme, porém, que tinha promovido sua eleição, começou desde logo a persegui-lo, pretendendo se intrometer nos assuntos eclesiásticos. O santo Arcebispo se opôs com firmeza. Despojado de todos os seus bens e obrigado a por a salvo sua vida por meio do desterro, foi a Roma junto do pai comum dos fiéis que era então Urbano II. O Papa o cumulou de louvores e de graças e valeu-se dele em muitos e importantes negócios. Dali a pouco morreu o rei Guilherme e sucedeu-lhe Henrique. Um dos primeiros atos do seu governo foi chamar imediatamente o nosso santo para a Inglaterra; porém, pouco depois o mesmo o desterrou de novo cruelmente. No meio daquelas continuas aflições, o santo costumava dizer que nada temia no mundo senão o pecado. "Se de um lado, dizia, visse eu o pecado, e de outra parte as penas do inferno, escolheria de preferência estas antes que cometer um pecado".

Estas últimas perseguições não duraram muito, pois que dois anos depois, quando parecia que as coisas se tinham novamente regularizado com o rei dormiu no Senhor na idade de 76 anos. Deixou fama de grande santidade e de operador de milagres em vida e depois de morto (1109). Sua santidade e sua vasta e profunda doutrina fizeram que fosse enumerado entre

os doutores da Igreja.

Santo Isidro, o lavrador - No seio da Igreja católica todos, Seja qual for a sua condição, podem chegar a possuir a perfeição das virtudes; bem o dá a conhecer assim um pobre lavrador chamado Isidro, que se distinguiu naquele século. Nasceu em Madri de pais pobres, e ainda que se visse obrigado a ganhar o sustento com o trabalho de suas mãos, conservou-se sempre fervoroso no serviço do Senhor. Costumava levantar-se de manhã muito cedo, e, antes de trabalhar, ia todos os dias ouvir a santa Missa. Era muito devoto da Virgem, e, já caminhando pelas ruas, já trabalhando no campo, rezava sempre a *Ave Maria*, sua oração favorita. Alguns invejosos acusaram-no a seu amo, dizendo-lhe que para cuidar de suas devoções descuidava a cultura dos campos. Este então tratou de surpreendê-lo; mas qual não foi sua surpresa quando, ao chegar junto de seu servo, viu dois arados que aravam com Isidro! Perguntando de quem eram aqueles dois arados que tinham desaparecido à sua chegada, Isidro respondeu-lhe: "Eu não conheço outro auxílio senão o de Deus a quem invoco no princípio de meus trabalhos, e nunca o perco de vista durante o dia". Conheceu então o amo a santidade de seu servo, e vendo os campos bem cultivados, o exortou a perseverar em suas santas práticas. Cheio de caridade para com os órfãos, dava-lhes tudo o que sobrava de seu escasso alimento. Passou toda sua vida entre pobres agricultores e morreu no ano 1130, Em pouco tempo operaram-se muitos milagres em seu sepulcro; por isso o clero e os magistrados foram ao cemitério comum com o fim de transportar o corpo do glorioso lavrador para lugar mais honroso. Nessa ocasião deu-se um fato assaz extraordinário; porque ao dar o primeiro golpe para exumá-lo, todos os sinos tocaram de per si e não pararam até se concluir a cerimônia.

CAPITULO VII

Nono e décimo Concílio Ecumênico - São Bernardo - Milagres e morte - São Tomás de Cantuária - Heresia dos Valdenses - Undécimo Concílio Ecumênico.

Nono Concílio Ecumênico - O nono Concílio Ecumênico foi celebrado também em Roma, na Igreja de São João de Latrão; por isso chamou-se Lateranense. Convocou-o Calixto II no ano 1123 e intervieram nele mais de 300 bispos e mais de 600 abades, sob a presidência do mesmo pontífice. O fim principal deste concílio era restabelecer a paz e concórdia entre o sacerdócio e o império, perturbada pelas chamadas investiduras.

Os imperadores da Alemanha pretendiam imiscuir-se nos assuntos religiosos, especialmente na eleição dos bispos e abades, e na adjudicação da dignidade episcopal ou abacial, o que se chamava investir. Acontecia frequentemente que, pela usurpação destes direitos, elegiam-se pessoas indignas e às vezes indigníssimas por sua ignorância e péssima conduta, com grande escândalo dos fieis. Os Papas tinham levantado várias vezes a voz contra estes abusos, porém em vão, pois os mesmos imperadores tomaram as armas e passaram a cometer violências contra eles. O Papa Calixto, cheio de zelo e valor, querendo a todo custo remediar tamanho mal, depois de ter trazido Henrique V a melhores sentimentos, reuniu o dito concílio. Ali conseguiu o imperador ser absolvido da excomunhão em que tinha incorrido, e submeteu-se humildemente à Igreja jurando que já não tomaria parte nas investidas deixando assim livre a Igreja na eleição de seus ministros. Condenaram-se igualmente as ordenações feitas pelo herege Bordino, que se proclamara anti-Papa. O concílio convidou por último os cristãos a expulsarem de Jerusalém aos Sarracenos, que tinham voltado novamente, e da Espanha aos Mouros, ferozes inimigos do cristianismo, que se tinham apoderado daquele reino.

Décimo Concílio Ecumênico - Ainda não tinham passado dezesseis anos da celebração do mencionado concílio, quando o Papa Inocêncio II julgou conveniente reunir outro no

mesmo palácio de Latrão. Abriu-se em 1º de Abril do ano 1139. Assistiram a ele mil bispos e outros tantos abades presididos pelo mesmo pontífice, que, como escreve um historiador daqueles tempos, compareceu entre aqueles santos prelados como o mais venerável de todos, tanto pela majestade que Resplandecia em seu rosto e pelos oráculos que saíam de sua boca, como por sua suprema autoridade. O concílio foi celebrado para por um remédio às desordens causadas pelo anti-Papa Anacleto, chamado Pedro de Leão, e condenar vários erros que tinham surgido contra a fé. Entre estes merece mencionar a heresia de Tanquelino, leigo muito astuto, que fingindo santos costumes, soube enganar os simples e levá-los à prática das mais vergonhosas obscenidades. Considerava-se igual a Jesus Cristo; negava os sacramentos e ensinava que os bispos nada eram mais do que os leigos.

Foram condenados também os erros de Pedro de Bruis e Arnaldo de Brescia, os quais, além de levarem vida escandalosa, desprezavam o santo sacrifício da Missa, a invocação dos santos, o batismo das crianças, a tradição e os escritos dos santos Padres. A justiça de Deus confirmou visivelmente a condenação destes hereges. Com efeito: Pedro de Bruis, depois de cinco anos de roubos e delitos, foi vítima do furor do povo, que, horrorizado por suas blasfêmias, o atirou dentro das chamas que ele próprio preparara para queimar um monte de cruzes que tinha derribado. Arnaldo, inimigo acérrimo do poder temporal dos Papas, não cessando de vomitar calúnias contra a igreja, atreveu-se a ir a Roma onde por ódio ao pontífice tentou fazer assassinar a um cardeal. Temendo em seguida a pena que merecia seu crime, fugiu de Roma; ao chegar porém a Toscana, foi preso e condenado às chamas pelo poder civil. São Bernardo em carta escrita ao Papa sobre Arnaldo de Brescia e Abelardo seu mestre, disse que estes se uniram e se puseram de acordo para uma conjuração secreta contra Jesus Cristo e contra sua Igreja; em seguida relata-lhe seus erros. Arnaldo morreu obstinado no erro; mas Pedro Abelardo foi a Roma e submeteu-se à santa Sé. Dali voltou à França, reconciliou-se com São Bernardo, e para tratar melhor da salvação de sua alma, encerrou-se em um convento dependente de Cluny, onde depois de passar alguns anos fazendo penitência, com edificação daque-

les religiosos, morreu no Senhor no ano 1142, aos 63 de idade.

São Bernardo, abade e doutor - São Bernardo, abade de Claraval, é certamente um dos astros mais luminosos da Igreja. Nasceu em Fontainas na Borgonha. Ainda pequeno, sentia tal ternura para com a Santíssima Virgem, que só ao ouvir pronunciar seu nome, dava sinais de prazer e alegria. Tudo fazia com gosto contanto que se lhe dissesse: "Isto agrada a Maria!" e desejava fazer o contrário quando se lhe dizia: "Isto desagrada a Maria." Embora as raras e nobres qualidades de sua pessoa e as ainda mais seu engenho surpreendente lhe abrissem caminho para as mais altas dignidades, a tudo renunciou para abraçar o estado religioso no mosteiro de Cister. Seu exemplo suscitou-lhe tantos discípulos, que tiveram de fundar outros mosteiros entre os quais se achava o de Assêncio. Era este lugar uma espantosa guarida de ladrões, e pelo nome e celebridade de Bernardo se chamou em seguida Claraval. Poucos eram os jovens com quem falava o santo, que não se alistassem na sua milícia Espiritual. Muitos nobres mancebos seguiram os incentivos de sua extraordinária santidade. Um seu tio, sua Irmã, seus cinco irmãos, e seu próprio pai fizeram-se religiosos e morreram como santos.

Milagres e morte - A santidade de Bernardo achava-se confirmada por freqüentes e ruidosos milagres. Com o sinal da cruz curou um bispo que estava prestes a morrer; também curou, em presença de grande multidão, a uma mulher, um menino e uma menina aleijados. Dava por todas as partes a vista aos cegos e o ouvido aos surdos, a palavra aos mudos, a saúde aos enfermos e conhecia os segredos mais íntimos do coração. E ainda que suas rígidas penitências debilitassem sua saúde, estava, não obstante, sempre pronto para confessar, pregar e empreender viagens a fim de cumprir difíceis missões, e pacificar príncipes e nações. No meio destes vários e gravíssimos negócios nunca deixava as orações e meditações de costume. Estando um dia na Igreja catedral de Spira, arrebatado em êxtase, pôs-se a cantar no meio do povo e do clero: *o clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria*. Estas palavras agradaram tanto, que a Igreja acrescentou-as à *Salve Regina*, com que costuma honrar a augusta Mãe do Salvador.

Quando se espalhou a notícia da perigosa enfermidade de São Bernardo, de todas as partes acudiam pessoas a Clavaal unicamente com o fim de ver pela última vez esse portento de sabedoria. Bispos e abades tinham-se reunido em redor dele para receber sua bênção e assistir à sua ditosa morte. Dormiu Bernardo no Senhor, nos braços de seus religiosos, no ano 1153, aos sessenta e três de idade. Por causa dos muitos milagres que se operavam sobre seu sepulcro, apenas vinte anos depois de sua morte, Alexandre II o inscreveu no número dos santos, e o sumo Pontífice Pio VIII no ano 1830 o contou entre os doutores da santa Igreja.

São Tomás de Cantuária - A Inglaterra, terra fecunda em santos, contou neste século, entre os muitos luminares da fé, a Santo Tomás, arcebispo de Cantuária. Nascido em Londres de nobres e piedosos pais, demonstrou, desde menino, tanto amor para com a verdade, que não podia sofrer que se faltasse a ela nem por gracejo. Seus talentos e suas virtudes o tornaram mui querido a Teobaldo, arcebispo de Cantuária, que o ordenou sacerdote e mais tarde arcediogo de sua catedral. Sua aptidão para manejo dos grandes negócios lhe mereceu o cargo de conselheiro, ou primeiro ministro de estado. São Tomás exerceu este cargo com plena satisfação de todo o reino, e muito em particular, do rei, que o favoreceu de tal modo que nada queria que se fizesse sem ordem sua. Morto o arcebispo, elegeram a Tomás para lhe suceder. Não podendo subtrair-se a este cargo tão pesado, abandonou todas as pompas, cingiu um grande cilício em suas desnudadas carnes e vestiu o hábito monástico. Costumava passar as noites em oração e na leitura dos livros santos ao passo que de dia dedicava-se a obras de beneficência e a reformar os costumes do clero e do povo. Exemplar no ofício de chanceler, mostrou-se firme e invicto no ministério episcopal, e com ânimo varonil resistiu ao próprio rei, que de diferentes modos o perseguia cruelmente. Tomás teve de experimentar por muitos anos os rigores do desterro, até que, acalmando-se as iras do príncipe, voltou a sua sede episcopal.

Como continuasse, porém, sempre pregando contra as desordens públicas e privadas, acusaram-no perante o rei, o

qual não cessou de armar-lhe insídias; e queixava-se a seus cortesãos de que já não podia ter paz enquanto vivesse o arcebispo. Ouvindo isto alguns de seus satélites, pensando fazer coisa agradável ao soberano, foram às escondidas a Cantuária, e acometeram ao bispo enquanto se achava na igreja rezando vésperas. Querendo seus clérigos fechar as portas do templo, impediu-os dizendo-lhes: "A Igreja de Deus não se deve guardar como as fortalezas das cidades; eu de bom grado morrerei pela causa de Deus e da sua Igreja. Não peço senão esta graça, que meu sangue lhe restitua a paz e a liberdade que lhe querem tirar". Pondo-se logo em oração e encomendando a Deus sua igreja, ofereceu sua cabeça ao ferro do verdugo com a mesma firmeza e constância com que tinha resistido às iníquas leis do rei. Morreu mártir no ano 1171. Tendo-se operado mais tarde muitos milagres mediante sua intercessão, o pontífice Alexandre III, três anos depois de sua morte, o colocou no cânon dos santos.

Heresia dos Valdenses - Os hereges chamados *Valdenses* começaram neste século a perturbar a Igreja. Devem nome e origem a Pedro Valdo, comerciante de Lion. Achando-se este em um banquete (Ano 1160), um seu amigo caiu morto a seu lado. Horrorizado com o fato, começou a exortar seus companheiros à pobreza voluntária; porém deixando-se levar pela imaginação, excedeu os limites e deu-se a pregar contra as riquezas que possui a Igreja, afirmando que o clero está obrigado a viver pobre e que não pode possuir bens sem cometer pecado. Deste erro extravagante passou a reprovar o culto das sagradas imagens, a confissão auricular, a extrema unção, as indulgências e o purgatório. Ameaçado em sua pátria saiu dela, e foi à Sabóia em companhia de alguns vagabundos; passou dali para Lucerna, perto de Pinerolo, onde ele e seus sectários tomaram o nome de Barbudinhos. Tendo sido refutados várias vezes seus erros, tornaram-se mais orgulhosos e por isso foram condenados no undécimo concílio ecumênico. Estes, contudo, até o século dezesseis ficaram mais ocultos; não tinham igrejas próprias, porém freqüentavam as dos católicos e, quando podiam confundir-se com eles, pediam e recebiam todos os sacramentos da Igreja católica. Mas surgindo em Genebra a heresia de Calvino, pensou este homem astuto que ganharia muito

mais se unindo aos Valdenses, que, cedendo a seu convite, abraçaram seus erros e desde então Valdenses identificaram-se com Calvinistas sendo eles, portanto muito diferentes dos primitivos Valdenses, sectários de Pedro Valdo.

Undécimo Concílio Ecumênico - Convocou este concílio o Papa Alexandre III no ano 1179 com o fim de condenar as Valdenses e outros hereges, e tratar também de alguns assuntos concernentes ao bem da Igreja. Foi este o undécimo Concílio Geral e o terceiro de Latrão; tomaram parte nele 302 bispos. Seu fim principal foi estabelecer um meio conveniente para evitar toda sorte de desordens e cismas na eleição dos Papas. O Papa Nicolau II no ano 1059 a fim de obviar estes perigos, tinha reservado o direito de eleger o Papa somente aos cardeais; mas estes não concordando às vezes sobre a pessoa que tinham de nomear, acontecia que se elegiam ao mesmo tempo vários anti-Papas. Em vista disto, o concílio presidido pelo mesmo Alexandre, decretou que, dado o caso em que os cardeais não se achassem de acordo na eleição do pontífice, se reconheceria por legítimo o que tivesse obtido as duas terças partes de votos, e que se aquele que obtivesse a outra terça parte quisesse se declarar Papa, ficaria excomungado juntamente com seus instigadores. Este concílio condenou, como ficou dito, os Valdenses juntamente com os Cátaros, os Patariños e outros hereges.

CAPITULO VIII

Frederico Barba-Roxa - São João da Mata - Ritos e leis disciplinares desta época.

Frederico Barba-Roxa - O imperador da Alemanha, Frederico, chamado Barba-Roxa pela cor de sua barba, perturbou durante muitos anos a paz da Igreja. Depois de ter incendiado e reduzido a um monte de ruínas as cidades de Suza, Chieri, Asti e Milão, convocou um concílio e elevou à dignidade pontifícia um anti-Papa excomungado por Alexandre III. Cheio de ira contra o legítimo pontífice, resolveu marchar sobre Roma para vingar-se cruelmente; porém uma terrível epidemia que fez perecer a maior parte de seus soldados, obrigou-o a desistir da empresa. Então determinou dirigir suas armas contra Alexandria da Palha, cidade que o mesmo pontífice tinha mandado edificar para libertar a si e a Itália de suas iras. Sitiou a cidade e quis tomá-la de assalto, mas foram vãos todos os seus esforços. Derrotado pouco depois pelos confederados italianos, na memorável batalha de Lenhano, julgou conveniente humilhar-se e ir pedir perdão ao Papa. Este o recebeu com bondade e levantou-lhe a excomunhão. Frederico, em penitência de seus pecados, foi com seu exército para Palestina, a fim de reconquistar a Jerusalém, mas depois de muitas e gloriosas vitórias, morreu no ano 1199, em um rio da Cilícia, onde fora tomar banho.

São João da Mata - Achando-se naqueles tempos grande número de cristãos escravizados entre os Turcos, especialmente nas costas da África chamada Berbéria, suscitou Deus, para ir em seu auxílio, a São João, nascido em Mata, cidade da Espanha.

Enquanto se achava celebrando a santa Missa em Paris, apareceu-lhe um anjo que descansava suas mãos sobre dois escravos. Conheceu por isto ser vontade de Deus que ele se consagrasse ao resgate dos escravos que tinham caído em poder dos infiéis. Mas para certificar-se melhor da vontade do céu, foi ter com São Felix de Valois, que também levava uma santa vida no deserto. Este santo que tivera a mesma visão,

reuniu-se a São João e ambos foram a Roma pedir ao Papa aprovasse uma ordem que tivesse por fim o resgate dos escravos, podendo-se entregar os próprios religiosos em troca da pessoa que se quisesse resgatar, toda vez que não se pudesse consegui-lo com dinheiro. O Papa Inocêncio III, que ocupava então a Santa Sé, e que tinha tido igual visão celebrando a santa Missa, não titubeou em aprovar a nova ordem. (1198).

Fundou São João muitas casas de zelosíssimos religiosos e fez duas vezes viagem a Tunis com o fim de exercer ali suas obras de caridade. Irritados por isto os muçulmanos, ultrajaram-no de diferentes maneiras, e finalmente puseram-no sobre um batel ao qual tinham tirado o leme e as velas, para que perecesse no meio do mar. O santo porém com o crucifixo na mão começou a cantar glórias a Deus, ao passo que o barco guiado pela divina Providência, em poucos dias chegou ao porto de Óstia na Itália, trazendo a bordo cento e vinte escravos que ele tinha resgatado. Abatido pelos males sofridos nesta viagem e pelas austeridades de sua vida, morreu João em Roma no ano 1212.

Ritos e leis disciplinares desta época - No ano 690, por celestial aviso, erigiu-se um altar em Roma, para onde se trasladaram as relíquias de s. Sebastião, com o fim de debelar uma horrível epidemia que no mesmo instante cessou.

No século oitavo, estabeleceu-se como regra geral para ser observada indistintamente por todos os cristãos e em todos os casos, (excetuando o de enfermidade grave) que ninguém pudesse receber a Santa Eucaristia senão em jejum. Esta lei existia desde o tempo dos Apóstolos; mas como estava sendo esquecida ou descuidada, renovou-se mais severamente, sendo declarado réu de sacrilégio o que se atrevesse a violá-la.

Foram instituídas várias confrarias em sufrágio das almas dos defuntos, e começou a se recitar o ofício da Bem-aventurada Virgem. No século nono, Gregório IV ordenou que a solenidade de todos os Santos, já introduzida em Roma no século sétimo, se celebrasse em toda a Igreja em honra de todos os Santos, o que até então não se fazia a não ser em relação aos mártires.

No ano 893, João XV registrou nos fastos dos santos a Santo Ulderico, bispo de Augusta, com rito público e solene, com bula chamada de canonização; o que, segundo parece, nunca se fizera antes, porque os santos eram então canonizados em sua própria diocese por voz do povo e decreto do bispo, ou por decreto de todos os bispos da província eclesiástica à qual pertenciam.

No século décimo o bem-aventurado Hermano compôs a *Salve Regina*, até as palavras nobis ostende. São Bernardo acrescentou, como já dissemos, *o clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria*. As últimas palavras: *Dignare me landare te, Virgo sacrata*, etc., afirma-se, pertencem a São Domingos. Introduziu-se em toda a Igreja a solene comemoração dos fiéis defuntos no segundo dia de novembro. A respeito disto é digno de lembrar-se o presente feito à Igreja de Santa Maria de Pinerolo, em 1064 pela princesa Adelaide de Sabóia, marquesa de Suza, em sufrágio da alma de seus pais e particularmente do marquês Odon seu esposo.

No ano 1136, a Igreja começou a celebrar solenemente a festa da Conceição de Maria Santíssima. s. Bernardo se opôs a isto a princípio não porque lhe desagradasse que se desse este maior grau de honra a Maria, porém porque desejava que antes se consultasse a Santa Sé, sem cuja intervenção não queria se tomasse determinação alguma de interesse geral para a Igreja.

QUARTA ÉPOCA

Desde o IV Concílio de Latrão, XII ecumênico, no ano 1213, até os princípios da Reforma de Lutero no ano 1517. (abrange um período de 304 anos.)

CAPÍTULO I

Quarto Concílio de Latrão - São Domingos e a ordem dos Pregadores - Ordem Franciscana.

Quarto concílio de Latrão - Inaugurou-se o século treze com o duodécimo concílio ecumênico, que é o quarto de Latrão. Este concílio, convocado pelo Papa Inocência III, reuniu-se em Roma no ano 1215, e intervieram nele 573 bispos e 800 abades. Os decretos que nele foram emanados tiveram tal importância, que se considerou a celebração deste concílio como um fato digno de assinalar época na história eclesiástica. A principal causa que o motivou foi a heresia dos Albigeneses, assim chamados porque começaram a difundir seus erros na província de Albi, em França.

Esta heresia era um conjunto de todas as que tinham aparecido nos séculos anteriores, e ensinava, entre outras extravagâncias, como os Maniqueus” que existem dois princípios criadores, Deus e Satanás; que o primeiro criara as almas e o segundo os corpos. Repeliam a autoridade da Igreja e os Sacramentos, vomitavam blasfêmias contra Jesus Cristo e Maria Santíssima, e tinham, além disto, costumes muito relaxados. Como não bastassem as palavras para difundir esta impiedade, punham em obra toda sorte de violências; derrubavam templos, destruíam altares; ameaçavam e matavam a todos os que

não queriam seguir suas doutrinas. Não sendo suficientes para pôr um dique a tantas desordens, nem o zelo de São Domingos, exercido por meio de seus sermões, nem o fervor militar de Simão de Montfort, julgou-se necessária a convocação do dito concílio. Foram condenados nele os erros dos Albigenses, e, por lei do mesmo, obrigou-se a todos os príncipes e soberanos a purificar seus domínios da infecção destes hereges turbulentos, sob pena de perderem sua autoridade e todos os seus direitos. Também se tratou nele de alguns pontos da doutrina católica, especialmente sobre a santa Eucaristia. A este respeito foi definido que, depois de pronunciadas pelo sacerdote as palavras da consagração, cessa de existir a substância de pão e vinho, para se converter na substância do corpo e sangue de Jesus Cristo.

Para enunciar com maior precisão esta verdade da fé, empregou-se pela primeira vez a palavra *transsubstanciação*. Como naqueles tempos, muitos cristãos se entibiassem muito na piedade, e passassem anos inteiros sem se aproximar dos sacramentos da confissão e da comunhão, foi ordenado que todos, ao chegar ao uso da razão, deviam confessar-se ao menos uma vez por ano, e receber a comunhão pela Páscoa, cada um em sua paróquia. Foi decretado também que aquele que não cumprisse esse preceito, fosse impedido de entrar na Igreja, e que, depois de morto, (morrendo impenitente) se lhe negasse sepultura eclesiástica. Esta lei, ao passo que demonstra a clemência da Igreja que se contentou com o menos possível, é também muito justa, porque é fora de dúvida que já não merece o nome, e se torna indigno de gozar dos direitos de cristão, aquele que não se aproxima de tais sacramentos.

São Domingos e a ordem dos Pregadores - São Domingos foi escolhido de maneira especial pela Providência para combater aos Albigenses. Nascido na Espanha de nobre família, concluiu seus estudos fazendo assombrosos progressos na ciência e na virtude. Enviado pelo Papa, com outros missionários, para defender a fé contra os Albigenses, os combateu denodadamente, e Deus confirmou sua pregação com brilhantes milagres. Eis aqui um dos principais: Tendo o santo transcrito algumas passagens da sagrada Escritura que mais

diziam respeito aos hereges, lhas entregou para que as considerassem atentamente. Reuniram-se estes de noite em forma de concílio e depois de ter lido um deles o escrito de São Domingos, disse-lhe outro: "Atira-o ao fogo; se arder, é sinal que nossa crença é verdadeira; se não, será a dos católicos". Atiraram o papel às chamas; porém, com admiração de todos, saiu intacto, como dantes. "Atira-o ao fogo de novo, e melhor se conhecerá a verdade". assim se fez, porém o papel de novo ficou ileso. Atiraram pela terceira vez, e pela terceira vez saiu perfeito.

Vendo São Domingos a necessidade de operários evangélicos, para combater a heresia, conservar a fé e retemperar o espírito cristão nos católicos, fundou uma ordem que se chamou de São Domingos, conforme o nome de seu fundador, e dos *Pregadores* pelo fim principal que estes têm de dedicar-se à pregação. Dedicaram-se estes a princípio a combater a heresia dos Albigenses, porém mais tarde se estenderam por todos os países cristãos, pregando e trabalhando sem descanso para dilatar o reino de Deus. Inocêncio III antes, e no ano seguinte Honório III, (1216), aprovaram esta ordem. Como causasse profunda magoa a São Domingos ver o grande número de donzelas, que por falta de mestres católicos e de casas de educação de igual gênero, frequentavam as escolas dos Albigenses, fundou uma segunda ordem, chamada de freiras *Dominicanas*, as quais, ao mesmo tempo que trabalhavam para sua própria santificação, faziam o possível para arrancar as meninas cristãs dentre as garras de heresia. Mas como muitas pessoas não podiam ir se encerrar no claustro, fundou outra ordem, chamada dos *Terceiros*. Homens e mulheres de toda idade e condição podem professar nesta ordem ainda estando no século, sem fazer votos. A princípio chamou-se *milícia de Jesus Cristo*, e devia enfrentar a heresia com todos os meios possíveis. Mais tarde chamou-se *ordem terceira da penitência* ou dos *penitentes*, porque os que se inscrevem nela se propõem levar um método de vida perfeita, que se aproxime o quanto possível, ao que se leva no interior dos conventos.

Atribue-se a São Domingos a instituição do Rosário, por inspiração que teve da mesma Virgem Maria que aparecen-

do-lhe em uma capela da Apúlia, mandou-lhe que pregasse esta devoção como arma formidável contra a impiedade. Os fatos corresponderam às promessas, porque com a eficácia dessa devoção foram vencidos os Albigenses. Esta prática se tornou universal, e foi como um grande auxiliar da Igreja Católica. Não se pode dizer, quão grande é o bem feito à Igreja, e quanto o mal, que por ela se tem evitado. Além dos milagres já mencionados, ressuscitou este santo a três mortos, em presença de muito povo. Achando-se próximo à morte, fez com que o deitassem sobre cinza; e chamando a seus religiosos, disse-lhes: "Com a castidade e pobreza sereis agradáveis a Deus e úteis à Igreja". Morreu em Bolonha no ano 1221, experimentando o doce consolo de ver seus religiosos produzirem em todo o mundo frutos de graça e de bênção.

Ordem Franciscana - Se São Domingos com a ordem dos Pregadores prestou à Igreja um poderosíssimo adjutório, não foi menos eficaz o que prestou São Francisco de Assis, instituindo a religião dos *Frades menores*, chamados vulgarmente *Franciscanos*. Seu nome primitivo era João, e foi chamado Francisco porque falava bem a língua francesa. Desde seus primeiros anos deixou entrever sua grande caridade para com os pobres, pois se impusera uma lei de nunca recusar uma esmola, quando lhe fosse pedida pelo amor de Deus. Encontrando um dia um homem de boa família, porém muito pobre e mal vestido, despiu o traje novo que levava e o obrigou a que o vestisse. Indignado o pai, porque Francisco não queria seguir suas vistas mundanas, deserdou-o expulsando-o de sua casa. "Pois bem, dizia Francisco, já que me abandona o pai que tenho na terra, direi de agora em diante, com mais confiança: *Pai nosso que estais no céu*". Saiu logo da cidade de Assis e dedicou-se ao serviço dos leprosos e ao exercício das obras de misericórdia, fixando morada perto de uma igreja consagrada a Nossa Senhora dos Anjos, chamada também da *Porciúncula*, nome do lugar onde estava situada. Apesar da rigidez de sua vida e da austeridade que professava, viu-se muito depressa à frente de numerosos discípulos, animados de seu mesmo espírito.

Levado pelo zelo de salvar almas, dirigiu-se ao Egito,

para conseguir a palma do martírio, e se apresentou ao próprio Sultão para pregar-lhe a Jesus Cristo; ali, porém em vez de lhe darem a morte, o cumularam de honras e lhe deram os maiores sinais de veneração. De volta à Europa, fundou muitos conventos, entre os quais figuram um em Chieri e outro em Turim, pois as cidades da Itália tratavam à pórfia de ter entre elas discípulos de homem tão santo. Continuou regendo a santa ordem até sua morte gloriosa, que aconteceu no ano 1226. Dois anos antes de morrer recebeu uma grande graça que anteriormente a ninguém fora concedida. Foi a de ter as mãos e os pés atravessados milagrosamente por cravos e o lado milagrosamente aberto por obra de um Serafim que lhe apareceu; assim Francisco era a imagem de Jesus Crucificado.

No ano 1221, fundou São Francisco sua segunda ordem para as donzelas que desejassem levar uma vida devota e retirada. As freiras franciscanas são chamadas também Clarissas, do nome de santa Clara, que foi sua primeira superiora. Para que o fruto da nova ordem se pudesse estender a maior número de fiéis, estabeleceu São Francisco outra para as pessoas que vivem no século, chamada dos terceiros, a qual também se propagou maravilhosamente por todo o mundo.

CAPITULO II

Santo Antonio de Pádua. - Os Servos de Maria - Décimo terceiro Concílio Ecumênico - São Luiz, rei de França - Festa do Corpo de Deus.

Santo Antonio de Pádua - Entre os primeiros discípulos de São Francisco sobressai Santo Antonio de Pádua, glória de sua ordem e esplendor de seu século. Nasceu em Lisboa, e aos quinze anos abraçou a ordem de santo Agostinho; porém chegando a Coimbra os corpos de cinco franciscanos,

martirizados em Marrocos, sentiu-se arder em desejos de entrar na mesma ordem para conseguir mais facilmente a palma do martírio. Pondo-se em Viagem para ir pregar o Evangelho aos Sarracenos, sobreveio-lhe violenta enfermidade, que lhe fez tomar a resolução de voltar à Espanha. Mas Deus dispôs que fosse à Itália, e que depois passasse à cidade de Pádua, da qual tomou o nome. Começou a pregar ali e nos lugares circunvizinhos com tanta eficácia, que todos ficaram admirados do imenso poder de sua palavra. Conta-se que para ouvi-lo, saíam de noite os habitantes da cidade e iam apinhar-se na Igreja, e que os camponeses abandonavam seus campos, os empregados e trabalhadores suas ocupações para poderem ouvi-lo.

Os milagres, a unção, e fervor, a dignidade, mais angélica que humana, com que pregava, atraíam-lhe tão grande número de ouvintes, que muitas vezes se via obrigado a pregar em campo aberto, vendo reunido em seu redor até trinta mil pessoas. Deus o chamou para gozar do prêmio celeste no ano 1231, aos 36 anos de sua idade. Pelo extraordinário número de milagres que se operaram em seu sepulcro, poucos meses depois de sua morte, foi contado no número dos santos.

Os Servos de Maria - Pouco depois da morte de São Domingos e de São Francisco teve a Igreja um novo ornamento na ordem dos Servitas ou Servos de Maria. Eis a sua origem: Havia na cidade de Florença uma irmandade chamada dos Laudenses, cujos membros se propunham honrar particularmente a, Santíssima Virgem, rezando e cantando suas glórias. Sete dos principais patrícios da cidade, membros dessa irmandade, enquanto se achavam reunidos em uma igreja, no dia da Anunciação do ano 1233, viram aparecer-lhes a Mãe de Deus, que os exortou a abraçar um método de vida mais perfeita. Resolveram imediatamente fazê-lo e, seguindo o conselho do bispo de Florença retiraram-se para uma pequena casa no campo para viverem ali no retiro, na oração, e na mortificação. Havia passado um ano quando tiveram de voltar à cidade para consultar de novo o bispo acerca de seu estado. Já era tanta sua reputação de santidade, que todo o povo acudiu para vê-los; porém o que mais chamou a atenção naquela circunstância foi que as criancinhas receberam o uso da palavra e todas gri-

taram à porfia, apontando para eles: *Eis os servos de Maria*. Entre aqueles inocentes se achava São Filipe Benício, que não tinha ainda cinco meses, e que foi, no decurso do tempo, ornamento da nova ordem. Seria demasiado difícil exprimir por palavra o gozo que experimentaram aqueles penitentes ao serem chamados de uma maneira tão maravilhosa servos da Mãe de Deus. Por isso resolveram dedicar-se inteiramente a seu culto, porém, vendo-se continuamente molestados pelo grande número de pessoas que iam visitá-los, estabeleceram-se no cume do monte Senario lugar muito alto da Toscana. Indicou-lhes também o hábito que deviam trazer como sinal de que estavam consagrados a esta aflita Mãe.

Aqueles santos solitários, receberam com o maior respeito as ordens de sua protetora e, guiados e aconselhados pelo bispo, deixaram o hábito de cor de cinza e revestiram-no de cor preta, que foi desde então, o hábito próprio da ordem dos Servitas. Continuaram praticando o mesmo gênero de vida e, em pouco tempo, mereceram a aprovação de São Pedro, mártir dominicano, uma das mais célebres personagens de seu século. Estando em Florença este grande servo de Deus e ouvindo falar dos penitentes do monte Senario, quis julgar de per si mesmo se devia dar crédito a tudo o que publicava a fama sobre suas virtudes. Vi-os, com efeito, e ficou tão persuadido de sua santidade que lhes dedicou uma santa amizade. Apareceu-lhe também a Santíssima Virgem e o certificou com uma visão, de que ela escolhera a Bonfiglio e a seus companheiros, para que se consagassem especialmente a seu serviço e participassem das dores amargas que ela tinha sofrido; e como eles deviam fundar uma ordem, que teria por fim honrá-la e promover sua glória.

Animados por semelhantes oráculos, aqueles humildes solitários, que a princípio se tinham proposto não receber discípulos, resolveram instituir a ordem dos Servitas, particularmente com o fim de cumprir com os deveres de uma sociedade religiosa. Abraçaram a regra de santo Agostinho, que seguem ainda hoje. Aprovou primeiramente o novo instituto o arcebispo de Florença e, pouco depois, foi definitivamente aprovado pela Santa Sé. Os servos de Maria propagaram-se

muito rapidamente na Itália, onde já possuíam bom número de casas. Também fundaram institutos em outras partes da Europa, e ainda se encontram conventos destes religiosos nos estados onde foram suprimidas as ordens monásticas. Aqueles sete bem-aventurados fundadores dos Servitas chamam-se, Bonfiglio, Manetti, Dell'Antella, Amadeu, Uguccione, Sostegno e Falconieri. Os fervorosos Servos de Maria continuavam caminhando a grandes passos no caminho da perfeição, e concluíram santamente sua carreira neste mundo no monte Senario, à exceção do bem-aventurado Aleixo Falconieri que chegou até cento e dez anos de idade e morreu em Florença.

Décimo terceiro Concílio Ecumênico - Tendo neste tempo Frederico II, imperador da Alemanha, perturbado gravemente a paz da Igreja, pensou o sumo pontífice Inocêncio IV em convocar um concílio geral em Lion. Foi o primeiro nessa cidade, e realizou-se no ano 1245. Presidiu-o o pontífice pessoalmente, e se acharam presentes a ele 140 bispos. O principal fim que deu razão à convocação deste concílio foi remediar os graves danos ocasionados à Igreja pelo imperador Frederico. Este, em sua mocidade tinha recebido assinalados benefícios do Papa Inocêncio III; porém, com o correr dos anos, tornara-se ímpio e cruel. Depois de ter cometido muitas violências contra os bispos e os sacerdotes, armou insídias ao próprio Pontífice, que, perseguido em sua cidade, viu-se obrigado a refugiar-se em França. Foi convidado Frederico para assistir ao concílio, porém recusou-se. Examinadas pelos padres suas maldades, foi achado réu de perjuro, por ter violado o juramento que prestara de ir libertar os santos lugares e réu de sacrilégio por ter furtado os bens da Igreja, e proibido aos bispos do império de ir ao concílio, encarcerando aos que iam a ele. Acharam-no também culpado de heresia. Por estas três culpas, o concílio o excomungou, o depôs e privou de todas as suas honras e dignidades. Desde então pareceu que o imperador se achava ferido pela cólera do céu, e já não conseguiu senão derrotas. Morreu, pouco tempo depois, vítima de cruéis remorsos. Também foi ordenado, neste concílio, que os cardeais trouxessem barrete encarnado, para indicar que sempre se achavam prontos a trabalhar para a Igreja e a derramar seu sangue toda vez que assim fosse necessário. Mais tarde usou-se também a cor de

púrpura nas batinas e outras insígnias de sua dignidade. No fim do concílio decidiu-se a armar uma cruzada, sob o comando de São Luiz, rei da França, para libertar a terra santa do poder dos Turcos.

São Luiz, rei de França - Este rei da França, órfão aos 11 anos, foi educado santamente por sua mãe e regente, a ótima rainha Branca. Foi isto causa de, no trono e no meio do fausto mundano, dar ele exemplo da castidade piedade, humildade, fortaleza, generosidade e todas as outras virtudes cristãs. Abrigando a esperança de poder libertar a terra santa que tinha tornado a cair em poder dos Turcos, passou ao Egito para combater ao Sultão em sua própria terra, com numeroso exército. Mas depois de gloriosas vitórias, seu exército foi quase destruído pela peste, e ele mesmo caiu em poder dos inimigos. Durante este tempo deu provas de paciência heróica. Sendo resgatado, foi à Palestina, e ficou ali quatro anos remindo os cristãos que tinham sido escravizados pelos Turcos, e fazendo reedificar e armar as cidades e fortalezas que naquela terra possuíam os cristãos. Ao voltar à França providenciou eficazmente para a reta administração da Justiça e para o incremento da religião, promovendo constantemente o bem e a glória do seu povo. Pelo Impulso de sua piedade tentou levar a cabo uma cruzada contra os Turcos e com este fim desembarcou, à frente de numeroso exército, nas costas setentrionais da África, sitiou Tunis e, apoderou-se do castelo; mas teve de sucumbir vítima da peste e morreu no acampamento a 25 de agosto, aos 55 anos de idade. Ao aproximar-se de seus últimos momentos recebeu o santo viático. Como lhe perguntasse o sacerdote que lho administrava se acreditava que Jesus se achava presente na santa hóstia, respondeu: Não acreditaria melhor, ainda que o visse em todo seu esplendor, como quando subiu ao céu". Em seus últimos momentos fez-se colocar sobre cinza e com os braços cruzados sobre o peito e os olhos voltados para o céu, pronunciou aquelas palavras do salmo; *Senhor, eu entrarei em vossa casa, vos adorarei em vosso santo templo, e glorificarei vosso santo nome*. Isto se deu no ano 1270. Canonizou-o o Papa Bonifácio VIII no ano 1297.

Festa do Corpo de Deus - Quanto mais se combatia o dogma da presença real, tanto mais crescia entre católicos o fervor para com Jesus Sacramentado. Este foi o motivo que levou as bem-aventuradas Juliana e Eva de Liège e a outras pessoas piedosas a iniciar a solene festa de *Corpo de Deus*. Um milagre acontecido em Bolsena foi o que deu o último impulso ao sumo Pontífice decidindo-o a instituir esta grande solenidade. Aconteceu que um sacerdote alemão, que padecia de tentação contra a presença real de Jesus Cristo na Santíssima Eucaristia, enquanto se achava celebrando a santa Missa na igreja paroquial, viu que a hóstia consagrada derramava Sangue vivo, molhando com ele o corporal, as toalhas e algumas chapas de mármore que se achavam no solo. O Papa Urbano IV, em vista deste milagre e das revelações contínuas que se davam, decretou, no ano 1264, que se celebrasse aquela solenidade em todo o mundo cristão. Santo Tomás de Aquino, a pedido do Papa, compôs o ofício que ainda hoje (final do século XIX) está em uso.

CAPITULO III

*São Tomas de Aquino - São Boaventura - Segundo Concilio de Lion
- O jovem Vicente Verner - São Celestino.*

São Tomas de Aquino - Entre os santos que brilharam neste tempo por grande saber e virtude, merecem singular menção os doutores. São Boaventura, toscano, e Santo Tomas de Aquino. Este último, nascido, de nobre família napolitana aos cinco anos de idade entrou para ser educado no convento dos Beneditinos do Monte Cassino. Mais tarde, ao manifestar seus desejos de se consagrar a Deus na ordem dos Pregadores, os parentes para impedi-lo encerraram-no em um calabouço. Pessoas infames tentaram- no ali gravemente para ver se lhe faziam perder a pureza, porém saiu Tomas vencedor, afugen-

tando-as com um tição aceso. Saindo do cárcere, foi a Paris, onde estudou teologia sob a direção do célebre Alberto Magno. Ainda que fizesse maravilhosos progressos nas Ciências e na piedade, sabia ocultar de tal sorte seu talento, que seu silêncio era julgado necessidade, pelo que seus condiscípulos chamavam-lhe boi mudo. Mas o mestre, que bem o conhecia, dizia aos que mofavam dele, que algum dia os sábios mugidos do boi mudo ressoariam em toda a terra. Aos 25 anos tomou a seu cargo a cadeira de filosofia e teologia na universidade de Paris. Os ouvintes que corriam para aprender em tão célebre mestre, apelidaram-no o *Anjo das Escolas*.

Certo dia, estando em Nápoles, falou-lhe a Imagem de Jesus Cristo e disse-lhe: "Tomas tens escrito bem de mim; que prêmio desejas?", Respondeu-lhe: "A Ti somente, ó meu Deus!" Sentado um dia à mesa de São Luiz rei da França, recordando uma questão teológica, encontrou de pronto a solução e dando um golpe com a mão sobre a mesa, exclamou: "Achei o argumento contra Manés". Lembrando-lhe seu superior que se achava em presença do rei, pediu humildemente perdão; porém o príncipe chamou logo um secretário, a quem ordenou escrevesse os argumentos do Santo Doutor. Ofereceram-lhe o arcebispado de Nápoles, que ele por humildade jamais quis aceitar. O Papa Gregório o convidou para o concílio ecumênico que devia reunir-se em Lion. O santo já se encaminhava para aquela cidade, ao chegar, porém, ao mosteiro de Fossanova adoeceu pediu o viático e completamente absorto em pensamentos celestiais, descansou no Senhor no ano 1274 aos 49 de idade.

São Boaventura - Boaventura chamou-se João até os quatro anos. Nessa idade foi curado de grave enfermidade pelas orações de São Francisco, que, ao vê-lo são, exclamou: *Ó boa ventura!* Desde então o menino se chamou Boaventura. Aos vinte e um anos professou as regras de São Francisco. Alexandre de Rales, seu mestre admirando a candura e inocência de seus costumes, costumava dizer: "Parece não ter entrado em Boaventura o pecado de Adão". Conhecido o talento e a rara prudência que o adornavam, foi eleito geral de sua ordem. Em seguida o Papa Clemente IV o elevou ao arcebispado de Iorque. na Inglaterra, porém fez o santo tantas instâncias junto

ao Papa, que este o dispensou de tal encargo. Gregório X o obrigou a aceitar a dignidade de cardeal e de bispo de Albano. Quando lhe Comunicaram a notícia, acharam-no lavando o material da cozinha. Continuou em sua tarefa como se nada tivesse acontecido; tomou depois a carta e tendo-a examinado, prorrompeu em sinais de repugnância, e só para obedecer ao Papa aceitou a dignidade que este lhe propusera. O mesmo Pontífice ordenou-lhe que se preparasse sobre as matérias do concílio de Lion. Falou nele na segunda e terceira sessão, porém depois da quarta foi surpreendido por uma enfermidade que em pouco tempo causou-lhe a morte. Morreu no ano de 1274, aos 53 anos de idade.

Tendo ido visitá-lo um dia seu grande amigo são Tomas de Aquino, achou-o escrevendo a vida de São Francisco. "Que não o interrompam, disse: deixemos que um santo escreva a vida de outro santo". Em outra ocasião perguntou-lhe o mesmo, onde tinha aprendido aquelas coisas admiráveis que ensinava em seus escritos: e ele apontando para o crucifixo respondeu-lhe: "Eis o livro onde aprendo o que ensino".

Segundo Concílio de Lion - O XIV concílio geral, II de Lion, foi convocado na cidade deste nome, no mês de maio do ano de 1274. Principal fim deste Concílio era a reunião da Igreja grega cismática com a Igreja católica. Já havia quatro séculos que a Igreja grega, como já dissemos, por obra de Fócio, se tinha separado da Santa Sé apostólica. Ainda que pouco depois tivesse voltado à unidade, todavia pela soberba de Miguel Cerulário, patriarca de Constantinopla, tornou a separar-se completamente da obediência ao romano Pontífice. Porém Deus, no século XIII a chamou de novo à verdade por meio de gravíssimos castigos. Ameaçavam-na continuamente os Turcos e para não cair em suas mãos, necessitava da assistência do Papa. Por isto, o Imperador Miguel Paleólogo mandou uma carta por um legado seu, ao bem-aventurado Gregório X, protestando que ele e todos os seus súbditos desejavam tornar a fazer parte da unidade católica. Alegrou-se muitíssimo o Papa e, para que se tratasse o assunto com a maior, circunspeção, convocou o Concílio de Lion. Assistiram a ele, além dos patriarcas latinos, os representantes do Imperador de Constantino-

pla e vários patriarcas e bispos orientais, 500 bispos e 1070 abades e insígnies teólogos. Os Gregos abjuraram seus erros, declararam acreditar que o Espírito procede não somente do Pai senão também do Filho, admitiram a existência do purgatório, a validade do Sacramento da Eucaristia consagrada com pão ázimo, e confessaram finalmente, que o romano Pontífice é o verdadeiro e legítimo sucessor de São Pedro, e que é impossível se salvar quem não permanecer unido a ele. O Papa que presidia o Concílio em pessoa, vendo voltar ao redil de Jesus Cristo, a tantos filhos extraviados, em um transporte de alegria, entoou um solene Te Deum, que a uma voz cantaram todos os presentes.

O jovem Vicente Verner - Naqueles tempos aconteceu um fato atroz que deu a conhecer quanto ódio abrigavam os Judeus contra nossa santa religião. Um jovem camponês de Treves (França) chamado Vicente Verner, tinha-se empregado, na idade de 15 anos, com alguns judeus de Vesel, para trabalhar a pagamento em uma adega. Um dia a mulher que caritativamente lhe dava morada lhe disse: "Verner, chegou a sexta-feira santa, os judeus te vão matar". O inocente jovem respondeu-lhe: "Eu não posso viver senão trabalhando; minha vida está nas mãos do Senhor." Na quinta-feira santa confessou e comungou e depois voltou para seu trabalho. Os judeus desceram com ele à adega: puseram-lhe uma bola de chumbo na boca para não se ouvirem os gritos, e em seguida ataram-no a um pau de cabeça para baixo, para que vomitasse a santa Hóstia; porém não podendo consegui-lo, açoitaram-no cruelmente. Abriram-lhe logo as veias e o espremeram com tenazes para que saísse todo o sangue de seu corpo. Foi conservado suspenso no ar durante três dias, já pelas pernas, já pela cabeça, até que exalou o último suspiro. Isto se deu no ano 1287. Seu cadáver ainda que enterrado em uma gruta, foi descoberto por luz portentosa que apareceu no lugar onde se achava sepultado. Foi tirado dali e com a honra devida, enterrado em uma capela. Martírio parecido a este sofreu em Damasco o Pe. Thomas de Sardenha, nos últimos anos do pontificado de Gregório XVI.

São Celestino V - Foi São Celestino um dos Papas

que deram mui singular exemplo de humildade. Nascido em Sulmona; desde jovem dedicou-se inteiramente à contemplação das coisas celestiais e ao exercício da penitência. Depois de ter levado setenta anos de vida austera e penitente, em um deserto tiraram-no, quase à força, dali no ano 1294 para torná-lo Papa em lugar de Nicolau IV que falecera em 1292. De todas as partes acudiam as multidões para verem o novo Pontífice, que com a fama de suas virtudes e milagres atraia a admiração de todos. Mas cinco meses depois de ocupar o trono pontifício, levado por sua humildade e amor ao retiro, renunciou ao Papado, coisa nunca vista até então; e apesar das vivas instâncias dos cardeais, quis tornar a vestir os humildes hábitos de anacoreta; no fim de dez meses morreu em Sulmona, na Campania, com fama de santidade. Ano 1296. Foi ele fundador dos monges chamados Celestinos.

CAPÍTULO IV

Jubileu - Décimo quinto concílio geral - Flagelantes - Santa Brígida - Santa Catarina de Sena.

Jubileu - Era tradição constante entre os cristãos que, indo a Roma no ano secular para visitar a Igreja de s. Pedro e as outras principais basílicas, ficavam perdoados todos os seus pecados. No ano 1300, foi tão grande o concurso, que pareceu se tivessem aberto ali as portas do céu. Muitos peregrinos por causa do aperto de tamanha multidão, pereciam esmagados ao passar a ponte de SanfAngelo para ir ao Vaticano. Então o papa Bonifácio VIII, reuniu todas as notícias anteriores e publicou uma bula, em que, depois de indicar a origem e o fim do jubileu, concedeu indulgência plenária a todos os fiéis que confessados e arrependidos visitassem as quatro basílicas principais; indulgência que se devia renovar cada cem

anos. Uma pintura, obra do célebre Giotto que vivia naquele tempo, e que ainda existe na basílica de Latrão, representa o Papa Bonifácio VIII no ato de publicar dita bula. Clemente VI querendo imitar o jubileu dos judeus, limitou o tempo a 50 anos para que participassem dele maior número de fiéis. Urbano IV considerando ainda que este prazo era demasiado longo, o reduziu a 33 anos. Mais tarde Xisto IV o diminuiu ainda mais, reduzindo-o a 25. Às vezes concedem os Papas jubileus por extraordinárias necessidades da Igreja. Em outros tempos, nas épocas de jubileu, acorria a Roma grande multidão de fiéis; mas agora, os sumos pontífices permitem aos católicos que gozem do jubileu em seus próprios países.

Décimo quinto concílio geral - Ao Papa Bonifácio VIII sucedeu Benedito XI, e a este Clemente V, que convocou, no ano 1311, um Concílio geral na cidade de Viena, em França. Tomaram parte nele mais de 300 bispos sem contar um número enorme de prelados inferiores. Foi presidido pela Papa em pessoa, que para isso partiu de sua residência em Avignon. O que principalmente motivou a reunião deste concílio, foram os erros dos Templários. Esta ordem militar instituída em Jerusalém no tempo das cruzadas, tinha tomado esse nome pela habitação que fizera construir perto do templo levantado sobre o sepulcro de Nosso Senhor. Tinham os Templários por ofício defender a Terra Santa, mas depois de terem prestado importantes serviços à Igreja, degeneraram miseravelmente; muitos deles foram acusados dos mais horríveis sacrilégios e desenfreada licença. Por isso o concílio de Viena, tendo ouvido e examinado as acusações apresentadas contra eles, e achando-as bem fundadas, suprimiu a ordem e mandou que transmitissem todas as suas propriedades aos cavaleiros de Malta. Foram condenados também outros hereges; entre eles os chamados *Beguardos*, a *Beguinas*, e os *Irmãozinhos*, que junto com a fé cristã, tinham infringido os bons costumes. Para paralisar mais e mais a impiedade dos hereges que afirmavam que não se devia tributar culto divino à Eucaristia, tornou a confirmar o concílio o decreto de Urbano IV; o qual prescrevia, que se celebrasse em todo o mundo e com o maior esplendor a solenidade do *Corpo de Deus*. Declarou-se também inocente a memória do Papa Bonifácio VIII, que fora acusado injustamente de heresia

por Felipe o Belo, rei de França. Não satisfeito este de ter perseguido de diferentes modos ao santo pontífice em vida, tão pouco o queria deixar descansar em paz depois de morto, infamando seu nome. Tratou-se finalmente no concílio, de iniciar uma nova expedição à Terra Santa contra os Turcos.

Flagelantes - Como se achasse oprimida a Itália por graves calamidades, despertou-se singular entusiasmo de penitência para aplacar a cólera de Deus. Grandes multidões de gente andavam pelas ruas em procissão, para rezar, e se açoitavam até tirar sangue com o fim de implorar a misericórdia do Senhor. Para que tivesse maior êxito esta obra de penitência, formaram-se irmandades, cujo fim era rezar e açoitar-se publicamente; donde tomaram o nome de *flagelantes*. Semelhante entusiasmo dilatou-se rapidamente no Piemonte e em toda Itália, produzindo em todas as partes grandes frutos espirituais. Não tendo, porém, o Papa nem os bispos aprovado semelhante instituição, degenerou mui depressa em superstição, e pouco depois em heresia. Entre outras extravagâncias, sustentavam os *flagelantes* que ninguém poderia alcançar o perdão dos pecados, se não se sujeitasse àquela maceração e penitência, proveitosa também, segundo eles para os condenados. Clemente VI condenou formalmente esta heresia, e dirigiu-se, por meio de cartas, a muitos bispos e príncipes seculares, exortando-os a combater aqueles erros e a dissolver reuniões dos que os professavam. Ano 1349.

Santa Brigida - O século décimo quarto teve um exemplo claríssimo de virtude em Santa Brígida, descendente da real família da Suécia. Na idade de sete anos já deu a conhecer tal desejo de chegar à perfeição, que admirava a todos. Aos dez anos não podia pensar na paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo sem sentir-se comovida até derramar lágrimas. Seu pai, a seu pesar, a fez contrair matrimônio com um príncipe; porém neste novo estado continuou cumprindo com maior fervor ainda suas práticas de piedade, e induzindo a seu esposo a que fundasse um hospital próximo à casa em que viviam, encarregando-se ela própria de cuidar dos enfermos e prover-lhes o que necessitavam. Ia diariamente visitá-los, e todos os dias fazia assentarem-se doze deles a uma mesa e os servia com suas

mãos. Morto seu esposo, não pensou senão em Deus, em sua alma, e no Paraíso. Cingia suas carnes um áspero cilício composto de pungentes correntezinhas de ferro, servindo-lhe de cama, ainda mesmo no rigor do inverno, umas taboas de madeira. Jejuava quatro vezes na semana, e na sexta-feira a pão e água. Passava a maior parte da noite em oração, confessava-se com frequência e comungava todos os dias. Levada por um espírito de viva fé, empreendeu a trabalhosa peregrinação aos Santos Lugares: porém à sua volta adoeceu gravemente em Roma e no ano 1375 entregou placidamente sua alma ao Senhor, tendo 71 anos de idade. Santo Antonino refere muitos milagres operados por Santa Brigida, entre outros a ressurreição de dez mortos. Deixou-nos também esta santa oito livros de revelações, que foram elogiados pelos padres do concílio de Basileia.

Santa Catarina de Sena - Outra santa de vida muito maravilhosa foi santa Catarina de Sena. Na idade de 5 anos já era chamada a santinha. A solidão, a oração e a abstinência formavam todas suas delícias. Abstinha-se do uso da carne e do vinho, e só se alimentava de ervas cruas. Duas taboas nuas serviam-lhe de cama, de mesa e de cadeira. Uma pesada corrente de ferro servia-lhe de cilício. Não dormia mais do que algumas horas durante a noite e passava o resto no trabalho e na oração. Esteve desde o princípio da quaresma até a festa da Ascensão sem tomar mais alimento do que a santa Eucaristia. Possuía conhecimentos maravilhosos; sabia profundamente a teologia, a filosofia e o que ainda mais admira, é que também entendia do governo dos estados. Indubitavelmente sua ciência não podia ser senão inspirada. Amava em extremo sua pátria; esse amor foi o que a levou a ir a Avignon, para tratar com Gregório XI, sobre a reconciliação dos Florentinos que se tinham rebelado contra a Igreja. O Papa e os cardeais receberam-na com grande respeito e fizeram-na árbitro da paz entre seus concidadãos. Mas a glória que lhe deu maior lustre foi a de ter contribuído poderosamente para a volta dos Papas de Avignon à sua legítima morada de Roma. Enviada pelo Papa para tratar de alguns assuntos com a Rainha de Nápoles, caiu enferma em Roma no ano 1380, e entregou ali sua alma a seu celestial Esposo. Suas visões celestiais e as graças singulares

que a adornaram, são extraordinárias entre os mesmos santos, e demonstram até que ponto pode uma alma chegar a ser aceita ao Senhor.

CAPÍTULO V

Residência dos Papas em Avignon - Os Papas em Avignon - Grande cisma do Ocidente - Wicleff - Hussitas - O imperador Wenceslau e São João Nepomuceno - Décimo sétimo Concílio Ecumênico.

Residência dos Papas em Avignon - A antiga sede do romano pontífice, onde São Pedro, divinamente inspirado, colocou o centro de toda a Igreja e do orbe católico, é Roma. Desde São Pedro até o ano 1305 nunca saíram dela os Papas, senão obrigados pela violência ou pela perseguição. E nesse caso logo que se viam livres, voltavam à cidade que, pelos seus monumentos religiosos, pelos mártires nela sacrificados pelos santos que a ilustraram, e pelos milagres de que foi testemunha em todos os tempos, com justo título adquiriu o direito de ser a capital do mundo cristão. Neste ano (1305), porém, uma série de tristes acontecimentos obrigou ao Papa a se retirar de Itália e fixar sua residência em Avignon, cidade que se acha na parte da França, chamada condado Venosino. Foi causa principal disto o rei de França e de Nápoles, chamado Filipe o Belo, que muito bem merece o nome de açoite da Igreja. Este queria, como fica dito, imiscuir-se nas coisas da religião, mas como o pontífice se opunha a seus perversos desígnios, a fez sair de Roma. Queria que o Papa fixasse sua morada em França para depender dele, fazendo-se assim Filipe, de certo modo, dono da Igreja. A morte de Benedito XI a Santa Sé esteve vacante quase um ano, sendo depois eleito Clemente V, francês, que foi coroado em Lion no ano 1305. Como continuassem em Roma as discórdias e prepotências, e não estivesse ali segura a liberdade, nem a vida dos Papas e dos concidadãos, o novo pontífi-

ce julgou conveniente estabelecer sua residência em Avignon.

Os Papas em Avignon - Avignon foi, pois, a sede dos romanos pontífices durante setenta anos. Compara-se este tempo com a escravidão que padeceram, por igual número de anos, os judeus em Babilônia, conhecida sob o nome de escravidão babilônica. A Itália, com efeito, não tendo já o Papa, perdeu seu esplendor, e Roma chegou ao cúmulo da desventura. Guerras civis, matanças, saques, violação das Igrejas, monumentos preciosos arruinados, queimados ou vendidos por preço vil, todas as obras de arte abandonadas, morta a indústria, paralisado o comércio, pobreza, fome e trabalhos nos dão uma idéia vaga do que foi Roma sem os Papas. Os habitantes, para salvarem suas vidas e não morrerem de fome, imigravam para outros países em busca de refúgio mais seguro. Assim pois a gloriosa cidade dos Césares quase se transformou em deserto; nas ruas e nas formosas praças dos Romanos brotava a erva como nos campos. Então se sentiu a necessidade de voltarem os Papas a Roma, não só para o bem da cidade como também para a tranqüilidade e paz do mundo. Por isso, de todas as partes se dirigiam ardentes súplicas aos Papas, para que tornassem a fixar sua regular residência em Roma. O célebre Petrarca e mais ainda santa Catarina de Sena, tiveram grande parte nesse extraordinário acontecimento. Finalmente o pontífice Gregório XI, deu por cumprido o desejo de todos os bons e voltou para o antigo domicílio dos Papas. Esta gloriosa volta foi acolhida com aplauso universal e celebrada com grande festa. Ano 1377.

Grande cisma do Ocidente - Havia já passado quatorze séculos sem que a Igreja fosse perturbada por algum rompimento religioso, quando infelizmente estalou o chamado cisma do Ocidente. Este durante quarenta anos, trouxe os povos e reinos católicos divididos entre si, pois reconheciam a um Papa uns e o outro Papa outros; donde se pode coligir quantos males se seguiram para a Religião. Deu origem a este cisma o fato seguinte:

Gregório XI, o animoso pontífice que tornara a estabelecer a sede apostólica na cidade eterna, cessou de viver no ano 1378. Ao eleger o pontífice que lhe devia suceder, uma

multidão de descontentes, receiosa de que o novo Papa voltasse à França, amotinou-se ante o conclave, pedindo que por nenhum motivo se elegeisse um Papa francês, e que o eleito promettesse estabelecer sua sede em Roma. Os cardeais congregados responderam que nada podiam prometer, porque em assuntos de tal importância não se devia buscar mais do que a vontade de Deus. A eleição recaiu sobre o arcebispo de Bari, chamado Bartolomeu Prignano, que se chamou Urbano VI. Mas os inimigos da paz fizeram desordens e, ameaçando de morte ao Papa e aos cardeais, os obrigaram a se refugiarem na fortaleza de Castel SanAngelo, e em casas particulares, ou a fugir de Roma. Apaziguados aqueles tumultos, já tinha o novo pontífice começado a ocupar-se do bem da Igreja, quando doze cardeais franceses e outros quatro de diferentes nacionalidades, proclamaram outro Papa, francês de nação, que sob o nome de Clemente XIII estabeleceu sua residência em Avignon. A morte destes dois pontífices foram eleitos sucessores para ambos, e até chegou a haver três Papas ao mesmo tempo, isto é, Gregório XII, João XXIII e Benedito XIII.

Muitos males sobrevieram à Igreja neste cisma, porque, conquanto um grande número de católicos reconhecesse como Papa o que fora eleito em Roma, contudo, elegendo-se outro em Avignon, o mundo católico achava-se dividido em duas partes. Os soberanos arrogavam-se, além disso, o direito de declarar a qual dos dois seus súditos deviam considerar como Papa; e frequentemente impediam-lhes de conhecer qual era o Papa legítimo. Para remediar a tantos males foram convocados os concílios de Pisa, de Basiléia, de Constança e de Florença.

Permitiu Deus que este cisma afligisse a Igreja, como se disse, por quarenta anos, isto é, até que no concílio de Constança renunciando ao pontificado Gregório XII João XXIII e Benedito XIII, foi eleito o cardeal Othon Colonna que tomou o nome de Martinho V. Este fato aconteceu no ano 1417.

Ainda que este cisma tenha sido uma calamidade gravíssima para a Igreja, contudo a Divina Providência cuidou de que nenhum destes pontífices ensinasse coisa contrária à fé ou aos costumes. Deste cisma, nada se pode deduzir, pois, contra

a infalibilidade do romano Pontífice, e não constitui senão uma prova de que a Igreja Católica é obra de Deus, não dos homens.

Wicleff - Enquanto o cisma dividia a Igreja, esforçava-se a heresia por aniquilá-la. João Wicleff, assim chamado pelo nome da cidade da Inglaterra onde nasceu, foi o corifeu dos hereges daqueles tempos. Ornado de não mediano talento, porém cheio de vanglória, abraçou o estado eclesiástico, confiado em que o sagrariam bispo. Vendo, porém, desvanecidas suas esperanças, rebelou-se contra a Igreja. O bispo de Cantuária e os outros bispos ingleses combateram e condenaram logo a impiedade do heresiarca e de seus sectários. Gregório XI aprovou a sentença destes contra Wicleff, e pouco depois o condenaram de novo no concílio de Constança. Porém Wicleff seguindo o exemplo dos outros hereges, em vez de humilhar-se, inflamou-se em cólera, e deu-se a vomitar blasfêmias contra o Papa, os bispos e particularmente contra o arcebispo de Cantuária, que em consequência disso foi barbaramente assassinado.

Deus porém não deixou impunes aos que se atreveram a ultrajar seus ministros, pois dos que assassinaram ao prelado, alguns ficaram loucos e outros foram condenados à morte pelas autoridades civis. O mesmo Wicleff, enquanto se achava pregando sarcasticamente contra São Tomas de Cantuária, foi surpreendido por uma terrível paralisia, que, ocasionando-lhe mortais convulsões, o deformou e retorceu-lhe a boca que fora instrumento de tantas blasfêmias. Enraivecido por não poder já falar, morreu desesperado no ano 1385.

Hussitas - Os erros de Wicleff passaram da Inglaterra para a Boêmia e originaram a heresia de João HuSS. Chamava-se assim pelo nome da cidade da Boêmia onde nascera. Tendo concluído seus estudos em Praga, começou a espalhar os erros de Wicleff, pelos quais se combatiam as leis da Igreja, a autoridade do Papa, e outros artigos da fé. Citado a comparecer ante o concílio de Constança concordou com isso, e declarou por escrito que queria que o castigassem sempre que pudesse ser convencido de que havia caído em erro. O imperador Sigismundo, com o fim de facilitar os meios para se desculpar, deu-lhe um salvo-conduto. Logo que chegou a Constança, mui longe

de acatar o juízo da Igreja, recusou retratar-se. Não houve heresias com quem se usassem maiores contemplações. Os padres do concílio, o imperador, e todos enfim, pública e privadamente empregaram toda sorte de meios para convencê-lo. Mas como se mostrasse cada vez mais obstinado no erro, conduziram-no à praça pública, e ali o despojaram de seus vestidos sacerdotais e o degradaram. O duque o entregou em seguida aos ministros da justiça, que, conforme às leis do império fizeram-no perecer entre as chamas. Ano 1414.

Discípulo de Wicleff e colega de João Huss na heresia, foi também Jerônimo de Praga, que como se obstinasse também na impiedade, foi como ele condenado às chamas pelo poder secular. Ano 1415.

Os Hussitas, depois da morte de seus corifeus, ainda causaram algumas leves turbulências; porém passado algum tempo, muitos deles reconhecendo-se culpados, abjuraram a heresia e prometeram obedecer ao Papa, que, em vista disso, os absolveu das censuras em que tinham incorrido. Ano 1436.

O imperador Wenceslau e São João Nepomuceno

- Naquele mesmo tempo viu-se ocupar um dos tronos da Alemanha, a crueldade confraternizada com a prepotência, com o fim de tornar a um santo sacerdote traidor de seu ministério. Mas alentado este pela divina graça, resistiu heroicamente àquele cruel monarca, e foi o primeiro a receber a palma do martírio por ter guardado o sigilo da confissão sacramental. Reinava na Boêmia Wenceslau IV, homem feroz, a quem sempre acompanhava um verdugo, para que se chegasse a ter sede de sangue, pudesse logo acalmá-la matando ao primeiro que encontrasse. Dispusera de tal modo de um aposento que, embora parecesse estar firme ao dar um golpe com o pé, se afundava em um rio. Serviu-se deste meio para matar a muitos e insígnies personagens. Escreveram um dia em seu aposento: *Wenceslau, segundo Nero*, porém ele em vez de envergonhar-se, escreveu a lápis mais abaixo: *Se não fui, sê-lo-ei*. Certo dia, porque não lhe agradou uma comida que lhe apresentaram na mesa, mandou que assassinassem logo ao cozinheiro naquele mesmo lugar onde tinha feito cozinhar aquela comida. Em suas ímpias extravagâncias chegou até a pretender que São João

Nepomuceno lhe fizesse conhecer os pecados que lhe revelara em confissão a rainha. O fiel ministro de Jesus Cristo respondeu-lhe que, ainda que o ameaçasse de morte, de nenhum modo o induziria a violar no mínimo o sigilo sacramental. O rei, por algum tempo, tentou-o com blandícias, porém um dia como se mostrasse mais decidido que nunca em obrigá-lo a revelar-lhe os segredos de sua esposa, e como achasse o santo firme em sua negativa, o fez encerrar em uma das salas do palácio real e aí o submeteu ocultamente aos mais horríveis tormentos. Saindo o santo mui maltratado do palácio, preparou-se para a morte e com este fim foi a um santuário da Santíssima Virgem para implorar seu socorro. Ao voltar a Praga, vendo-o o rei de sua janela, o fez vir à sua presença e o intimou de novo lhe revelasse o segredo; porém permanecendo ele firme em sua negativa, mandou-o atirar imediatamente ao rio Moldava. Enquanto o corpo do mártir era levado pelas ondas, foi visto com uma coroa de estrelas ao redor da cabeça. Por isso os cônegos da catedral deram-lhe honrosa e solene sepultura. Assistiu a seu enterro grande multidão de povo. Muitos milagres foram operados sobre seu túmulo, e o Papa Benedito XIII colocou-o no número dos santos. Pouco tempo depois morreu Wenceslau e foi dar conta a Deus de suas crueldades e sacrilégios.

Décimo sétimo Concílio Ecumênico - Os orientais, que no segundo concílio de Lion tinham entrado de novo no seio da Igreja católica, e dela tinham tornado a separar-se, deixavam entrever novamente vivos desejos de restabelecer a união, porque sentiam outra vez a necessidade do socorro do Papa contra os Turcos. Foi este um dos motivos que determinaram a convocação do concílio geral de Florença, que é o XVII ecumênico. Convocou-o Martinho V, no ano de 1431, na Cidade de Basiléia mais tarde, seu sucessor Eugênio IV o trasladou para Ferrara, e dali, por motivo da peste, no ano 1493 foi trasladado para Florença.

Assistiram a ele pessoalmente o imperador João leólogo, o patriarca de Constantinopla e outros prelados, contando-se entre latinos e gregos, mais de 140 bispos e muitas outras personagens, presididas pelo próprio Pontífice. Foram tratados os pontos da controvérsia e os padres latinos e gregos de pleno

acordo declararam que era doutrina revelada nos livros santos e contida na tradição, que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho; que é válida a consagração da Santíssima Eucaristia com pão ázimo; que as almas dos que morrem estando na graça de Deus e livres de toda dívida vão imediatamente ao paraíso, e que ao contrário vão logo para o inferno, se estão manchadas de pecado mortal; que se estão em graça de Deus, porém ainda não acabaram de pagar suas dívidas à divina justiça, vão para o purgatório; que é o Papa o vigário de Jesus Cristo e sucessor de São Pedro, o chefe de toda a Igreja, o pai, e mestre de todos os cristãos, e que a ele deu Jesus Cristo na pessoa de São Pedro, pleno poder de apascentar reger e governar a Igreja universal. Por isso, no dia 6 de Junho, depois do Papa Eugênio celebrar a santa Missa, foi lido o decreto da União, firmado pelo Papa, pelos cardeais, pelos bispos e prelados gregos e latinos, e pelo próprio imperador, que o fez, todavia, debaixo de outra fórmula. Tudo deixava esperar que a união estabelecida com tanta solenidade tivesse de durar para sempre. Vã esperança! De volta a Constantinopla os gregos desdisseram-se de tudo o que tinham feito em Florença e seu cisma ainda continua em nossos dias. Deus porém não deixou sem castigo tão culpável cegueira porque no ano 1453, treze anos depois de ter violado a união, o grande Sultão Maomé II sitiou a cidade de Constantinopla e apoderou-se dela de assalto. Durou três dias o saque, durante os quais foram cometidas as mais horríveis crueldades. Os soldados matavam quantas pessoas encontravam, demoliam as igrejas, destruíam os altares, profanavam os mosteiros e tudo passavam a sangue e fogo. Assim aquela igreja que não quis reconhecer a São Pedro que a tratara como pai, caiu sob o sucessor de Maomé, que a tratou como tirano.

CAPITULO VI

Milagre do Santíssimo Sacramento em Turim - Maomé II - Descobrimento do novo mundo - São Francisco de Paula - Décimo oitavo Concílio Ecumênico - Disciplina dessa época.

Milagre do Santíssimo Sacramento em Turim - A história eclesiástica, como já vimos, conta muitos milagres, operados por Deus, confirmando a presença real de Jesus Cristo na SS. Eucaristia. Um destes aconteceu em Turim tão pública e solenemente, que mereceu esta cidade o título de Cidade do Sacramento. Ao anoitecer do dia 6 de junho de 1453, passavam por Turim alguns ladrões, que conduziam um jumento carregado de mercadorias. Vinham de Exilles, lugar perto de Susa, que por graves revezes ocasionados pela guerra, tinha sido saqueado. Atreveram-se a roubar até mesmo uma igreja e levaram até a custódia com a santa Hóstia, que com outros objetos, se achava sobre o jumento. Enquanto atravessavam aqueles ímpios a cidade de Turim, ao chegarem em frente da igreja de São Silvestre, empacou o animal, parou e caiu no chão. Os que o conduziam davam-lhe fortes pancadas para fazê-lo levantar e andar, porém debalde. Neste ínterim, rompem-se as ligaduras de um pequeno embrulho, levanta-se no ar o vaso sagrado, e aparece a Hóstia santa, mais resplandecente que o sol, em presença de todos os que se achavam ali reunidos. Avisado o bispo Ludovico, da família dos marqueses de Romagnano, acode com o clero com grande acompanhamento de povo e em sua presença, abre-se e cai a custódia, ficando radiante no ar a Hóstia Divina. Então de todas as partes ouve-se a multidão exclamar: Ficai conosco, ó Senhor! Novo prodígio! A Santa Hóstia, que até então tinha ficado elevada no ar, descendo pouco a pouco até o cálice que preparara o bispo, é levada solenemente à catedral. No lugar onde se deu esse prodígio foi levantada a igreja do Corpo de Deus. Eis donde teve origem a devoção dos Turineses ao SS. Sacramento. Para conservar e aumentar esta devoção, o arcebispo Luiz Franzoni instituiu em Turim as Quarenta Horas perpétuas que se sucedem alternativamente em cada uma das igrejas da cidade, e nunca falta um núcleo de almas escolhidas que adore a Jesus

Sacramentado exposto à veneração pública.

Maomé II - Este príncipe, instrumento da vingança divina, em seus trinta anos de reinado não cessou um momento de perseguir os cristãos. Depois de ter saqueado Constantinopla, como já vimos, e subjugado o império do Oriente, dirigiu-se até a Itália à frente de formidável exército, com o fim de matar a todos que não aceitassem a religião dos Turcos. Apoderou-se da cidade de Otranto, e fez passar pelas armas a todos os seus habitantes. O arcebispo, que revestido com os hábitos pontificais, animava ao povo que ficasse firme na fé, foi preso e dividido em duas partes com uma serra de madeira. A notícia da espantosa invasão daqueles bárbaros, tremeu toda a Itália. Deus, porém, que não permite que as tribulações sejam superiores às nossas forças, socorreu de uma maneira inesperada a sua Igreja aflita, tirando do mundo o autor de tantos males. Feriu a Maomé um tumor contagioso que, fazendo-o sofrer dores agudíssimas, lhe causou a morte. Ano 1487.

Descobrimento do novo mundo - Três eram as partes do mundo que até então se conheciam: Ásia, África e Europa. Começou-se a descobrir a quarta, isto é a América, que em extensão é quase igual às duas últimas reunidas, pelo fim do décimo quinto século. O primeiro gênio que se atreveu a afrontar mares imensos e desconhecidos, com o fim de ir em busca de outro hemisfério foi o genovês Cristóvão Colombo. Reflexivo e inteligente por natureza, persuadiu-se, vendo o sol todo dia esconder-se no horizonte, de que ao outro lado do oceano deviam existir terras habitadas por seres inteligentes, pelo que concebeu o atrevido pensamento de ir descobri-las. Manifestando sua resolução a vários príncipes, a princípio trataram-no estes de visionário. Unicamente o rei de Espanha entregou-lhe, e não com a melhor vontade, o mando de três navios com o pomposo título de Almirante do oceano e vice-rei dos reinos que conquistasse. No ano 1492 partiu Colombo em direção do ocidente por mares que, segundo se pensava, até então ninguém se tinha atrevido a navegar. Em sua viagem, ora feliz, ora adversa, teve de lutar terrivelmente não só contra os elementos, senão também e muito mais ainda, contra os homens de sua tripulação que, espantados muitas vezes pelas dificuldades,

e temendo morrer de fome ou perecer no mar, queriam a todo custo voltar. Rebelando-se contra seu comandante, concordaram em matá-lo para se livrar dele e voltar à Espanha. Nesta ocasião porém avistam terras desconhecidas e gentes novas, e todos os corações se enchem de alegria. Cinco anos mais tarde, o florentino Américo Vespuccio foi mais adiante do que tinha ido Colombo e deu, ainda que com prejuízo da fama deste, o nome de América àquele imenso país. O novo mundo ofereceu campo vasto aos obreiros evangélicos. O primeiro destes foi o monge beneditino Bueil, que no ano 1493, acompanhado de doze sacerdotes, levou a luz do Evangelho àquelas nações, que jaziam até então nas sombras da morte. Muitos viajantes que iam àquelas regiões pela avidez do dinheiro, cometiam espantosas crueldades; porém os ministros do Evangelho, levados unicamente pelo desejo de ganhar almas para Deus, converteram tão grande número de índios e plantaram ali de tal modo a fé, que a abraçou e ainda a conserva grande parte da América meridional. O zelo de todos os bispos desta parte da América para com a santa Sé de Pedro resplandeceu admiravelmente no concílio do Vaticano.

São Francisco de Paula - Pelos fins deste século, floresceu na Itália meridional São Francisco de Paula cuja vida foi uma série maravilhosa de virtudes e milagres. Consistia sua cama em uma pedra, seu alimento em ervas, raízes e um pouco de água, e seu vestido em um cilício armado de pontas de ferro. Bastava-lhe ver um crucifixo para arrebatarse em êxtase. Quando ouvia falar de Maria, corriam-lhe pelo rosto lágrimas de ternura. Fundou uma ordem que por humildade quis se chamasse dos Mínimos, a qual em curto tempo estendeu-se na Itália, França, Alemanha, na Espanha e até nos países do novo mundo. A propagação rápida desta ordem foi efeito da santidade e milagres do fundador, e também da virtude de seus discípulos. Parecia que Deus lhe tivesse dado domínio sobre os elementos. Avisado de que se achava próximo a cair um forno de cal devorado pelas chamas, corre sem demora ao lugar do sinistro, entra no fogo, e ali fica até que, composta a fenda aberta, impede a ruína do forno. Um enorme penhasco, desprendido do cume de um monte, rola pela ladeira abaixo ameaçando destruir seu convento; levanta Francisco suas mãos

para o céu, e aquela mole pesada se detém no meio de seu caminho. Estando sem água um grande número de trabalhadores, faz brotar uma fonte que não mais se esgota. O dono de uma embarcação, demasiado ávido de dinheiro, recusa-se a levá-lo de graça; em vista disto, estende o santo seu manto sobre as águas, coloca-se sobre ele com seus companheiros, e nesta nova espécie de navio, atravessa o estreito da Sicília. Uma sua irmã, não quer dar licença a seu próprio filho para se fazer religioso; o menino morre mas Francisco manda que tragam o cadáver chama-o de novo a vida, e faz dele um fervoroso discípulo seu. Conhecia as coisas presentes, passadas e futuras e penetrava os segredos mais íntimos dos corações. As austeridades que praticava este homem extraordinário, em lugar de lhe abreviar a vida, prolongaram-na até noventa anos. Tendo ido à França, ali passou desta vida para a outra na quinta-feira santa do ano de 1507.

Décimo oitavo Concílio Ecumênico - A Igreja católica, sempre solícita em excogitar novos meios para combater o pecado sobre a terra e promover a virtude, convocou, em princípios do décimo sexto século, um concílio ecumênico, que se reuniu em Roma, no palácio de Latrão e foi presidido pelo Papa Julio II. Começou-se no ano 1512, foi continuado por Leão X, encerrou-se no ano 1517. É este o quinto concílio de Latrão e o décimo oitavo geral. Estiveram nele 114 bispos, além dos cardeais e muitos abades. Celebrou-se para remediar às muitas desordens com que ameaçava a Igreja uma reunião de prelados indignos, protegida pelos príncipes seculares, reunião conhecida comumente com o nome de *Concílio de Pisa*, por causa da cidade onde foram celebradas as sessões. Tinha determinado também o concílio abolir uma lei francesa, conhecida sob o nome de *Pragmática sanção*.

Compunha-se esta lei de 23 artigos, redigidos em uma reunião projetada no ano 1438 pelas mais influentes personagens eclesiásticas e seculares da França. Havia nela várias coisas contrárias à Igreja, e entre outras se afirmava que um concílio ecumênico é superior ao Pontífice romano o que se acha em aberta contradição com o Evangelho, porque Jesus Cristo estabeleceu o Papa como chefe da Igreja e não ao concílio.

Tendo sido fulminado com a excomunhão o conciliábulo de Pisa, vários de seus membros retrataram-se e tornaram a fazer parte da Igreja. Condenou-se a Pragmática, e também foi decretada uma expedição contra os Turcos. Tratou-se igualmente da questão dos Monte-Pios e se decidiu que e licita sua instituição, e que se pode auferir um interesse módico pelo dinheiro que se empresta sobre penhores, pois, este interesse é necessário para compensar os gastos destes bancos. Para impedir os abusos da imprensa, que inventada no ano 1438, já começava desde então a ser um meio de difusão rápida de bons e maus escritos, foi proibido que se publicasse a Sagrada Escritura e todo livro que a interpretasse, ou contivesse coisas que sob qualquer respeito, tivessem relação com a Religião e a moral, se não fossem examinadas e aprovadas pela autoridade eclesiástica. Deve-se aqui notar que nem então, nem nunca a Igreja proibiu a publicação de livros bons e úteis à ciência, à religião e à moral muito ao contrário sempre a promoveu e difundiu por todos os meios a seu alcance; e somente proibiu se publicassem escritos nocivos à fé, ou perigosos para a moral.

Até os próprios pagãos não deixavam a seus escritores a liberdade de publicar o que quisessem. Os gregos fizeram queimar em presença do povo os livros de Pitágoras, por irreligiosos, Roma, no tempo da república, proibiu e destruiu os livros das Bacantes em que se ensinavam práticas abomináveis; e César Augusto castigou com o desterro a Ovídio, um dos mais célebres poetas daquela época, por ter composto um poema licencioso. A Igreja, pois, que deve velar, não só pelo bem da Religião, como também pelo da sociedade civil, ao passo que concede plena liberdade à boa imprensa, tem o direito e o dever de por um freio à má. Todos os homens de inteligência e de coração devem, pois, agradecer-lhe o poderoso obstáculo que ela opõe à publicação dos maus escritos.

Leis disciplinares da quarta época - No século décimo terceiro, Inocêncio III compôs, como comumente se pensa, o *Stabat Mater dolorosa* e o *Veni Creator Spiritus*; introduziu-se também o piedoso costume de tocar as *Ave Marias* pela manhã, ao meio dia e à noite para excitar os fiéis a avivarem sua fé no mistério da Encarnação e recorrer à augusta Mãe

do Salvador nas principais horas do dia. Mitigou-se a lei do jejum, deu-se começo ao uso da consoada, isto é, pequena refeição da tarde, que se introduziu insensivelmente; também se tolerou o uso do peixe e vinho em tempo quaresmal, por quanto se crê que antes desta época os fiéis se abstinham de um e de outro.

No século décimo quarto condenou-se o erro dos que negavam serem sete os Sacramentos da nova lei. Neste mesmo século foi instituída a festa da Visitação de Maria SS. a Santa Isabel.

No século décimo quinto o Papa Paulo II deu aos cardeais, como distintivo, o hábito encarnado, isto é, a púrpura como já vimos. Calixto III mandou que no futuro se celebrasse com rito mais solene a Transfiguração do Senhor, em memória da assinalada vitória que se conseguiu no ano 1455 contra Maomé II, sob os muros de Belgrado.

QUINTA ÉPOCA

Desde os princípios da reforma de Lutero no ano 1517, até a morte de Pio VI no ano 1799. (abrange um período de 282 anos.)

CAPITULO I

Quinta época - Lutero - Calvino - Cisma Anglicano.

Quinta época - Nesta época foi a Igreja tão fortemente combatida, que parecia já tivesse chegado o tempo do Anticristo; porém, não obstante isto, conseguiu novos triunfos. Acomete-a um dilúvio de hereges, e muitos de seus ministros, em vez de defendê-la, se rebelam contra ela e abrem-lhe profundas feridas. Unem-se a estes os Príncipes seculares que a oprimem com o ferro, com a devastação e o sangue. O demônio se esconde debaixo do manto de sociedades secretas e de uma filosofia mundana e sedutora, mas falsa e corruptora: excita rebeliões, e suscita perseguições sanguinolentas. Deus porem, desvanece os esforços do inferno e os faz servir para sua glória. Novas ordens religiosas, missionários incansáveis, pontífices grandes pela santidade, zelo e sabedoria, unidos todos em um só coração e em uma só mente, e fortalecidos pelo braço do Todo Poderoso defendem heroicamente a verdade e levam a luz do Evangelho até os últimos limites da terra, conseguindo a Igreja novas conquistas e ainda mais gloriosas vitórias.

Lutero - Lutero foi o primeiro a levantar a bandeira da rebelião contra a fé católica, e foi o principal autor dos ma-

les que amarguraram a Igreja neste tempo. Com seu sistema perverso de submeter a palavra de Deus ao exame e juízo de cada um, causou mais dano à religião católica, do que todos os hereges da idade passada; de maneira que, com justiça, se pode chamar este apóstata, o primeiro precursor do Anticristo. Nasceu em Eisleben Saxônia, e filho de um pobre mineiro manifestou desde sua mais tenra idade, um gênio muito atrevido. A morte de um discípulo, que caiu a seu lado fulminado por um raio, induziu-o a entrar na ordem de santo Agostinho. Por algum tempo pareceu mergulhado em profundas meditações, e agitado por escrúpulos e temores; porém, descobriu finalmente o orgulho que se abrigava em seu coração; declarando-se contra a autoridade do pontífice romano, saiu do claustro e já não houve meio de dominá-lo. Oprimir aos outros com calúnias e tiranias, ridicularizar e desprezar das coisas mais augustas e santas; soberba, desregramento, ambição, petulância, cinismo grosseiro e brutal, crápula, intemperança, desonestidade, eis os dotes característicos deste corifeu do protestantismo. (Nat. A. Gott, etc.). No ano de 1869 levantaram-lhe na Alemanha uma estátua qual insígne benfeitor da humanidade!!!

No ano 1517, começou a pregar contra as indulgências, portanto, contra o Papa e progredindo na impiedade, formulou uma doutrina que, quer se considere em si mesma, quer em suas consequências lógicas e práticas, contamina tudo o que é sagrado, destrói a liberdade do homem, faz a Deus autor do pecado, e reduz ao homem ao estado dos brutos. Entre suas impiedades, é bastante lembrar que, conforme ele afirmava, o homem mais virtuoso, se não acredita firmemente achar-se entre os eleitos, é condenado; e que pelo contrário, o homem mais miserável, irá diretamente ao paraíso, se acredita unicamente que há de salvar-se pelos merecimentos de Jesus Cristo. Tão abominável doutrina foi condenada logo pelo Papa Leão X; todavia Lutero mandou atirar ao fogo publicamente a bula. As Universidades católicas e todos os doutores clamaram contra aquela impiedade e heresia; mas Lutero desprezou-os, e persistiu em sua revolta. Ainda que ligado por votos solenes, casou-se com Catarina de Bore, religiosa de um mosteiro de Mísnia. Teve desgraçadamente muitos sectários, que, sob o nome de protestantes, tomaram armas e devastaram todas as regiões

onde lhes foi dado penetrar. Levavam escrito em seus estandartes: *Antes turcos que papistas*. Ao pensar algumas vezes nos grandes males que causava a nova reforma exclamava: "*Só tu serás douto? Todos os que te precederam enganaram-se? Tantos séculos tem ignorado o que tu sabes? Que acontecerá se te enganas e arrastas contigo a tantos para a condenação?*" Eram estes os gritos de sua consciência que, a seu pesar, protestava contra suas impiedades; contudo não bastavam para fazê-lo voltar ao bom caminho.

Calvino - Foi Calvino um célebre sectário de Lutero, natural da Picardia; mas, antes de se associar a ele, preferiu fazer-se chefe de outro protestantismo. Filho de pobre seleiro e falto de recursos, foi socorrido por um bispo, que compadecido dele, o fez seguir a suas expensas a carreira dos estudos. Esperava conseguir um benefício eclesiástico; como, porém, lho negassem por seus desenfreados costumes protestou que tomaria vingança e que daria que falar por quinhentos anos. Seguindo as pegadas de Lutero adotou completamente suas máximas perversas. Não queria Papa nem bispos, nem sacerdotes, nem festas, nem funções de igreja. Na cidade de Noyon foi condenado por ter cometido um delito nefando, e somente graças à intercessão do bispo, comutaram essa pena na de ser marcado com um ferro ardente. Acumulando depois delitos sobre delitos, devia ser levado preso, porém descendo por uma janela, trocou sua roupa com a de um camponês, e fugiu. Enquanto fugia, encontrou-se com um sacerdote que o exortou a que reparasse o dano que causara a si mesmo e voltasse ao seio da Igreja católica; ele respondeu-lhe: "Se tivesse de recomençar não deixaria a religião dos meus pais, porém agora já estou empenhado e quero continuar até a morte."

Estabeleceu residência especialmente em Genebra, que foi o centro da sua seita, e ali procedeu como verdadeiro tirano. Negando aos outros o direito que se arrogara de alterar e corromper a doutrina católica, fez morrer nas chamas a Miguel Servet, porque tinha ensinado uns erros contrários ao mistério da SS. Trindade. Por suas tiranias foi expulso de Genebra, mas à força de enredos, conseguiu voltar e mandar a seu bel prazer. Como avassalasse todas as categorias de cidadãos, go-

vernou a cidade despoticamente e prorrompeu em impiedades contra a religião, até que chegou também para ele o tempo de apresentar-se ante o juiz supremo. Surpreendido por uma enfermidade ulcerosa, exalavam seus membros um mau cheiro insuportável. Frenético e enraivecido contra sua doença invocava os demônios para virem livrá-lo. Mas aumentando cada vez mais suas angústias, detestava a vida passada e amaldiçoava sua doutrina e seus escritos. Em semelhante estado de desespero, compareceu a presença de Jesus Cristo juiz, para dar-lhe contas dos milhões de almas que por sua causa já se tinham perdido eternamente e das que ainda se iam perder. Ano 1564.

Cisma Anglicano - O cisma anglicano foi motivado por Henrique VIII, rei da Inglaterra. Esse infeliz príncipe, depois de vinte anos de matrimônio com Catarina de Aragão, queria repudiá-la para contrair segundas núpcias com Ana Bolena. Opôs-se a isto o Sumo Pontífice, afirmando que não podia contrair um segundo matrimônio por ser válido o primeiro contraído com Catarina, ainda viva. Henrique, cego pela paixão, subtraíse à autoridade do Papa, e proclama-se chefe da Igreja da Inglaterra. Desprezou as admoestações de Roma e perseguiu o clero despojando-o de seus bens, saqueando as igrejas, destruindo todos os mosteiros e finalmente casou-se com a intrigante Ana Bolena. Isto deu-se no ano 1532.

Deste modo a Inglaterra, que na história é conhecida com o nome de terra dos santos, vários dos seus príncipes são venerados nos altares, tornou-se desde então inimiga do catolicismo. Henrique, casado com Ana, não tardou em enfastiar-se dela, e mandou cortar-lhe a cabeça. Casou-se sucessivamente com outras quatro; uma delas morreu, outra foi repudiada, a terceira condenada ao cadafalso e a quarta correu grande perigo de sofrer o mesmo gênero de morte, porém foi bastante sagaz para salvar-se com um engano. Ainda que muitos nobres prelados se submetessem à sua tirania, houve, todavia, corações generosos, que para se oporem a ele fizeram-se mártires da santa fé. Sobe a 460 o número de eclesiásticos que condenou ao suplício. Célebres entre os outros, são o cardeal João Fisher, bispo de Rochester e mestre de Henrique, e o ilustre Tomas Moore, chanceler e ministro de Estado. Este último,

privado do seu emprego, despojado de todos os seus bens, e encerrado em uma prisão, foi condenado ao atroz suplício dos traidores do Estado, que foi comutado pelo de decapitação. Sua esposa, para induzi-lo a ceder à vontade do soberano, foi visitá-lo no cárcere, e pôs em campo toda indústria possível para convencê-lo a que se salvasse a si mesmo e a sua família. Ele, porém, lhe falou intrepidamente desta maneira: "Dize-me, mulher, se renunciando à minha fé, eu recuperasse juntamente com minhas riquezas minha primeira dignidade, quantos anos poderia eu gozar delas? "Talvez vinte anos", respondeu sua tímida consorte. "Pois bem!" Acrescentou o magnânimo Tomas, "queres tu que por vinte anos perca uma eternidade de gozos no céu, e me condene a uma eternidade de tormentos no inferno?"

Ao subir ao cadafalso, protestou publicamente que morria pela fé católica, e depois tendo rezado o Miserere, decaparam-lhe a cabeça (Ano 1534). A justiça divina não tardou muito em ferir o ímpio e o luxurioso Henrique. Este morreu no ano 1547, entre os mais atrozes remorsos de consciência e separado da Igreja Católica.

Sucedeu-lhe no trono seu filho Eduardo de dez anos de idade. Seu tutor o duque de Sommerset, fez declarar logo o protestantismo como religião do Estado, e fez desaparecer aquele resto de catolicismo que ainda havia deixado Henrique. Mas falecendo Eduardo aos dezesseis anos, sucedeu-lhe sua mãe Maria, filha de Catarina, que restituiu o reino à fé católica. Esta ocupou somente cinco anos o trono, e à sua morte, no ano 1558, lhe sucedeu Elizabeth, filha de Ana Bolena. Achando-se apaixonada pela heresia calvinista e querendo governar com inteira independência de todo princípio de fé e de justiça, revoltou-se e fez revoltar-se de novo todo o reino contra a obediência ao vigário de Jesus Cristo. Desde então a Inglaterra foi, e desgraçadamente é ainda um reino protestante, ainda que presentemente, não haja ali menos de dois milhões de católicos.

CAPITULO II

Novas ordens religiosas - Barnabitas - Capuchinhos - São Caetano e os Teatinos - São João de Deus e os Fate-bene fratelli - São Jerônimo Emiliano e os Somascos - Santo Inácio de Loyola - Adoração das quarenta horas - Fim de Lutero - Carlstadio - O imperador Carlos V.

Novas ordens religiosas - Enquanto os hereges se esforçavam para destruir a Igreja, a Divina Providência suscitava novas sociedades de religiosos e uma multidão de doutores, que com suas fadigas apostólicas, com sua santidade e com suas obras cheias de erudição cristã fizeram-na florescer em todas as partes do mundo. A Ordem dos Teatinos, a dos Barnabitas, dos Capuchinhos, dos Somascos, dos Fate-bene fratelli, e muitas outras congregações religiosas, a instituição das quarenta horas, a celebração do Concílio de Trento, São Caetano, São Jerônimo Emiliano, São João de Deus, São Tomas de Villanova, Santo Inácio de Loyola, São Francisco Xavier, São Pedro de Alcântara, São Filipe Neri, São Pio V, Santa Teresa, São Carlos Borromeu, São Francisco de Sales e muitos outros repararam gloriosamente os danos causados a religião.

Barnabitas - A congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, chamados também *Barnabitas*, foi instituída no ano 1530 por Santo Antonio Maria Macarias, sacerdote de Cremona e pelo venerável Bartolomeu Ferraria e Tiago Antonio Morigia, nobres cidadãos de Milão. Seu fim era promover com o exemplo e com toda a espécie de obras, próprias do ministério eclesiástico, a reforma dos costumes no clero e no povo. Foram chamados *Clérigos Regulares de São Paulo* porque escolheram a este grande apóstolo por patrono especial, cujas virtudes e zelo em conseguir a salvação das almas tratavam de imitar. Foram chamados mais tarde *Barnabitas*, por causa da igreja de São Barnabé em Milão, que eles estavam encarregados de officiar. Sua congregação foi aprovada por Clemente VII, no ano 1533.

A princípio, não tencionavam estabelecer-se a não ser em Milão; porém logo, por conselho e obra de São Carlos Bor-

romeu, seu grande protetor, começaram a se estabelecer em Monza, em Vercelli e em muitas outras cidades da Itália. Até princípios do século XVII os Barnabitas limitaram-se às obras que mais de perto pertencem ao ministério eclesiástico, como seja a reza do ofício em coro, a pregação e a administração dos Sacramentos; porém mais tarde, dedicaram-se também à instrução e educação da mocidade, abrindo escolas públicas e colégios em muitas cidades da Itália e França. Animou-os a dar este passo, São Francisco de Sales, que no ano 1612, os chamou de Milão onde estavam, para dirigir o colégio de Anecy. O bem-aventurado Alexandre Sauli, bispo de Pavia, o venerável Carlos Pescapé bispo de Novara, o venerável Cosme Dossana, bispo de Tortona, Guerini, amigo e sucessor de São Francisco no bispado de Genebra, Recrócio, bispo de Niza, Gattinara, arcebispo de Turim, pertencem à ordem dos Barnabitas. Pertenceram ainda a ela os cardeais: Morigia, arcebispo de Florença; o célebre Gerdil, Fontana, Lambruschini, arcebispo de Gênova, Cadolini bispo de Ancona, elevado depois à sagrada púrpura pelo sumo pontífice Pio IX, no ano 1866.

Capuchinhos - A ordem dos capuchinhos que é um ramo da grande ordem Franciscana foi fundada pelo venerável padre Mateus de Bassi chamado assim por causa do castelo deste nome no ducado de Urbino.

Desejava este ardentemente ver florescer na ordem de São Francisco aquela perfeita observância da regra professada e estabelecida pelo fundador. Rezava muito com este fim; até que apareceu-lhe reiteradas vezes São Francisco, com um hábito grosseiro, com um capuz acabado em ponta e unido com o hábito, e um escapulário, intimou-o que observasse a regra vestido daquela maneira. assim o fez Mateus; mas, para estar isento de toda a ilusão, resolveu ir a Roma para obter a aprovação do Vigário de Jesus Cristo que era Clemente VII. “Beatíssimo Padre, disse-lhe ele, sou um pobre sacerdote pertencente à ordem dos Frades Menores, e nada me interessa tanto como o cumprimento daquela regra que um dia, com voto solene, prometi a Deus observar, e imitar em quanto for possível a minhas fracas forças, a vida de nosso seráfico padre, muito descuidada hoje em dia. Depois de muitas orações compreendi

ser vontade de Deus que, com este modo de vestir, me submettesse eu mesmo à observância regular do hábito e da vida perfeita de meu seráfico padre”. A franqueza e o candor destas palavras persuadiram ao Papa do verdadeiro zelo do padre Mateus e da divina inspiração que o guiava; por isso outorgou-lhe benignamente o que pedia, e fez extensiva a mesma faculdade a todos os que quisessem observar com mais perfeição a regra, vivendo daquele modo, e habitando em lugares solitários. Ano 1524.

Finalmente, no ano 1528, o mesmo Clemente VII, erigiu a nova instituição em congregação religiosa, sob o nome de Frades Menores eremitas; nome, que muito prontamente, a voz pública mudou pelo de *capuchinhos*, devido a forma do capuz que traziam. Mateus foi primeiro geral da ordem; porém, pouco depois quis abandonar o cargo para preparar-se melhor para a morte. Concluiu seus dias em Veneza, com fama de santidade e milagres. Em vista do hábito grosseiro dos capuchinhos, de sua austeridade, de sua pobreza, e de sua pregação popular, cheia de espírito evangélico; vista abnegação e desprendimento com que publicamente se consagravam ao serviço dos enfermos nos hospitais, especialmente em tempos de epidemia grangearam a estima e o apreço universal, e em pouco tempo seus conventos multiplicaram-se em toda Europa. O Piemonte deve a seu zelo e trabalhos a volta à fé católica de várias povoações dos Alpes, que foram infeccionados pela heresia calvinista.

São Caetano e os Teatinos - Vicenza, cidade do território Veneziano, é a pátria de São Caetano, fundador dos Teatinos. Logo que nasceu, sua mãe o ofereceu à SS. Virgem Maria, à qual muito agradou a oferta. Caetano, por sua parte, mostrou-se digno de sua augusta protetora. Nada admirava tanto nele como a ternura para com os pobres, aos quais distribuiu as riquezas que recebera de seus pais. Como, porém, não bastassem estas para as necessidades daqueles, ele mesmo ia pedindo de porta em porta para provê-los do quanto necessitassem. Sua vida angélica foi motivo para que todos o apontassem com o nome de Santo. Graduado em Pavia em ambos os direitos, foi a Roma, onde o Papa confiou-lhe o cargo de protonotário apostólico. Ordenado sacerdote, tornou-se um serafim por seu a-

mor a Deus. Para preparar-se a celebrar a Santa Missa, empregava horas inteiras de meditação; às vezes passava até oito horas rezando. Fundou, à custa própria, vários hospitais, servindo ele mesmo com grande zelo aos enfermos e administrando-lhes com suas próprias mãos quanto lhes era necessário, ainda que sua enfermidade fosse contagiosa. Por seu zelo ardente em cuidar da salvação de seu próximo, foi chamado o *caçador de almas*. Não podendo só ele cumprir com todas as obras que constituíam o objeto constante de sua caridade, uniu-se a alguns zelosos companheiros com quem começou a levar vida comum. Dai teve princípio a ordem dos *clérigos regulares*, aos quais mandou São Caetano, que abandonassem todo terreno, que não tivessem rendas, nem andassem mendigando subsídios, senão que só vivessem de esmolas espontaneamente oferecidas. Clemente VII, tendo examinado as regras do novo instituto, incluiu-o no número das ordens religiosas. São Caetano, Pedro Caraffa e mais dois companheiros, pronunciaram seus votos solenes diante do altar mór de São Pedro, no Vaticano dando assim princípio à congregação dos clérigos regulares que, por terem escolhido como primeiro superior ao bispo de Teane, foram chamados *Teatinos*. No saque de Roma, que se deu no ano 1527 pelo exército de Carlos V, sob o comando do condestável de Bourbon, a nascente ordem correu perigo de perecer. O próprio Caetano foi cruelmente tratado, com o fim de obrigá-lo a entregar os tesouros, que já tinha repartido entre os pobres. Posto que atormentado e encarcerado, perseverou em seu teor de vida, confiando somente em Deus, que nunca abandona a ninguém. Promoveu muito especialmente São Caetano o respeito para com as coisas santas, a observância das cerimônias do culto divino a comunhão frequente, a assistência aos enfermos e a instrução do povo. Pelo grande fervor com que orava, com frequência era arrebatado em estas; tinha o dom da profecia e o de penetrar os corações. Em Roma, na noite de Natal, mereceu receber em suas mãos ao Menino Jesus, que lhe foi entregue pela mesma Virgem. Indo depois a Nápoles, ficou tão aflito pelas ofensas que se faziam a Deus em uma sedição, que caiu mortalmente enfermo. Conso-lado por uma visão celestial, voou ao céu no ano 1547. Seu corpo ainda se venera, com grande concurso de fiéis, em Nápo-

les, na Igreja de São Paulo.

São João de Deus e os Fate-bene fratelli - São João de Deus nasceu em Monte Maior, em Portugal, de pais pobres, vendo-se obrigado por isto, desde jovem, a ganhar o pão com o trabalho de suas mãos. Por boa ventura tendo ouvido um dia pregar o Padre Ávila sobre as vaidades da terra, ficou tão penetrado de suas palavras, que se fingiu louco para fazer-se desprezar, e como tal foi levado a uma casa de saúde. Mas conhecido seu fingimento e tendo saído dali, dedicou-se a recolher pobres enfermos, estabelecendo para isto um hospital em Granada. Carecendo de meios para mantê-los, ocupava-se de dia em prover a sua assistência, e de noite, com dois sacos ao ombro, andava pedindo esmolas e gritava em voz alta: "*Fazei o bem, irmãos, a vós mesmos.*" Daí tomou o nome de *Fate-bene fratelli* sua ordem hospitaleira. Cheio de méritos descansou João no Senhor no dia 8 de março do ano 1550. Poucos anos depois, s. Pio V expediu uma bula, em que punha a congregação entre as ordens religiosas. Pelo grande benefício que faziam aos enfermos e moribundos, os *Fatebene fratelli* foram chamados à Espanha, à Itália, à Alemanha e até à América. Este instituto religioso, depois de 254 anos de existência contava já sob sua direção, mais de 295 hospitais, com 9208 camas, cuidados por não menos de 3469 irmãos. Porém o feliz desenvolvimento desta ordem foi desgraçadamente interrompido pelos transtornos políticos que se produziram no princípio deste século, ao suprirem-se todas as ordens regulares. Ainda que a ordem dos *Fate-bene fratelli* ainda exista, e faça muito bem, sempre em vista do fim que lhe deu seu fundador, contudo, seu número diminuiu muito. Apesar disto, eles tem sido e serão sempre verdadeiros benfeitores da parte abandonada da humanidade. Seu fim único é o que lhes deu seu santo fundador, isto é, cuidar dos enfermos, e, em quanto é compatível com seu estado de leigos, ao passo que socorrem o corpo, nada esquecem para que seus doentes se disponham da melhor maneira possível para receber os últimos auxílios de nossa santa religião.

São Jerônimo Emiliano e os Somascos - São Jerônimo Emiliano, fundador dos Somascos, foi amigo e contem-

porâneo de São Caetano de Tiene. Nascido em Veneza, de nobre família, mostrou desde seus primeiros anos inclinação para a virtude, mas como no terceiro lustro de sua vida, se dedicasse à milícia, desgraçadamente deixou-se levar pela dissipação. Em tempos aziagos para a República de Veneza, encarregaram-no da defesa de Castello Nuovo, perto de Treviso; porém, tendo o inimigo tomado a fortaleza, feito prisioneiro, meteram-no em prisão, cumulando-o de ultrajes. Privado de socorros humanos, e esperando a morte daí a momentos, dirigiu-se a Deus chorando amargamente suas faltas, e fez promessa à Rainha do Céu que faria eficaz reparação delas logo que conseguisse a liberdade. Ouviu-o esta Mãe de misericórdia, apareceu-lhe, livrou-o das cadeias e o levou são e salvo a Treviso, fazendo-o passar por entre seus inimigos, enquanto estes se esmeravam em impedir toda comunicação externa.

Vendo-se tão prodigiosamente solto, correu logo a uma igreja da Bem-aventurada Virgem Maria, suspendeu numa parede as cadeias que ainda trazia ao pescoço, e voltando para Veneza, renunciou a todas as doçuras e comodidades da vida para ganhar almas a Deus. Domava seu corpo com jejuns e cilícios; e em uma carestia que affligiu a Itália, no ano 1548, vendeu até os móveis de sua casa para socorrer aos pobres. Sucedendo à carestia a peste, transformou sua casa em hospital. Atacado ele mesmo pela doença fatal, pediu a Deus saúde para poder fazer maior penitência de seus pecados; acedeu o Senhor a seu pedido, e melhorou. Vendo por toda parte crianças órfãs e reduzidas aos últimos extremos da miséria, fez-se pai de todas; recebeu-os em sua casa, e ele mesmo os educou. O mundo se admirava de ver a um nobre senador, a um capitão, vestido tão miseravelmente e feito pai dos órfãos. Mas sua caridade não se limitou a Veneza somente, senão que também fundou casas e hospícios em Brescia, Bérgamo, Como, Milão, e em outras muitas cidades. Chegando a Somasco, pequeno povoado a curta distância de Bérgamo, fixou ali residência para si e para os seus, daí o nome de Somasco que tem a congregação por ele fundada. Crescendo e propagando-se, encarregou-se a congregação também, para maior utilidade da Igreja, da instrução da mocidade nos seminários e colégios. Em seguida tendo encontrado Jerônimo uma cova no cume de um monte perto de

Somasco escondeu-se ali; e lacerando seu corpo com disciplinas, passava dias inteiros sem tomar alimentos; fazia sua oração durante quase toda a noite e somente tomava algum descanso sobre uma pedra nua. No lugar mais escondido daquela cova, brotou, de uma pedra dura, graças às suas orações, uma fonte que ainda existe, cuja água levada a diferentes regiões, as mais das vezes restitui a saúde aos enfermos. Finalmente, em uma epidemia que infestou aqueles lugares, achando-se ele servindo aos enfermos e carregando sobre seus próprios ombros os cadáveres para lhes dar sepultura, foi surpreendido por aquele mesmo mal e expirou no ósculo do Senhor, no ano de 1557, aos cinquenta e seis de idade.

Santo Inácio de Loiola - Santo Inácio, espanhol, seguiu até a idade de vinte e um anos a carreira das armas. Fraturando uma perna no sítio de Pamplona, e sendo muito longa sua cura, pediu algum livro de cavalaria para passar o tempo. Como, porém, não se encontrasse nenhum desse gênero no lugar em que se achava, deram-lhe a vida de Jesus Cristo e dos santos. Começou a folhear o livro com má vontade, porém como trabalhasse nele a graça, encontrou nos exemplos que ali se narravam, coisas maiores que todos os heroísmos dos conquistadores, dos cavaleiros, e dos capitães, contados nas histórias de cavalaria. Depois de algumas lutas entre o espírito e a carne, tomou a resolução de imitá-los e de se fazer santo. Foi desde então sua vida um conjunto de feitos maravilhosos pela constância, zelo e atos heróicos de virtude. No ano 1534 fundou a Companhia de Jesus, justamente considerada como um dos baluartes levantados por Deus para resistir aos ataques dos novos hereges, e dos mais poderosos exércitos espirituais para propagar a fé nos países estrangeiros. Santo Inácio estabeleceu sua principal residência em Roma, e ali empregou o resto da vida em consolidar sua instituição. Teve a consolação de vê-la aprovada pelos Sumos Pontífices, e seus filhos, levarem frutos de graças e de bênçãos, a todas as partes do mundo. Cheio de méritos, esclarecido por virtudes e milagres, descansou no Senhor do ano 1556, sexagésimo quinto de sua idade.

Entre os mais célebres discípulos de Santo Inácio assinala-se São Francisco Xavier, que, pelos grandes trabalhos

sofridos, pelos muitos milagres operados pelo prodigioso número de infieis convertidos, mereceu o glorioso título de *Apóstolo das Índias*.

Adoração das Quarenta Horas - Esta prática, à qual se deve a conversão de grande número de pecadores e o progresso na virtude de muitos santos, teve princípio, segundo se pensa, em Milão, no ano 1534. Por causa das discórdias que apareceram entre Francisco I, rei da França, e o imperador Carlos V, os dois exércitos inimigos tinham convertido as planícies de Milão em campo de batalha, faltando pouco para que a mesma cidade e as demais povoações circunvizinhas, fossem miseravelmente expostas à licença, rapinas, incêndios e estragos dos soldados franceses, espanhóis, e alemães. Naqueles calamitosos tempos o Padre José de Fermo, capuchinho, divinamente inspirado, exortou os Milanese a expor sobre o altar, pelo espaço de quarenta horas consecutivas, o SS. Sacramento, em memória do tempo que Nosso Senhor Jesus Cristo esteve no sepulcro, assegurando-lhes que se assim o fizessem, ver-se-iam livres da invasão inimiga. Foi ouvida a palavra do piedoso pregador, e tudo se deu como havia predito. Reconciliaram-se os dois monarcas e a paz tão suspirada voltou àquelas devastadas regiões dos Milanese. Os sumos pontífices enriqueceram esta devoção com muitas indulgências, e em curto espaço de tempo, se propagou em todo o mundo católico, de tal sorte, que em muitas cidades populosas, foi instituída a adoração perpétua, isto é, a exposição do SS. Sacramento, distribuída de tal maneira, que, todos os dias do ano, há em alguma igreja da mesma cidade, exposição das *Quarenta horas*. (*Ben. XIV, Bov.*)

Fim de Lutero - Este miserável apóstata depois de ter desprezado todo argumento e toda autoridade, e depois de ter queimado a bula do Papa que o condenara, não cessou de pregar a rebelião contra a Igreja e contra os príncipes. Refutado em repetidas ocasiões por palavra e por escrito, não sabendo já como se defender, apelou para um concílio geral. Convidado para assistir a ele, negou-se a princípio, porém logo respondeu enfurecido: "Irei ao concílio, e que me cortem a cabeça se não souber defender minhas opiniões contra todo o mundo."

Mas o infeliz teve de ir defendê-las em presença do juiz divino. Certo dia depois de uma ceia opípara, acometeram-no fortes dores de estômago; levaram-no logo para a cama, porém as dores se tornavam cada vez mais atrozes. Cheio de cólera e vomitando horribéis blasfêmias, acabou miseravelmente a vida. Diz-se que, momentos antes de expirar, exclamou, olhando para o céu através de uma janela: "Tudo está acabado para mim, pois, formoso céu, jamais te tornarei a ver!"

Morte semelhante a esta foi no nosso tempo a do infeliz apóstata Luiz Desantis. Resolvera pregar em Florença, durante o concílio do Vaticano, uma série de conferências contra os dogmas da Igreja católica; deviam estas começar a 17 de janeiro de 1870. À tarde, do dia 31 de dezembro de 1869, enquanto se achava exaltando com seus amigos, depois de uma ceia suculenta, o êxito que esperava alcançar, foi surpreendido por fortes dores dos intestinos, seguidas de hemorragia de sangue. Levado à cama, ainda pode dizer: "Empreendi um mau trabalho; temos de nos separar"; e dito isto, compareceu ante o tribunal de Deus.

Carlostádio - Carlóstádio, professor de teologia em Wittemberg, era um dos mais zelosos partidários de Lutero; como, porém, se opusesse a algumas inovações deste, foi obrigado a abandonar sua pátria e refugiar-se em Ormeionda, cidade da Saxônia. Ali começou a censurar acrimosamente a conduta de Lutero, o que deu motivos a escândalos e sublevações populares, de maneira que, o *Eleitor* de Saxônia, viu-se obrigado a enviar ali a Lutero para restabelecer a paz. Pelo caminho Lutero pregou em Jena, em presença de Carlóstádio, a quem não deixou de chamar de ignorante e sedicioso. Ao sair do sermão foi Carlóstádio vê-lo no hotel do *Urso Negro*, onde se hospedara. Ali, depois de ter-se defendido relativamente ao qualificativo de sedicioso, que lhe dera, declarou-lhe que não podia concordar com ele em relação à doutrina da presença real. Lutero então, com ar de desagrado, desafiou-o a que o refutasse por escrito, e prometeu-lhe um florim de ouro sempre que o fizesse. Carlóstádio aceitou o desafio e ambos beberam, brindando um à saúde do outro. assim se declarou a guerra entre os dois apóstolos da reforma. Carlóstádio ao separar-se de Lutero dis-

se-lhe: "Oxalá pudesse eu ver-te enforcado." "Pois eu, respondeu-lhe Lutero, desejaria que quebrasses a cabeça antes de sair da cidade!" Lutero foi muito mal recebido em Ormeionda, e pouco faltou, para que por instigação de Carlostádio, não o matassem. Lutero queixou-se disto ao Eleitor, e Carlostádio viu-se obrigado a refugiar-se na Suíça, onde Zuinglio e Ecolampádio tomaram sua defesa. Dali teve origem à seita dos sacramentários, assim chamada porque, contra Lutero, negavam a presença real.

A memória de homens de tão infames costumes, tais como Lutero e Calvino, devera-se sepultar no esquecimento como se faz com a dos homens abomináveis; porém como sua doutrina dá livre expansão às paixões, tiveram e ainda tem muitos sectários que a professam.

O imperador Carlos V - Carlos V, depois de ter satisfeito sua desenfreada ambição com quarenta anos de esplêndidas vitórias, quis finalmente ir em busca de um reino em que pudesse achar a paz do coração, que buscara em vão até então nas riquezas mundanas. Com esta intenção renunciou à dignidade real e outros títulos e, desejando reparar as culpas graves que tinha cometido, retirouse para um convento dos padres Jerônimos, na Espanha, e ali passou o resto de sua vida no retiro e nos exercícios de piedade. Assistia aos ofícios divinos, comungava com frequência, e disciplinava-se com os monges. Às vezes, por estranho capricho; fazia celebrar seus funerais como se tivesse falecido, com o fim de ter mais viva a lembrança de que estava morto para o mundo. Depois de ter passado dois anos no retiro e na penitência, morreu no ano de 1558, e foi dar contas a Deus da frieza com que se opôs ao protestantismo que teria podido sufocar em seu nascimento; como também do sacrílego escândalo que deu ao mundo, saqueando Roma e encarcerando a Clemente VII.

CAPITULO III

*Concílio Tridentino (Concílio de Trento) - São Pio V - Santa Teresa
- São Carlos Borromeu - São Luiz Gonzaga.*

Concílio Tridentino (Concílio de Trento) - A guerra encarniçada que os protestantes tinham declarado a Igreja, e a necessidade urgente de reanimar no clero e no povo a santidade dos costumes, tornavam necessária a convocação de um concílio ecumênico. Convocou-o, efetivamente, o Papa Paulo III, em Trento, cidade do Tirol italiano, donde, tomou o nome de Concílio Tridentino. Este é o décimo nono concílio ecumênico. Durou mais de dezoito anos, por ter sido interrompido diversas vezes, por causa da epidemia ou das guerras. Abriu o concílio o Papa Paulo III, no ano 1545; foi continuado sob Júlio III, e levado a feliz termo, no ano 1563, no pontificado de Pio IV, graças ao zelo do infatigável São Carlos Borromeu.

Presidiram-no os Papas por meio de seus legados, e tomaram parte nele muitos prelados e insígnies teólogos. À sua conclusão se achavam presentes 255 padres, isto é, 4 legados, 2 cardeais, 3 patriarcas, 25 arcebispos, 168 bispos, 7 abades, 39 procuradores de padres ausentes e 7 superiores gerais de ordens religiosas. O fim principal deste concílio era condenar e refrear as heresias de Lutero, Calvino e outros hereges daqueles tempos, E fazer igualmente novas leis disciplinares concernentes particularmente ao clero. Convidaram também para assisti-lo aos protestantes, e foi-lhes dada plena liberdade para discutir e garantias plenas de que não seriam molestados, porém nenhum deles se apresentou, porque as trevas fogem da luz, e quem está interessado em sustentar o que é falso, teme ser convencido da verdade. Foram condenados todos os erros inventados e suscitados naquela idade por Satanás, porém não se condenou herege algum pessoalmente, indicando seu nome. Foram dados muitos decretos dogmáticos relativamente à graça, aos sacramentos, ao purgatório às indulgências e a outros pontos de fé e foram estabelecidos muitos preceitos de moral cristã. Celebraram-se 25 sessões, em que se encerra a doutrina e a disciplina de quase todos os concílios celebrados anterior-

mente. Neste, o Espírito Santo iluminou de tal modo sua Igreja que ao redigir as definições dogmáticas, e ao expor a doutrina católica, foram previstos os erros que pudessem ser suscitados no futuro. Mui dificilmente, pois, aparecerão heresias, que direta ou indiretamente não tenham já sido condenadas neste concílio. Com o fim de não se interpretarem mal as decisões do Concílio Tridentino, instituiu a Santa Sé uma congregação chamada: *Congregação do Santo Concílio de Trento*, composta de cardeais e prelados, para velar para que não se violem os cânones e decretos, e para definir sua interpretação nos casos de controvérsia.

São Pio V - Ao Papa Pio IV morto no ano 1565, sucedeu São Pio V, um dos pontífices mais ilustres que ocuparam o trono de São Pedro. Nascido em Bosco, perto de Alexandria, no Piemonte, na idade de doze anos encontrou-se por casualidade com dois religiosos Dominicanos, os quais, admirados da precocidade do menino, o levaram para seu convento. Ali progrediu tanto na ciência e na virtude, que, a seu pesar, o Papa o quis chamar a seu lado para servir-se dele em muitos assuntos da Igreja. Primeiramente o fez cardeal e depois o nomeou bispo de Mondovi. Sua pureza de costumes e a energia com que pregava, unidas à sua rígida mortificação, atraíram para a fé a muitos hereges, converteram obstinados pecadores e remediaram gravíssimas desordens.

Foi eleito Papa a 7 de janeiro do ano 1566.

Pode-se dizer, que bastaram os seis anos de seu pontificado, para mudar o aspeto do mundo. Ao passo que os hereges causavam enormes males às almas na Alemanha, na França e nos Países Baixos, ele, com a palavra, com seus escritos, e com a obra de zelosos missionários, combateu os erros e conservou a pureza da fé. Acometido por uma enfermidade que lhe causava agudíssimas dores, não proferia senão estas palavras:

"Senhor, aumentai meu mal, mas igualmente a minha paciência." Já próximo à morte repetia com frequência: "Estou cheio de prazer, pois alimento a esperança de entrar preparado na casa do Senhor." Este grande santo pontífice morreu no ano 1572. Tinha muita devoção à Mãe do Salvador; e para eternizar

a memória da insígne e esplêndida vitória alcançada por sua intercessão no ano 1571, pelos Cristãos contra os Turcos, nas águas de Lepanto, instituiu a festa do SS. Rosário e mandou que nas Ladainhas Lauretanais se acrescentassem as palavras: *Auxilium Christianorum, ora pro nobis*.

Santa Teresa - Santa Teresa nasceu em Ávila, cidade da Espanha. Os cuidados que lhe prodigalizaram seus pais contribuíram eficazmente para elevá-la a um grau heróico de virtude. Como agradassem muito a seu pai os livros de piedade, fazia, dando um belo exemplo, ler todos os dias a vida, de algum santo no seio da família. As atas dos mártires que tinham derramado seu sangue pela fé, produziram tão viva impressão em Teresa, que aos sete anos de Idade fugiu secretamente de casa com o irmãozinho, para ir em busca do martírio, porém, tendo-os encontrado um seu tio, os trouxe a casa paterna. A consideração de uma eternidade feliz ou desgraçada fazia-a exclamar com frequência: "Como! Para sempre feliz? Como! Padecer para sempre?" Este pensamento a fez tomar a resolução de se santificar, ou antes, de fazer quanto estivesse em seu poder para chegar ao mais alto grau de santidade. Construiu no Jardim, com ramos de árvores, uma pequena cela, onde se retirava para rezar.

Crescida já, entrou para o mosteiro das Carmelitas, que fez voltar mais tarde a seu primitivo rigor e fundou muitos outros, em que se mostrou luminoso modelo de perfeição cristã. Cilícios, disciplinas, orações, contemplações, frequentes colóquios com Jesus, eis as coisas que se admiram no decurso de sua vida. Com muita frequência ouvia-se-lhe exclamar: *"Divino esposo, ou aumentai a capacidade do meu coração, ou ponde termo às vossas graças!"* Gozava tanto nos sofrimentos que repetia com frequência: *"Ou padecer, ou morrer por vós, meu Jesus! Aut pati, aut mori"*. Ao chegar ao termo de sua vida dizia: *"Já é tempo, ó meu Deus, de vos ver, pois tanto me há consumido este desejo"*. Entregou sua alma ao Criador no ano 1582.

São Carlos Borromeu - Este brilhantismo luminar da Igreja, nasceu em Arona, nas margens do Lago Maior. Um resplendor celestial que rodeou e iluminou o lugar de seu nas-

cimento, pressagiava que havia de ser um grande santo. Jovem ainda, fugia da companhia dos mundanos e dos que se mostravam vãos em suas ações ou imodestos em suas palavras. Fazer pequenos altares, adorná-los, rezar diante deles, imitar as cerimônias da santa Igreja, eram seus melhores divertimentos. Tanto em Milão como em Pavia, onde cursou seus estudos não conheceu senão dois caminhos, o da Igreja e o da escola. Um santo sacerdote, ao contemplar seu devoto comportamento, exclamou: *"Este jovem será um dia o reformador da disciplina na Igreja"*. Na idade de 23 anos apenas foi feito cardeal e nomeado arcebispo de Milão. Seu zelo no ministério episcopal, sua caridade e fervor em tudo o que podia ser de utilidade para as almas, os trabalhos que venceu e seus numerosos escritos foram bastantes para fazer dele uma das mais firmes colunas da Igreja. Foi ele quem trabalhou com grande ardor para se levar a termo, secundando o ardente desejo de todos, a obra do Concílio de Trento.

Em seguida, com o fim de promover a publicação e a aplicação prática dos decretos do mesmo, convocou vários concílios provinciais e sínodos diocesanos por cujo meio desarraigou não poucas desordens de sua vastíssima diocese e das de seus sufragâneos da Lombardia. Tendo uma espantosa epidemia infestado a cidade de Milão se fez Carlos o pai de todos. Vítima da caridade, considerava a morte como um prêmio; por isso não descansava de dia nem de noite levando a todas as partes palavras de confiança, de amor e de consolação. Ele mesmo às vezes, administrava os sacramentos aos atacados da peste, e quisera estar continuamente com eles para servir-lhes se não lho impedissem seus eclesiásticos que temiam que a peste privasse a diocese de seu pai e pastor.

Trabalhava sem descanso, tomava alimento mui escasso e frequentemente comia a cavalo para não perder tempo. Em um só dia deu em esmolas uma herança de 40 mil escudos de ouro em outra ocasião deu 20 mil. Não se pode conceber como um só homem tenha podido efetuar tantas e tão grandes empresas. Gasto pelos trabalhos e pelas austeridades, sentindo chegar seu fim, pediu que o deitassem sobre um cilício e que o cobrissem de cinza. Depois de algumas horas de pacífica ago-

nia, voou ao céu, tendo somente 47 anos de idade para receber o prêmio eterno de que se tinha feito credor com suas virtudes. (Ano 1584).

São Luiz Gonzaga - Enquanto se achava São Carlos fazendo a visita pastoral de sua diocese, apresentaram-lhe um tenro jovem, chamado Luiz cuja santidade angelical percebeu logo o santo arcebispo. Este jovem, primogênito dos marqueses de Gonzaga, nasceu em Castiglione. Chama-se angélico pela candura de seus costumes e pela união fervorosa de sua alma com Deus. Aos quatro anos já amava tanto a solidão, que com frequência se escondia em algum canto de sua casa ou em qualquer lugar oculto, e ali, de joelhos, com as mãos juntas orava com grande fervor. A devoção acrescentou austeras penitências. Nunca se aproximava do fogo para se aquecer por mais frio que fizesse e por mais cruel que fosse a estação; jejuava com tal rigor, que com frequência reduzia seu alimento ao peso de uma onça por dia. Punha pedaços de madeira na cama para atormentar-se também durante o sono; açoitava-se, às vezes, de tal modo que seus vestidos e a terra ficavam salpicados de sangue e cingia suas carnes com cinturões armados de rodas de esporas. Tendo entrado para a Companhia de Jesus levou a penitência, a virtude e o fervor até o heroísmo. Desejava ardentemente morrer mártir e alcançou efetivamente em Roma o martírio da caridade. Aparecendo nesta cidade uma horrível epidemia, pediu permissão a seus superiores para ir servir aos infectos da peste, e ele também foi vítima da doença fatal. Conhecendo que se aproximava seu fim, exclamava cheio de alegria: "Quão bela notícia me deu o médico! Dentro de oito dias estarei no paraíso!" E dizia a outros: "Vamos ao paraíso, cantai um Te Deum por mim". Faltando-lhe a palavra e fazendo esforços para pronunciar o Santíssimo nome de Jesus, adormeceu docemente no Senhor em 1591, aos 23 anos e 6 meses de idade. Foi beatificado pelo Papa Paulo V, no ano de 1612, em vida ainda de sua mãe, a qual conseguiu assim o melhor prêmio que podia esperar pela boa educação que lhe dera. Canonizou-o, mais tarde, o Papa Bento XIII que o propôs como modelo e o declarou protetor da juventude.

CAPITULO IV

Henrique IV - São Filipe Neri - O venerável Ancina - Perseguição no Japão - O pequeno Pedro, mártir - Cesar de Bus e os Doutrinários - São Camilo e os ministros dos enfermos - Santa Rosa de Lima - São Francisco de Sales e o Chablais

Henrique IV - O calvinismo tinha feito rápidos progressos em França, especialmente por culpa de seus reis; e até tentou, por meio de Henrique IV, sucessor de seu cunhado Henrique III, e chefe da facção calvinista, sentar-se no trono para infeccionar e corromper toda a nação. Porém, Deus preservou a França de semelhante desgraça, que teria sido a mais deplorável de todas, fazendo com que Henrique conhecesse e abraçasse a verdadeira religião. Este, primeiramente se instruiu bem nos dogmas que ensina a santa Igreja católica, depois mandou comparecer à sua presença os ministros protestantes e perguntou-lhes se acreditavam que ele podia salvar-se na Igreja romana. Estes, depois de refletir seriamente, responderam-lhe que sim. "Pois então, disse ele muito sabiamente, porque vós a abandonastes? Se os católicos afirmam que ninguém pode salvar-se em vossa seita; e vós afirmais que na deles pode-se conseguir a salvação, parece-me mais conforme à razão seguir o caminho mais seguro, e preferir aquela religião em que, segundo o sentir comum, eu posso salvar-me". Dessa maneira o rei abjurou solenemente o calvinismo, recebeu do Papa a absolvição das censuras em que tinha incorrido, e trabalhou para fazer florescer a Religião em seus estados. Ano 1593.

São Filipe Neri - Entre as maravilhas do décimo sexto século, conta-se São Filipe Neri, florentino. Levado pelo desejo de entregar-se inteiramente a Deus, abandonou, ainda que filho único, o lar paterno, renunciou aos avultados bens de um seu tio que o queria nomear herdeiro, e foi a Roma. Ajudado por um caridoso cavalheiro, pode seguir ali seus estudos e chegar ao sacerdócio. Desejava ardentemente ir a longínquas missões para conseguir a palma do martírio; porém Deus manifestou-lhe que o lugar destinado para sua missão, era a mesma cidade de Roma, onde se achava. Começou, portanto, a exercer o ministério sacerdotal com toda classe de pessoas, especial-

mente com os meninos abandonados. Procurava-os por toda a cidade, e os levava para sua casa, ou antes, ao jardim de alguma casa religiosa ou de pessoas caridosas, e ali, com amenos entretenimentos e diversões arredava-os do perigo de contraírem maus hábitos e os instrui a nas verdades da fé. assim começou a congregação do Oratório, que tem por fim principal manter a fé e a piedade nas classes operárias, especialmente na mocidade. O Senhor confirmou a santidade de Filipe com muitas maravilhas. Achava-se tão inflamado do amor de Deus, que o ouviam exclamar: "Basta, Senhor, basta, porque morro de amor". Orando, ou celebrando a santa Missa era visto muitas vezes rodeado de vivo esplendor. Um dia enquanto se achava distribuindo esmolas aos pobres, deu-a também a um anjo sob as aparências de mendigo. Era tão zeloso guarda da virgindade, que até pelo cheiro conhecia quem era ornado desta virtude, e quem contaminado do vício contrário. Curou a muitos enfermos, e ressuscitou a um morto. Finalmente; aos 80 anos de idade, consumido pelas fadigas e pelo amor divino, foi unir-se para sempre a seu Deus, no mesmo dia e hora em que tinha predito. Ano 1595.

O Venerável Ancina - Um dos primeiros e mais ilustres discípulos de s. Filipe Neri, foi João Juvenal Ancina, nascido em Fossano no ano 1545. Coursou seus estudos em Montpellier, em Mondovì, em Turim, e em Pádua. Ilustrado com muitos conhecimentos, ocupou por algum tempo a cadeira de medicina na universidade de Turim. Tendo, porém renunciado ao mundo e entrado no Oratório de Roma, tornou-se modelo perfeito de virtudes religiosas. Mandou-o São Filipe a Nápoles para cooperar na fundação de sua congregação; ali trabalhou Ancina por dez anos com tanta atividade no ministério eclesiástico, que ganhou a estima de todos. Elevado pelo sumo Pontífice à dignidade episcopal de Saluzzo, resistiu por alguns meses, porém finalmente submeteu-se a tão pesado encargo. Entrou em sua diocese no ano de 1602, e, em breve tempo, a santificou com suas incessantes fadigas, com seu exemplo e com seu zelo. Morreu o santo bispo a 31 de agosto do ano 1604, envenenado por um infeliz, a cujas maldades se opunha. A 29 de Janeiro de 1870, Pio IX declarou que todas as virtudes do Pe. Ancina, tinham chegado ao *grau heróico*.

Perseguição no Japão - Enquanto era Deus glorificado em seus santos em todas as partes do mundo suscitava o inferno, no Japão, uma perseguição longa e cruel. Via-se neste vasto império, trazido a fé pelos suores e fadigas de São Francisco Xavier, crescer diariamente o número de crentes e aumentar de modo extraordinário a Piedade o fervor. Quando, porém subiu ao trono do Império Taicosama, quis afastar do seu reino uma religião que contradizia a suas brutais paixões. Pelo que castigava com o desterro e até com a morte, a quem não renunciasse ao Evangelho. Começou a perseguição na mesma corte imperial, e Ucondono, general-chefe do exército, foi a primeira vítima. Os Jesuítas, os Franciscanos e os Agostinianos, caíram logo sob seus ferozes golpes. Mas nem por isso deixou de triunfar a graça de Deus, e ainda então se viram os exemplos de heroísmo dos primeiros séculos da Igreja. Velhos e Jovens, nobres e plebeus, arrostavam com tal firmeza os mais atrozes tormentos, que o imperador viu-se forçado a dizer: "Há verdadeiramente alguma coisa de extraordinário na constância dos Cristãos". As próprias mulheres preparavam seus vestidos de festa para honrar o dia de seu triunfo, pois, assim com transportes de júbilo chamavam o dia marcado para o martírio.

Conduziam, certo dia ao suplício a três tenros jovens, entre os quais se achava um, de doze anos, chamado Luiz, o qual comoveu de tal maneira ao verdugo, que este se prontificou em pô-lo em liberdade e lhe fez as mais lisonjeiras promessas. Luiz, porém, respondeu-lhe: *"Guardai para vós essa paixão que mostrais para comigo, e tratai, antes de conseguir a graça do batismo, sem o qual não podereis evitar uma eternidade de sofrimentos"*. Foram empregados os mesmos ardis com outro chamado Antonio, e prometeram-lhe honras e riquezas da parte do Imperador. *"Não, não, respondeu sem demora, o amor da fortuna: não tem para mim mais Eficácia do que os suplícios eternos; a maior felicidade que posso ter, é a de morrer na cruz por um Deus, que morreu nela por mim"*. Ao chegar ao lugar do suplício, aqueles magnânimos jovens entoaram cheios de alegria o salmo *Laudate pueri Domini*; e foram crucificados com outros vinte e seis mais, mostrando uma firmeza que fazia estremecer aos próprios verdugos. Ano 1597.

O pequeno Pedro, mártir - Entre aqueles confesores da fé, encheu a todos de assombro um menino de seis anos, natural de Tingo, que se chamava Pedro. Seu pai já tinha sido condenado à morte e Pedro estava compreendido no mesmo decreto. O terno menino ao ouvir ler a sentença, exclamou: "Oh! Quanto me agrada isso!" Esperou com impaciência que lhe vestissem o melhor traje, e logo, cheio de alegria, tomou pela mão o mandarim e se dirigiu ao lugar do suplício. O primeiro objeto que se apresentou ante seus olhos foi o corpo de seu pai, nadando ainda em seu mesmo sangue. Não mostrando a menor admiração, aproxima-se do cadáver, prostra-se, junta suas inocentes mãozinhas, abaixa a cabeça e tranquilamente espera o golpe da morte. Ante aquele espetáculo, levanta a multidão um confuso clamor, e não se ouvem senão gemidos e prantos. O próprio verdugo comovido, atira sua espada e sai soluçando. Substituem-no outros dois e se comovem igualmente. Foi, pois, necessário recorrer a um escravo, que com mão trêmula e inexperiente, descarregou tal quantidade de golpes sobre o pescoço e ombros da terna vítima, que a despedaçou.

Cesar de Bus e os Doutrinários - O venerável Cesar de Bus foi destinado pela Providência para instituir a *congregação da Doutrina Cristã*. Nascido na cidade de Cavaglion, de nobre família francesa, dedicou-se desde jovem à perigosa carreira das armas. O mundo ganhou-o e o infeliz Cesar seguiu perdidamente suas máximas até que, iluminado pela divina graça, reconheceu que o mundo era enganador e que só Deus é o verdadeiro remunerador das boas ações. Não fazendo caso algum das burlas de seus camaradas começou a praticar com grande zelo as obras de misericórdia para com os pobres e os enfermos, e empregou toda sorte de meios para instruí-los nas verdades da fé. Para tirar proveito de sua santa empresa, e não ter nada que ver com o mundo nem com suas máximas perversas, consagrou-se a Deus no estado eclesiástico. Pôs-se logo a trabalhar com zelo no sagrado ministério e mui depressa seu coração se encheu de amargura, vendo que, por falta de instrução religiosa, a heresia e a revolução ameaçavam invadir a França. Foi então que concebeu o desígnio de fundar uma sociedade, cujos membros se dedicassem com voto especial a ensinar o catecismo. Para isso escolheu certo número de zelo-

sos companheiros e deu princípio em Avignon, no ano 1592, à congregação dos Doutrinários, ou da Doutrina cristã. O arcebispo da cidade trabalhou eficazmente para conseguir que a santa Sé aprovasse a congregação, pois não podia deixar de ser recebida com júbilo uma instituição, cujo principal fim era ensinar a doutrina cristã as crianças e aos adultos, seja nos catecismos ou na pregação, em ocasião de tríduos, novenas, missões, seja no governo das paróquias. Deus quis provar a santidade de seu servo com longa e penosa enfermidade, que suportou com resignação heróica. Finalmente, depois de doze anos de dolorosa cegueira, descansou no Senhor, no ano 1607, aos 63 anos de idade, no dia mesmo que tinha predito. Depois da morte de seu fundador, a Congregação continuou fazendo rápidos progressos na França e na Itália.

São Camilo e os Ministros dos enfermos - São Camilo de Lelis é o fundador da maravilhosa instituição dos *Ministros dos enfermos*. Ainda antes de nascer viu-o sua mãe em sonhos com uma cruz no peito, guiando a outros meninos que traziam o mesmo sinal. Em sua primeira idade seguiu a carreira militar e deixou-se avassalar miseravelmente pelos vícios; porém Deus, que o chamava para grandes coisas, compadeceu-se dele, e aos 25 anos de idade, fez conhecer tão vivamente a Camilo o estado de sua alma, e conceber tão grande horror pelo pecado, que naquele mesmo dia foi confessar-se e começou vida penitente, em que permaneceu até sua morte. Por ter-se-lhe aberto uma dolorosíssima chaga na perna, foi a Roma, ao hospital dos incuráveis; conhecido aí seu mérito, confiou-se-lhe a administração do estabelecimento. Reputando-se qual servo de todos, exercia os mais humildes trabalhos, fazendo-se tudo para todos em todas as coisas, especialmente quando se tratava de assistir aos moribundos. Acabando de ver que no exercício daquele caridoso ministério lhe fora de suma utilidade o conhecimento das ciências, vencendo todo respeito humano, se pôs na idade de trinta anos, a estudar com os meninos os primeiros elementos da gramática. Ordenado sacerdote, chamou em seu auxílio a outros companheiros, e assim deu princípio à Congregação dos ministros dos enfermos aprovada por Paulo V, no ano 1568.

Quis Deus, por meio de sinais sobrenaturais, dar a conhecer quanto lhe agradava esta nova instituição. São Filipe Neri, confessor de Camilo, assegurou ter visto anjos que apontavam aos discípulos do santo as palavras que tinham de dizer enquanto assistiam aos moribundos. Brilhou particularmente sua excessiva caridade quando Roma se achou assolada por terríveis açoites da carestia e da peste. Centenas de pobres abandonados foram pelo santo socorridos em suas necessidades espirituais e temporais. Ardia nele tanta caridade, que parecia um anjo revestido de carne, tanto que até mereceu receber o socorro dos anjos em vários perigos de sua vida. Consumido pelos jejuns, pelos trabalhos e por cinco enfermidades diferentes, chamadas por ele as misericórdias do Senhor, fortalecido com todos os sacramentos morreu em Roma no ano 1614, sexagésimo quinto de sua idade, na hora por ele predita.

Santa Rosa de Lima - Ao passo que se multiplicavam os mártires no Japão e que se enriquecia a Igreja com novas palmas e coroas, na América Meridional, santificada pela fé católica, começava a resplandecer a candura da virgindade. A primeira flor virginal foi santa Rosa de Lima. A graça precedeu nela a idade, e em tão alto grau, que aos cinco anos fez voto de perpétua virgindade. Já crescida, para que não a pedissem em matrimônio, cortou seus formosos e louros cabelos. Durante o tempo quaresmal chegava a tal extremo o Jejum, que não tomava mais que cinco gomos de laranja por dia.

Ao vestir o hábito da ordem terceira de São Domingos, redobrou seu fervor e suas austeridades. Um cilício armado de agudas pontas cingia suas carnes; dia e noite trazia um véu tecido de agudíssimos espinhos; formava sua cama um monte de nodosos ramos onde tomava muito breve descanso o resto do tempo passava em oração e fazendo obras de caridade. Foi muito atribulada por longa e cruel enfermidade que suportou com alegria por amor de Jesus crucificado. Apareceu-lhe uma vez seu celestial esposo e disse-lhe: "Rosa de meu coração, tu és minha esposa". Cheia de méritos, foi ao céu receber a coroa das virgens, no ano 1619 aos 31 anos de idade.

São Francisco de Sales e o Chablais - São Francisco de Sales foi suscitado pela Providência para combater, e,

até se pode dizer, para destruir a heresia de Calvino e Lutero, na parte da Sabóia chamada Chablais, que tinha sido infetada por seus erros monstruosos. Apelida-se de Sales por assim chamar-se o castelo de Sabóia onde nasceu. Tendo-se entregado inteiramente a Deus desde jovem e conservando zelosamente sua virginal candura, formou seu coração em todas as virtudes especialmente na doçura e mansidão. Não sem ter superado antes graves obstáculos da parte de seu pai, renunciou aos sedutores afagos do mundo e se consagrou ao ministério dos altares.

Impelido pela voz de Deus, que o chamava para obras extraordinárias, partiu para o Chablais, sem outras armas que as da caridade. À vista das igrejas arruinadas, dos mosteiros destruídos, das cruzes arrancadas, enchendo-se de santo zelo dedica-se logo ao apostolado. Alvorçam-se os hereges, e tratam de matá-lo; porém ele com paciência, com sermões, com escritos e com milagres, apazigua aos tumultuosos, ganha os assassinos, desarma o inferno e a fé católica triunfa com tanto esplendor, que em pouco tempo somente no Chablais, converteu ao seio da Igreja a mais de setenta e dois mil hereges. Divulgada a fama de sua santidade, fizeram-no, a seu pesar, bispo de Genebra, ainda que residisse em Annecy; como se achasse aquela cidade em mãos dos calvinistas redobrou seu zelo, não se recusando a cumprir, quando era necessário, com os ofícios mais humildes do ministério eclesiástico. Depois de uma vida inteiramente consagrada à maior glória de Deus, apreciado dos povos, honrado pelos príncipes, amado pelos sumos pontífices, e respeitado pelos próprios hereges entregou a alma a Deus em Lion, na habitação do Jardineiro do mosteiro da Visitação onde quisera hospedar-se no dia dos santos Inocentes do ano 1628. São Francisco de Sales é o fundador das Freiras da Visitação, no recinto de cujos mosteiros quis que fossem aceitas as senhoras que em razão de idade ou de enfermidade não fossem recebidas em outros mosteiros. Esta ordem conta hoje cerca de 200 casas espalhadas em várias partes do mundo.

CAPITULO V

*Jansênio - Novas crueldades no Japão - Castigo dos perseguidores -
São José Calazans e as Escolas pias - São Vicente de Paulo e os
Lazaristas - Reforma dos Trapistas - História do Galicanismo -
Progresso do Evangelho no Novo Mundo.*

Jansênio - Depois da solene condenação do protestantismo no concílio de Trento, pode gozar a Igreja de alguma paz até que apareceu o Jansenismo, heresia que deve seu nome a Cornélio Jansênio, seu autor. Natural de Accoy na Holanda e filho de pobres artistas, foi por um caridoso barbeiro guiado na carreira dos estudos. Mas, para sua primeira desgraça, contraiu amizade com um tal De-Vergel, conhecido na história sob o nome de Abade de São Cirano. Uniu-se a isto o ensino do Dr. Janson, o qual se esmerava em infundir em seus discípulos a doutrina de Baio, doutor da Universidade de Lovaina, condenado pela Igreja. Não obstante isto, como Jansênio ocultava seus erros, e parecia bastante douto nas ciências sagradas e mui apto em fazer obras de caridade, foi nomeado bispo de Iprés no ano 1636. Foi curto seu episcopado, porque dois anos depois morreu de peste, aos 53 ele idade.

Os erros de Jansênio, que em maior parte são em relação à graça, à liberdade, ao pecado original, ao mérito e demérito, estão espalhados em diferentes partes de suas obras, mas especialmente em seu famoso livro chamado *Augustinus*. Pretendeu expor nele as doutrinas genuínas daquele santo doutor; alterando, porém, o sentido delas, o que na realidade expôs foi a substância do calvinismo sob as aparências de uma doutrina estritamente católica. Ensinava, entre outras causas, que Deus impõe às vezes preceitos impossíveis, e que ao mesmo tempo nega a graça necessária para cumpri-los. Contudo não imprimiu Jansênio seu livro enquanto viveu; mas ao morrer, dispôs que se imprimisse, declarando, entretanto, que o submetia ao juízo da Santa Sé. Antes de expirar pronunciou o seguinte protesto: "Sei que o Papa é o sucessor de São Pedro e o depositário fiel do tesouro da Igreja; quero, pois, viver e morrer na fé e em comunhão com a cadeira do sucessor do príncipe dos apóstolos, do vigário de Jesus Cristo, do chefe dos pastores, do

pontífice da Igreja universal". Segue-se daí que os erros de Jan-sênio devem ser efeito, antes da imprudência que da malícia. Seus sectários, porém, longe de seguir o exemplo de seu mestre na submissão, tornaram-se orgulhosos e soberbos; ainda que condenados em diferentes vezes se mostraram cada vez mais obstinados. Por isso tal heresia durou longo tempo e causou gravíssimos males à Igreja porque com mil subterfúgios e enganos achou modo de encobrir-se com o manto do catolicismo.

Novas barbaridades no Japão - A perseguição suscitada contra os cristãos por Taicosama, pareceu apaziguar-se algum tanto com sua morte e a de seus sucessores. Porém no reinado de Hogun-Sama e de seu filho, recrudesceu ainda mais, e tornou-se mui atroz. Foram postas em obra, para fazer apostatar os cristãos todas as barbaridades que se puderam inventar. A uns, arrancavam as unhas, a outros furavam os braços e as pernas com verrumas; a muitos metiam sovelas por debaixo das unhas, e repetia-se o tormento durante vários dias consecutivos; suspendiam-os sobre poços cheios de víboras; atavam em seus narizes canos e tubos cheios de enxofre ou de outras matérias de cheiro insuportável, e logo ateavam fogo nelas, e sopravam para fazer fumaça e afogá-los, causando assim sufocações, convulsões e dores indizíveis. Mas não parava ali sua crueldade, pois metiam dentro de seus corpos canos pontiagudos, e suspendendo-os, flagelavam até descobrir-lhes os ossos. Para lacerar ao mesmo tempo o corpo e o coração das mães, davam golpes nelas com as cabeças dos próprios filhos, agarrados nos pés pelos verdugos, que, tanto mais aumentavam sua crueldade quanto mais agudos eram os gritos daquelas inocentes vítimas. Desde o ano 1597 até 1650, calcula-se que foram martirizados mais de um milhão e duzentos mil fiéis, e com tal gênero de tormentos que em sua comparação, a pena do fogo era considerada como uma mercê.

Castigo dos perseguidores - A justiça de Deus, porém, não deixou, como nos primeiros séculos da Igreja, de se manifestar contra os autores de tão horrenda perseguição. Um daqueles sobre o qual mais se fez sentir, foi Brogondono, príncipe da Himbra, que a todos tinha excedido em crueldades. Ao

sair de uma conferência, em que se tinha decidido exterminar o cristianismo, foi surpreendido por agudas dores intestinais que o faziam dar horrorosos gritos e sofrer espantosas contorções. Causava horror ver a agitação de seu corpo, as espumas que lançava pela boca, os gritos que dava e as instâncias que fazia para tirarem de sua presença a um cristão armado de uma foice que, segundo dizia, se achava diante dele ameaçando-o continuamente. Caíram-lhe todos os dentes, e acendeu-se-lhe um fogo tão abrasador em seu corpo, que parecia ferver o sangue de suas veias e a medula de seus ossos. Conduziram-no a um banho de água quente onde fizera perecer a muitos cristãos; porém, apenas o mergulharam nele, ficou como cozido e morreu miseravelmente. Outros muitos perseguidores terminaram sua vida de modo a perceber-se que se viu claramente neles o sinal da ira de Deus. Todavia, a perseguição não cessou senão quando se acreditou, que mortos já todos os ministros do santuário e extinto o clero, também se tinham extinguido todos os cristãos. Mas estavam muito enganados. A fé cristã se manteve naquele império ainda sem eclesiásticos; e poucos anos há, tendo novamente entrado os missionários naqueles países, encontraram com admiração, famílias e povos de bastante consideração, inteiramente cristãos.

São José Calazans e as Escolas Pias - Escolheu Deus na pessoa de São José Calazans, um poderoso sustentáculo para a mocidade ameaçada. Nascido em Pedralta, na Espanha, de família nobre, deu desde seus primeiros anos, claros sinais de sua futura caridade para com os meninos, e do cuidado especial que teria com eles, pois, desde então, costumava reuni-los em redor de si, ensinar-lhes as orações e os mistérios da fé levá-los à igreja e a receber os santos sacramentos. Ordenado sacerdote, depois de sérios estudos, correu pregando durante oito anos, diferentes províncias de Espanha. Porém avisado por visões celestiais, foi a Roma no ano 1592. Ali, além de macerar seu corpo com jejuns, vigílias e outras austeridades, dedicou-se com ardor admirável a instruir aos meninos, a visitar e consolar os enfermos, e aliviar aos mais abandonados. Em uma grande mortandade associou-se com Camilo de Lelis para servir aos doentes de peste. Mas, fazendo-lhe Deus conhecer que sua missão era para os meninos pobres, para eles

dirigiu suas solitudes. Para ter herdeiros de seu zelo e caridade, instituiu, sob a proteção da Santa Virgem, uma Congregação de religiosos, chamada dos Escolápios, pela união das duas palavras *Escolas pias*.

A nova congregação começava já a produzir frutos de bênção, quando o demônio se atirou furiosamente contra ela para destruí-la. O santo instituidor a susteve com incríveis trabalhos, e exercitando de tal maneira sua paciência, que era por todos chamado um novo Jó. Ainda que Superior geral, continuou como antes, varrendo seu quarto, limpando roupas e estendendo a cama. Nada descuidava do que pudesse contribuir para o bem de seus pobres meninos; acompanhava-os nas diversas ruas da cidade até suas respectivas casas; ouvia-os a qualquer hora do dia, e achava-se sempre pronto para socorrê-los em todas as suas necessidades espirituais e temporais. Apesar de sua débil saúde, perseverou durante 40 anos neste trabalhoso ministério. Costumava recomendar a todos a devoção à Bem-aventurada Virgem Maria, que foi para ele objeto de particular veneração durante o curso de toda sua vida. Um dia, enquanto rezava com seus queridos meninos, apareceu-lhe a Santa Virgem com o menino Jesus, em atitude de abençoá-los. Aos 80 anos de idade teve de padecer muitas aflições por parte de três religiosos, dois deles de sua congregação. Caluniado e levado ante os tribunais, foi deposto do cargo de superior geral; porém, Deus o sustentou com sua graça e com seus celestiais favores. Esclarecido com o dom das profecias e milagres e da penetração dos corações, morreu em Roma, aos 92 anos de idade, depois de ter predito o restabelecimento e incremento da sua ordem, que se achava quase extinta então. Morreu a 25 de agosto do ano 1648. Seu coração e sua língua achavam-se ainda incorruptos 100 anos depois de sua morte.

São Vicente de Paulo e os Lazaristas - A caridade cristã, que já tinha operado tantas maravilhas, devia produzir outras novas, e sob certos aspetos ainda mais admiráveis, na pessoa de São Vicente de Paulo. De humilde pastorzinho, tornou-se pelo estudo e pela virtude, digno do sacerdócio; caiu depois em poder dos Turcos e mais tarde foi, em Paris, vítima de uma calúnia. assim aprendeu a compadecer-se das misérias

dos homens. Entregue completamente ao exercício da caridade, não havia infortúnio que não socorresse. Cristãos oprimidos pela escravidão, crianças expostas, jovens licenciosos, religiosos desamparados, mulheres caídas, peregrinos enfermos, artistas inválidos, loucos e mendigos, todos provaram os efeitos da caridade de Vicente. Para manter em seu primeiro vigor as obras de caridade, que ia fundando, instituiu a Congregação dos sacerdotes da Missão, apelidados *Lazaristas*, por assim chamar-se a casa de São Lázaro em Paris, onde a princípio viveram. Dilatou-se esta por todas as partes do mundo com enorme proveito da cristandade. Também fundou a Congregação das *Filhas da Caridade* cujo fim principal foi, a princípio, a assistência dos enfermos nos hospitais; porém mais tarde, consagraram-se ao serviço de qualquer instituição onde a caridade precisasse de seu trabalho, tais como escolas, asilos, casa de repouso, cárceres e estabelecimentos para órfãos. Esclarecido por virtudes e milagres, passou Vicente para melhor vida, no ano 1660, aos 80 anos de idade. Os hereges, e até os próprios ateus, não podendo negar um tributo de admiração a São Vicente de Paulo, colocaram sua estátua no Panteon dos homens beneméritos da pátria; e Voltaire, o grande mestre da impiedade, tinha grandes elogios para com as Irmãs da caridade.

Reforma dos Trapistas - A Congregação dos Trapistas foi fundada no século XII por São Roberto sob a observância da regra de São Bento. Deve seu nome à Abadia principal da Diocese de Sez, em França, situada em um grande vale cercado de colinas e montanhas. Durante muitos anos floresceu de tal modo a observância religiosa, que saiu dali um grande número de santos; porém com o andar do tempo, introduziu-se nela tal relaxamento, que no século XVII já tinha perdido completamente seu antigo esplendor. Deus, porém, suscitou, na pessoa de um douto e rico eclesiástico chamado João de Rance, um austero restaurador da primitiva observância. Tinha este, por certo tempo, empregado seu saber e suas riquezas em favor do jansenismo, por cujo motivo levava uma vida mundana e repreensível. Compadeceu-se Deus dele. A morte repentina de um seu parente, e o ter escapado prodigiosamente de um tiro de fuzil, fizeram-no entrar em si, e pensar no juízo divino,

ante o qual todos os homens se devem apresentar. Renunciou, pois, às vaidades do século, abjurou os sofismas do jansenismo, repartiu entre os pobres seus haveres, e vestiu o hábito do Cistér na Trapa. Feito pouco depois superior da Abadia, dedicou-se com ânimo resolutivo a remediar os abusos que nela se tinham introduzido, e com, seu exemplo e autoridade, conseguiu fazer tornar a observância a seu antigo esplendor.

Eis uma idéia da vida dos Trapistas, em sua solidão. Sofrem muito frio no inverno porque tem sempre a cabeça descoberta e nunca se aquecem ao fogo. Padecem muito calor no verão, pois nem limpam o suor do rosto. Levantam-se a meia noite durante todo o curso do ano, e não se deitam até anoitecer. Nunca se encostam quando estão assentados. Durante oito meses contínuos comem uma só vez ao dia; renunciam ao uso do vinho, da carne, do peixe, dos ovos, da manteiga e do azeite. Trabalham sem descanso e em obras mui pesadas; durante as grandes solenidades salmodiam pelo espaço de doze horas; nas festividades comuns; onze, e nunca menos de oito nos demais dias do ano. Um grosso e basto pano lhes serve de hábito no verão e no inverno. Dormem sobre tábuas nuas, observam rigoroso silêncio toda a vida, e renunciam às notícias do século, de seus pais e amigos, demonstrando assim com os fatos, que estão realmente mortos para o mundo.

João de Rancé, depois de passados quarenta anos nesta penitência, morreu octogenário, no ano 1700, com a consolação de ver florescer a observância religiosa, em seu maior auge, em toda sua congregação.

História do Galicanismo - Para ter uma idéia clara do *Galicanismo* ou das liberdades galicanas ou como outros dizem, da igreja galicanas, é bom remontar à sua origem. Alguns querem fazê-la subir até os tempos apostólicos, enquanto outros pretendem que estas liberdades foram decretadas pelo rei São Luiz. Estas asserções, porém, carecem de fundamento. O princípio do Galicanismo acha-se ligado à Pragmática Sanção do ano 1438, solenemente abolida no ano 1516, por uma concordata entre o sumo pontífice Leão X e Francisco I. Estes princípios do Galicanismo foram mais tarde, no ano de 1682, reduzidos a verdadeiro sistema religioso em desprezo da Igreja,

sob o reinado de Luiz XIV. Este príncipe teve um reinado mais longo do que qualquer outro soberano conhecido. Efetivamente regeu os destinos da França desde o ano 1643 até 1715. Teve a mania de imiscuir-se nos assuntos religiosos, e quis, entre outras coisas, reunir os eclesiásticos mais ilustres de seus Estados, para por um limite ao poder do Sumo Pontífice, Chefe da Igreja; como se este que recebeu do Salvador a plenitude de autoridade sobre os cristãos do mundo inteiro, tivesse de deixá-la restringir por um monarca, cujos poderes se limitavam ao reino de França. Achavam-se, pois, naquela assembléia, reunida em Paris, 35 bispos e 25 deputados, e proclamaram os quatro artigos que constituem a base da chamada Igreja galicana. O quarto desses artigos assim se exprime: *"Ainda que o Pontífice tenha a parte principal nas questões de fé, e seus decretos digam respeito a todas as igrejas e a cada uma delas em particular, contudo, pode seu juízo ser corrigido se não aderir a ele o consentimento da Igreja"*. Só este artigo, derruba em sua base o catolicismo, porque põe em dúvida tudo o que fizeram os Papas desde São Pedro em diante. Dai se originaram guerras obstinadas contra a Santa Sé. Os sumos pontífices condenaram o Galicanismo, ao passo que os reis e muitos bispos franceses tomaram com tenacidade sua defesa. Finalmente, ao definir o Concílio Vaticano, que o Romano Pontífice é infalível nas coisas concernentes à fé e aos costumes, deu fim às turbulências que agitaram a Igreja durante duzentos anos. Os bispos de França, reunidos neste concílio com os bispos de todo o mundo, ao declararem infalível o Romano Pontífice, condenaram o Galicanismo com todas as consequências que se pretendiam tirar dos quatro artigos principais das liberdades galicanas.

Progresso do Evangelho no Novo mundo - Quando os ministros católicos pisaram pela primeira vez aquelas vastíssimas regiões que formam o novo mundo, encontraram dificuldades para a pregação do Evangelho e para a conversão dos selvagens; porém, quando pela ferocidade destes, foram mortos alguns missionários e começou a correr o sangue dos mártires, viu-se logo que o derramamento de sangue seria como nos primeiros tempos da Igreja, semente fecunda de novos cristãos. Aqueles povos entregues desde tantos séculos à embriaguez, à luxúria, ao roubo, e o que mais espanta, acostuma-

dos a comer carne humana, à medida que recebiam a luz do Evangelho, depunham sua ferocidade, tornavam-se castos, sóbrios, piedosos, e prontos também para, derramar seu sangue por Jesus Cristo. Desde o golfo do México até o estreito de Magalhães, nas terras banhadas pelo Maranhão e Orenoco, de três mil a três mil e seiscentas milhas, nos lugares pantanosos e nas inacessíveis montanhas dos Mossas, dos Quiquitos, dos Baceros, e até dos Quirinanos, para o outro lado do Taman; entre os Guaranis e outros povos antropófagos, ressoou cheio de encantos, o nome de Jesus. assim, pois, de um extremo a outro do novo mundo, renovaram-se os floridos tempos da igreja primitiva. Ano 1700.

CAPITULO VI

Irmãos das Escolas cristãs - Bento XIV. - São Paulo da Cruz e os Passionistas - Origem dos franco-maçons - Filosofia moderna - Voltaire e Rousseau.

Irmãos das Escolas Cristãs - A Igreja católica, à imitação de seu divino esposo, pôs sempre especial empenho em educar as crianças e formá-las desde pequenas à virtude. Entre a multidão de seus filhos que, inflamados neste espírito de caridade, se dedicaram de modo especial à educação da juventude, distinguiu-se o venerável João Batista de la Salle, de Reims. Unia este, a uma vida pura e inocente tal inclinação e amor para a ciência e para a virtude, que desde muito jovem foi nomeado cônego, doutor em teologia, e mais tarde, ordenado sacerdote. Cuidadoso em adquirir uma dignidade segura e imperecível no paraíso, renunciou ao cargo de cônego, distribuiu quarenta mil francos de patrimônio entre os mosteiros, e dedicou-se a recolher meninos pobres e abandonados, para instruí-los na santa fé. Não podendo só ele levar a cabo uma obra de tanta importância, chamou em seu auxilio outros companhei-

ros, nos quais infundiu seu espírito. Desta maneira principiou a instituição dos Irmãos das Escolas cristãs que tem por fim exclusivo a educação cristã dos meninos da classe pobre ou menos acomodada da sociedade. Esclarecido por virtude e milagres, morreu em odor de santidade, no ano 1719, Bento XIII, considerando o grande bem que a juventude lucrava por obra desta sociedade, a enumerou entre as congregações aprovadas pela Igreja. Gregório XVI, a pedido de muitos bispos católicos, declarou venerável a LaSalle iniciando a causa de sua beatificação. Leão XIII solenemente o beatificou, canonizando-o no ano jubilar de 1900. O sábio fundador proibiu aos que entravam na congregação, o estudo das línguas clássicas e a ordenação sacerdotal, para ficarem firmes na sua vocação que consiste unicamente em educar as crianças das classes elementares. Por esse motivo foram chamados, ainda que sem razão, *Ignorantelli*.

Bento XIV - Bento XIV foi um dos maiores pontífices que governaram a Igreja, e enquanto forem honradas a ciência e a religião, seu nome será celebrado. Eleito Papa no ano 1740, empregou os dezoito anos de seu pontificado em combater os hereges e desfazer as tramas que os franco-maçons e os falsos filósofos urdiam contra a Religião. Também teve muito que trabalhar para defender e sustentar os direitos da Igreja, pacificar potências inimigas, propagar e firmar a fé nas missões estrangeiras. Escreveu muitos livros cheios de ciência e erudição; entre outros os da beatificação e canonização dos santos, das festas de Nosso Senhor Jesus Cristo da Bem-aventurada Virgem Maria, do Sínodo diocesano, das instituições eclesiásticas e outras obras todas que merecidamente deram-no a conhecer como pontífice douto, infatigável, e promotor das sagradas ciências. Chorado não só pelos católicos, senão também pelos hereges, morreu no ano de 1758.

São Paulo da Cruz e os Passionistas - Ovada, pequena cidade do Piemonte, sempre será célebre por ter sido a pátria de São Paulo da Cruz. Um maravilhoso resplendor, que durante o seu nascimento iluminou o aposento materno, foi presságio da santidade a que Deus o chamava. Menino ainda, tendo caído em um rio, salvou-o a Virgem Maria milagrosamen-

te. Possuído de um grande amor para com Jesus crucificado, fazia consistir todas as suas delícias na meditação da sua dolorosa paixão. Achava gozo em macerar seu corpo com açoites, vigílias e jejuns; às sextas feiras não tomava outra bebida senão um pouco de vinagre misturado com fel. Para entregar-se todo a Deus e servi-lo com os afetos mais puros de seu coração, renunciou aos prazeres, às riquezas e aos cargos mundanos. Revestido por seu bispo de um grosseiro hábito que trazia impresso no peito letras e emblemas da paixão do Salvador, retirou-se para Castelazzo perto de Alexandria, a fim de levar vida penitente. Ali, inspirado por Deus, escreveu em seis dias as regras dos Passionistas, que tomaram este nome porque, além dos três votos de castidade pobreza e obediência, fazem outro mais, pelo qual se impõem despertar nos fiéis a memória da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Causa admiração ver as regras que escreveu, tão cheias do espírito do Senhor e de profunda sabedoria, tanto mais se consideramos que nosso santo não contava então mais de 26 anos e nunca tinha lido regras de outras religiões. Ainda que simples leigo, por mandato do bispo, prestavase a catequizar os meninos e os adultos com grande proveito das almas.

Aconselharam-no em Roma, a que estudasse teologia; mais tarde foi ordenado sacerdote pelo Papa Bento XIII.

Tendo-se retirado com alguns companheiros para a solidão do monte Argentario, na Toscana, apareceu-lhe a Bem-aventurada Virgem, mostrando um hábito de cor escura; decorado com as insígnias da paixão de seu Filho. Tomando isto por sinal claro da vontade do céu, lançou ali mesmo os fundamentos de uma nova congregação.

Teve de trabalhar muito para estabelecê-la, mas, depois de receber a aprovação da Santa Sé, sua congregação cresceu prodigiosamente e produziu abundantíssimos frutos. Também instituiu em Castelazzo um mosteiro de sagradas virgens chamadas Passionistas. A vida destes novos apóstolos consistia em fazer missões, especialmente entre a gente humilde do campo. assim sustentou a muitos no caminho da virtude, fez voltar ao bom caminho inumeráveis pecadores e conquistou muitos hereges. Consistia a maior força de seus sermões,

na narração da paixão de Jesus Cristo que fazia derramando muitas lágrimas e com extraordinário proveito de seus ouvintes. Um dia, enquanto se achava pregando, ouviu-se uma voz celestial que lhe sugeria as palavras; outras vezes ouviam-se seus discursos na distância de muitos quilômetros. Seu coração se achava tão inflamado no amor de Deus, que a parte da camisa que o cobria, encontrava-se muitas vezes como queimada, e suas costelas apareciam visivelmente arqueadas. Celebrando a Missa, via-se com frequência arrebatado em êxtase, e às vezes com o corpo levantado do chão. Brilhou também pelo dom das profecias e das línguas, pelo poder sobre os demônios, pelo conhecimento dos segredos do coração e pela graça de curar enfermidades. Apesar de tão austero método de vida, chegou a uma longa e florida velhice. Já próxima sua morte, predisse os graves acontecimentos que Pio VI tinha de sofrer durante seu longo pontificado. Deixando aos seus em testamento utilíssimos avisos, fortalecido por uma visão celestial morreu em Roma no dia predito por ele, no ano 1775, aos 82 de idade. Pio IX colocou-o no número dos bem-aventurados, e mais tarde, como resplandecesse sempre mais pelo número de seus milagres, o inscreveu no catálogo dos santos.

franco-maçons - Costuma-se dar o nome de franco-maçons, a uma seita de homens, que para poder satisfazer com toda a liberdade suas paixões, empregam toda a sorte de meios para combater a Religião e as autoridades civis. Os primeiros são chamados adeptos ou principiantes, e a estes não se manifesta a maçonaria senão como uma sociedade filantrópica e de socorro mútuo. Muitas das que trazem este nome, como também outras de operários, pertencem a esta seita, embora o ignorem seus afilhados. À medida que vão subindo de grau os levam-no ao ateísmo, à negação de toda religião, da alma, da eternidade, e lhes ensinam a por toda a sua felicidade nos gozos da vida presente. Daí a razão porque a mocidade se deixa seduzir mais facilmente, e porque os franco-maçons desprezam os auxílios da religião, tanto em vida como na morte. Suas reuniões costumam ser chamadas conventículos, e o lugar secreto onde se reúnem, Loja maçônica. Acredita-se que é muito antiga a origem da maçonaria; alguns a fazem remotar até os magos do Egito dos tempos de Moises; porém, ainda que desde mui

remotos tempos tenham existido sociedades secretas, cujo fim é a Impiedade e a satisfação das paixões, contudo, a maçonaria de nossos dias não deve sua origem a muitos séculos atrás, pois, no princípio de século passado (séc. XVIII), Darwent-Water estabeleceu a primeira Loja na Inglaterra, e mais tarde se fundaram outras em França e em toda a Europa. Uma parte de sua doutrina parece a do herege Manes, cujos segredos e cerimônias adotaram. É um conjunto de panteísmo, materialismo, e ateísmo. Antes de admitir em seu seio a uma pessoa, fazem-lhe proferir estas palavras: "*Jura, e perjura que nunca violarás o segredo*". Confirma-se este segredo por um juramento tão severo, que ao pai está rigorosamente proibido revelá-lo a seu filho o filho a seu pai, o Irmão a irmã, a irmã ao irmão! Loucura da mente humana! Querem destruir a Deus e a Religião, e por esta mesma Religião se obrigam com juramento ao mesmo Deus que pretendem destruir.

Clemente XII e Bento XIV condenaram, a estes fanáticos, e excitaram os soberanos para os expulsarem de seus estados. Desgraçadamente, os reis e os príncipes, se não foram seus cúmplices, foram demasiado negligentes no cumprimento das ordens do pontífice, e muitos deles já pagaram a pena de sua culpa, porque os franco-maçons com suas reuniões secretas, causaram e ainda causam males imensos à Religião, aos governos civis e às famílias, e pode-se dizer que são a peste do gênero humano. Os que hoje se chamam *Livres Pensadores* pertencem à maçonaria! Desgraçados, os que se deixam prender nesta rede infernal.

Filósofos modernos - Outro exército posto ao serviço do espírito das trevas, e cujos adeptos pertencem em sua maior parte à maçonaria, é o dos falsos filósofos modernos. Estes, ou são racionalistas, porque afirmam que querem seguir a luz pura da razão natural e desprezam todo o sobrenatural e toda autoridade religiosa, ou, o que é pior ainda, negam tudo que é espírito, e não admitem outro conhecimento além da matéria. É difícil definir quais são suas doutrinas, porque não as têm. Quem ler atentamente seus escritos, concluirá deles, que, negar a verdade, denegrir a virtude, dar impulso ao crime, arrancar do coração humano a doce esperança de alcançar a

felicidade de outra vida, é o fim substancial da decantada filosofia moderna. Os franco-maçons maquinavam secretamente; os filósofos deram-lhes as mãos e cooperaram com sua obra em escritos públicos e com a prática de sua doutrina. Os patriarcas destes incrédulos foram Voltaire e Rousseau.

Voltaire - O fim funesto de Voltaire e Rousseau prova que Deus às vezes também se vinga dos ímpios na vida presente. Voltaire nasceu em Chatenay, pequena cidade da França; seu verdadeiro nome e Francisco Maria Arouet. Seu pai o chamou Voltaire por ter-lhe dado algumas propriedades que tinham este nome. Courseu os estudos em um colégio de Jesuítas onde manifestou engenho vivo, porém soberbo, e muita obstinação em suas idéias. Certo dia, um professor seu, espantado pela audácia de seus raciocínios, exclamou: Este será o *precursor da incredulidade na França*. Terminado o curso dos estudos literários seu pai queria dedicá-lo aos ofícios civis, porém Voltaire recusou e deu-se a escrever sátiras e livros imorais. Não há obscenidade à que não se tenha entregado, ou que ao menos, não tenha tratado de descrever com as mais vivas cores por meio de seus escritos. Isto lhe causou tais inimizades e discórdias, que foi preso várias vezes e finalmente desterrado. Como a santidade do Evangelho condenasse sua vida licenciosa, atirou-se com ódio feroz contra a religião e especialmente contra Jesus Cristo seu autor. Depois de ter cogitado mil meios para convencer a todos que ele não acreditava em nada, teve o atrevimento sacrílego de escrever a seu amigo d'Alambert esta blasfêmia: "*Ainda vinte anos e daremos cabo de Deus*" (25 de fevereiro de 1758). Enganou-se, porém, porque vinte anos mais tarde, e precisamente a 25 de fevereiro, foi surpreendido por um vômito violento, e ele esqueceu logo sua incredulidade. Mandou chamar o cura de São Sulpício com quem se confessou e se retratou autenticamente de sua impiedade e de seus escândalos. Livre já do perigo, voltou à impiedade; porém daí a pouco tempo caiu novamente enfermo para não melhorar. Pediu um confessor, porém seus amigos impediram a este chegar-se à cama do infeliz moribundo. Então Voltaire, enfurecido, começou a gritar: "Estou, pois, abandonado de Deus e dos homens!" Ora invocava ao senhor, ora blasfemava-O; agitava-se em contorções e acabou por morrer nos horro-

res do desespero. Ano 1778. (Lepan e Ebel, vida de Voltaire).

Rousseau - Poucos meses depois de ter falecido Voltaire, deixava de existir outro famoso incrédulo de Genebra, chamado João Jacques Rousseau. Seu pai, relojoeiro de profissão, queria que seu filho aprendesse a gravar; mas pelo contrário não aprendeu senão a mentir e a roubar. Fugindo da casa paterna, refugiou-se na Sabóia em casa de um sacerdote, que o recomendou à caridade do Bispo de Anecy. Vendo este que tinha Rousseau aptidões para se instruir na Religião, mandou-o à sua custa para a casa de catecúmenos em Turim, onde efetivamente abjurou o protestantismo e abraçou a fé católica. Depois de alguns meses saiu do Colégio e empregou-se como laiaio do Conde Solano. Por causa da sua inconstância, ocupou por pouco tempo este emprego e voltou para Anecy. Aí uma pessoa caridosa o pôs no Seminário para fazê-lo estudar e seguir a carreira eclesiástica, à qual, segundo dizia ele, queria se consagrar. Mas foi expulso por sua inaptidão para os sagrados estudos e por sua má conduta. Não tendo tão pouco bom êxito nos estudos literários, dedicou-se à leitura de novelas que lhe encheram a cabeça de idéias estranhas e ímpias. Como possuísse certa vivacidade em expor seus pensamentos, acreditou que isto bastava para ser um grande filósofo, e começou a tratar toda classe de argumentos sagrados e profanos. Como a fé cristã lhe impedisse continuar em seus escândalos, renegou toda verdade sobrenatural e enquanto viveu, procedeu como um incrédulo. Dizia com jactância que nenhum dos homens tinha sido feito como ele; ainda mais, em sua necessidade até chegara a desafiar ao Juiz eterno para encontrar um homem melhor e mais valente do que ele. Surpreendido por um temor pânico, parecia-lhe ver espetros e homens que incessantemente o ameaçavam de morte; desesperado por isso envenenou-se. Diz-se que, para subtrair-se ao efeito lento do veneno, acelerou sua morte com um tiro de pistola. (3 de junho de 1778).

O autor da vida de Rousseau conclui com estas palavras: "Este homem que se jactava de empregar toda sua vida em publicar a verdade, deixou um grande número de escritos, nos quais não aparece nem uma só verdade que possa justificar o autor ante o gênero humano".

CAPÍTULO VII

Santo Afonso e os Redentoristas - Supressão dos Jesuítas. - Perseguição francesa - Robespierre - Pio VI.

Santo Afonso e os Redentoristas - Enquanto Voltaire e Rousseau infestavam o mundo com seus escritos ímpios, serviu-se Deus do glorioso Afonso Maria de Ligório para iluminar e santificar aos povos. Nasceu em Nápoles no ano de 1696, e desde sua juventude manifestou-se qual luminoso modelo de virtude. Era mui exato no cumprimento de todos os seus deveres, especialmente religiosos, comungava toda semana e ainda com maior frequência, e visitava todos os dias o SS. Sacramento. Aos 16 anos já se achava graduado doutor em ambos os direitos e dedicava-se ao exercício da advocacia. Vendo, porém, frustradas suas esperanças de vencer uma causa, determinou abandonar o mundo e consagrar-se a Deus no estado eclesiástico. Pregava com grande fervor, e seu próprio pai a primeira vez que o ouviu, exclamou vivamente comovido: "Meu. filho me fez conhecer a Deus". Para formar obreiros evangélicos penetrados de seu mesmo espírito de zelo e caridade, fundou a congregação dos Redentoristas ou do Redentor, a qual tem por fim principal instruir a gente rude, especialmente os habitantes do campo. Ainda que a seu pesar, Clemente XIII o nomeou bispo de Santa Águeda dos Godos no ano 1762. Desde então dedicou-se Afonso inteiramente à pregação, à confissão, à oração e ao jejum. Deus deu a conhecer sua santidade por muitos milagres. Em certa ocasião, enquanto pregava sobre a devoção à SS. Virgem, foi elevado a uma grande altura, e uma imagem de Maria apareceu radiante de luz celestial iluminando prodigiosamente o rosto do santo pregador. Em vista deste espetáculo, todo o povo exclamou: "Misericórdia, milagre!" e em toda a igreja ressoaram gemidos e soluços. Uma manhã, depois de celebrada a santa Missa, foi arrebatado em êxtase e ficou neste estado até o dia seguinte. Voltando a si em presença de muitas pessoas, disse-lhes: "*Vós não sabeis tudo ... fui assistir ao Papa, que acaba de morrer*". Era Clemente XIV que de fato morrera nesse momento. Tudo aconteceu como ele tinha dito. Pobre, sóbrio, penitente e austero para consigo

mesmo, era doce para com os outros e mui caridoso para os pobres. Em uma carestia que afligiu Nápoles, vendeu todos seus bens e distribuiu sua importância entre os necessitados. Esclarecidos por milagres, profecias e penetração das consciências, morreu no ano 1787, aos noventa anos de idade.

É Santo Afonso autor de muitas obras, entre as quais se acha sua teologia moral, obra cheia de erudição, o diretório dos ordenandos, a Explicação do decálogo, a História e refutação das heresias, as Vitórias dos Mártires, a Freira Santa, os Sermões; as Glórias de Maria, e o Amor da alma, a Visita ao SS. Sacramento; as Máximas eternas e outras muitas. O exercício de todas as virtudes em seu mais alto grau durante toda sua vida, e a extraordinária erudição que manifesta em todos seus escritos, considerado como martelo contra os Jansenistas e os incrédulos, foram motivo para que se proclamasse doutor da santa Igreja por decreto de 23 de março do ano 1871.

Supressão dos Jesuítas - São as corporações religiosas como exércitos da Igreja espalhados nas diferentes partes do mundo. Por isso, quando se quer combater a Religião, costuma-se começar pelos regulares; segue depois o clero secular, os bispos e por último o chefe supremo da Igreja. Os primeiros a serem feito alvos da perseguição foram geralmente os Jesuítas. A meado do século XVIII os franco-maçons e os mestres da incredulidade, vendo neles um grande obstáculo a seus fins, inventaram e lhes imputaram toda espécie de calúnias. assim conseguiram fazê-los expulsar de Portugal, da Franca, da Espanha e de outros reinos; e empenharam-se ante os governos civis, para obrigar o sumo Pontífice a suprimi-los, ameaçando-o com males gravíssimos se resistisse a seus desejos. Por isso, o Papa a seu pesar, acreditando que livraria a Igreja de maiores males, suprimiu toda a ordem no ano de 1774. Mas em pouco tempo, muitos soberanos desejaram que os ditos religiosos voltassem a seus estados para cuidar da juventude, pregar e cumprir os outros deveres do ministério eclesiástico. Por isso, o Papa Pio VI começou por permitir que os Jesuítas permanecessem na Rússia, e que pudessem viver juntos em outras partes, sempre que assim o desejassem os soberanos. O sumo pontífice Pio VI, em vista do grande benefício que a Companhia

de Jesus tinha feito, e do que ainda prometia fazer no futuro, tornou a restabelecê-la e colocá-la entre as ordens religiosas outorgando-lhe aqueles favores e privilégios que a Igreja costuma conceder, para que seus institutos possam subsistir e trabalhar no campo evangélico, conforme o fim para que foram fundados.

Perseguição francesa - Os franco-maçons, depois da supressão dos Jesuítas, puderam com maior facilidade desfazer-se dos demais religiosos, abolir em França toda autoridade civil, matar a seu próprio soberano, e apoderar-se eles mesmos do poder. Entre outras causas, exigiam de seus súditos um juramento contrário às regras da fé, o qual não podendo ser admitido pelos bons, motivou uma cruel perseguição. Milhares de cidadãos foram afogados ou guilhotinados sem processo algum, reservando-se aqueles bárbaros processá-los depois, para saber se os que morreram eram culpados ou inocentes. Segundo o costume, a perseguição assanhou-se, de modo especial, contra os eclesiásticos. Estes heróis magnânimos, êmulos dos mártires da Igreja primitiva, mostraram-se prontos a sofrer todo gênero de suplícios. Alguns foram desterrados, outros presos ou condenados ao patíbulo. Um verdugo, ao ver entre a multidão um que parecia sacerdote, dirige-se a ele e lhe pergunta:

És sacerdote?

Sim, responde; é esta a minha glória.

Juraste?

Jurar! Horroriza-me só pensar nessa palavra!

O Juramento ou morte; juras ou morres.

Juro aborrecer esse juramento ímpio e sacrílego; mata-me ... te perdôo. - E dizendo isto caiu por terra coberto de feridas.

Aqueles monstros sedentos de sangue humano, entravam nos claustros, nas congregações e nos seminários, prendiam e estrangulavam a todos os que encontravam na sua passagem. Aboliram os dias consagrados à religião, mudaram o no-

me das semanas, dos meses, e dos anos; prostraram por terra toda a autoridade, e o rei Luiz XVI foi deposto, preso e decapitado. As igrejas foram profanadas e destruídas; as cruzes, as relíquias, os vasos sagrados, os próprios sacrossantos mistérios, sacrilegamente pisados, e nos altares do Deus vivo, onde se devia celebrar a santa Missa, foi colocada uma mulher infame e adorada como a deusa razão. Tudo era sangue e estragos; havia ameaça de morte para quem ainda desse a conhecer que professava a religião católica. Os esforços dos ímpios, porém, infringiram-se contra aquela pedra, sobre a qual Jesus Cristo fundara sua Igreja. Entre tantos desastres a religião foi duramente provada; porém não pereceu.

Robespierre - Maximiliano Robespierre foi o primeiro autor da perseguição francesa e dos graves males de que esta foi causa. Nasceu na cidade de Arras e seguiu a carreira de advogado; orador excelente, mas sem entranhas, facilmente conseguiu fazer-se chefe do partido sanguinário. Experimentava um grande prazer em condenar homens e mulheres à guilhotina, e gostava de vê-las morrer em grande número nas mãos dos verdugos. Diz-se que este monstro infame se alimentava de carne humana, e que se ufanava em trazer calçados feitos da pele de suas vítimas. Quis a Providência de Deus que tantas impiedades fossem castigadas, também aqui na terra com uma morte que mostrasse visivelmente os sinais de sua vingança. Robespierre depois de ter feito assassinar a seu soberano, exerceu durante 18 anos tiranias inauditas; finalmente chegou a ser odiado pelos mesmos que o aplaudiam; instauraram contra ele um processo e foi condenado à guilhotina. Para evitar a afronta de morrer publicamente, qual outro Nero disparou contra si uma pistola; a bala atravessou-lhe o queixo, mas não morreu. Definiu algum tempo no cárcere, sofrendo horivelmente, até que levado à praça pública, entre os insultos da plebe, cortaram-lhe a cabeça no ano de 1794.

Pio VI - Ao Papa Clemente XVI sucedeu Pio VI, que, depois de Pio IX e Leão XIII, foi o Papa que teve mais longo pontificado, mas cheio de desgostos e amarguras.

Eleito no ano de 1775, cumpriu com zelo infatigável as funções de supremo Pastor, consolando a uns, ajudando a ou-

tros e animando todos a permanecerem firmes na fé. Durante seus últimos anos de pontificado teve de sofrer toda sorte de crueldades, perseguições, e insultos da parte dos Franceses. Dirigidos estes por Napoleão I, invadiram a Itália e depois de terem despojado e profanado os mais venerandos santuários, entraram em Roma para apoderar-se do Papa, abusando da palavra que tinham dado de não insultar a Roma, nem a seu soberano. Achava-se o Papa celebrando os divinos ofícios, vestido pontificalmente, quando levaram a seu conhecimento a abolição de sua autoridade civil; ao mesmo tempo lhe tiraram suas guardas romanas e as substituíram por soldados franceses. O general Berthier teve o atrevimento de querer vestir o Papa de republicano, pondo-lhe uma insígnia tricolor; porém o magnanimo Pontífice lhe respondeu: "Eu não conheço outra insígnia senão aquela com que fui honrado pela Igreja. Podeis oprimir meu corpo mas minha alma é superior a todo atentado... Podeis queimar e destruir as habitações dos vivos e o túmulo dos mortos, a religião, porém, é eterna; ela existirá depois de vós, como existiu antes; e seu reinado durará até a consumação dos séculos ... " Ano 1798.

CAPITULO VIII

Perseguição em Roma - Rapto e padecimentos de Pio VI - Sua morte gloriosa - Regras disciplinares desta época.

Perseguição em Roma - Declarada a destronização do Papa, os comissários franceses se apoderaram de sua pessoa e deram começo ao saque do palácio pontifício. As bibliotecas preciosas e raras ali existentes, foram vendidas por preço vil depois de terem sido quebradas as estantes e armários que as continham. Vendo-se burlados por não achar o ouro, nem as jóias que ali esperavam encontrar, apresenta-se o calvinista

Haller ao Papa e diz-lhe em tom de ameaça: "A república romana vos intima que me entregueis já vossos tesouros: dai-mos pois". - "Eu não possuo tesouro algum". "Não ostentais dois formosos anéis nesse dedo?" Entregou-lhe um deles o Papa, dizendo-lhe: "Não posso entregar-vos o outro, porque deve passar a meus sucessores". Eram o anel do pescador que costumam usar os Papas para firmar ou selar os papéis de maior importância. Mas foi necessário que também fizesse entrega dele. Os cardeais, os bispos e outros prelados foram encarcerados ou desterrados. assim a Igreja Romana insultada em seu chefe e em seus membros, achava-se exposta a uma perseguição tão injusta como cruel; e em vez de se ouvirem em Roma as glórias de Deus, como quando se achava em poder do Papa, viam-se em suas ruas procissões obscenas, e se cantavam hinos à mais desenfreada licença.

Rapto e padecimentos de Pio VI - O perseguido, porém sempre grande Pontífice, em vista de sua avançada idade de 80 anos, de sua saúde alquebrada e de suas doenças, deixava entrever um grande desejo de morrer em Roma, e não queria obedecer à ordem de partir. Mas o bárbaro Haller replicava: "Eu não ouço razão nem pretexto algum. Se não quiserdes partir por amor, vos faremos partir por força". Na espantosa noite de 28 de fevereiro de 1798, durante uma horrenda tempestade, encerrado em miserável carro, privado de seus ministros e entregue em mãos de dois comissários, o Papa foi tirado secretamente de Roma para não voltar mais. Levaram-no primeiramente a Monterosso, depois a Viterbo, dali a Sena, e finalmente a um convento de Cartuxos perto de Florença. Era conduzido escravo por seus inimigos, os quais buscavam todos os meios para que não fosse conhecido. Sem embargo, por todas as partes onde passava recebia as mesmas honras como se o levassem em triunfo.

Sacerdotes e leigos, ricos e pobres, homens e mulheres, velhos e moços, sãos e enfermos, ocupavam em todas as partes, campos e caminhos, subiam às árvores, e com as mãos juntas e de joelhos pediam a bênção ao glorioso prisioneiro. Visitaram-no na Cartuxa de Florença o rei Manoel IV e a venerável Clotilde, rainha de Sardenha. Ambos se ajoelharam a seus

pés, apesar dos esforços que fizera o Papa para levantá-los. "Neste ditoso momento: disse o rei, eu esqueço todas as minhas desgraças, já não me queixo de ter perdido o trono; tudo eu encontro a vossos pés". Querido príncipe, respondeu o Papa, tudo é vaidade exceto amar e servir a Deus. Levantemos, nossos olhos para o céu; ali nos esperam tronos que nos não poderão tirar". "Vinde conosco à Sardenha, dizia-lhe a piedosa rainha, ali encontrareis em vossos filhos o respeito que merece tão terno Pai". Porém, como podia livrar-se das mãos daqueles ladrões? A 27 de março de 1799, tiram o Papa de Florença e levam-no, durante quatro meses seguidos, de aldeia em aldeia, passando montes e pousando em cabanas, à mercê de uns homens que lhe faziam padecer toda espécie de martírios. Perto de Turim viu-se o carro obrigado a estacar, pois lhe estorvara o passo a multidão de fiéis que acudia a receber a bênção Papal. Os desnaturados comissários franceses que o acompanhavam, quiseram que continuasse a viagem, ainda que por um ataque de paralisia ficasse já imóvel a metade de seu corpo. Finalmente a 14 de julho chegou a Valença, termo de sua viagem, lugar de sua prisão e fim de sua vida.

Morte de Pio VI - Depois de tantas viagens e fadigas, depois de tantos trabalhos e insultos, de tantos transtornos, devia receber este ilustre mártir a recompensa devida a seus padecimentos. O arcebispo Spina, ao aproximar-se para administrar-lhe o santo Viático, perguntou-lhe se em presença de Jesus Cristo perdoava a seus inimigos. Ao ouvir estas palavras, o santo pontífice levantou seus olhos para o céu, e fitando-os logo em um crucifixo que sempre tinha em sua mão: "De todo coração, respondeu, de todo coração". E chamando em seu derredor todas as pessoas da casa, abençoou-as enquanto se achavam de joelhos e chorosos, com a tríplice e última bênção. Pediu que lessem as orações dos agonizantes, que acompanhou devotamente. Conservando sempre a mesma serenidade de rosto, dormiu no Senhor aos 81 anos de idade, a 29 de agosto de 1799, depois de 24 anos e meio de pontificado. Quando se espalhou a notícia de sua morte, correu o povo, em massa, à capela onde se achava o cadáver. Todos queriam possuir alguma coisa que tivesse pertencido ao santo Pontífice. Buscavam com avidez suas vestes, seus cabelos e outros objetos que lhe

havia pertencido e, não, encontrando já coisa alguma, punham sobre o féretro medalhas, véus, paninhos, livros, rosários, e os levavam para suas casas como relíquias. Entre as orações, os votos, a alegria e tristeza ouvia-se exclamar por toda parte: "É um mártir! É um mártir!" Em seu sepulcro escreveram o seguinte epitáfio:

AQUI JAZ PIO VI PONTÍFICE MÁXIMO CHAMADO NO SÉCULO JOÃO ANGELO DE CESENA O QUAL NA DURAÇÃO DO PONTIFICADO EXCEDEU A TODOS OS OUTROS PONTÍFICES GOVERNOU A IGREJA XXIV ANOS, VI MESES E XIV DIAS SANTAMENTE MORREU EM VALENÇA EM UMA FORTALEZA ONDE ESTAVA GUARDADO COMO PRISIONEIRO DOS FRANCESES, HOMEM DE MARAVILHOSA FORÇA DE ANIMO E DE CONSTÂNCIA EM VENCER OS MAIS PENOSOS TRABALHOS.

Regras disciplinares da quinta época - No século XVI publicou Paulo IV um índice dos livros proibidos. São Pio V ordenou que todos os anos no primeiro domingo de outubro se celebrasse a festa do Santíssimo Rosário. Gregório VII empreendeu a correção do calendário Romano, deixando onze dias no mês de outubro do ano 1582. Isto fez, porque não se havia observado até então com suficiente precisão, que nosso globo emprega em dar sua volta anual ao redor do sol 365 dias e 6 horas menos alguns minutos; depois de alguns séculos a soma destes minutos chegou a formar 11 dias a mais, e o ano já não ia de acordo com a revolução do nosso globo. Por isto se transportou o equinócio da primavera de 11 a 21 de março. Desde então todo o mundo cristão, excetuando a Rússia, começou a usar o calendário gregoriano. Urbano VIII reduziu o breviário a melhor forma e deu aos cardeais o título de eminência. Clemente XIII, no ano de 1759, ordenou que nos domingos que não tivessem prefácio próprio, se dissesse o da Santíssima Trindade.

SEXTA ÉPOCA

Desde a morte de Pio VI no ano 1799, até Concílio Vaticano, no ano 1870. (Encerra um período de 282 anos.)

CAPITULO I

Pio VII - Desavenças com Napoleão - Prisão de Pio VII.

Pio VII - Quando se deu a morte de Pio VI, os republicanos franceses tinham-se assenhoreado de Roma e de toda a Itália. O chefe da Igreja morrera no desterro, os membros do sacro Colégio achavam-se encarcerados ou dispersos; como se poderia eleger um pontífice? Não temamos; Deus que governa sua Igreja, saberá inutilizar os esforços dos homens. Efetivamente dali a pouco um exército austríaco ataca os franceses, expulsa-os de Roma e da Itália e os encerra em um estreito desfiladeiro entre a Ligúria e o Piemonte. Postos então em liberdade os cardeais, se reúnem em Veneza e elegem para ocupar o trono de São Pedro ao cardeal Chiaramonti de Cesena, que tomou o nome de Pio VII. Dirige-se este a Roma e toma de novo, com a maior solenidade, posse do poder temporal que lhe dera Deus para conservar a independência de seu ministério, entre as homenagens e as felicitações dos soberanos. Logo que os Austríacos cumpriram sua missão, travou-se a batalha de Marengo, e apesar de seu número e valor, são derrotados e desaparecem da cena. Prova evidente de que Deus lhes deu no primeiro encontro a vitória somente para o bem da Igreja, isto é, para que se pudesse eleger o novo Papa e tomasse novamente posse de Roma. Ano 1800.

Desavenças entre Pio VII e Napoleão - Cansada já a França de seus tiranos nomeou cônsul a Napoleão Bonaparte, que manifestava vontade e valor suficientes para restabele-

cer a ordem naquele reino mergulhado em tanta confusão. Cessa então a guilhotina, mitiga-se muito a perseguição, extingue-se o cisma constitucional e a França entra de novo na unidade católica. Bonaparte, porém, estimava talvez a religião somente enquanto servia a suas ambições. Firmou efetivamente uma concordata com o romano pontífice, que foi violada no ato mesmo de sua publicação, pois a acompanhou de certos artigos, chamados orgânicos, que contrastam com a própria concordata. Tendo-se feito proclamar imperador, pediu ao Papa que fosse a Paris para sagrá-lo. Pio VII titubeou longo tempo, e não se resolveu a ir senão abrigando a esperança de reprimir graves desordens e impedir muitos males que ameaçavam a Igreja. Por esse motivo saiu de Roma no ano 1804 e depois de ter atravessado a França, entre grandíssimas honras e aplausos, entrou em Paris e pôs a coroa imperial sobre a cabeça de Napoleão. Este correspondeu à condescendência do Papa com monstruosa ingratitude. Para conseguir que o Papa o coroasse, protestou que queria ser filho obedientíssimo da Santa Sé; porém assim que foi coroado escreveu cartas injuriosas ao Papa, e poucos anos mais tarde fez marchar suas tropas sobre Roma.

Depois da paz dada à Igreja por Constantino o Grande, Constante II protetor dos hereges monotelitas, foi o primeiro dos imperadores que, usando da violência, tirou de Roma ao sumo Pontífice, Napoleão quis ser o segundo. Pretendia este que o Papa lhe outorgasse coisas contrárias aos direitos da Igreja e ao bem da religião. Tendo-se recusado a isto o Papa, o imperador assalta Roma, apodera-se dela, rouba as obras principais de maior preço, entra à viva força no palácio Papal, desterra ou faz encarcerar a seus ministros, bispos ou cardeais, e encarrega ao general Radet da empresa sacrílega de se apoderar do Papa. Durante a noite um corpo de soldados escala, quais ladrões noturnos, o palácio pontifício, derrubam a machadas as portas, quebram as janelas e penetram no aposento do sucessor de São Pedro. Radet rodeado dos seus, ordena ao pontífice que saia imediatamente de Roma. Pio VII levanta os olhos para o céu e cheio de confiança n'Aquele que assiste a Igreja, entrega-se assim como estava nas mãos de seus inimigos, que o prendem com chave em um coche entre guardas,

como se costuma fazer com os malfeitores. Ano 1809.

Prisão de Pio VII - O mortal Pio VII, durante seus cinco anos de cativo, mostrou-se sempre intrépido confessor da fé. Durante a viagem aconteceram vários acidentes. Perto de Florença, por inexperiência dos cocheiros, virou com ímpeto o coche ao passar sobre uma elevação de terra e o Santo Padre caiu debaixo das rodas e teria sido esmagado, se Deus não o protegesse. Ficou três anos prisioneiro em Savona, e depois (1812) ordenaram-lhe que partisse para Fontainebleau, em França. Trataram-no durante o caminho com os modos mais bárbaros, obrigando-o a viajar dia e noite sem lhe permitir sair do veículo. Isto foi causa de arruinar sua saúde e estar a ponto de morrer. Ao aproximar-se de Turim, parecia que tinha chegado o fim de sua viagem, e no Monte Cenis lhe administraram a extrema unção, não obstante isto, não pode gozar de um momento de descanso. Chegado a Fontainebleau, separado dos seus conselheiros, rodeado por pessoas que tinham sacrificado sua fé e seu pudor ao despotismo de Napoleão, oprimido por ameaças, e segundo contam, até pelos golpes do ambicioso Imperador, assinou um escrito pelo qual deixava a nomeação dos bispos, isto é, dos pastores das almas, em mãos do poder civil. Mas arrependido logo do feito, revogou valorosamente o que firmara, e triunfou a fé.

Sua volta a Roma - Não podendo Napoleão seduzir o Papa a fim de secundar seus malvados propósitos, e como comesçassem de outra parte a sair-lhe mal suas empresas militares, achou conveniente restituir à liberdade àquele que de maneira alguma tinha podido vencer. O intrépido pontífice Pio VII, depois de cinco anos de prisão, de trabalhos, de ultrajes e de insultos, saiu finalmente de Fontainebleau para voltar à sua sé de a 23 de janeiro de 1814. Ao passar uma ponte sobre o Rodano entre Beaucoure e Tarascon, ensurdecido pelos gritos de alegria com que o povo saudava ao Santo Padre em sua passagem, o coronel Lagone perguntou: "Que farieis se passasse por aqui o imperador? - Dar-lhe-íamos de beber", responderam a uma voz, mostrando o rio que corria a seus pés. Depois de quatro meses de viagem, entrou Pio VII solenemente na cidade eterna, com indizível alegria de Roma e de todos os bons.

CAPITULO II

Queda de Napoleão - Seus últimos dias - Morte de Pio VII.

Queda de Napoleão - A história nos demonstra claramente que o favorecer a religião é o princípio da grandeza dos soberanos, e que ao contrário, persegui-la é causa de sua ruína. Napoleão não o queria crer, porém os fatos lhe provaram. Seu imenso poder fazia tremer a toda Europa e era seu nome temido em todo o mundo. Quando soube que Pio VII o queria excomungar por suas violências contra a Igreja e seus ministros, dizia em tom de mofa: "Pensa talvez o Papa que a excomunhão fará cair as armas das mãos de meus soldados?" Porém as censuras da Igreja, tarde ou cedo, produzem inexoravelmente seu efeito. A ambição levou de fato a Napoleão até as extremidades da Rússia, onde os quatrocentos mil homens, que compunham seu exército, morreram em sua maior parte pelo ferro, pela fome ou pelo frio. O general Ségur, um dos chefes daquele formidável exército, deixou escrito: "Os soldados mais valentes, gelados de frio, já não podiam segurar as armas e estas caíam lhes das mãos." Sublevou-se, entretanto, a Europa contra Napoleão como contra um inimigo comum. Os mesmos que, por meio da força, se tinham aliado a ele, o abandonam arrojando-o da Alemanha, da Espanha e da Suíça; perseguem-no seus inimigos e penetram, em sua perseguição, até o coração da França. Feito prisioneiro e conduzido a Fontainebleau, naquele mesmo palácio onde tinha guardado preso o Santo Padre, e naqueles mesmos lugares onde tinha acabrunhado de angústia e de dor ao Vigário de Jesus Cristo vê-se obrigado a subscrever a ata de sua abdicação.

Últimos dias de Napoleão - Ainda que Napoleão durante o tempo de sua prosperidade tivesse perseguido a Religião na pessoa de seu Chefe visível, contudo, quando se acalmou nele a ambição e pode refletir sobre a vaidade das grandezas humanas, parece que caiu em si e reconheceu seus erros. Pio VII depois de lhe ter perdoado sinceramente, se interpôs ante os Ingleses para mitigarem as penas de seu cativo; e para despertar sentimentos religiosos no coração daquele filho ex-

traviado, enviou-lhe um eclesiástico para absolvê-lo das censuras e o guiasse no cumprimento de seus deveres religiosos. Reconheceu então Napoleão a mão do Senhor que o tinha humilhado e vendo próximo seu fim, exclamava: "Eu nasci na religião católica, desejo ardentemente cumprir os meus deveres e receber os socorros que ela oferece." Depois de ter recebido os últimos sacramentos, pronunciou estas palavras: "Estou satisfeito, eu precisava disto; eu não pratiquei a religião no trono porque o poder transtorna aos homens, porém sempre conservei a fé; eu queria que ficasse sempre escondida, mas isto era fraqueza; agora desejo por ela glorificar a Deus." Morreu aos 5 de maio do ano 1821.

Atribuía Napoleão sua queda aos ultrajes feitos ao Chefe da Igreja: "O Papa, costumava dizer, não tem exércitos; porém é uma potência formidável. Tratai-o como se tivesse atrás de si duzentos mil homens, sob as armas." Outras vezes costumava acrescentar: "O catolicismo é a religião do poder e da sociedade. A religião católica é uma mãe de paz e de amor." (*Memórias de Santa Helena*).

Morte de Pio VII - Pio VII, de volta de seu cativeiro, empregou o resto de seus dias em reparar os danos que as lojas maçônicas e Napoleão tinham causado à Igreja. Entre outras coisas aprovou a obra da pregação da Fé, que tem por fim socorrer aqueles animosos sacerdotes, que abandonam sua pátria, riquezas, pais e amigos, e vão a missões estrangeiras, unicamente para ganhar almas a Jesus Cristo. Tinha oitenta e um anos de idade, quando por uma queda em seus próprios aposentos quebrou um fêmur.

Fortalecido com todos os auxílios da religião e cheio de merecimentos entregou sua alma a Deus a 20 de agosto de 1823 no ano vigésimo quarto de seu pontificado. Vítima de uma longa série de injustiças, cansou a seu inimigo com sua paciência e honrou a religião com sua nobre firmeza.

Contam-se deste pontífice muitos fatos prodigiosos; entre outros um que se refere a Pio IX, chamado então João Maria Mastai, dos condes de Ferretti. Como não pudesse este seguir a carreira eclesiástica por sofrer de epilepsia, recomen-

dou-lhe o santo pontífice que fizesse uma novena à Santíssima Virgem, ao passo que ele também rezaria na santa missa por ele. Concluída a novena, voltou o jovem Mastai, e o pontífice pondo a mão sobre sua cabeça, disse-lhe: "Tranquilizai-vos, já não padecereis mal algum." Efetivamente ficou perfeitamente curado.

CAPÍTULO III

Leão XII e Pio VIII - A Igreja Ortodoxa da Rússia - Perseguição contra os católicos nesse império - Gregório XVI e o imperador Nicolau.

Leão XII e Pio VIII - Sucedeu a Pio VII o cardeal Annibaldi de Genga, natural de Espoleto o qual tomou o nome de Leão XII. Seu pontificado durou cinco anos e cinco meses incompletos. Amava muito aos pobres e o mesmo dia em que o coroaram preparou-lhes um esplêndido jantar no Vaticano. Tomou muito a peito o cuidado dos institutos de beneficência pública, aos quais visitava com freqüência e provia de todo o necessário. Ia às vezes visitar, sem aviso prévio as igrejas e os hospitais, para certificar-se se as pessoas ali empregadas cumpriam seus deveres com regularidade. No ano do jubileu (1825) beatificou a quatro servos de Deus, isto é: a Agostinho Juliano e a Angelo de Acri da ordem de São Francisco, a Afonso Rodriguez, jesuíta, e a Hipólito Galantini, fundador da Congregação da doutrina cristã. Certo dia, enquanto ainda gozava de boa saúde, disse a um de seus familiares: "Daqui a alguns dias já não nos veremos mais." Os fatos demonstram a verdade de sua predição. Tendo enfermado, pediu os últimos sacramentos e depois de algumas horas de, tranqüila agonia, descansou no seio de seu Criador. Ano 1829.

O Cardeal Castiglioni que sucedeu a Leão XII, sob o

nome de Pio VIII, morreu santamente aos vinte meses de seu pontificado. Sucedeu-lhe o Cardeal Mauro Capellani de Belluno, da ordem de São Bento, que se chamou Gregório XVI. Ano 1831.

Igreja ortodoxa da Rússia - Entre os muitos acontecimentos que se desenrolaram sob o pontificado de Gregório XVI, merece particular menção o que se refere à chamada igreja russa ortodoxa. *Ortodoxo* é aquele que pensa com retidão. Pois bem, a Igreja católica que conserva e prática o santo Evangelho, tal como o ensinava Jesus Cristo, e a única que pensa e sente retamente; logo ela só se deve chamar ortodoxa. Heterodoxo quer dizer, ao contrário, o que pensa ou sente diversamente; por isso a igreja russa, cismática e herética, deve chamar-se heterodoxa, porque pensa e crê diversamente do reto e verdadeiro.

Para fazermos uma idéia precisa sobre a origem da igreja russa, devemos recordar que pouco depois da celebração do Concílio ecumênico de Florença, no ano 1439, e precisamente em princípio do século décimo sexto, começou o cisma russo, sob o imperador Basílio III. Este, procedendo, com completa independência da Santa Sé, elegeu um patriarca na cidade de Moscou, e decretou que unicamente a este patriarca deviam obedecer todas as outras igrejas de seu império. Mais de uma vez trabalharam os Papas para restituir este reino vastíssimo ao rebanho de Jesus Cristo, porém sempre durou pouco a conciliação. Finalmente, o imperador Pedro, o Grande, vendo que as desordens políticas diariamente cresciam pela falta de um chefe supremo nos assuntos religiosos, depois de ter trabalhado inutilmente para induzir ao patriarca e aos bispos, a que se submetessem ao pontífice romano, deliberou acrescentar à coroa Imperial o poder de soberania suprema, fazendo-se desta maneira ele ,mesmo, Papa e juiz em todos os assuntos religiosos. Por isso no ano 1720, trasladou a capital do império para São Petersburgo, e a erigiu como centro da autoridade civil e religiosa, e estabeleceu uma liturgia sob o nome de *Estatuto Eclesiástico*, onde se acham contidos os mesmos erros de Fócio.

Estabelece como base de seu estatuto uma inteira li-

berdade de consciência. São admitidas neste império todas as seitas cristãs, o maometismo é até a própria idolatria. E com o fim de retrain cada vez mais seus súbditos da obediência ao Pontífice romano, ordenou que não se desse cargo político ou religioso a pessoa alguma que não pronunciasse este juramento: *"Confesso e confirmo sob juramento, que o juiz supremo da autoridade religiosa é nosso monarca, senhor absoluto de todas as Rússias."* Os soberanos da Rússia, chamados autocratas ou senhores absolutos, deixaram por algum tempo aos católicos a liberdade de praticar sua religião; porém paulatinamente pretenderam mandar sobre as consciências, de tal sorte que no pontificado de Gregório XVI, chegaram a uma perseguição aberta.

Perseguição na Rússia - No ano de 1825 subiu a ocupar o trono das Rússias Nicolau I, homem digno de elogio sob muitos respeitos. A mania, porém, de constituir-se juiz supremo em matérias religiosas tinha-o induzido a oprimir a seus súditos católicos, cujo número passava de quinze milhões. Começou fazendo crer que de acordo com o Papa, suprimia o ensino entre os católicos, e os obrigava a frequentar as escolas cismáticas; em seguida proibiu a seu súditos cismáticos fazerem-se católicos e aos católicos pregar sua religião e professá-la publicamente. Feito isto, pôs-se de acordo com três bispos católicos entregues às vaidades e amantes das riquezas, os quais seduzidos por ele, apostataram, e em consequência dessa sacrílega submissão mandou o imperador que todos os outros usassem em suas respectivas dioceses, os ritos, breviários, missões e práticas religiosas seguindo a liturgia do império.

Muitos sacerdotes, párocos e bispos, se declararam contra semelhante impiedade, porém foram logo depostos, despojados de seus bens, encerrados em horrendos calabouços, ou desterrados para a Sibéria, o que equivalia a condená-los a morrer de frio ou a força de sofrimentos. Embora ficassem privadas as dioceses de seus bispos, o povo permaneceu por algum tempo firme na fé, mesmo no meio das perseguições, de sorte, que muitos morreram por confessá-la; porém, tendo ficado como ovelhas sem pastor, muitos caíam no cisma; na Rutênia e na Lituânia, prevaricaram miseravelmente uns

três milhões. No ano de 1839, festejava-se com solenidade no império russo esta deplorável apostasia, ao passo que os católicos do mundo inteiro choravam tamanho mal e rogavam a Deus que se compadecesse da Rússia.

Gregório XVI e Nicolau da Rússia - Enquanto durou esta perseguição, Gregório XVI não poupou meios, para opor a tão grave mal os remédios que podia. Escreveu aos bons animando-os; lançou em rosto aos bispos sua traição, e mandou numerosos súditos aos que tinham sido despojados. Com este fim fez uma alocução em que censurou a crueldade e a injustiça daquele governo e do próprio Nicolau. Tendo feito este imperador uma viagem à Itália, quis visitar duas vezes aquele homem, que embora inerme, fazia, contudo, tremer com sua palavra os mais poderosos monarcas da terra. O digno vigário de Jesus Cristo acolheu com as devidas considerações ao poderoso monarca. Falaram largo tempo de coisas concernentes à religião. Admirou Nicolau a sabedoria e virtude do pontífice; porém se escusou dizendo que motivos políticos o tinham levado a tomar aquelas graves deliberações contra os católicos. O santo Padre lhe disse com gravidade: "Príncipe, a política foi feita para o tempo, a religião para a eternidade. Dia virá em que ambos nos apresentaremos a Deus para lhe prestarmos conta de nossas obras. Eu, como mais avançado em anos, serei indubitavelmente o primeiro; porém não me atreveria por certo a sofrer as vistas de meu Juiz se não tomasse hoje a defesa da religião que me foi confiada e que vós oprimes. Príncipe, Deus criou os reis para serem pais e não tiranos dos povos que lhes obedecem". Estas palavras repercutiram com espanto nos ouvidos e no coração de Nicolau. Saiu perturbado da presença do pontífice e se comoveu até derramar lágrimas. Prometeu dar aos católicos liberdade de professar sua Religião, e de manter relações com a Santa Sé. Iniciou além disso uma concordata com Roma em que se estabeleciam diversos bispados, com jurisdição livre. A morte de Gregório, em 1º de Janeiro de 1846 interrompeu as negociações que foram levadas mais tarde a feliz termo por Pio IX. Em pouco tempo, porém, tornou-se a acender o ódio que a Rússia sempre nutrira contra a fé católica.

CAPÍTULO IV

Eleição de Pio IX - Anistia e aplausos - Revolução em Roma - Pio IX em Gaeta - República Romana - Roma liberta - Volta do Sumo Pontífice à Roma.

Eleição de Pio IX - Um dos maiores pontificados e dos mais esplêndidos, é sem dúvida alguma o de Pio IX. Nasceu em Sinigaglia no ano de 1792, da família dos condes Mastai Ferretti e se chamou João Maria. Jovem ainda, tinha ido a Roma para alistar-se no exército pontifício; porém sua abalada saúde impediu-lhe a realização de seu desígnio. Mas Deus que o chama para grandes coisas, o curou como temos visto, para que pudesse alistar-se na milícia sacerdotal. Desde jovem já brilhava em João todo gênero de virtudes; a devoção à Bem-aventurada Virgem formava todas as suas delícias. Digno ministro de Jesus Cristo prontamente conheceu a grande necessidade que tem a juventude de ser educada; e para este fim consagrou os primeiros trabalhos de seu grande ministério. Tomou conta em Roma da direção e administração de dois grandes institutos, conhecido um sob o nome de *Tata Giovanni* e outro de *São Miguel em Ripagrande*, onde se albergam centenas de meninos pobres. Uma difícil missão levada a cabo no Chile por comissão de Pio VIII demonstrou o grande talento e a rara habilidade que possuía no manejo dos grandes negócios. À sua volta do Chile foi nomeado bispo, e finalmente no ano 1840 criado cardeal. A morte de Gregório foi, quase, por unanimidade de votos, proclamado pontífice a 16 de junho de 1846 dois dias depois de terem entrado para o conclave os Cardeais, e tomou o nome de Pio IX. Para narrar devidamente os feitos deste incomparável pontífice seriam necessários muitos e avultados volumes; limitaremos-nos, pois, a indicar alguns.

Anistia e aplausos - Assinalou Pio IX sua eleição com um ato de clemência por meio de uma anistia, isto é, de um perdão geral, a todos os que durante o pontificado de Gregório XVI se tinham tornado culpados de rebelião contra o estado. Assim, pois, muitos desterrados e muitos presos puderam livremente voltar ao seio de suas famílias.

Introduziu igualmente algumas reformas no governo civil de seus Estados. Estes atos de clemência fizeram ressoar seu nome em todas as partes acompanhado de um sem número de aplausos. Alegravam-se os bons com aqueles sinais de obséquio ao supremo pastor da Igreja, porém os malvados guiados pela estranha idéia de formar uma *Jovem Itália*, ou o que é o mesmo, uma república italiana, aproveitaram-se daqueles mesmos favores em seu prejuízo. Muitos dos que já tinham perturbado a paz em outros países, foram a Roma e sob o pretexto de unir seus aplausos aos que todo o mundo tributava ao grande Pio IX, faziam o possível para induzi-lo a declarar guerra à Áustria. Sendo o Papa pai espiritual de todos os fiéis, nunca poderá resolver-se a declarar guerra, senão em defesa da religião ou de seu povo; porque os soberanos e os povos, a quaisquer pais que pertençam são sempre seus filhos. "Saiba o mundo que nós amamos a independência da Itália, porém nunca nos deixaremos levar a uma declaração de guerra ou a derramar sangue para consegui-la." Fez, pois, o Papa tudo o que convinha a seu ofício de pai.

Revolução em Roma - Em vista disto, os autores dos aplausos, os que tinham levantado estrondosos vivas, começaram por pedir reformas, logo outro governo, e em seguida a dar gritos de morte ao soberano da cidade eterna. O Santo Padre para tentar um último remédio, outorgou favores e chamou a Roma o conde Pellegrino Rossi, hábil político, e nomeou-o presidente de seus ministros, recomendando-lhe que se esforçasse para conservar a ordem de paz. Inútil remédio. O conde Rossi foi assassinado, entre espantosos gritos, no mesmo momento que ia entrar no palácio da Chancelaria, onde se achava então a Câmara dos deputados, desarmam os guardas do Quirinal, apunhalam a um sacerdote chamado Ximenes, e um tiro de pistola faz cair morto a monsenhor Palma, secretário de Pio IX. assim, pois, viu o Papa derramar-se o sangue de seus familiares nas salas de seu próprio palácio, e sua pessoa em perigo de cair em mãos daqueles revolucionários, a quem não espantava delito algum. Vendo, pois, o pontífice desconhecida a independência de sua autoridade, ameaçada sua vida, mal seguros os cardeais e os empregados públicos que permaneciam fiéis à sua pessoa, tomou a resolução de fugir. Mas como subtrair-se a

seus inimigos que guardavam todas as saídas do Quirinal? Deus assiste a seu vigário e não abandona sua causa, que é a da Igreja.

Pio IX em Gaeta - Ajoelha-se Pio IX diante de um crucifixo e reza; em seguida se levanta veste-se à secular e confia sua salvação à divina Providência. Já noite, acompanhado por um só criado, desce a um porão e por uma espécie de subterrâneo, se dirige a um lugar determinado onde o esperava o conde Spauer, ministro da Baviera. Sobe com ele ao coche e fazendo correr os cavalos chegam felizmente a Gaeta, antes de saberem de sua fuga. Tinham-no já precedido nessa cidade, o cardeal Antonelli e outros prelados que o esperavam. Quando correu a notícia de que o Papa se achava em Gaeta, tornou-se esta cidade, qual nova Roma, centro da Religião, e para ali se dirigiram os fiéis de todo o mundo. Ditoso o rei de Nápoles, por abrigar a semelhante hóspede, lhe prodigalizou toda espécie de cuidados, e não poupou meios para prover de todo o necessário ao Papa e aos que o acompanhavam. Ficou Pio IX dezesseis meses em Gaeta, não se descuidando do bem Universal da Igreja. Deu entre outras coisas, solene prova de veneração para com a Mãe do Salvador, dirigindo uma carta aos bispos de todo o mundo, em que os convidava, para que unidos com seus fiéis, pedissem e manifestassem seu modo de pensar sobre a concepção imaculada da Santíssima Virgem, de que logo falaremos.

O chefe da religião, despojado assim de seus estados, e obrigado a fugir com tanta precipitação de sua sede, achava-se em verdadeiras angústias para prover a si e aos seus, e ter correspondência com todo o mundo. Em vista disto, os católicos, com afeto de filhos, procuraram o melhor meio para acudir em socorro de seu pai, já com grandes, já com pequenas somas de dinheiro a que chamaram como nos antigos tempos, *óbulo, ou dinheiro de São Pedro*, porque tem por fim socorrer ao chefe da religião e sucessor daquele santo apóstolo no governo da Igreja. O óbulo de São Pedro é ainda o meio com que hoje se provê às grandes estreitezas do chefe supremo da Igreja.

República em Roma - Quando se soube em Roma da

fuga do Papa, uma dor imensa feriu o coração de todos os bons. Mas os inimigos da ordem, acreditando que tinha chegado ao apogeu da fortuna, reuniram-se e por um ato sacrílego, constituíram em Roma uma República, dirigida por um triunvirato, isto é, por três chefes: Mazzini, Armellini e Saffi. Estes declararam o Papa privado de todo o poder soberano, e se constituíram árbitros de toda autoridade. O primeiro ato de seu governo foi impor tributos, por em circulação uma quantidade imensa de papel moeda, e se apropriar de uma grande parte dos bens da Igreja. Sinos da igreja, cálices, píxides, custódias, turíbulo, e todos os objetos de ouro e prata, foram roubados para com eles fazer dinheiro. Vários sacerdotes religiosos foram assassinados; doze deles morreram em um só dia debaixo dos golpes de punhal. Mosteiros e conventos foram violados e profanados, e não curto número de sagrados ministros barbaramente estrangulados. Corramos porém um véu sobre tanta iniquidade.

Roma livre - O céu não podia permitir que se continuassem a cometer impunemente tantas iniquidades. As potências católicas, quais carinhosos filhos resolveram acudir em socorro do pai comum, cuja sé de natural está em Roma. Espanha, Nápoles, Áustria, Baviera e França põem-se de acordo para libertar Roma; e enquanto a Áustria conserva a autoridade do Papa na parte principal dos Estados pontifícios, a França, ainda que república, encarrega-se de expulsar de Roma aqueles rebeldes. Com este fim uma companhia de valorosos franceses marchou diretamente sobre Roma, que teriam podido tomar mais prontamente do que o fizeram, se tivessem querido por em obra todos os meios violentos de que podiam dispor; porém como quisessem salvar da destruição os monumentos preciosos da cidade, e mais ainda, evitar o derramamento de sangue, em quanto lhes fosse possível, empregaram três meses em apoderar-se dela. Os sitiados levaram a cabo proezas dignas de melhor causa. Encarniçadas lutas; conquista e reconquista de uma mesma posição por ambas as partes, sem nenhuma dar-se por vencida antes de sucumbir. Finalmente, a 29 de junho, dia dedicado ao príncipe dos apóstolos, fizeram os franceses tão forte assalto à cidade, que rechaçados os inimigos, ficou Roma em seu poder. É fácil imaginar qual a alegria dos Romanos,

quando se viram livres daqueles revolucionários e puderam novamente gozar de paz e tranquilidade, dedicar-se ao comércio, tornar a abrir os conventos, as igrejas, e praticar de novo pacificamente sua religião.

Volta de Pio IX - A notícia da libertação de Roma chegou logo aos ouvidos do Sumo Pontífice, que profundamente comovido exclamou: "Deus seja bendito, agora cessa o derramamento de sangue entre meus filhos." Muitos desejavam que voltasse imediatamente para Roma; porém as pessoas prudentes aconselhavam-no que protelasse sua volta. Esta não se verificou até o dia 12 de abril de 1850. Houve naquele dia tal concurso de povo, tais transportes de alegria, que talvez não se visse coisa igual desde que Pio VII entrou de novo em Roma depois de sua prisão. O afortunado Pontífice dirigiu-se antes de tudo à basílica de São Pedro para dar graças a Deus pela paz dada à Igreja, em seguida, com aquele zelo e carinho que lhe eram próprios, começou a cicatrizar as profundas chagas causadas pelos republicanos à Religião e ao Estado.

CAPITULO V

*A Imaculada Conceição - A propagação da fé - O Pe. João de Triora
- Carlos Corney - Gabriel Perboire - Liberdade Cristã na China -
Ordens Religiosas.*

A Imaculada Conceição - Logo que o Papa voltou à sua sede, chegaram-lhe de todas as partes do mundo os votos dos bispos atestando a crença geral de que Maria sempre tinha sido preservada do pecado original, e que era uma das maiores aspirações de seus diocesanos que se definisse dogmaticamente esta verdade. O pontífice estabeleceu então uma comissão de doutos teólogos e cardeais; mais tarde concedeu um jubileu de três meses, para excitar aos fiéis a dirigir a Deus ardentes

votos, e convidou finalmente que fossem a Roma todos os bispos, que facilmente pudessem ir. Depois de uma discussão esmerada e profunda, se achou que era doutrina conforme às sagradas escrituras, constantemente manifestada pela tradição, isto é, na sagrada liturgia, nos escritos dos santos padres, nos decretos dos sumos pontífices, e no sentimento geral de todos os cristãos, que Maria tinha sido concebida sem mancha original, e que era coisa muito conveniente que se definisse essa doutrina como artigo de fé. Pio IX depois de novas súplicas, julgou que já tinha chegado o tempo de proceder à tão anelada definição; e assistido pelos cardeais, pelos patriarcas e por um grande número de arcebispos e bispos em presença de multidão imensa de sacerdotes e leigos, a 8 de dezembro de 1854, dia consagrado a Maria Imaculada, antes de celebrar a santa Missa, pronunciou este decreto na basílica vaticana: *“É doutrina revelada por Deus que a Bem-aventurada Virgem Maria desde o primeiro instante de sua concepção foi preservada de toda mancha da culpa original por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em consideração aos méritos de Jesus Cristo. Salvador do gênero humano; e por isso todos os fiéis devem crer nela firme e constantemente”*.

Em virtude desta definição desapareceu toda a dúvida acerca deste privilégio da Mãe de Deus. Com esta definição não introduziu o pontífice uma nova crença; só declarou dogmaticamente uma verdade revelada por Deus e acreditada já desde os primeiros tempos da Igreja.

A Obra da Propagação da fé - Entre as maravilhosas instituições deste século conta-se a obra da *Propagação da fé*. Tendo Napoleão I suprimido os conventos e os mosteiros, despojado as igrejas e se apropriado dos bens sagrados, faltavam os meios para ajudar àqueles animosos sacerdotes, que, levados pelo desejo de salvar almas, iam a longínquos países. Pois bem, Deus para prover a uma coisa tão necessária como as missões, inspirou um meio eficaz que já produziu assombrosos efeitos. No mês de maio de 1822 uma juvenzinha de Lion convidara a alguns amigos e parentes seus a reunirem para fazerem pequenas ofertas semanais e juntar assim algum subsídio em proveito das missões. A obra era mui simples, santo o

seu fim e por isso, Deus a abençoou. A oferta que se devia fazer não era e não é mais de cinco centésimos (um vintém) semanais; o que a faz se obrigar a rezar um Pai Nosso e uma *Ave Maria*. De cada dez associados, um recebe o óbulo semanal e em troco se lhes oferece a leitura dos Anais das Missões que se imprimem de dois em dois meses. Sendo tão pequenas as ofertas, todos podem fazê-las. Por isso, ricos e pobres, patrões e criados, homens e meninos se inscreveram imediatamente na nova obra. Como já se disse, Pio VII a recomendou com sua autoridade apostólica, e os outros sumos pontífices a enriqueceram com muitas indulgências.

Gregório XVI e Pio IX foram mui zelosos promotores desta obra, que com a bênção do Vigário de Jesus Cristo cresceu maravilhosamente e se difundiu por toda a terra. Imprimem-se os anais em grande quantidade e em todos os idiomas, e se recolhem todos os anos mais de cinco milhões de francos. Com este socorro já se converteram à fé muitos milhões de idólatras.

Espécie de apêndice da obra da propagação da fé é a *Santa Infância*, chamada assim porque foi posta sob a especial proteção do Menino Jesus, e tem por fim resgatar as crianças pobres naqueles países em que como na China, são barbaramente vendidos e com frequência atirados no meio das praças para servir de pasto aos animais imundos. Obrigam-se todos os associados a pagar cinco centésimos por mês e rezar uma *Ave Maria* e uma jaculatória a Maria Santíssima e a São José. O sumo pontífice Pio IX, considerando a grande utilidade que a nova obra traria à religião, aprovou-a em cartas apostólicas de 16 de julho de 1856 e a enriqueceu com muitos privilégios e indulgências.

O Padre João de Triora - Deus, senhor do coração dos homens, ao passo que inspira em uns o zelo para promover sua glória em nossos países, infunde em outros o valor heróico de abandonar a pátria, parentes e amigos para empreender longas e perigosas viagens, cujo termo é geralmente o martírio. Somente a Itália conta uns dois mil destes obreiros evangélicos que presentemente trabalham sem descanso pela fé. Daremos a este respeito algumas breves notícias.

Começaremos pelo Padre João Francisco, natural de Triora, perto das costas da Ligúria. Depois de ter cursado seus estudos em Roma, partiu para as missões estrangeiras. No ano de 1800, depois de ter padecido grandes trabalhos, sofrimentos e perigos, chegava a Macau, cidade das fronteiras da China. No ano seguinte passou as fronteiras do Celeste Império, ainda que houvesse ameaça de morte para quem pregasse ou professasse naquele império a religião cristã. Não obstante isto, pode durante 15 anos pregar, catequizar, administrar os santos sacramentos, batizar as crianças e assistir os moribundos espalhados naquelas vastas regiões sem chegar a ser reconhecido pelas autoridades civis. Porém depois de ter sofrido fome, sede, fadigas de toda espécie, foi finalmente descoberto e denunciado aos mandarins. Arrastaram-no enquanto celebrava a santa Missa vestido com os hábitos sagrados; levaram-no em presença de diferentes tribunais, e o ameaçaram com tormentos e a morte, se não renunciasse a sua fé. Ele, porém, confessou com denodo que era cristão e que estava pronto a morrer mil vezes antes que dizer ou fazer coisa alguma contrária à fé de que era ministro. Queriam obrigá-lo entre outras coisas, a pisar o Crucifixo; porém não podendo os verdugos induzi-lo a tornar-se réu de tão horrível sacrilégio, punham eles mesmos por meio da força os pés da vítima sobre a imagem adorável de nosso Redentor. Em vista desse ato de violência horrorizado o santo exclamou: *"Não sou eu quem pisa este santo crucifixo, porém vós que com a violência me arrastais sobre ele"*. Fizeram-no padecer vários tormentos e finalmente depois de atarem-no a um pau, o enforcaram. Na sentença proferida contra ele se dizia que ia ser condenado à morte porque tinha pregado a fé católica. Não se podia pronunciar mais gloriosa sentença contra este animoso missionário. Seu martírio deu-se no dia 15 de agosto de 1815. (V. Museu das Missões, ano V).

Carlos Corney e Gabriel Perboire - Assinala-se a França entre as nações católicas em ministrar pregadores às missões estrangeiras e aumentar as fileiras dos mártires da idade moderna. Indicaremos alguns. O venerável Carlos Corney, sacerdote da missão de Vicente de Paulo, saiu de Paris no ano de 1830 e no seguinte unia-se a seus companheiros na China. Trabalhou para a conversão daqueles idólatras até o ano de

1837, em que foi descoberto e condenado à morte. Seu martírio foi bastante cruel. Estendido em terra, cinco verdugos ligaram estreitamente suas mãos e pés em quatro paus e puseram sua cabeça entre duas estacas fincadas na terra. A um sinal dado, um verdugo corta com um só golpe a cabeça do santo mártir, ao passo que os outros fazem o mesmo com os braços e os pés, dividindo-o em quatro partes. Este martírio deu-se a 20 de setembro tendo Corney apenas 28 anos de idade.

Gabriel Perboire, seu irmão em religião, depois de seis anos de trabalhos e fadigas, foi acusado porque pregava o Evangelho e por isso condenado à morte. Fizeram-no padecer prisão penosíssima, submetendo-o ao tormento das varas e a degradantes interrogatórios, seguidos de mil espantosas ameaças e sedutoras promessas. Ele, porém, venceu com intrepidez todos estes males e coroou seus sofrimentos com a crucifixão, suplício que padeceu contente e com coragem por amor de Jesus Cristo morto por ele na cruz. 11 de setembro de 1840.

Liberdade cristã na China* - Os cristãos da China continuaram ainda sendo perseguidos por vários anos; porém a perseguição de nenhum modo entibiava o zelo dos missionários, posto que ir pregar o Evangelho equivalia a expor-se ao martírio. Finalmente teve Deus piedade daquela infeliz nação e dispôs que a Europa fosse por termo a tanta barbaridade. No ano de 1858, depois de muitas fadigas, despesas e guerras, a França e a Inglaterra conseguiram passar os limites do Celeste Império. Este fato demonstra a todas as luzes, de quanto a civilização européia, que é fruto do cristianismo, sobrepuja a da China, produzida pelo paganismo, porque poucos milhares de Franceses e Ingleses alcançaram vitória e ditaram leis a um império de 400 milhões de habitantes. A França e a Inglaterra vitoriosas contra a China concluíram um tratado que contém, entre outros os seguintes artigos:

1º Todos os portos do império Chinês se abrirão ao

*(Com a Revolução Comunista na China, processo que se iniciou em 1927 e culminou com a instauração do comunismo neste país, a perseguição religiosa reiniciou e persiste até os dias de hoje).

comércio livre dos estrangeiros, que habitando em ditos portos, poderão gozar dos mesmos direitos que os Chineses, submetendo-se às leis do país, sob a proteção de seus respectivos cônsules.

2º A religião cristã poderá ser exercitada em todo o Celeste Império.

3º Residirão em Pequim embaixadores europeus, ao passo que se mandará um embaixador chinês a Paris e outro a Londres.

Desta maneira depois de trezentos anos de perseguição, o sangue dos mártires, com produzir novos cristãos finalizou naquele imenso império a perseguição legal contra a Igreja Cristã. Os missionários puderam sair dos lugares escondidos, mostrar-se publicamente, reunir os cristãos dispersos, levantar igrejas, abrir escolas, casas de órfãos e hospitais. Diariamente acodem em seu auxílio novos missionários. Estabeleceram-se já ali muitos bispados, e na própria cidade de Pequim, capital do império, reside um bispo católico, que exerce com a maior solenidade e publicamente, e às vezes com assistência das autoridades civis, as augustas cerimônias de nossa Santa Religião.

Ordens religiosas - Depois de queda de Napoleão I puderam os religiosos voltar a seus antigos domicílios e trabalhar de novo no campo evangélico, e ir às missões estrangeiras tanto na Europa como nas demais partes do mundo. Mas como por outra parte as antigas ordens não podiam voltar a seu primitivo rigor, suscitou Deus novas ordens e novas congregações que as suprissem em parte e satisfizessem às necessidades a que aquelas já não podiam acudir. Leão XII aprovou, no ano de 1826, a Congregação dos *Oblatos de Maria*, fundada por dois piedosos e doutos sacerdotes, Lanteri de Cuneo e Reinaudi de Carignano. No ano de 1836 foram aprovadas as religiosas chamadas *Frêis Companheiras de Jesus*, cujo fim era a educação religiosa e civil das meninas; entre o grande número de suas casas, havia uma mui florescente em Turim.

O *Instituto de caridade* fundado pelo douto escritor Pe. Antonio Rosmini foi aprovado como ordem religiosa pelo

Papa Gregório XVI no ano de 1839.

O mesmo Gregório, nos últimos anos de seu pontificado, aprovou o instituto de Sant'Ana e o das *Penitentes de Santa Maria Madalena*, fundados pela marquesa Júlia Barolo, muito célebre em Turim por suas obras de caridade.

Os seguintes institutos foram aprovados pelo sumo pontífice Pio IX:

- 1° As Filhas da Imaculada Conceição.
- 2° As Irmãs da Bem-aventurada Virgem Maria do Retiro.
- 3° As Irmãs de Santa Marta.
- 4° As Irmãs do SS. Salvador.
- 5° As Irmãs da Bem-aventurada Virgem do Bom Conselho.
- 6° E finalmente (1° de Março de 1869) a Congregação de São Francisco de Sales (ou Salesianos), fundada em Turim com o fim de promover a educação cristã, científica e literária da juventude, especialmente por meio dos oratórios festivos e das casas de beneficência.

CAPÍTULO VI

Beatificação dos mártires do Japão - Concílio do Vaticano - Sessão quarta - Fato único na História da Igreja.

Beatificação dos mártires do Japão - Será sempre de grata memória para os fiéis o dia 8 de junho de 1862, em que 26 heróis da fé, martirizados no Japão há cerca de três séculos, foram elevados à honra dos altares. Falamos, a seu tempo, da sanguinolenta perseguição de Taicosama e do grande número de cristãos que foram coroados com o martírio. Aqui tão somente acrescentaremos que, depois de terem sofrido muitos trabalhos nas prisões e nas viagens; depois de terem passado fome; sofrimentos e golpes de toda espécie, chegaram final-

mente à cidade de Nagasaki lugar preparado para seu suplício. Querendo ensaiar ainda uma prova para lhes infundir temor, mostrou-se-lhes um outeiro sobre o qual se achavam preparadas 26 cruzes. Ao recordar, em presença desse espetáculo, que a cruz tinha trazido a salvação ao gênero humano, e que dentro em pouco abriria-lhes as portas do céu, encheram-se de grande alegria. Um deles chamado Antonio, falou no lugar do suplício a seus pais, que lhe faziam grandes promessas para excitá-lo a renegar a Jesus Cristo: "Vós me prometeis bens terrenos, Jesus Cristo, bens celestiais aqueles duram breve tempo, estes são eternos". Entregou-lhes em seguida a túnica que levava e correu a abraçar a cruz. Posto cada um deles em uma cruz foram transpassados por uma lança, conforme o costume japonês. Assistia ao suplício uma multidão de pagãos e de cristãos, aos quais os mártires ainda na cruz pregavam a Jesus Cristo. Para prova de sua santidade se deram, durante sua crucificação, vários sinais prodigiosos. Constando com argumentos irrefutáveis que aqueles heróis derramaram seu sangue pela fé, e se operaram sobre seus sepulcros, graças à sua intercessão, muitos milagres, Pio IX inscreveu-os no catálogo dos santos mártires.

Concílio Vaticano - Depois do Concílio Tridentino passaram-se mais de trezentos anos sem que houvesse necessidade de convocar nenhum concílio ecumênico. Todas as questões e erros surgidos nesse período foram examinados, julgados e condenados pelo Chefe supremo da Igreja, pois ele recebeu de Jesus Cristo plena e ilimitada autoridade sobre o que concerne ao bem espiritual e eterno dos cristãos. O Salvador disse a São Pedro: "Tudo o que atares na terra também será atado no Céu; e tudo o que desatares na terra também será desatado no Céu". Mas as doutrinas errôneas destes últimos tempos, que alguns insidiosamente tratam de inserir na religião, ainda mais, os chamados filósofos modernos, as diferentes formas de sociedades secretas, a maçonaria, o socialismo, os livre-pensadores, os espíritas e outras seitas semelhantes se apoderaram de tal sorte do coração e da mente dos homens, que o romano Pontífice Pio IX julgou necessária a convocação de um concílio ecumênico.

Com este fim, seguindo o exemplo de seus antecessores, que nos mais graves momentos costumavam reunir em volta de si os bispos católicos postos pelo Espírito Santo para governar a Igreja de Deus, determinou a convocação de um concílio que deveria reunir-se na Basílica Vaticana, e por isso chamou-se Primeiro Concílio Vaticano. Foram inauguradas as sessões a 8 de dezembro de 1869, achando-se presentes cerca de 700 pessoas entre bispos, cardeais, abades, gerais de ordens religiosas e insignes teólogos. Na primeira e segunda sessão fez-se a introdução e a profissão de fé. Mas na terceira sessão, depois de terem os Padres exposto a doutrina da Igreja acerca de Deus criador de todas as coisas, da necessidade de crer em todas as verdades reveladas por Deus, que se devem crer firmemente, ainda que não se possam compreender, condenaram vários erros. Entre outras definições fizeram a seguinte em confirmação da divindade dos livros sagrados: "Se alguém não receber por sagrados e canônicos todos os livros da sagrada escritura com todas as suas partes, como os enumerou o santo Concílio Tridentino, ou negar que são divinamente inspirados, seja excomungado".

Sessão Quarta - Sempre será memorável nos fatos da Igreja a quarta sessão do concílio Vaticano. Depois de se ter exposto a doutrina católica sobre a instituição do primado apostólico na pessoa do Bem-aventurado Pedro, e a perpetuidade dele mesmo nos Papas que lhe sucederem, cuja autoridade devia se estender a todos os tempos, a todos os países, a todas as coisas concernentes à religião, a todos os cristãos, (seculares, sacerdotes e bispos), da terra, passou-se enfim à grande questão do magistério infalível do romano Pontífice. O glorioso Pio IX, depois de aprovada pelos Padres, proclamou esta importante verdade com as seguintes palavras:

<<Esta Santa Sé tem acreditado sempre, o costume permanente da Igreja o prova, e os mesmos Concílios Ecumênicos, sobretudo aqueles em que o Oriente convinha com o Ocidente na união da fé e da caridade, tem declarado que o poder supremo do magistério está compreendido na primazia apostólica, que o romano Pontífice possui sobre a Igreja universal em sua qualidade de sucessor do Pedro, Príncipe dos

Apóstolos. Por isso os Padres do quarto Concílio de Constantinopla, seguindo as pegadas de seus predecessores, promulgarão esta solene profissão de fé: - A primeira condição para a salvação consiste em guardar a regra da verdadeira fé. E que a palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo: "*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja*", não pode falhar, o confirmam os fatos, pois sempre na Santa Sé se tem conservado imaculada a religião, e se tem ensinado a santa doutrina. Desejando, pois, não separarmos-nos em coisa alguma de sua fé e de sua doutrina, esperamos ser dignos de permanecer na única comunhão que prega a Sé Apostólica, na qual permanece a completa e verdadeira solidez da religião cristã. - Com aprovação do segundo Concílio de Lion, os gregos professavam: Que a santa Igreja romana tem soberania e primazia sobre a Igreja católica universal, principado que esta reconhece em verdade e humildade, como recebido, com a plenitude do poder, do Senhor mesmo na pessoa do Bem-aventurado Pedro, Príncipe e cabeça dos Apóstolos, de que é sucessor o Pontífice romano; e assim como ela esta obrigada, mais que qualquer outra, a defender a verdade da fé, assim também quando se suscitam questões relativas à fé, essas questões devem ser resolvidas por seu juízo. - Finalmente, o Concílio de Florença definiu: Que o Pontífice romano é o verdadeiro Vigário de Jesus Cristo, chefe de toda Igreja, Pai e Doutor de todos os cristãos, e que a ele, na pessoa do Bem-aventurado Pedro, foi dado por Nosso Senhor Jesus Cristo o pleno poder de reger e governar a Igreja universal.

Para cumprir os deveres deste cargo pastoral, nossos predecessores tem trabalhado sempre ardentemente em propagar a salutar doutrina de Cristo entre todos os povos da terra, e tem velado com igual solicitude em conservá-la pura e sem alteração em todas as partes onde tem sido recebida. Por isso, os bispos de todo universo, ora dispersos, ora congregados em Sínodos, conforme o costume constante das igrejas e a forma da antiga regra, tiveram sempre cuidado de mostrar a esta Sé apostólica os perigos que se apresentavam, sobretudo em pontos de fé, afim de que os danos causados à fé, encontrassem seu soberano remédio, precisamente onde a fé não pode sofrer demérito. Os romanos Pontífices por sua vez, con-

forme aconselhava a condição dos tempos e das coisas, umas vezes convocando Concílios Ecumênicos, outras consultando a Igreja dispersa no universo, já por Sínodos particulares, já por outros meios que a Providência lhes ministrava, definiram que era necessário manter sempre o que, com o adjutório de Deus, tinham reconhecido ser conforme com as Sagradas Escrituras e com as tradições apostólicas. Com efeito, não foi prometido o Espírito aos sucessores de Pedro, para publicarem, segundo suas revelações, uma nova doutrina, mas sim para que, com sua assistência, guardassem santamente, e expusessem fielmente a revelação transmitida pelos Apóstolos, isto é, o depósito da fé. Todos os veneráveis Padres abraçaram e todos os santos Doutores ortodoxos tem respeitado e seguido sua doutrina apostólica, sabendo perfeitamente que esta Sé de Pedro permanece sempre isenta de todo o erro, segundo esta divina promessa feita pelo Senhor, Salvador nosso, ao príncipe de seus discípulos: *“Eu tenho rogado por ti, para que tu não vaciles, e tu quando estiveres convertido, confirma a teus irmãos”*. O dom da verdade e da fé que não vacila, foi, pois, divinamente concedido a Pedro e a seus sucessores nessa Cátedra, afim de que desempenhassem seu eminente cargo para a salvação de todos: afim de que toda a grei de Cristo, apartada por eles dos pastos venenosos do erro fosse nutrida da doutrina celestial, afim de que, deixada toda causa de cisma se conserve a Igreja toda inteira na unidade, e que firmada em seus fundamentos se mantenha indestrutível contra as portas do inferno. Na presente época, porém, quando existe mais do que nunca necessidade da salutar eficácia do cargo apostólico, e em que se acham tantos homens empenhados em rebaixar sua autoridade, Nós pensamos ser absolutamente necessário afirmar solenemente a prerrogativa que o Unigênito Filho de Deus dignou-se unir ao supremo ofício pastoral.

Por isso, Nós unindo-nos fielmente à tradição que remonta ao princípio da fé cristã, para a glória de Deus, Salvador nosso, e exaltação dos povos cristãos, ensinamos e definimos, com aprovação do Sagrado Concílio, que é um dogma divinamente revelado: *“Que o Romano Pontífice, quando fala ex cathedra, isto é, desempenhando o cargo de Pastor e Doutor de todos os cristãos em virtude de sua suprema autoridade*

apostólica, define que uma doutrina sobre a fé ou sobre os costumes deve ser professada pela Igreja universal, goza plenamente pela divina assistência que está prometida na pessoa do Bem-aventurado Pedro, daquela infalibilidade da qual o divino Redentor quis que sua Igreja estivesse provida ao definir sua doutrina quanto à fé e aos costumes; e por conseguinte, que as definições do romano pontífice, são por si mesmas irreformáveis, e não em virtude do consentimento da Igreja. Se pois alguém, o que Deus não permita, tiver a temeridade de contradizer a esta definição, seja excomungado.">>

Assim a 18 de julho de 1870, definia-se como artigo de fé, que o Pontífice romano é infalível, quando fala de coisas tocantes à fé e aos costumes.

Fato único da história da Igreja - Entre as maravilhas que admirou o mundo em Pio IX, acha-se a de ter excedido a todos seus predecessores na duração do pontificado. São Pedro que tinha ido a Roma cerca de dez anos depois da morte do Redentor, ocupou aquela sede 25 anos, 2 meses e 7 dias. Nenhum pontífice alcançou depois dele tal espaço de tempo, de maneira que era geralmente recebida a tradição de que nenhum Papa alcançaria os anos de Pedro: "Non videbis dies Petri". Antes muitos acreditam que se cantavam estas palavras a todos os pontífices em sua consagração; porém como não se encontram em nenhum cerimonial da coroação dos Papas, duvida-se do fato. Contudo não tendo nenhum Papa alcançado os anos de Pedro, era considerado por todos como verdade histórica. A glória excepcional de alcançar ou antes de exceder os anos de Pedro estava reservada a Pio IX*.

*(A data real do martírio de São Pedro, de acordo com um cruzamento de datas feito pela arqueóloga italiana Margherita Guarducci seria 13 de outubro de 64 d.C.. Como Jesus morreu com 33 anos e se considerarmos o nascimento da Igreja e início do pontificado de São Pedro, no dia de Pentecostes, no mesmo ano da morte de Jesus, podemos concluir que a duração do pontificado do Primeiro Papa foi de aproximadamente 31 anos, ou ainda se considerarmos o início de seu pontificado como sendo quando Jesus o escolheu como Apóstolo, no início de sua Vida Pública, e o renomeou de "Pedro". Então, teria tido um papado de aproximadamente 34 anos. Portanto o pontificado de Pio IX que durou 31 anos, 7 meses e 22 dias, pode ou não ter superado o de São Pedro.)

A 16 de junho de 1871 completava-se o XXV aniversário de seu pontificado. Comoveu-se o mundo, e todas as partes se preparavam de mil diferentes modos para atestar ao pontífice sua alegria e sua veneração. Secundando o Papa a aspiração dos corações católicos, dirigiu uma encíclica a todos os Bispos, para que convidassem aos povos a dar graças a Deus por ter-lhe concedido tão longo pontificado; e abriu ao mesmo tempo os tesouros das santas indulgências. É impossível imaginar maior solenidade. Parecia que o espírito do Senhor tinha invadido todos os corações para impeli-las a festejar o Pai comum de todos os crentes. Desde a mais humilde aldeia até a mais ilustre cidade, os próprios protestantes, hereges e o grão Sultão, todos compartilharam daquele grande dia.

CAPÍTULO VII

Morte de Pio IX - Eleição de Leão XIII - Estado presente da Igreja - Ensinos da história Eclesiástica.

Morte de Pio IX - Os transportes de alegria dos católicos pela ocorrência do XXV aniversário de pontificado de Pio IX, renovaram-se ao festejarem o quinquagésimo da celebração de sua primeira missa; porém o de seu Jubileu Episcopal excedeu a todos os demais acontecimentos da História Eclesiástica, e a tudo o que é possível legar à posteridade. Basta dizer que no ano de 1877, fiéis cristãos de toda idade e condição, partiam das mais longínquas regiões de terra para irem venerar ao chefe da Igreja e levar a seus pés quanto possuíam de mais precioso em trabalhos de arte, em ouro, em prata ou em trabalhos científicos.

Mas a vida do homem é limitada. Pio IX, pela firmeza de sua fé, por sua caridade, por sua benevolência, por seus

conselhos e por sua mansidão, tinha-se tornado a delícia do mundo, e dos corações. Os próprios heterodoxos o consideravam qual amigo, pai, irmão, e benfeitor. Já corria o ano octogésimo sexto de sua idade e ainda conservava grande lucidez de espírito e seu ânimo viril. No mês de novembro do dito ano enfermou gravemente, porém pode melhorar e tornar a atender às audiências do costume, e dirigir aquelas pequenas práticas, que formaram sempre uma das glórias do seu pontificado. Porém à tarde de 6 de fevereiro de 1878 manifestaram-se vários sintomas de febre no venerando Pontífice. Agravou-se o mal durante a noite, na manhã seguinte administraram-lhe os consolos da Religião, que recebeu com os sinais de santo fervor, que todos podem imaginar. Ao anoitecer de 7 de fevereiro, entregou Pio IX sua formosa alma ao Criador. Voou a receber a merecida coroa dos justos e a gozar de presença da Imaculada Rainha do céu que tanto tinha honrado no curso de sua vida.

Eleição de Leão XIII - Quando se espalhou a notícia da morte de Pio IX comoveram-se todos os cristãos. A dor foi imensa e geral em todos os países, pode-se dizer, em todas as famílias. Somente a eleição de um digno sucessor pode consolar o coração dos católicos. Experimentou-se este consolo na eleição de Leão XIII ao trono pontifício. Concluídos os funerais do falecido Pontífice, os cardeais em número de 64 reuniram-se em conclave no palácio Vaticano, e 36 horas depois estava feita a eleição de uma maneira inesperada, recaindo ela no cardeal Joaquim Pecci, já notoriamente conhecido por sua grande ciência e virtude, e por sua prudência singular no manejo dos grandes negócios.

Nascido na pequena povoação de Carpineto, perto de Anagni, a 2 de março de 1810, da nobre família Pecci, fez a esplêndida carreira nos estudos e ocupou honrosos cargos na Igreja. Gregório XVI preconizou-o Arcebispo de Perugia em janeiro de 1846 e Pio IX o criou cardeal no consistório de 19 de dezembro de 1853. A 21 de setembro de 1877 o mesmo Pio IX o chamou a Roma para exercer o ofício de Camerlengo. Achava-se no conclave revestido com esta dignidade, quando todos os cardeais, vendo nele todas as virtudes necessárias para um grande Pontífice, proclamaram-no sucessor de Pio IX a 20 de

fevereiro de 1878. Êmulo de seu predecessor, na firmeza, na afabilidade, na caridade e na prudência, seguiu inalteravelmente seus princípios e nobres exemplos. Entabulou relações com as potências estrangeiras, obtendo vantagens para a religião.

As missões estrangeiras formaram um dos maiores objetos de seu paternal zelo. Dão prova disto a hierarquia e o episcopado ereto na República Oriental do Uruguai. A república do Paraguai que desde muitos anos se achava aflita por sanguinolentos desastres e pela guerra civil, ouviu fielmente a voz do Pontífice de Roma e recebeu seu Núncio, preparando assim um campo vasto e uma copiosa messe aos obreiros evangélicos. Todos os católicos aplaudiram a eleição do novo Vigário de Jesus Cristo e unânimes rogaram a Deus que lhe concedesse longos anos de vida; aplanasse as dificuldades que encontrasse e o ajudasse a carregar a cruz inseparável do universal governo da Igreja. Oxalá pudessem vê-lo triunfar em todas as nações, em todos os povos! Teve este pontífice a consolação de ver o mundo em paz, e todos crentes permanecerem fiéis aos divinos preceitos e formarem um só rebanho ao redor de um só pastor na terra, para que todos juntos um dia chegassem a gozar da imensa felicidade do Céu.

Ensinamentos da História Eclesiástica - Apresenta-nos a História Eclesiástica alguns ensinamentos, que nos servem de consolo em nossa carreira mortal.

1° Que a Igreja Católica é filha de Deus Pai, esposa de Jesus Cristo e o templo do Espírito Santo; pois somente com o auxílio de Deus pode se sustentar, propagar e crescer no meio de tantos e tão grandes contrastes, que durante dezenove séculos se tem suscitado contra ela.

2° Que não nos devemos maravilhar das guerras dirigidas contra a Igreja. Uma só é a causa de todas estas guerras: o ódio do espírito das trevas contra Jesus Cristo.

3° Prova evidente da divindade da Igreja Católica, é que nunca se viu que um católico para levar vida mais perfeita, abandonasse sua crença para se fazer Judeu, mulçumano, herege; e os incrédulos abraçaram a fé católica para assegurar sua salvação.

4° Constitui outra prova da divindade da Igreja católica, que no ponto de morte muitos infiéis hereges e incrédulos fizeram instâncias para entrar no seio da Igreja, ao passo que naquele instante fatal nenhum católico tratou de fazer-se herege. mulçumano, ou incrédulo para salvar sua alma.

5° Que a Igreja Católica está fundada na autoridade do Sumo Pontífice, se conserva e propaga somente em virtude da fé e reverência que se professa a esta autoridade; e que, por conseguinte, é coisa de suma importância propagar e aumentar a submissão e o respeito ao Papa, cuja autoridade é infalível.

6° Que todos os cismáticos, os hereges e os protestantes, encontram, examinando a história, o dia em que tiveram princípio seus erros e em que começou a série de seus mestres; entre eles e o tempo em que viveu Jesus Cristo na terra passa uma distância mais ou menos longa; de sorte que nenhum deles pode ter recebido de Jesus Cristo sua doutrina, nem ter sucedido aos apóstolos. A história, pelo contrário, nos demonstra que o Pontífice Leão XIII, chefe da Igreja Católica, por uma série não interrupta de Papas, remonta de um a outro antecessor, até chegar a São Pedro, príncipe dos Apóstolos, constituído Pastor supremo pelo próprio Salvador. Por isso só a Igreja Católica é a Igreja de Jesus Cristo cuja doutrina foi pregada pelos apóstolos. Quanto às demais crenças, ainda que se arroguem o nome de Igrejas cristãs, não são Igrejas de Jesus Cristo, porém Igrejas do heresiarca ou chefe da seita, de quem cada uma delas se originou.

7° Finalmente, ainda que vejamos a Igreja perseguida, devemos permanecer firmes na fé e nos ensinamentos desse supremo Pastor. Procuremos, pois, conservar e aumentar em nós o espírito de fé, de esperança e de caridade na terra para merecermos um dia participar da glória, que Deus reserva aos verdadeiros católicos na bem-aventurada eternidade.

(Dom Bosco, o autor, morreu no dia 31 de janeiro de 1888, ainda no pontificado de Leão XIII. Foi canonizado pelo Papa Pio XI em 1° de abril de 1934).